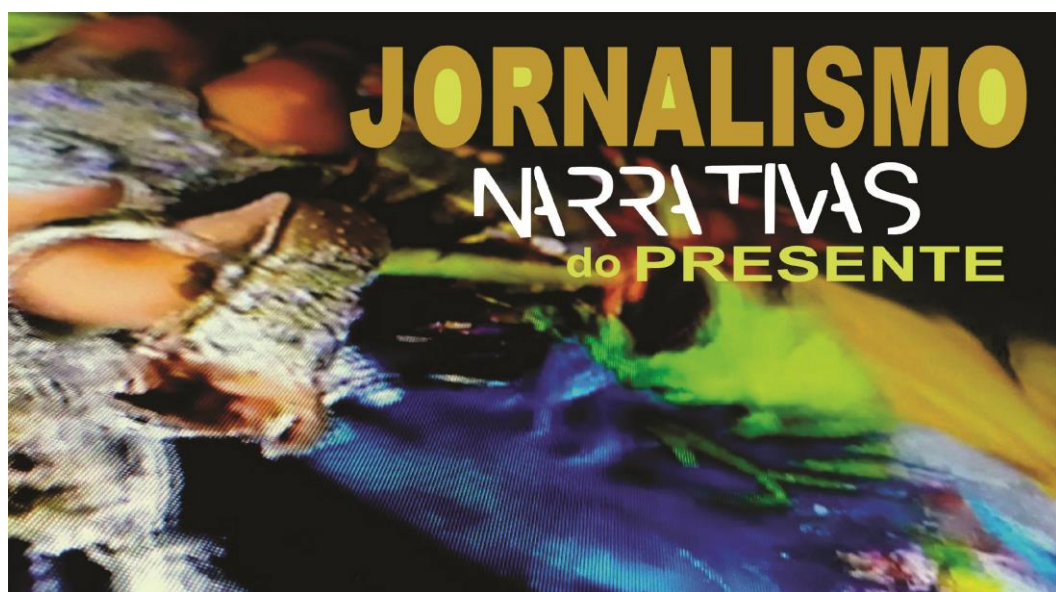


JORNALISMO NARRATIVAS

do PRESENTE

Revista Latino-americana de JORNALISMO | ÂNCORA
Vol. 4 Nº 2 | JUL - DEZ | 2017 | ISSN 2359 - 375X
Programa de Pós-Graduação em JORNALISMO | UFPB



JORNALISMO **NARRATIVAS do PRESENTE**

Editora Convidada | **Ana Lúcia MEDEIROS**



Revista Latino-americana de Jornalismo - ÂNCORA
Volume 4 • Número 2 • jul./dez. 2017

ÂNCORA - Revista Latino-americana de Jornalismo é uma publicação acadêmica semestral, vinculada ao Programa de Pós-graduação em Jornalismo - PPJ | UFPB. Objetiva o fomento da produção acadêmico-científica na área do jornalismo e suas interfaces no campo comunicacional e em áreas afins. Seu foco de abordagem temática está direcionado para publicações de artigos, relatos profissionais, artigos-resenha e entrevistas que retratem, de forma transdisciplinar, os ambientes, processos, linguagens, tecnologias, produtos e processos do jornalismo. Avaliação CAPES: **Qualis B1** [Educação] e **Qualis B4** [Comunicação e informação]. **As informações, opiniões e conceitos expressos nos artigos, relatos profissionais, resenhas ou entrevistas são de inteira responsabilidade dos autores/autoras.**

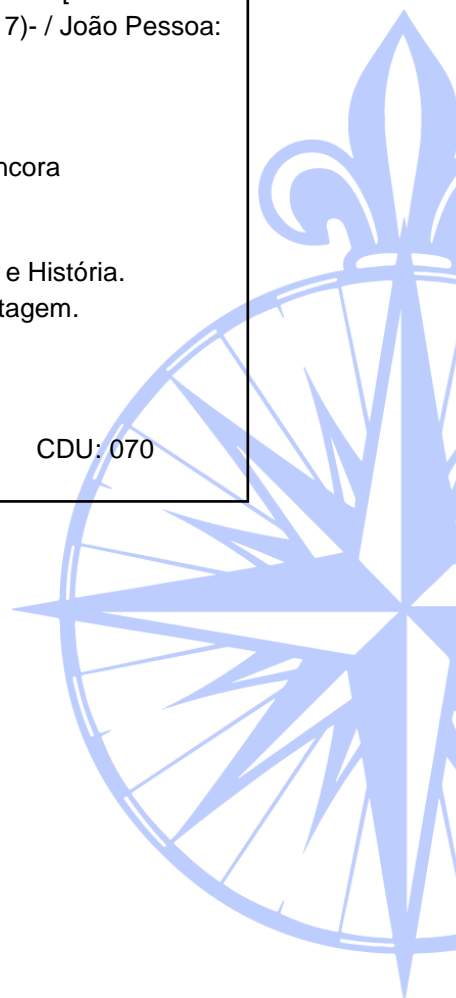
A revista eletrônica está disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ancora>

CATALOGAÇÃO NA FONTE

R454 Revista Latino-americana de Jornalismo - Âncora [recurso eletrônico] – Ano 4, v.4; n.2; (jul /dez. 2017)- / João Pessoa: Editora do CCTA, 2017.
205p.
Modo de acesso:
<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ancora>
Semestral.
ISSN: 2359-375X
1. Jornalismo. 2. Narrativa. 3. Jornalismo e História.
4. Jornalismo e Expressividade. 5. Reportagem.
6. Entrevista.

UFPB/BC

CDU: 070



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

EDITORA CHEFE

Prof^ª. Dr^ª. Joana Belarmino de SOUSA
Universidade Federal da Paraíba | Brasil

EDITOR ADJUNTO

Prof. Dr. José David CAMPOS Fernandes
Universidade Federal da Paraíba | Brasil

EDITORA CONVIDADA

Dr^ª. Ana Lúcia MEDEIROS
Pesquisadora (DCR – CNPq/FAPESQ – PB)
Universidade Federal da Paraíba | Brasil

CONSELHO EDITORIAL e de PEER REVIEW

Prof^ª. Dr^ª. Gloria de Lourdes Freire RABAY
Universidade Federal da Paraíba | Brasil

Prof. Dr. Pedro BENEVIDES

Universidade Federal da Paraíba | Brasil

Prof^ª. Dr^ª. Sandra Regina MOURA

Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Jornalismo - UFPB

Universidade Federal da Paraíba | Brasil

Prof^ª. Dr^ª. Virgínia SÁ BARRETO

Universidade Federal da Paraíba | Brasil

Prof^ª. Dr^ª. Zulmira Silva NÓBREGA

Universidade Federal da Paraíba | Brasil

ESTAGIÁRIOS

Luan Alexandre Silva | Editoração | Jornalismo - UFPB

Robson Martins da Silva Júnior | Editoração | Jornalismo – UFPB

José Allan Luna de Oliveira | Assistente de Editoria | Jornalismo - UFPB

• **Capa desta Edição** •

Pedro NUNES | Jornalismo – UFPB

[Imagem distorcida de transmissão televisual ao vivo do carnaval brasileiro]

**Laboratório de Jornalismo e Editoração | PPJ - UFPB Universidade
Federal da Paraíba | Brasil**

DIRETÓRIOS, INDEXADORES E PLATAFORMAS DE AVALIAÇÃO

[DOAJ](#) - Suécia | [Latindex](#) - México | [Crossref](#) - USA/United Kingdom |
[OLCL WorldCat](#) - Estados Unidos | [Elektronische Zeitschriftenbibliothek](#) -
Alemanha | [MIAR](#) - Espanha | [REDIB](#) – Espanha | [DAJ](#) - Indonésia | [SHERPA/RoMEO](#) -
Inglaterra | [ResearchBid](#) - Reino Unido | [Eurasian Scientific Journal Index](#) - República do
Cazaquistão | [UNIVERSAL IMPACT FACTOR](#) - Journal Impact Factor | [Crosscheck](#) | [Vérsila](#) -
USA | Brasil | [Directory of Research Journals Indexing](#) - Índia | [Journal TOCS](#) - Reino Unido
||| Brasil |||
[Sumários.org](#) | [Diadorim](#) | [SEER](#) | [IBICT](#) | [REVIScom](#)
[Periódicos UFPB](#) | [LivRe](#) | [Biblioteke Virtual](#) | [Google Acadêmico](#)

Programa de Pós-graduação em Jornalismo

Centro de Comunicação, Turismo e Artes | Universidade Federal da Paraíba
Campus Universitário I | Cidade Universitária, 58059-900, João Pessoa - Paraíba
(83) 3260-0000

Contato: revistaancoraufpb@gmail.com

CONSELHO CIENTÍFICO

- Profª. Drª. Adelaide Alves DIAS**
Universidade Federal da Paraíba | Brasil
- Prof. Dr. Adilson Vaz CABRAL FILHO**
Universidade Federal Fluminense | Brasil
- Profª. Drª. Adriana Cristina Omena dos SANTOS**
Universidade Federal de Uberlândia | Brasil
- Prof. Dr. Adriano Duarte RODRIGUES**
Universidade Nova de Lisboa | Portugal
- Prof. Dr. Adriano Lopes GOMES**
Universidade Federal do Rio Grande do Norte | Brasil
- Prof. Dr. Afonso de ALBUQUERQUE**
Universidade Federal Fluminense | Brasil
- Prof. Dr. Alexandre Almeida BARBALHO**
Universidade Estadual do Ceará | Brasil
- Prof. Dr. Alfredo VIZEU**
Universidade Federal de Pernambuco | Brasil
- Profª. Drª. Aline do Amaral Garcia STRELOW**
Universidade Federal do Rio Grande do Sul | Brasil
- Prof. Dr. Álvaro Nunes LARANGEIRA**
Universidade Tuiuti do Paraná | Brasil
- Prof. Dr. Amarildo Batista CARNICEL**
Pontifícia Universidade Católica de Campinas | Brasil
- Profª. Drª Ana Carolina ESCOSTEGUY**
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul | Brasil
- Profª. Drª. Ana Carolina Rocha Pessoa TEMER**
Universidade Federal de Goiás | Brasil
- Drª. Ana Lúcia MEDEIROS**
Pesquisadora (DCR – CNPq/FAPEQS – PB / UFPB | Brasil
- Prof. Dr. André BRASIL**
Universidade Federal de Minas Gerais | Brasil
- Prof. Dr. André VILLAS-BOAS**
Universidade Federal do Rio de Janeiro | Brasil
- Profª. Drª. Andréa França MARTINS**
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro | Brasil
- Profª. Drª. Ângela Cristina Salgueiro MARQUES**
Universidade Federal de Minas Gerais | Brasil
- Profª. Drª. Anita SIMIS**
Universidade Estadual Paulista | Brasil
- Prof. Dr. Antônio Francisco Ribeiro de FREITAS**
Universidade Federal de Alagoas | Brasil
- Prof. Dr. Antônio FAUSTO NETO**
Universidade do Vale do Rio dos Sinos | Brasil
- Prof. Dr. Arlindo Ornelas FIGUEIRA NETO**
Universidade de São Paulo | Brasil
- Prof. Dr. Armando Silva TELLEZ**
Universidad Externado de Colombia | Colômbia
- Profª. Drª. Beatriz BECKER**
Universidade Federal do Rio de Janeiro | Brasil
- Prof. Dr. Bruno CAMPANELLA**
Universidade Federal Fluminense | Brasil
- Profª. Drª. Cárilda EMERIM**
Universidade Federal de Santa Catarina | Brasil
- Prof. Dr. Carlos Arcila CALDERÓN**
Universidad de Salamanca | Espanha
- Prof. Dr. Carlos Eduardo FRANCISCATO**
Universidade Federal de Sergipe | Brasil
- Prof. Dr. Carlos Frederico de Brito D'ANDREA**
Universidade Federal de Minas Gerais | Brasil
- Prof. Dr. Carlos PERNISA JUNIOR**
Universidade Federal de Juiz de Fora | Brasil
- Profª. Drª. Christa Liselotte Berger Ramos KUSCHICK**
Universidade do Vale do Rio dos Sinos | Brasil
- Profª. Drª. Claudia Irene de QUADROS**
Universidade Federal do Paraná | Brasil
- Prof. Dr. Cláudio Cardoso de PAIVA**
Universidade Federal da Paraíba | Brasil
- Profª. Drª. Cosette Espíndola de CASTRO**
Universidade Católica de Brasília | Brasil
- Profª. Drª. Cremilda MEDINA**
Universidade de São Paulo | Brasil
- Prof. Dr. Danilo ROTHBERG**
Universidade Estadual Paulista | Brasil
- Prof. Dr. Demétrio de Azeredo SOSTER**
Universidade de Santa Cruz do Sul | Brasil
- Prof. Dr. Denis Porto RENÓ**
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho | Brasil
- Profª. Drª. Denise COGO**
Escola Superior de Propaganda e Marketing | Brasil
- Profª. Drª. Denise da Costa Oliveira SIQUEIRA**
Universidade do Estado do Rio de Janeiro | Brasil
- Profª. Drª. Denise Tavares da SILVA**
Universidade Federal Fluminense | Brasil
- Profª. Drª. Denise Correa ARAÚJO**
Universidade Tuiuti do Paraná | Brasil
- Profª. Drª. Dóris Fagundes HAUSSEN**
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul | Brasil
- Profª. Drª. Dulcília Helena Schroeder BUITONI**
Faculdade Casper Líbero | Brasil
- Prof. Dr. Edgard Patrício de ALMEIDA FILHO**
Universidade Federal do Ceará | Brasil
- Prof. Dr. Edônio Alves do NASCIMENTO**
Universidade Federal da Paraíba | Brasil
- Prof. Dr. Edson Fernando DALMONTE**
Universidade Federal da Bahia | Brasil
- Prof. Dr. Eduardo MEDITSCH**
Universidade Federal de Santa Catarina | Brasil
- Prof. Dr. Eduardo VICENTE**
Universidade de São Paulo | Brasil
- Prof. Dr. Edvaldo Pereira LIMA**
Universidade de São Paulo | Brasil
- Prof. Dr. Elias Machado GONÇALVES**
Universidade Federal de Santa Catarina | Brasil
- Prof. Dr. Eliseo VERÓN**
In memoriam
- Prof. Dr. Ericson SAINT CLAIR**
Universidade Federal Fluminense | Brasil
- Profª. Drª. Fernanda MARTINELLI**
Universidade de Brasília | Brasil
- Prof. Dr. Fernando Albano Maia de Magalhães ILHARCO**
Universidade Católica Portuguesa | Portugal
- Prof. Dr. Fernando Antonio CROCOMO**
Universidade Federal de Santa Catarina | Brasil
- Prof. Dr. Fernando Antônio Dias ZAMITH**
Universidade do Porto | Portugal
- Prof. Dr. Fernando Antônio RESENDE**
Universidade Federal Fluminense | Brasil
- Prof. Dr. Fernando Firmino da SILVA**
Universidade Estadual da Paraíba | Brasil
- Prof. Dr. Fernando GONÇALVES**
Universidade do Estado do Rio de Janeiro | Brasil
- Prof. Dr. Fernão Vítor Pessoa de Almeida RAMOS**
Universidade Estadual de Campinas | Brasil
- Prof. Dr. Flávio Antônio Camargo PORCELLO**
Universidade Federal do Rio Grande do Sul | Brasil
- Prof. Dr. Francisco de ASSIS**
Centro Universitário Fiam-Faam | Brasil
- Prof. Dr. Francisco Gilson Rebouças PÔRTO JÚNIOR**
Universidade Federal do Tocantins | Brasil
- Prof. Dr. Francisco José Castilhos KARAM**
Universidade Federal de Santa Catarina | Brasil
- Prof. Dr. Francisco Laerte Juvêncio MAGALHÃES**
Universidade Federal do Piauí | Brasil
- Prof. Dr. Francisco Paulo Jamil Almeida MARQUES**
Universidade Federal do Paraná | Brasil
- Profª. Drª. Gabriela BORGES**
Universidade Federal de Juiz de Fora | Brasil
- Profª. Drª. Geane Carvalho ALZAMORA**
Universidade Federal de Minas Gerais | Brasil
- Prof. Dr. Gerson Luiz MARTINS**
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul | Brasil
- Prof. Dr. Gilberto ALEXANDRE SOBRINHO**
Universidade Estadual de Campinas | Brasil
- Profª. Drª. Giovana Borges MESQUITA**
Universidade Federal do Maranhão | Brasil
- Profª. Drª. Graça CALDAS**
Universidade Estadual de Campinas | Brasil
- Profª. Drª. Graziela Soares BIANCHI**
Universidade Estadual de Ponta Grossa | Brasil
- Prof. Dr. Guido Lemos de SOUZA FILHO**
Universidade Federal da Paraíba | Brasil
- Prof. Dr. Heitor Costa Lima da ROCHA**
Universidade Federal de Pernambuco | Brasil
- Profª. Drª. Irene MACHADO**
Universidade de São Paulo | Brasil
- Profª. Drª. Isabel Ferin CUNHA**
Universidade de Coimbra | Portugal
- Profª. Drª. Jacques Alkalai WAINBERG**
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul | Brasil
- Prof. Dr. Jairo FERREIRA**
Universidade do Vale do Rio dos Sinos | Brasil
- Prof. Dr. Jesús Miguel Flores VIVAR**
Universidad Complutense de Madrid | Espanha
- Prof. Dr. João Batista de ABREU JUNIOR**
Universidade Federal Fluminense | Brasil
- Prof. Dr. João CANAVILHAS**
Universidade Beira do Interior | Portugal
- Prof. Dr. João Carlos MASSAROLO**
Universidade Federal de São Carlos | Brasil
- Prof. Dr. João Guilherme BARONE Reis e Silva**
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul | Brasil
- Prof. Dr. João SOMMA NETO**
Universidade Federal do Paraná | Brasil
- Prof. Dr. Jorge Alejandro GONZÁLEZ**
Universidad Nacional Autónoma de México | México
- Prof. Dr. Jorge CARDOSO FILHO**
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia | Brasil
- Prof. Dr. Jorge Kanehide IJUIM**
Universidade Federal de Santa Catarina | Brasil
- Prof. Dr. Jorge Pedro Almeida Silva e SOUSA**
Universidade Fernando Pessoa | Portugal
- Prof. Dr. Jorge Trinidad Ferraz de ABREU**
Universidade de Aveiro | Portugal
- Prof. Dr. José Antônio Marques MOREIRA**
Universidade Aberta (UAb) | Portugal
- Prof. Dr. José Carlos MARQUES**
Universidade Estadual Paulista | Brasil
- Prof. Dr. Josenildo Luiz GUERRA**
Universidade Federal de Sergipe | Brasil
- Prof. Dr. Juciano de Sousa LACERDA**
Universidade Federal do Rio Grande do Norte | Brasil
- Profª. Drª. Juliana Colussi RIBEIRO**
Universidade Estadual de Ponta Grossa | Brasil

CONSELHO CIENTÍFICO

- Prof. Dr. Juliano Maurício de CARVALHO**
Universidade Estadual Paulista | Brasil
- Prof. Dr. Júlio PINTO**
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais | Brasil
- Prof. Dr. Koldo MESO**
Universidad del País Vasco | Espanha
- Prof. Dr. Lauer Alves Nunes dos SANTOS**
Universidade Federal de Pelotas | Brasil
- Profª. Drª. Lídia Oliveira SILVA**
Universidade de Aveiro | Portugal
- Prof. Dr. Lionel Bossi GARAVAGLIA**
Universidad do Chile | Chile
- Profª. Drª. Lívia Cirne de Azevêdo PEREIRA**
Universidade Federal do Maranhão | Brasil
- Prof. Dr. Lorenzo Vilches MANTEROLA**
Universidad Autónoma de Barcelona | Espanha
- Profª. Drª. Lorena Peret Teixeira TÁRCIA**
Centro Universitário de Belo Horizonte | Brasil
- Profª. Drª. Lúcia Helena Vendrusculo POSSARI**
Universidade Federal de Mato Grosso | Brasil
- Profª. Drª. Lúcia SANTA CRUZ**
Escola Superior de Propaganda e Marketing | Brasil
- Profª. Drª. Luciana MIELNICZUK *In memoriam***
Universidade Federal de Rio Grande do Sul | Brasil
- Profª. Drª. Luciane Fassarella AGNEZ**
Instituto de Educação Superior de Brasília | Brasil
- Prof. Dr. Luciano GUIMARÃES**
Universidade de São Paulo | Brasil
- Prof. Dr. Luís António Martins SANTOS**
Universidade do Minho | Portugal
- Prof. Dr. Luís Mauro Sá MARTINO**
Faculdade Cásper Líbero | Brasil
- Prof. Dr. Luiz Custódio da SILVA**
Universidade Estadual da Paraíba | Brasil
- Prof. Dr. Luiz SIGNATES**
Universidade Federal de Goiás | Brasil
- Profª. Drª. Magnolia Rejane Andrade dos SANTOS**
Universidade Federal de Alagoas | Brasil
- Profª. Drª. Malgorzata KOLANKOWSKA**
Escola Filológica de Wrocław | Polónia
- Profª. Drª. Manuela PENAFRIA**
Universidade da Beira Interior | Portugal
- Profª. Drª. Marcel Vieira Barreto SILVA**
Universidade Federal da Paraíba | Brasil
- Prof. Dr. Marcelo Didimo Souza VIEIRA**
Universidade Federal do Ceará | Brasil
- Prof. Dr. Marcelo KISCHINHEVSKY**
Universidade do Estado do Rio de Janeiro | Brasil
- Prof. Dr. Marcelo Martínez HERMIDA**
Universidad de Santiago de Compostela | Espanha
- Profª. Drª. Marcia BENETTI**
Universidade Federal do Rio Grande do Sul | Brasil
- Profª. Drª. Márcia Gomes MARQUES**
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul | Brasil
- Profª. Drª. Márcia Guena dos SANTOS**
Universidade Estadual da Bahia | Brasil
- Profª. Drª. Marcília Gomes Costa MENDES**
Universidade Estadual do Rio Grande do Norte | Brasil
- Prof. Dr. Márcio Carneiro dos SANTOS**
Universidade Federal do Maranhão | Brasil
- Prof. Dr. Márcio Ronaldo Santos FERNANDES**
Universidade Estadual do Centro-Oeste | Brasil
- Prof. Dr. Marco Antonio BONITO**
Universidade Federal do Pampa | Brasil
- Prof. Dr. Marcos AMÉRICO**
Universidade Estadual Paulista | Brasil
- Prof. Dr. Marcos Silva PALACIOS**
Universidade Federal da Bahia | Brasil
- Prof. Dr. Marcus RAMÚSYO**
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão | Brasil
- Profª. Drª. Maria Beatriz COLUCCI**
Universidade Federal de Sergipe | Brasil
- Profª. Drª. Maria Benecine da Costa MACHADO**
Universidade Federal do Rio Grande do Sul | Brasil
- Profª. Drª. María Constanza Mujica HOLLEY**
Pontifícia Universidad de Chile | Chile
- Profª. Drª. Maria Cristina GOBBI**
Universidade Estadual Paulista | Brasil
- Profª. Drª. Maria Elisabete ANTONIOLI**
Escola Superior de Propaganda e Marketing | Brasil
- Profª. Drª. Maria José BALDESSAR**
Universidade Federal de Santa Catarina | Brasil
- Profª. Drª. Maria Lúcia BECKER**
Universidade Estadual de Ponta Grossa | Brasil
- Prof. Dr. Mário CARLÓN**
Universidad de Buenos Aires | Argentina
- Profª. Drª. Marta Regina MAIA**
Universidade Federal de Ouro Preto | Brasil
- Prof. Dr. Mateus Yuri Ribeiro da Silva PASSOS**
Faculdade Cásper Líbero | Brasil
- Prof. Dr. Mauro de Souza VENTURA**
Universidade Estadual Paulista | Brasil
- Prof. Dr. Michele Goulart MASSUCHIN**
Universidade Federal do Maranhão | Brasil
- Prof. Dr. Michele NEGRINI**
Universidade Federal de Pelotas | Brasil
- Prof. Dr. Miguel WIÑAZKI**
Universidad de San Andrés | Argentina
- Profª. Drª. Mirian Estela Nogueira TAVARES**
Universidade do Algarve | Portugal
- Profª. Drª. Miriam Moema Figueira PINHEIRO**
Universidade Federal do Rio Grande do Norte | Brasil
- Profª. Drª. Mirna TONUS**
Universidade Federal de Uberlândia | Brasil
- Profª. Drª. Monica MARTINEZ**
Universidade de Sorocaba | Brasil
- Prof. Dr. Muniz SODRÉ**
Universidade Federal do Rio de Janeiro | Brasil
- Profª. Drª. Natalia Raimondo ANSELMINO**
Universidad Nacional de Rosario | Argentina
- Profª. Drª. Nelia Rodrigues DEL BIANCO**
Universidade de Brasília | Brasil
- Profª. Drª. Patrícia Rebelo da SILVA**
Universidade do Estado do Rio de Janeiro | Brasil
- Prof. Dr. Paulo Eduardo Silva Lins CAJAZEIRA**
Universidade Federal do Cariri | Brasil
- Prof. Dr. Pedro Nunes Filho**
Universidade Federal da Paraíba | Brasil
- Profª. Drª. Pollyana Ferrari TEIXEIRA**
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo | Brasil
- Prof. Dr. Rafael de Luna FREIRE**
Universidade Federal Fluminense | Brasil
- Profª. Drª. Raquel RECUERO**
Universidade Católica de Pelotas | Brasil
- Profª. Drª. Regina GOMES**
Universidade Federal da Bahia | Brasil
- Profª. Drª. Regiane Miranda de Oliveira NAKAGAWA**
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia | Brasil
- Prof. Dr. Ricardo Ferreira FREITAS**
Universidade do Estado do Rio de Janeiro | Brasil
- Prof. Dr. Rodrigo do Espírito Santo da CUNHA**
Universidade Federal de Pernambuco | Brasil
- Prof. Dr. Rogério Luiz COVALESKI**
Universidade Federal de Pernambuco | Brasil
- Profª. Drª. Rosana Cabral ZUCOLO**
Centro Universitário Franciscano | Brasil
- Profª. Drª. Rosana de Lima SOARES**
Universidade de São Paulo | Brasil
- Profª. Drª. Rossana Viana GAIA**
Instituto Federal de Alagoas | Brasil
- Prof. Dr. Sebastião Carlos de Moraes SQUIRRA**
Universidade Metodista de São Paulo | Brasil
- Prof. Dr. Sebastião Faustino PEREIRA FILHO**
Universidade Federal do Rio Grande do Norte | Brasil
- Prof. Dr. Sérgio Arruda de MOURA**
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro | Brasil
- Prof. Dr. Sérgio Luiz GADINI**
Universidade Estadual de Ponta Grossa | Brasil
- Profª. Drª. Silvana LOUZADA**
Universidade Federal do Rio de Janeiro | Brasil
- Prof. Dr. Silvano Alves Bezerra da SILVA**
Universidade Federal do Maranhão | Brasil
- Profª. Drª. Simone Maria ROCHA**
Universidade Federal de Minas Gerais | Brasil
- Profª. Drª. Sonia Aguiar LOPES**
Universidade Federal de Sergipe | Brasil
- Profª. Drª. Sonia Virginia MOREIRA**
Universidade Estadual do Rio de Janeiro | Brasil
- Profª. Drª. Suely Maria Maux DIAS**
Universidade Federal da Paraíba | Brasil
- Profª. Drª. Suzana KILPP**
Universidade do Vale do Rio dos Sinos | Brasil
- Profª. Drª. Suzana Oliveira BARBOSA**
Universidade Federal da Bahia | Brasil
- Profª. Drª. Taciana de Lima BURGOS**
Universidade Federal do Rio Grande do Norte | Brasil
- Prof. Dr. Thiago SOARES**
Universidade Federal de Pernambuco | Brasil
- Prof. Dr. Valdecir BECKER**
Universidade Federal da Paraíba | Brasil
- Profª. Drª. Valquíria Aparecida Passos KNEIPP**
Universidade Federal do Rio Grande do Norte | Brasil
- Profª. Drª. Veronica STIGGER**
Fundação Armando Álvares Penteado | Brasil
- Profª. Drª. Virginia Pradelina da Silveira FONSECA**
Universidade Federal do Rio Grande do Sul | Brasil
- Profª. Drª. Viviane BORELLI**
Universidade Federal de Santa Maria | Brasil
- Profª. Drª. Zélia Leal ADGHIRNI**
Universidade de Brasília | Brasil
- Prof. Dr. Walter Teixeira LIMA JUNIOR**
Universidade Metodista de São Paulo | Brasil
- Prof. Dr. Washington José de SOUZA FILHO**
Universidade Federal da Bahia | Brasil
- Prof. Dr. Wellington José de Oliveira PEREIRA**
Universidade Federal da Paraíba | Brasil
- Prof. Dr. Wilson da Costa BUENO**
Universidade Metodista de São Paulo | Brasil
- Prof. Dr. Wilton GARCIA**
Universidade de Sorocaba | Brasil
- Prof. Dr. Yuji GUSHIKEN**
Universidade Federal do Mato Grosso | Brasil

- 9** **EDITORIAL**
O JORNALISMO COMO NARRATIVA DO PRESENTE: reflexões e relatos de práticas e processos
LE JOURNALISME COMME UN RÉCIT DU PRÉSENT: réflexions et rapports de pratiques et de processus
Joana **BELARMINO** • Ana Lúcia **MEDEIROS**
- EIXO TEMÁTICO | Thematic Dossier | Dossier Temático | Dossier thématique**
- 13** **ACERCA DAS APORIAS DA NARRATIVA JORNALÍSTICA**
SUR LES APORIES DU RÉCIT JOURNALISTIQUE
Adriano Duarte **RODRIGUES**
- 29** **AS TEMPORALIDADES NA NARRATIVA:** um encontro entre a História e o Jornalismo
THE TEMPORALITIES IN NARRATIVE: a meeting between history and journalism
Francilaine **MORAES** • Carolina **SOUZA**
- 42** **JORNALISMO, MEDIAÇÕES E REDES:** a circulação como objeto emergente
LE JOURNALISM, LES MÉDIATIONS ET LES RÉSEAUX: la circulation comme l'objet émergent
Antônio Fausto **NETO**
- 57** **NOTÍCIA E FAKE NEWS:** uma reflexão sobre dois aspectos do mesmo fenômeno da mutação, aplicada ao jornalismo contemporâneo
NEWS AND FAKE NEWS: a reflexion about two aspects of the phenomenon of mutation, applied to contemporary journalism
Thaís de Mendonça **JORGE**
- 74** **PRODUÇÃO DE SENTIDO E EFEITOS DE PROTAGONISMO NA COBERTURA DE UM JORNAL LOCAL:** análise de narrativas
MEANING PRODUCTION AND PROTAGONISM EFFECTS IN A LOCAL NEWSPAPER COVERAGE: narrative analysis
Marcos Fábio Melo **MATOS**
- 93** **AValiação de comunicabilidade em publicações digitais multiplataformas:** caso "Cascaes no MARquE"
EVALUATING THE COMMUNICABILITY IN MULTI-PLATFORM DIGITAL PUBLICATIONS: case study "Cascaes no MARquE"
Rita de Cássia Romeiro **PAULINO** • Marina Lisboa **EMPINOTTI**
- 115** **A EPISTEMOLOGIA DO DIÁLOGO SOCIAL NA COBERTURA SOBRE ABORTO NO PROGRAMA PROFISSÃO REPÓRTER:** teoria e prática
THE EPISTEMOLOGY OF SOCIAL DIALOGUE IN COVERAGE OF ABORTION IN THE TV SHOW PROFISSÃO REPÓRTER: theory and practice
Marcelle Cristina de **SOUZA**



- 131** EXPRESSIVIDADE NA FORMAÇÃO DE JORNALISTAS: contribuições da fonoaudiologia no contexto educacional
Expressiveness in the education of journalists: contributions of speech-language pathology and audiology in the educational context
Regina Zanella **PENTEADO** · Marcia Reami **PECHULA**

PAUTA LIVRE | *Free Theme Journalism* | *Temas Libres en el Periodismo*

- 152** DIREITOS HUMANOS: o que midiativismo e jornalismo podem aprender juntos?
HUMAN RIGHTS: What can media activism and journalism learn together?
Antonio Augusto **BRAIGHI**
Marco Túlio Pena **CÂMARA**

- 169** A OPINIÃO COMO NOTÍCIA NA COBERTURA POLÍTICA DO JORNAL DA MANHÃ DE PONTA GROSSA/PR
THE OPINION AS NEWS IN THE POLITICAL COVERAGE OF THE JORNAL DA MANHÃ DE PONTA GROSSA/PR
Sérgio Luiz **GADINI**
Edilene dos **SANTOS OGURA**

- 185** DESAFIOS EPISTEMOLÓGICOS DAS MATRIZES INTERACIONAIS
DÉFIS ÉPISTÉMOLOGIQUES DES MATRICES INTERACTIONNELLES
Thiago **SOARES**

ENTREVISTA | *INTERVIEW*

- 193** JORNALISMO E COMPROMISSO SOCIAL: a arte do diálogo e das vozes plurais em Cremilda Medina
JOURNALISME ET SOCIAL ENGAGEMENT: l'art du dialogue et de voix pluriels dans Cremilda Medina
Cremilda **MEDINA**

ENCARTES

E-book | **ESCUTAS** sobre o **JORNALISMO**
Fernando Firmino da Silva, Joana Belarmino de Sousa e Pedro Nunes (Organizadores)

SUMÁRIO



O JORNALISMO COMO NARRATIVA DO PRESENTE: reflexões e relatos de práticas e processos

LE JOURNALISME COMME UN RÉCIT DU PRÉSENT: réflexions et
rapports de pratiques et de processus

A Revista Latino-americana de Jornalismo – **ÂNCORA** disponibiliza a sua sétima edição [V.4 N.2] sob o título “**O JORNALISMO COMO NARRATIVA DO PRESENTE: reflexões e relatos de práticas e processos**”, incentivando tanto a exploração das discussões clássicas sobre o tema, como as produções contemporâneas que participam ou dialogam com esse conjunto de questões.

Organizar este número da revista constituiu-se num desafio de grande monta. Desafio que principiou com a tarefa de substituímos a experiência, a perícia e a vasta competência do professor Pedro Nunes, editor da revista desde a sua criação em 2014, e que passou às nossas mãos o nobre trabalho de edição da mesma, a partir de 2017.

Ainda nesses primeiros parágrafos, gostaríamos de fazer um agradecimento especial ao professor Pedro Nunes, pela generosidade, cuidado e colaboração sistemática que nos ofertou ao longo desses meses, o que tem se constituído em auxílio inestimável a fim de que houvéssemos chegado até aqui. É, pois, ao professor Pedro Nunes, que dedicamos este número de **Âncora**, com os seus acertos, mesmo com as falhas, que são alertas necessários para que nos inspiremos em sua força de vontade, disciplina e trabalho árduo, a fim de mantermos e consolidarmos o patamar de excelência que ele começou a construir para a nossa revista.

Começamos então com uma breve apresentação do nosso dossiê temático, que contou com a participação da pesquisadora Ana Lúcia Medeiros, como editora convidada, cujo entusiasmo e trabalho árduo foram fundamentais para o êxito e a qualidade do dossiê. A ordem das publicações deu ao mesmo uma arquitetura singular. Num primeiro bloco, estão três artigos mais reflexivos, os quais, em certa medida, dialogam entre si. O segundo bloco enfeixa cinco artigos de ordem mais técnica e prática, ainda que, todos eles, primem pela argumentação e a reflexão teóricas.

“**Acerca das Aporias da Narrativa Jornalística**”, artigo do pesquisador Adriano Duarte Rodrigues, abre magistralmente o dossiê e, em certa medida, envolve todas as outras reflexões contidas no mesmo. Em texto ágil e primoroso, numa espécie de diálogo com os leitores, Rodrigues vai cercando seu objetivo principal, qual seja, o de “mostrar que as narrativas

EDITORIAL

jornalísticas, independentemente do ambiente em que são produzidas, são atividades intersubjetivas que obedecem aos mesmos princípios que as outras atividades narrativas, tanto históricas como ficcionais, e consistem em atividades específicas que as pessoas realizam para resolverem concretamente as aporias do tempo com que a experiência humana está inevitavelmente confrontada”.

Nesse esforço reflexivo, o autor nos premia com um conjunto de instigantes questões, em diálogo com a poética aristotélica, os preciosos achados filosóficos de Santo Agostinho, os contributos de Paul Ricoeur. Por que parece haver um hiato abissal entre os fatos narrados por um jornalista e a realidade dos acontecimentos vividos? O jornalismo é, de fato, narrativa do presente? Em que consiste a aporia das narrativas do presente? Deixamos com os leitores, essa breve síntese das múltiplas questões que o texto suscita, certos de que a leitura do mesmo nos surpreende, e dela emergimos com a sensação de que o artigo é, ao mesmo tempo, curto, denso e profundo, quem sabe um ensaio do instigante trabalho de Adriano Rodrigues, pensando os sentidos da experiência humana irremediavelmente ancorados no discurso e nas suas inelutáveis aporias.

No artigo intitulado **“As temporalidades na narrativa: um encontro entre a História e o Jornalismo”**, as autoras Francilaine Munhoz Moraes e Carolina Moraes Souza investigam como as categorias dos “estratos do tempo” – singularidade, repetição e transcendência (Koselleck, 2014) – se manifestam na narrativa jornalística em meio impresso e web”.

Esse primeiro bloco mais reflexivo se conclui com o trabalho do pesquisador Antônio Fausto Neto, que traz a esfera da circulação para o centro de suas argumentações, no artigo **“Jornalismo, Mediações e Redes: a circulação como objeto emergente”**. Hábil manejador das teorias clássicas da comunicação, Fausto Neto vai buscar aportes diversos para pensar alguns fatos recentes divulgados na mídia comercial, para abarcar a sua circulação como irrupção de narrativas que afetam e transformam o fazer jornalístico. Como ele mesmo diz, “(...) Sem esgotar o tema proposto, o artigo ancorou-se nos autores clássicos da comunicação e do jornalismo para refletir sobre a sociedade dos meios e vincular contribuições recentes sobre a sociedade em vias de midiatização a esses contributos clássicos”.

Cinco autores conformam o segundo bloco de artigos do dossiê. O fenômeno do *Fake News* comparece no artigo de Thaís de Mendonça Jorge, que “(...) traz o conceito de mutação das ciências biológicas para o jornalismo e tenta mostrar como os métodos da natureza podem ser vistos dentro do campo das notícias. A notícia seria assim um organismo passível de ser observado no próprio ambiente e no convívio com os correlatos, podendo

ser classificado em tipos ou categorias de acordo com as características que apresenta”.

No artigo **“Produção de sentidos e efeitos de protagonismo na cobertura do jornal local: análise de narrativas”**, Marcos Fábio Belo Matos nos apresenta os resultados de pesquisa realizada acerca da cobertura noticiosa sobre a implantação da Fábrica Suzano de Papel e Celulose, em Imperatriz-MA. O corpo analítico envolveu 46 matérias das 213 reportagens e notícias veiculadas, na imprensa local, entre os anos de 2011 a 2014.

Já as autoras Rita de Cássia Romeiro Paulino e Marina Lisboa Empinotti, apropriam-se do dossiê para trazer ao debate, pesquisa que **“analisa a comunicabilidade em publicações digitais multiplataformas através do estudo do caso ‘Cascaes no MarquE’**, produzido pelas autoras para contar histórias do folclorista Franklin Cascaes e conectá-las com trabalhos do pesquisador atualmente no Museu de Arqueologia e Etnologia (MarquE), da Universidade Federal de Santa Catarina”.

No artigo **“A Epistemologia do diálogo social na cobertura sobre aborto no programa Profissão Repórter: teoria e prática”**, com texto um texto esmerado, Marcelle Cristine de Souza transita entre a narrativa de reportagem e o trabalho acadêmico-científico, convocando teoria e prática para avaliar, a partir da ideia do jornalista como mediador social, a cobertura sobre o tema do aborto no programa Profissão Repórter.¹

O dossiê se encerra com o trabalho **“Expressividade na Formação de Jornalistas: Contribuições da Fonoaudiologia”**, das autoras Regina Zanella Penteadado e Marcia Reami Pechula. “O artigo destaca a temática da expressividade e a contribuição da Fonoaudiologia na formação do jornalista, contextualizada na disciplina curricular Laboratório de Voz e Expressividade de um curso de graduação em Jornalismo”.

A seção Pauta Livre é aberta com o instigante trabalho dos pesquisadores Antônio Augusto Braighi e Marco Túlio Pena Câmara, intitulado “Direitos Humanos: O que o midiativismo e jornalismo podem aprender juntos?”. Em estilo ensaístico, os autores refletem sobre o fenômeno do midiativismo, perseguindo a questão: o que essas práticas podem ensinar ao telejornalismo?

“A opinião como notícia na cobertura política do Jornal da Manhã de Ponta Grossa/PR” é título do artigo que encerra a seção. Produzido pelos pesquisadores Sérgio Luiz Gadini e Edilene Santos Ogura, da Universidade Estadual de Ponta Grossa-PR, o trabalho investiga o conteúdo da cobertura política do Jornal da Manhã daquele município, com o objetivo

¹O programa referido é exibido na Rede Globo de televisão, sob a chancela do jornalista Caco Barcelos.

de “identificar as marcas editoriais do jornalismo político do referido impresso como instrumento para a formação da opinião pública”.

Na seção Entrevista, Ana Lúcia Medeiros convida Cremilda Medina para dialogar sobre a vasta produção da jornalista e pesquisadora nas áreas da formação universitária, da pesquisa aplicada e da prática jornalística que compõem uma trajetória de mais de três décadas dedicadas a um incansável trabalho laboratorial em defesa de um jornalismo com compromisso social. Opção que desafia o deslocamento de uma leitura oficial dos fatos para a busca por vozes das ruas, como fazia João do Rio (início do século XX).

Na “conversa” com Âncora, como prefere Medina, o leitor vai encontrar elementos que apontam para o desafio de articular nexos simbólicos do protagonismo social próprios de um jornalismo humanizado, numa provocação que Cremilda Medina nomeia “observação-experiência”, privilegiando o uso de um olhar atento, da escuta solidária na captação do real. Uma entrevista prazerosa, que não se esgota nesta seção de Âncora, mas reverbera e se realiza em todo o trabalho de Cremilda Medina.

Na seção Resenha, Thiago Soares faz uma sensível observação de como um grupo autoral pode transformar o exercício solitário da pesquisa científica para o compartilhamento de resultados e processos do fazer comunicacional. Thiago Soares mostra, na análise do livro “Matrizes Interacionais: A comunicação constrói a sociedade” (Eduepb, 2017), como os “Encontros (com ‘E’ maiúsculo) são fundamentais nos fazeres de pesquisa”. Os movimentos que dão corpo à obra foram fielmente captados por Thiago Soares, que observa como os processos tentativos da teoria de José Luiz Braga são desenvolvidos nas análises do grupo de pesquisadores que integram a obra, organizada por Braga e Regina Calazans. Uma arguta percepção de que os processos comunicacionais precisam ser experimentados, debatidos.

Boa leitura!

Ana Lúcia MEDEIROS | Editora Convidada

Joana Belarmino de SOUSA | Editora Geral

ACERCA DAS APORIAS DA NARRATIVA JORNALÍSTICA

SUR LES APORIES DU RÉCIT JOURNALISTIQUE

Adriano Duarte RODRIGUES¹
Universidade Nova de Lisboa | Portugal

Resumo

Demarcando-se das abordagens críticas, muito frequentes nos estudos de comunicação, este artigo pretende mostrar que as narrativas jornalísticas pertencem ao conjunto das atividades intersubjetivas que as pessoas realizam para constituírem a sua experiência do tempo e, deste modo, resolverem em cada situação concreta, as suas aporias. Para isso, dedica a primeira parte à descrição dos dispositivos indexicais e sintáticos que as pessoas mobilizam para formarem os enredos das histórias que contam umas às outras.

Palavras-chave

Aporia; Indexicalidade; Intersubjetividade; Narrativa jornalística; Temporalidade.

Résumé:

Tout en se démarquant des approches critiques, très fréquentes dans les études de communication, cet article prétend montrer que les récits journalistiques appartiennent à l'ensemble des activités intersubjectives par lesquelles les êtres humains constituent leur expérience du temps et trouvent ainsi, dans chaque situation concrète, la solution à ses apories. Pour y arriver, il s'attarde, dans une première partie, sur la description des dispositifs indexicaux et syntaxiques que les personnes mobilisent pour la formation des intrigues des histoires qu'elles se racontent.

Mots-clés:

Aporie; Indexicalité; Intersubjectivité; Récit journalistique; Temporalité.

EIXO TEMÁTICO

RECEBIDO EM 21 DE OUTUBRO 2017
ACEITO EM 3 DE NOVEMBRO DE 2017

¹ Doutor em Comunicação pela Universidade de Lovaina, Bélgica. Graduado em Teologia e Sociologia pela Universidade de Estrasburgo, França. Professor Catedrático da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa desde 2012. Fundador do curso de Ciências da Comunicação, na mesma universidade. Membro de Conselhos Editoriais em revistas estrangeiras, publicou diversas obras, sendo a mais recente, "O Paradigma Comunicacional" (2011). Contato: adrodrigues42@gmail.com.

Introdução

O tempo torna-se tempo humano na medida em que é articulado de modo narrativo e a narrativa atinge plena significação quando se torna uma condição da existência temporal. (Ricoeur 1999 I: 105)

A credibilidade é um dos valores indiscutíveis dos juízos acerca das narrativas jornalísticas. É aparentemente o que as distingue das narrativas ficcionais e costuma também ser invocada como critério de distinção em relação às histórias que surgem postadas nos diversos dispositivos eletrônicos a que se convencionou dar o nome de redes sociais (Becker, B. 2012). De fato, o valor das narrativas jornalísticas, tal como aliás das narrativas históricas, parece depender da prévia averiguação da ocorrência dos fatos relatados, ao passo que o valor das histórias fictícias não depende evidentemente da existência mas da autenticidade da experiência dos fatos imaginários relatados. As narrativas que circulam nos dispositivos eletrônicos, por sua vez, possuem uma valorização híbrida, uma vez que o seu valor depende, ora da averiguação da ocorrência dos fatos relatados ora da autenticidade da experiência imaginária relatada, consoante a natureza, histórica ou fictícia, do discurso postado.

Os mais recentes estudos sobre as narrativas jornalísticas na área da comunicação, ora incidem sobre questões que têm a ver com educação do público para a compreensão das regras que orientam o trabalho jornalístico (Citelli, A. 2010; Peres, A.C. 2016), ora procuram identificar as características específicas das narrativas que circulam na internet, de modo a poderem mostrar aquilo que as distingue das narrativas produzidas por jornalistas profissionais no quadro das empresas do setor (Corrêa, E. S. & Bertocchi, D. 2012). O meu objetivo situa-se a montante das preocupações destes estudos: vou procurar mostrar que as narrativas jornalísticas, independentemente do ambiente em que são produzidas, são atividades intersubjetivas que obedecem aos mesmos princípios que as outras atividades narrativas, tanto históricas como ficcionais, e consistem em atividades específicas que as pessoas realizam para resolverem concretamente as aporias do tempo com que a experiência humana está inevitavelmente confrontada. Pretendo, por isso, mostrar que as narrativas jornalísticas não escapam às aporias de qualquer criação narrativa, aporias

bem conhecidas dos historiadores e que têm alimentado a reflexão filosófica desde os pré-socráticos. Começarei, por isso, por recordar que a natureza da experiência do tempo é aporética, para depois procurar mostrar que, embora não tenham solução, estas aporias são concretamente resolvidas e encontram solução quando as pessoas contam histórias umas às outras, incluindo as que se podem observar na atividade narrativa em que as pessoas se envolvem no quadro dos ambientes produzidos pelos dispositivos midiáticos.

A relação da atividade narrativa com a natureza aporética do tempo

Recordo que o termo *aporia* designa uma dificuldade de passagem, de avançar por um caminho, um embaraço ou uma impossibilidade de decidir a via a seguir (em grego, *poros* designa, em sentido próprio, passagem, leito de um rio, ponte, via, caminho e, em sentido figurado, meio ou recurso para atingir um objetivo).

Como pretende relatar fatos ocorridos, qualquer discurso narrativo joga inevitavelmente com as aporias do tempo e, como veremos, a narrativa jornalística não escapa evidentemente a esta condição aporética de qualquer discurso narrativo.

Podemos ler no livro XIV das *Confissões* de Santo Agostinho uma das mais claras formulações conhecidas das aporias do tempo:

O que é o tempo? Se ninguém mo pergunta, sei o que é; mas se quero explicá-lo a quem mo pergunta, não sei: no entanto digo com segurança que sei que, se nada passasse, não existiria o tempo passado, e, se nada adviesse, não existiria o tempo futuro, e, se nada existisse, não existiria o tempo presente. De que modo existem, pois, esses dois tempos, o passado e o futuro, uma vez que, por um lado, o passado já não existe e, por outro, o futuro ainda não existe? Quanto ao presente, se fosse sempre presente, e não passasse a passado, já não seria presente, mas eternidade. Logo, se o presente, para ser tempo, só passa a existir porque se torna passado, como é que dizemos que existe também este, cuja causa de existir é aquela porque não existirá, ou seja, não podemos dizer com verdade que o tempo existe senão porque ele tende para o não existir? (Agostinho 2000: 567-568).

A resposta às questões formuladas por Santo Agostinho parece óbvia: o tempo em si não existe, a sua existência decorre da ou é

constituída pela linguagem. É só porque somos seres falantes, dotados de linguagem, que, ao falarmos, o constituímos como dimensão da nossa experiência humana. É por isso que contar histórias é uma atividade tão importante para os seres humanos que encontramos desde que há registos da humanidade (Ricoeur 1991; Kearney 2002). São, por conseguinte, as pessoas que, ao falarem, o constituem. Sabemos que Aristóteles procurou dar do tempo uma definição física, fazendo-o depender das leis que regulam o movimento dos astros, mas mesmo aí confronta-se com uma outra dificuldade inultrapassável, decorrente do fato de o ritmo do movimento dos astros só existir na configuração astronómica em que o nosso planeta está atualmente situado. Como, fora desta configuração, o ritmo do movimento dos astros é diferente, aquilo que para Aristóteles serve de medida do tempo não é universal mas particular à situação astronômica do planeta em que vivemos. Em todo o caso, Aristóteles não resolveu propriamente a questão da natureza do tempo, mas a do critério para a sua medida. Mas o que é que medimos quando medimos o tempo? Apesar do avanço dos conhecimentos da física ao longo dos séculos, a pergunta que Santo Agostinho formulou, a de saber em que consiste o tempo, permanece, ainda hoje, sem resposta.

Os dispositivos de constituição do tempo

Vejamos então aquilo que faz com que as pessoas constituam o tempo. Penso que podemos dizer que é quando falam que as pessoas o constituem, utilizando para o efeito dois dispositivos da linguagem: o dispositivo a que os linguistas dão o nome de indexical ou indicial e o dispositivo narrativo. Vejamos brevemente em que consiste cada um destes dispositivos.

O dispositivo indexical

O dispositivo indexical da linguagem consiste na ancoragem da fala à sua enunciação e pode eventualmente ser manifestado nos enunciados que os falantes produzem, pelo uso de expressões que as pessoas utilizam sempre que pretendem referir explicitamente essa ancoragem (Bar Hillel 1970; 1971; Ducrot 1981; Rodrigues 2005: 63-108). Assim, por exemplo, a utilização de advérbios de tempo e de outras expressões temporais (ontem, hoje, amanhã, antes de, depois de, e a seguir, etc.), tal como as desinências das expressões verbais são manifestações da natureza indexical da linguagem responsáveis pela constituição do tempo do

discurso. Assim, cada vez que alguém fala constitui esse instante como eixo do presente, a partir do qual constitui, pela mobilização da faculdade da memória, o que aconteceu antes como passado, tal como, pela mobilização da faculdade da previsão, constitui o que acontecerá depois como futuro. Como vemos, não existe propriamente um presente, um passado e um futuro, mas passa a existir a partir do instante em que alguém toma a palavra.

Além dos dispositivos indexicais de tempo, as pessoas ancoram evidentemente também a sua fala às outras instâncias da atividade enunciativa, nomeadamente às instâncias de pessoa e de lugar. Assim, quando os falantes referem a ancoragem da sua fala à entidade que a produz utilizam a primeira pessoa do verbo e do pronome pessoal, quando referem a ancoragem da sua fala à entidade com a qual se envolvem na atividade enunciativa utilizam a segunda pessoa do verbo e do pronome pessoal ou outra forma retórica equivalente, como o *you*, quando, por seu turno, referem a relação que as instâncias referidas em conjunto pela primeira e pela segunda pessoa utilizam a terceira pessoa do verbo e do pronome pessoal. O mesmo se passa com a ancoragem da fala com a instância de lugar. Assim, para referirem a ancoragem da sua fala ao lugar em que ocorre a enunciação os falantes utilizam as expressões adverbiais de lugar *here* e *there* ou equivalente, consoante se estejam referindo respetivamente ao lugar em que se encontra o falante ou aqueles com quem fala, no momento em que está falando. Tal como o tempo também as pessoas e a localização não existem em si mesmas: não existe ninguém que seja um *I* ou um *you*, tal como não existe nenhum lugar que seja em um *here* ou um *there*. Trata-se de entidades constituídas sempre que alguém toma a palavra e referindo-se a pessoas e lugares sempre diferentes.

É importante não esquecer que esta ancoragem da fala às instâncias enunciativas existe mesmo que o falante não a explicita através dos dispositivos que a linguagem põe à disposição das pessoas para a referirem. Por outras palavras: mesmo que o falante não utilize expressões indexicais na sua fala, construindo, por exemplo, todos seus enunciados na terceira pessoa, como acontece predominantemente nos discursos e nas narrativas jornalísticas e históricas, a fala não deixa evidentemente de estar ancorada indexicalmente à situação enunciativa que a produz.

Em que condições então é o falante levado a explicitar esta ancoragem indexical à situação enunciativa, utilizando expressões indexicais? Para responder a esta pergunta temos evidentemente que ter em conta a natureza do ambiente em que a atividade enunciativa acontece. No caso de atividades narrativas realizadas face a face, quando o narrador está na presença física da(s) pessoa(s) a quem endereça a sua narrativa, na presença do/as narratário/as, o falante não precisa habitualmente de explicitar as instâncias enunciativas, uma vez que elas são obviamente manifestas para todos quantos tomam parte na atividade enunciativa em que estão envolvidos; não precisa de referir em que momento e em que lugar está, nem de se referir a si próprio e às pessoas com quem fala para todos saberem quem está falando, com quem, em que lugar e em que momento. Neste ambiente, a explicitação dos dispositivos indexicais não são por isso habitualmente utilizados propriamente para identificarem ou referirem as instâncias envolvidas na narração, a não ser por razões retóricas, tais como para sublinhar ou chamar a atenção para instâncias envolvidas na atividade enunciativa (sou eu que estou a falar contigo; hoje é o dia dos meus anos; é contigo que estou falando; é a mim que dizes isso?...) ou para referirem atividades enunciativas realizadas, noutras circunstâncias, pelos intervenientes da atividade em que estão envolvidos, assim como para referirem atividades enunciativas de outras entidades referidas na atividade enunciativa em que estão envolvidas. Nestes dois últimos casos, os dispositivos indexicais asseguram uma importante função, a de constituírem e manifestarem a dimensão dialógica da linguagem, isto é, a inserção dentro da atividade enunciativa atual da narração de outras atividades enunciativas ocorridas noutras circunstâncias passadas. Para efetuarem a dimensão dialógica, os falantes têm à sua disposição dispositivos específicos, tais como a citação em discurso direto, em discurso indireto e em discurso indireto livre (Bakhtine 1977).

No caso de atividades enunciativas realizadas em ambientes constituídos por outros dispositivos técnicos, tais como a escrita, o telefone fixo, a rádio, a televisão, o telefone celular ou os dispositivos electrónicos, ambientes em que narrador e narratário/as não se encontram fisicamente copresentes, mas através de manifestações parciais e/ou delegadas da sua presença, as pessoas têm evidentemente que utilizar os dispositivos indexicais, não só por razões retóricas ou para referirem as atividades narrativas de outras entidades referidas na

narração, mas também para referirem as instâncias responsáveis pela própria atividade narrativa em que elas próprias estão envolvidas. Vejamos o seguinte exemplo retirado de uma notícia do Jornal da Tarde da RTP1, no dia 1 de Abril de 2013:

Boa tarde. Sessenta pessoas que estavam num acampamento em Campo Maior tiveram que ser retiradas esta madrugada. A subida do Rio Xévorá isolou o local e os bombeiros foram obrigados a intervir.

Neste exemplo de uma notícia jornalística televisiva, o narrador utiliza os verbos no pretérito (estava num acampamento, tiveram que ser retiradas, foram obrigados a intervir) como expressões do dispositivo indexical para referir um tempo passado em relação ao momento em que realiza a narração e não em relação ao passado de atividades das pessoas referidas pela narração. É por isso que, para podermos identificar a que tempo passado estes pretéritos se referem, temos que saber que se trata de uma notícia do dia 1 de Abril de 2013. Podemos ainda considerar que os nomes próprios Campo Maior e rio Xévorá também são expressões indexicais, uma vez que para sabermos que se referem a locais situados no sul de Portugal e não noutra país, como por exemplo no Brasil, temos que saber que se trata de uma notícia de uma televisão portuguesa, a RTP1. Estes saberes, que temos que mobilizar para identificar o tempo e os lugares a que o narrador se refere, precisam de ser expressamente referidos porque, não se tratando de uma narrativa realizada face a face, não são obviamente manifestos para todos os narratários potenciais. Se não conseguirmos identificar estas referências por não termos acesso às expressões díticas que as constituem, esta narrativa será evidentemente compreensível porque está escrita numa língua que conhecemos, mas será uma narrativa enigmática, uma vez que não somos capazes de identificar nem quando nem onde os acontecimentos narrados aconteceram. Vejamos agora a aporia da medida do tempo, expressa já com toda a clarividência por Santo Agostinho e que Aristóteles tentou resolver apelando para a física. O que é que nós consideramos o presente? Depende evidentemente da maneira como o constituímos quando medimos o tempo em estamos a falar. Podemos referi-lo como agora, neste instante, hoje, esta semana, neste mês, neste ano, neste século, etc. O mesmo se passa evidentemente com as medidas do

passado (ontem, na semana passada, no ano passado...) e do futuro (amanhã, na próxima semana, no próximo ano, no próximo século...). Tudo parece indicar que a solução das aporias do tempo não depende de uma regra geral, mas de uma decisão que as pessoas têm que tomar em cada situação concreta em que falam.

O dispositivo narrativo de constituição do tempo

Além da natureza indexical, os falantes têm ainda à sua disposição um outro dispositivo responsável pela solução das aporias do tempo, o dispositivo narrativo da linguagem, constituído pelos predicados de ação. Damos o nome de predicados de ação às expressões gramaticais que referem transformações de estados de pessoas, de objetos, de acontecimentos. Habitualmente utilizamos o termo mundo para referir o conjunto das entidades que são objeto de transformação por parte dos predicados de ação.

O conjunto dos predicados de ação de uma narrativa são o principal dispositivo da linguagem que as pessoas utilizam para constituírem aquilo a que damos o nome de enredo ou de intriga. Por intriga entendemos, por conseguinte, a organização narrativa das transformações do mundo operadas pelos predicados de ação; por predicados de ação, ao contrário dos predicados de estado, entendemos as formas verbais que podem ser traduzidas pelo verbo fazer x. É a articulação destes predicados de ação que opera a transformação daquilo que podemos designar como mundo e desta articulação resulta aquilo a que damos o nome de intriga que encontramos em qualquer narrativa, quer ela seja histórica, jornalística ou ficcional. É por isso que Aristóteles, na Poética (2000), dizia que a transformação operada pela narrativa é uma atividade poética e mimética que pode ser eufórica ou disfórica, fasta ou nefasta, consoante dessa transformação resultar a melhoria do estado do mundo ou a degradação do estado mundo.

Como vemos é o fato de sermos seres dotados de competência linguística, competência que, como vemos, é de natureza indexical e narrativa, que faz com que o tempo seja objetivado, constituído como realidade objetiva, no sentido de realidade colocada diante de nós, de se converter em objeto da percepção e da experiência dos seres humanos. Assim, apesar de o passado já não existir, de o futuro ainda não existir e do presente deixar de existir no mesmo instante em que falamos, passam a existir objetivamente, como objetos designados pela fala, no momento

em que alguém, tomando o lugar de fala, os refere pelos dispositivos indexicais da linguagem e os constitui pelos dispositivos narrativos. O passado passa a existir como objeto rememorado, ao passo que o futuro passa a existir como objeto projetado do ato enunciativo. É por isso que Paul Ricoeur (1991) podia dizer que a atividade narrativa revela a relação da linguagem com a memória, conferindo-lhe uma dimensão mnésica, dimensão que Aristóteles (2000) fazia depender da atividade poética e mimética.

Como vemos, o único presente possível é o do instante da enunciação, do momento em que alguém toma a palavra. É por isso que, mesmo quando os fatos narrados estão acontecendo no momento em que alguém os narra, como é o caso dos discursos jornalísticos “em direto” (ao vivo), há sempre uma distância ou um abismo incomensurável entre eles e a sua narração. Essa distância tem a ver com o fato de o narrador os situar a partir de uma perspectiva, de um ponto de vista a partir do qual os observa, ponto de vista único ao qual nenhuma outra pessoa pode ter acesso além do seu narrador. Existe, por conseguinte, sempre um hiato intransponível entre a ocorrência dos acontecimentos narrados e a ocorrência de um outro acontecimento, o do discurso único e irrepetível da sua narração. Tomemos o exemplo de um relato televisivo em direto (ao vivo) de um jogo de futebol ou do relato em direto (ao vivo) de uma manifestação. Por mais que o jornalista, numa reportagem em direto, se esforce por mostrar o que se passa no estádio ou nas ruas em que a manifestação está acontecendo, por mais câmaras que sejam instaladas, aquilo que o telespetador vê não é o que as pessoas que estavam assistindo ao jogo no estádio ou participando da manifestação viveram e viram; aquilo que os telespetadores veem não poderia ter sido visto e experienciado por mais nenhuma pessoa que estava no estádio ou na manifestação a não ser pelo jornalista. O que os telespetadores veem é o resultado daquilo que o jornalista constitui pela sua narração, a partir do lugar em que ele e a/s câmara/s se encontram. É a sua narração que objetiva o acontecimento que ele narra, que o constitui como objeto de percepção. Bem vistas as coisas, o acontecimento que o telespetador observa é o acontecimento do discurso do jornalista, para o qual o acontecimento narrado é o pré-texto, no sentido etimológico de texto prévio, discurso do jornalista ao qual tanto o telespetador como os que estavam no estádio ou na manifestação nunca poderão ter acesso, no momento em que ele ocorre.

É precisamente a natureza indexical da narrativa que tanto o historiador como o jornalista procuram evitar, ao limitarem a sua narrativa ao relato dos fatos ocorridos no passado, próximo ou distante. A história procura tornar-se narrativa dos factos, não observados pelo historiador, mas pelas pessoas que foram contemporâneas dos factos passados que ele narra. A narrativa jornalística procura dar conta de factos observados pelo jornalista ou por testemunhas diretas, mas não observados pelo jornalista. Mas, ao pretender eliminar a natureza indexical da sua narração dos factos relatados, tanto o historiador como o jornalista estão confrontados com uma outra aporia, a de fazer intervir na sua narração o seu conhecimento presente daquilo que viria a acontecer depois da ocorrência desses fatos e das questões que esse conhecimento suscita no momento da narração, conhecimento que os contemporâneos desses factos ou que neles participaram não poderiam sequer imaginar.

Como vemos, ao pretender resolver a aporia da natureza indexical da narrativa dos factos passados, tanto o historiador como o jornalista deparam-se inevitavelmente com uma outra aporia, a da natureza indexical da sua própria narrativa dos contemporâneos dos fatos ou dos participantes nos fatos que eles narram.

Chegado a este ponto, na sequência daquilo que acabei de descobrir, poderia ser levado a pensar que a delimitação e a medição das dimensões do tempo dependem apenas da decisão de quem toma a palavra, do narrador. Nesse caso, quando o narrador diz *hoje aconteceu* todas as pessoas saberiam a que dia os acontecimentos relatados se referem. Mas não é o caso. Mesmo no caso de narrativas orais feitas face a face, o narrador tem que contar inevitavelmente com a colaboração dos seus interlocutores para objetivar o tempo e a duração dos factos relatados. Esta colaboração é, no entanto, ainda mais evidente nas narrativas que são realizadas em ambientes constituídos por outros dispositivos mediáticos que, por definição, autonomizam e alargam os diferentes intervenientes no processo da atividade narrativa, como é o caso dos dispositivos da escrita, telefónico, radiofónico, televisivo e eletrónico.

Contar uma história, quer se trate de um relato de acontecimentos efetivamente ocorridos quer ela seja relato de acontecimentos imaginários, é sempre realização de uma atividade poética, no sentido de invenção configuradora da linguagem. É por ser uma atividade poética que não contamos as mesmas histórias a todas as pessoas nem contamos

a mesma história a pessoas diferentes da mesma maneira. Como procurarei mostrar, a natureza da atividade poética narrativa é, por conseguinte, eminentemente intersubjetiva. Uma narrativa é sempre uma atividade discursiva provocada pelas pessoas que o narrador reconhece como parceiros dessa atividade. O narrador é levado a fazer escolhas em função da percepção que ele tem da sua relação com essas pessoas, assim como daquilo que está em jogo na interação que tem com essas pessoas, no momento em que produz a sua narrativa.

Gostaria agora de mostrar a diferença na maneira de o jornalista e o historiador construírem as narrativas de acontecimentos efetivamente ocorridos. Enquanto o historiador pretende narrar acontecimentos de que ele não foi testemunha nem direta nem indiretamente, de modo a não fazer intervir na sua narração o seu ponto de vista particular, o jornalista pretende narrar acontecimentos de que foi testemunha direta ou indireta.

Deste modo, enquanto a narrativa do historiador continua refém da aporia decorrente da sua pretensão de validade universal da sua narrativa, mas evita a aporia decorrente da sua relação com o presente, o jornalista está confrontado com duas aporias, a de ser narração do presente e a de pretender fazer uma narração universal, destinada a ser compreensível e aceite por todos.

Acerca da impossibilidade da narração do presente

Alguns autores costumam considerar a narrativa jornalística como história do presente, distinguindo-a por isso da narrativa histórica que narra o passado. Mas que entendemos por narração do presente, depois do que vimos a propósito das aporias do tempo? Onde começa, onde acaba e qual a duração do presente narrado pelo jornalista? Se considerarmos que o presente é o instante que surge e desaparece no mesmo momento em que o narrador toma a palavra, temos que considerar que o presente não se pode narrar a não ser depois de ter passado. O mais que podemos dizer é que a narrativa do jornalista narra acontecimentos ou factos ocorridos num passado recente e que, por conseguinte, ainda não é possível narrar os efeitos que só a médio e a longo prazo deles resultarão.

Para entendermos em que consiste a aporia da narração do presente, temos, por conseguinte, que ter em conta que qualquer discurso resulta do funcionamento de uma instância enunciativa, constituída por um enunciador situado no momento e no lugar em que ocorre a produção

do enunciado. O discurso narrativo consiste na narração de acontecimentos ocorridos num tempo necessariamente anterior e num lugar distinto daquele em que o enunciador se encontra no momento em que produz o enunciado narrativo.

Gostaria agora de referir um dos fenómenos mais fascinantes da narrativa jornalística, o provocar a ocorrência de acontecimentos específicos, realizados de propósito para serem narrados e deste modo adquirirem visibilidade pública. A ocorrência de atentados em momentos e em locais em que existe a possibilidade de serem objeto de reportagem jornalística ou a marcação de eventos ou de declarações nos horários noticiosos são exemplos eloquentes deste fenómeno. O que este fenómeno põe em relevo é a natureza intersubjetiva de toda a atividade narrativa, a que voltarei mais adiante. Antes, porém, tentarei mostrar que a narrativa revela a solução poética como as pessoas resolvem as aporias do tempo.

A narração é a ultrapassagem poética do hiato entre o presente da atividade narrativa e os factos passados do enredo narrado. O narrador utiliza os recursos narrativos da linguagem para preencher simbolicamente o fosso entre o presente efémero, único e irrepitível do momento em que narra e os factos relatados ao longo da construção da intriga narrativa. É por isso que Aristóteles (2000) definia a narração como uma atividade poética mimética.

A natureza intersubjetiva da poética narrativa

Gostaria agora de mostrar que o trabalho narrativo é uma atividade intersubjetiva, uma vez que é sempre provocada por aquilo que está em jogo na atividade comunicativa, o que faz com que o narrador seja levado a narrar aquilo que considera relevante para as pessoas a quem endereça a sua narração. As expressões utilizadas para referir as pessoas, os objetos, os acontecimentos envolvidos na intriga resultam daquilo que o narrador considera relevante para a atividade comunicativa em que está envolvido no momento em que constrói a sua narrativa. Mas a natureza intersubjetiva do trabalho narrativo é sobretudo evidente num fenómeno extraordinário descoberto, no final dos anos 1960, por Harvey Sacks, nas suas lições sobre a conversa (1995, páginas 764 e ss.).

Quando interagem entre si, as pessoas contam histórias umas às outras que se apresentam aos pares: quando uma pessoa conta uma história a pessoa a quem a conta encadeia uma segunda história. Ao

contar uma segunda história, as pessoas realizam pelo menos duas coisas: mostram, por um lado, que entenderam aquilo que a pessoa que contou a primeira história queria dizer e, por outro lado, asseguram a sua afiliação àquilo que está em jogo na atividade comunicacional em que estão envolvidas com a pessoa que contou a primeira história. Por seu lado, a pessoa que conta a primeira história habitualmente começa por produzir um prefácio narrativo (por exemplo: posso te contar o que vi ontem à tarde?; sabes a melhor?; conheces bem o Paulo?). Ao produzir o prefácio narrativo, a pessoa que conta a primeira história, não só adquire o direito a prolongar o seu turno de fala, mas também dá instruções à outra pessoa para que possa identificar o que pretende mostrar com a história que vai contar e saiba quando a sua história estará terminada, de modo a que possa, por seu turno, encadear com ela uma segunda história.

Mesmo nos debates, nas reportagens e nas entrevistas em ambientes criados pelas mídias radiofônicas ou televisivas, podemos observar que as histórias são produzidas aos pares, deste modo revelando que as pessoas se envolvem em atividades comunicacionais intersubjetivas. No entanto, quando estamos perante narrativas jornalísticas em que os interlocutores não se encontram presentes fisicamente, como é o caso, por exemplo, de jornais televisivos, as histórias surgem como segundas histórias. Vejamos a seguinte notícia do Jornal Nacional da Globo de 23 de Março de 2018:

Agora no Jornal Nacional. Na semana em que o Ministério da Saúde passou a recomendar a vacinação contra a febre amarela, em todas as regiões brasileiras os números oficiais do Governo mostram que diminuiu a procura pela principal forma de prevenção da doença. E de outras também...

A uma primeira história narrada pelo Ministério da Saúde, o jornalista encadeia uma segunda história que narra a diminuição da procura da vacinação por parte da população de todas as regiões brasileiras, mostrando, deste modo, a convergência entre o enredo da primeira e da segunda história. Mas o jornalista prossegue com o encadeamento de novas histórias que vão no sentido disfórico ou nefasto da primeira história, desta vez colocando em cena novos narradores (os pesquisadores) e um novo protagonista (o Estado de São Paulo):

Nos últimos nove meses, 340 brasileiros morreram de febre amarela. E esta não é a única notícia ruim.

Num Estado populoso como São Paulo, os pesquisadores tão perdendo um aliado importantíssimo para estudar as áreas em que existe a ameaça do vírus.

Estou agora em condições de retomar uma questão que deixei em suspenso no parágrafo anterior, a da relação entre a presença da mídia e o desencadeamento de acontecimentos. A literatura que conheço tem sublinhado a natureza perversa desta relação. O meu ponto de vista não diverge desta maneira de ver, mas consiste em mostrar que se trata de um fenómeno inevitável que importa compreender adequadamente. Para o entendermos temos que ter em conta, por um lado, a natureza intersubjetiva da atividade narrativa jornalística, como aliás de qualquer outra atividade narrativa, e, por outro lado, a sua natureza midiática, como aliás de qualquer outra atividade narrativa. Vejamos cada um destes mecanismos.

A percepção da presença do dispositivo midiático, pelo facto de ser um dispositivo narrativo, não pode deixar de desencadear a ocorrência dos factos que está disposto a narrar, tal como o facto de alguém olhar fixamente para um determinado ponto não pode deixar de levar a pessoa que o observa a contar uma história acerca do ponto para o qual está a olhar, de tal modo que se eu quiser que essa pessoa me conta alguma coisa acerca desse ponto tenho à minha disposição uma maneira muito habitual que é olhar para ela.

Por seu lado, o dispositivo midiático que é desencadeado para narrar acontecimentos não pode deixar de desencadear os acontecimentos para a narração dos quais está disposto. O mesmo se passa com os dispositivos naturais. Tomemos como exemplo o dispositivo da fome. Há uma relação de reciprocidade entre o seu desencadeamento e a percepção de um prato suculento. Embora de natureza diferente, a intersubjetividade da atividade midiática narrativa é análoga à reciprocidade que observamos na relação entre os dispositivos naturais e os fenómenos que desencadeiam.

Conclusão

Não pretendi com este texto tratar todas as questões suscitadas pela atividade narrativa jornalística, questões que têm merecido abundantes trabalhos de reconhecido valor. A minha pretensão foi modesta e visou chamar a atenção para o facto de essas questões se inscrevem no quadro da poética enquanto atividade que visa resolver pela linguagem, em cada uma das situações de fala concretas, as aporias com que a experiência humana se confronta. Procurei mostrar que a poética

narrativa é sobretudo a atividade pela qual encontramos a solução para as aporias da experiência do tempo.

Este texto procura, por conseguinte, demarcar-se das preocupações críticas a que habitualmente mobilizam as preocupações dos estudos na área da comunicação. O meu objetivo não é por isso a crítica das narrativas jornalísticas, mas a de procurar compreender a sua relação com a experiência humana. A inspiração para esta tarefa encontra-se, não nas teorias críticas, mas nas atitudes fenomenológicas que consistem numa atitude de disponibilidade para observar concretamente aquilo que as pessoas fazem com os dispositivos de que são dotados. Demarco-me, portanto, dos estudos que consideram as mídias como coisas exteriores à nossa experiência e pretendo, em contrapartida, observar aquilo que as pessoas fazem delas e com elas.

É esta maneira de ver que me levou a descobrir e a sublinhar a natureza intersubjetiva de toda atividade narrativa. Ninguém conta histórias para si, mas provocado por outras e tendo em conta a atividade comunicacional na qual está envolvido com outras pessoas. Este texto é apenas um primeiro passo no caminho desta descoberta. Reconheço que, nas ciências da comunicação, está quase todo por percorrer. A razão da minha escolha tem a ver com o facto de a crítica das narrativas dos outros não contribui para o conhecimento da atividade narrativa das pessoas, ao passo que o entendimento da sua natureza e dos dispositivos que as pessoas mobilizam para a realizarem contribui para a descoberta da sabedoria poética da maneira como as pessoas constituem a sua experiência e encontram, em cada uma das circunstâncias concretas da sua existência, a solução das suas aporias.

Referências

- AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000.
- Aristóteles. **Poética**, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000.
- BAKHTINE, Mikhail. **Le Marxisme et la Philosophie du Langage**, Paris: ed. de Minuit, 1977.
- BAR-HILLEL, Yehoshua. **Aspects of Language**, Jerusalem, The Magnes Press, Hebrew University and Amsterdam, North-Holland Publ. Comp. 1970.
- BAR-HILLEL, Yehoshua. **Pragmatics of Natural Language**, Dordrecht: North-Holland Publ. Comp. 1971.

- BENVENISTE, Emile. **Problèmes de Linguistique Générale**, Paris: v.2. Gallimard, 1966.
- BECKER, Beatriz. Media e jornalismo como formas de conhecimento: uma metodologia para leitura crítica das narrativas jornalísticas audiovisuais, in **Matrizes**, v.5, n.2, p. 231-250, 2012.
- CITELLI, Adilson (2010) – Comunicação e educação: convergências educacionais. **Comunicação, Mídia e Consumo**, ESPM, 7, 19.
- CORRÊA, Elizabeth Saad & Bertocchi, Daniela. A cena cibercultural do jornalismo contemporâneo: websemântica, algoritmos, aplicativos e curadoria, in **Matrizes**, v.5, n. 2, São Paulo, p. 123-144, 2012.
- DUCROT, Oswald (1984) – **Enunciação e Referente**, in AA.VV. Enciclopédia Einaudi, vol. 2, páginas 368-393 e 418-438.
- KEARNEY, Richard (2002) – **On Stories**, London, Routledge.
- PERES, Ana Cláudia (2016) – **Narrar o outro**: notas sobre a centralidade do testemunho para as narrativas jornalísticas, in Galaxia, São Paulo, online, nº 31, páginas 92-104.
- RICOEUR, Paul (1991) – **Temps et Récit. 1. L’Intrigue et le Récit Historique, 2. La Configuration dans le Récit de Fiction. 3. Le Temps Raconté**, Essais, Paris, ed. du Seuil.
- RODRIGUES, Adriano Duarte (2005) – **A Partitura Invisível**, Lisboa, ed. Colibri, 2ª edição.
- SACKS, Harvey (1995) – **Lectures on Conversation**, Malden, Oxford, Victoria, Blackwell Publishing.
- SILVA, Gislene (2010) – **Leituras de notícias e imaginário**, in Comunicação, Mídia e Consumo, ESPM, 7, 19.



AS TEMPORALIDADES NA NARRATIVA: um encontro entre a História e o Jornalismo

THE TEMPORALITIES IN NARRATIVE: a meeting between history and journalism

Francilaine MORAES¹
Universidade de Brasília | Brasil
Carolina SOUZA²
Universidade de Coimbra | Portugal

Resumo

Na confluência entre os campos da História e do Jornalismo, o objetivo deste artigo é estudar a temporalidade na História do Tempo Presente. O trabalho investiga como as categorias dos "estratos do tempo" – singularidade, repetição e transcendência (Koselleck, 2014) – se manifestam na narrativa jornalística em meio impresso e web. O corpus abrange reportagens publicadas pela revista Veja referentes aos processos de impeachment presidencial de Fernando Collor, em 1992, e de Dilma Roussef, em 2016. Os resultados da análise revelam que as categorias repetição e transcendência se destacam na narrativa impressa e a categoria singularidade prevalece na narrativa web. Entre outras inferências, isso significa que as narrativas jornalísticas na web reforçam a perspectiva de presentificação temporal, em que o presente se destaca como tempo inacabado.

Palavras-chave

Temporalidade; Narrativa; História; Jornalismo.

Abstract

At the confluence between the fields of History and Journalism, the purpose of this article is to study temporality in the History of the Present. The research investigates how the categories of the "strata of time" - singularity, repetition and transcendence (Koselleck, 2014) - are manifested in the journalistic narrative in print and on the web. The corpus encompasses reports published by Veja magazine regarding the processes of presidential impeachment of Fernando Collor, in 1992 and Dilma Roussef, in 2016. The results of the analysis reveal that the categories repetition and transcendence stand out in the printed narrative and the singularity category prevails in the web narrative. Among other inferences, this means that journalistic narratives on the web reinforce the perspective of temporal 'presentification', in which the present stands out as unfinished time.

Keywords

Temporality; Narrative; History; Journalism.

RECEBIDO EM 03 DE NOVEMBRO DE 2017
ACEITO EM 21 DE NOVEMBRO DE 2017

¹ Doutora em Comunicação pela Universidade de Brasília – UnB (2014). Mestra em Comunicação pela UnB (2004). Graduada em Comunicação Social pelo Centro de Ensino Unificado de Brasília – CEUB (1990). Graduada em Letras pela Universidade de Brasília (1989). Contato: moraesfranci@yahoo.com.br

² Mestranda em Comunicação e Jornalismo pela Universidade de Coimbra, Portugal. Graduada em Comunicação Social (Jornalismo) pelo Instituto de Educação Superior de Brasília. Graduada em História pela Universidade de Brasília (UnB). Contato: cmoraesouza@gmail.com

O tempo na História do Presente

As questões sobre a natureza do tempo foram estudadas por Santo Agostinho no Livro XI de Confissões. Na obra, o autor questiona a si próprio e a Deus sobre as diversas noções de tempo que extrapolam a concepção cronológica e linear do antes, durante e depois. O autor indaga:

De que modo existem aqueles dois tempos – passado e futuro – se o passado já não existe e o futuro ainda não veio? Quanto ao presente, se fosse sempre presente, e não passasse para o pretérito, já não seria tempo, mas eternidade (1973, p. 244).

As questões colocadas por Santo Agostinho, no século IV, ainda suscitam análises e discussões. Nesse debate, ao propor uma teoria do tempo, Koselleck³ (2014) considera a divisão temporal em estratos, constituídos por diferentes durações e origens, passíveis de atuação simultânea. Segundo o autor, os “estratos do tempo” referem-se às formações geológicas que remontam a tempos e profundidades diversas nas quais se diferenciam umas das outras em velocidades divergentes no desenvolvimento da chamada história geológica. Para ele, tal concepção histórica permite perceber os “diversos planos temporais em que as pessoas se movimentam, os acontecimentos se desenrolam e os pressupostos de duração mais longa são investigados” (p. 19).

Ainda de acordo com Koselleck, os estratos podem ser definidos em três categorias determinantes: singularidade; repetição e transcendência. A singularidade se expressa, nos processos históricos, como uma constatação: é o singular e o diferente do hoje que nos atrai sobre o ontem. Além do singular, a História também é feita de estruturas repetitivas que organizam e planejam uma ordem lógica da vida e, inclusive, torna possível a ocorrência

³ Koselleck (2014) ressalta que os tempos históricos devem ser diferenciados dos tempos naturais, embora ambos se influenciem reciprocamente. O tempo natural consiste na contagem do percurso repetitivo do Sol, que remete às medidas temporais dos anos, meses, dias e horas. O percurso natural do tempo foi imposto ao ser humano, ainda que este tenha aprendido a calculá-lo e interpretá-lo. De acordo com o autor, a linguagem do tempo natural é preestabelecida e comporta um sentido incontestável.

de eventos singulares. A transcendência corresponde aos tempos históricos capazes de se estenderem por gerações uma vez que possuem uma explicação na longa duração. Tais categorias permitem “medir diferentes velocidades, acelerações ou atrasos, tornando visíveis os diferentes modos de mudança, que exibem grande complexidade temporal”. (p.22)

A partir da percepção das dimensões temporais (passado, presente e futuro) e suas combinações possíveis, Koselleck (2014) infere que “toda história é história temporal, e toda história foi, é e será uma história do presente” (p.33). As categorias de estratificação do tempo estão inseridas nas combinações das dimensões temporais.

O impacto dos acontecimentos do século XX, com destaque para as guerras mundiais, provocou o desejo incessante de reagir e explicar o presente; acrescido de uma demanda social por esclarecimentos oriunda da aceleração da comunicação e da informação. Koselleck (2006) reforça que foi sob o cenário da aceleração que se constituiu o tempo presente. Ele alega que o século XIX deixou o estudo do presente para segundo plano, renunciando à observação da atualidade, a qual, no século XX, não pôde ser ignorada. É nesse contexto que se consolida a História do Tempo Presente.

A difusão da categoria do tempo presente e sua institucionalização, principalmente na França, é, segundo Pereira (2009), um sintoma da emergência do ‘presentismo’, termo utilizado pelo autor a partir das ideias de François Hartog. O ‘presentismo’, segundo Hartog (2013), é um regime de historicidade que evidencia o presente como fator determinante da/na experiência histórica. Para Hartog, “o presente tornou-se o horizonte. Sem futuro e sem passado, ele produz diariamente o passado e o futuro de que sempre precisa, um dia após o outro, e valoriza o imediato” (p.148).

O presente, assim, mostra-se um campo de probabilidades na história que está em movimento, pois ainda não sabemos seu final. Mediante a noção de presente inacabado⁴, Ricoeur (1995) postula ser possível as previsões e as antecipações para compreender a história em curso. Todavia,

⁴ Ricoeur (1995), ao estudar o passado recente, distingue as posições de um tempo inacabado e um tempo terminado. O primeiro ainda está em curso, exigindo um estudo com antecipações e previsões nos quais os arquivos ainda estão em constituição. Já no tempo terminado, o evento se apresenta cristalizado e um desfecho pode ser definido. Tal discussão se apresenta na obra “Remarques d’un philosophe” (1995).

como seus arquivos estão em processo de constituição, não podemos concluir seu término.

A História do Tempo Presente foi, no século XX, a possibilidade de um “encontro frutífero entre historiadores sedentos de atualidade e jornalistas em busca de legitimidade histórica” (Rioux, 1999, p.119). É nesse encontro entre a História e o Jornalismo que este trabalho se situa e com o qual deseja contribuir por meio do estudo da temporalidade na narrativa jornalística⁵.

História do Presente e Jornalismo

O estudo do tempo na História do Presente adquire contornos peculiares devido à célere difusão das informações, especialmente a partir da popularização da web⁶ e pulverização das mídias.

Castells (1999) entende que o tempo e o espaço na internet são reconfigurados, pois permitem um formato de organização social (sociedade em rede), que altera não só as relações sociais, mas também as concepções sociais de tempo e espaço. Para o autor, a internet gera uma sensação de predominância do tempo presente, no qual se fundem o passado e o futuro. Essa organização é possível graças à possibilidade de as três dimensões temporais (passado, presente e futuro) interagirem entre si em uma mesma mensagem.

No campo do Jornalismo, Canavilhas (2004) explica que a internet traz uma ruptura no tempo colocando no mesmo plano o passado, o presente e o futuro, criando uma compressão do tempo entre o momento do acontecimento e o momento da pesquisa⁷. Passado e presente compartilham a mesma natureza; o passado torna-se presente no tempo da web, pois está disponível a qualquer momento, assim como o presente se torna passado quando transita para o arquivo. Nesse sentido, Palacios (2004) alega:

⁵ Como traço peculiar, que a distingue de outras modalidades, a narrativa jornalística compreende a arte de contar histórias da atualidade. Medina (2003) sintetiza: “O jornalismo faz da narrativa da atualidade sua matéria-prima” (p. 9).

⁶ Internet e web neste trabalho são considerados vocábulos sinônimos em referência à rede mundial de computadores.

⁷ Pesquisa significa aqui a procura pela reportagem ou pelo tema da reportagem que o usuário faz em sites de busca ou nos dispositivos de busca do próprio site do jornal.

Através de uma palavra-chave num motor de busca acede-se à informação de última hora, à de ontem, da semana passada, de há dois meses ou dois anos. Um novo fator para o jornalismo que tem na web a sua primeira forma de memória múltipla e cumulativa (2004).

O autor ressalta que a acumulação de informações e de memórias se torna mais viável e acessível na web em comparação às outras mídias. Dispondo de um espaço virtualmente infindável, a web permite a indexação de informações anteriormente produzidas e armazenadas, por meio da digitalização e do sofisticado sistema de recuperação de dados. É nesse sentido que a memória se apresenta múltipla, instantânea e cumulativa, como refere o autor. Múltipla, pois permite a união entre diferentes modalidades (texto, áudio, vídeo, imagem); instantânea porque oferece ao usuário (produtor e leitor) a possibilidade de ser recuperada rapidamente; cumulativa por alcançar, com facilidade e baixo custo, a indexação de informações.

Outra característica dessa memória, para Canavilhas (2004), é a apresentação de forma contínua e não cronológica, pois “fixa todos os momentos de um acontecimento” (2004). Segundo o autor, a notícia⁸ deixa de ser perecível e ganha, por meio da novidade, uma segunda-vida, na qual passa a constituir uma unidade de memória inaugurando novas propriedades de constituição.

Nesse diálogo, Palacios (2004) salienta que a notícia não apenas se transforma em memória na web, como também é um espaço de discurso para a memória. Segundo o autor, a memória é usada de maneira recorrente, de forma quase natural no relato da atualidade, por meio das comparações, analogias, convites à analogia, construção e desconstrução do presente pelo conhecimento do passado. Os entendimentos ora expostos servem de base para análise e discussão, a seguir.

⁸ Notícia, principal produto do processo jornalístico, é compreendida como “artefato linguístico que procura representar determinados aspectos da realidade” (Souza, 2002, p. 13).

Análise e discussão

Pelo método da análise de conteúdo⁹, este trabalho investiga as categorias dos “estratos do tempo” – singularidade, repetição e transcendência (Koselleck, 2014) – na narrativa jornalística em meio impresso e web. Por esse motivo, foram eleitos para integrar o corpus desta pesquisa dois episódios: o impeachment de Fernando Collor de Mello, em 1992, e o impeachment de Dilma Rousseff, em 2016. Desse modo, as reportagens veiculadas em edições impressas referem-se ao impeachment de Fernando Collor de Mello; as reportagens publicadas na web referem-se ao impeachment de Dilma Rousseff.

Para facilitar a comparação analítica, o corpus foi disposto em dois conjuntos temáticos referentes aos episódios dos impeachments:

1) Manifestações *pró-impeachment*: “A voz das ruas”¹⁰, edição impressa nº 1249 da revista Veja publicada em 26 de agosto de 1992, e “Dilma enfrenta o maior protesto popular da história democrática”¹¹, reportagem publicada no site de Veja em 16 de março de 2015;

2) Votação do impeachment: “Página Virada”¹², edição impressa nº 1255 da revista Veja publicada em 30 de setembro de 1992, e “Câmara aprova processo de impeachment contra Dilma Rousseff”¹³, publicada no site de Veja em 17 de abril de 2016.

Manifestações *pró-impeachment*

A reportagem “A voz das ruas” (meio impresso) trata da atuação da sociedade perante a condução do então presidente Fernando Collor, que durante o mandato (1989-1992) foi acusado de envolvimento em casos de

⁹ A análise de conteúdo é metodologia amplamente utilizada nas pesquisas em Comunicação, principalmente na análise de peças jornalísticas como fontes primárias de pesquisa. A análise de conteúdo, segundo Hecovitz (2007), permite a identificação sistemática de tendências e representações.

¹⁰ Disponível em: <<https://acervo.veja.abril.com.br/#/edition/33293?page=30§ion=1>> Acesso em maio de 2017.

¹¹ Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/politica/dilma-enfrenta-o-maior-protesto-popular-da-historia-democratica/>> Acesso em outubro de 2017.

¹² Disponível em: <<https://acervo.veja.abril.com.br/#/edition/33288?page=8§ion=1>> Acesso em maio de 2017.

¹³ Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/politica/camara-aprova-processo-de-impeachment-contradilma-rousseff/>> Acesso em maio de 2017.

corrupção. O texto da revista Veja menciona a capacidade dos grupos sociais de se organizarem em prol de uma vontade política. Chama a atenção também para o fato de que até então tais grupos eram pouco participativos.

A matéria inicialmente trata do florescimento de uma realidade capaz de alterar a ordem até então vigente, nesse sentido, a temporalidade da peça se insere na categoria singularidade. A reportagem apresenta a categoria repetição, notada em vários exemplos, como no primeiro subtítulo “Sem esperar pelos chamados dos políticos, o povo ocupa as ruas com o negro do luto e agora começa a resgatar o verde-amarelo da Nação”. Desse modo, o povo “resgata” a vontade de lutar em prol de suas vontades e direitos, em um movimento de repetição, que nesse sentido pode ser atribuído aos protestos anteriormente realizados, como as Diretas Já¹⁴. Percepção reforçada na frase: “quando se torna necessário, as ruas se encarregam de resgatar o orgulho e o símbolo da nação”.

Percebe-se a categoria transcendência em conceitos e representações. Noções como nação brasileira¹⁵ e as representações de movimentos sociais e políticos¹⁶ são construídas ao longo do tempo, têm significação e atribuição de sentido, as quais, embora consolidadas, ainda se apresentam em constante construção. Tais conceitos e representações revelam aspectos transcendência no tempo, ou seja, são fenômenos que “ultrapassam os limites do cotidiano” (Koselleck, 2014, p.25).

No subtítulo, “inconsciente coletivo”, a narrativa faz uso da memória e da comparação. Ao citar as diversas manifestações ocorridas no Brasil utiliza

¹⁴ Nos anos 1983 e 1984 ocorreram grandes protestos pelas eleições diretas. O movimento “Diretas Já” destacou-se pela capacidade de reunir milhares de pessoas pelo País em comícios. O processo de abertura democrática impulsionou o sentimento de pertencimento ao sistema democrático. Como apresenta Delgado (2007), “a presença de trabalhadores, estudantes, desportistas, jornalistas, políticos, artistas, intelectuais, clérigos e mulheres nas ruas e nas praças brasileiras correspondeu a um forte protesto contra a ausência de liberdades no Brasil” (p.4).

¹⁵ Fiorin (2009, p.117) explica que a construção da nacionalidade brasileira teve início ainda quando o país era uma colônia, cuja principal referência de representação era o seu monarca. D. Pedro I era português e renunciou ao trono para governar o Brasil. Esta e outras misturas de identidades nas representações sobre identidade brasileira estão presentes em obras como O Guarani, de José de Alencar; Casa Grande e Senzala, de Gilberto Freyre; O cortiço, de Aluísio de Azevedo e outros.

¹⁶ Thompson (1998) alerta para o poder dos movimentos sociais na sociedade inglesa no século XVIII, destacando seus costumes e formas de agir perante as crises e o Estado. Para ele, os movimentos sociais são os germes das mudanças, revitalizações, inovações e configurações presentes e futuras, construídas ao longo de um período. As categorias – agir humano, experiência e relação entre o ser social e a consciência social e como as pessoas se relacionam com o mundo e com o trabalho – explicam as nuances dos sentimentos dos indivíduos sociais em suas experiências de vida.

processos repetitivos da História, expondo o viés cíclico de ocorrência de outras manifestações no País, permitindo a significação pela comparação.

Também é interessante notar que, como explicita o subtítulo, diversas pessoas tiveram “inconscientemente” a vontade de expressar sua indignação vestindo preto. Tal referência ocorre pelo entendimento coletivo da significação do luto e a representação do preto. Este processo de construção da significação só é possível pelo caráter de transcendência da temporalidade na qual se consolidou o conceito e a representação do luto¹⁷.

No subtítulo “protesto e carnaval” mais uma vez se utiliza aquilo que é recorrente, a repetição. A argumentação apresenta que, como em outras manifestações, o brasileiro mistura assuntos sérios com piada, transformando um protesto em um carnaval, lembrando situações ocorridas. Sob este argumento, faz uso da categoria transcendência, ao expor que integra a identidade do brasileiro essa postura, compreensão que requer construção elaborada ao longo do tempo.

Portanto, nota-se que nesta reportagem manifestam-se as três categorias da temporalidade. Todavia, há o predomínio da repetição e da transcendência, especialmente com a função de alicerçar a singularidade, isto é, com a preocupação de explicar e estabelecer a compreensão dos novos acontecimentos.

A reportagem “Dilma enfrenta o maior protesto popular da história democrática” (meio web) trata sobre a reação da presidente, de seus ministros e políticos apoiadores perante à manifestação a favor de seu impeachment. Explica como ocorreram os protestos nas maiores cidades do Brasil e como o governo se organizou para responder à indignação de parte da população com a gestão da presidente petista.

O título, o subtítulo e o lide apresentam tom informativo, com o objetivo de oferecer ao leitor dados numéricos, novas informações e desdobramentos da informação principal. Assim, a irrupção da novidade, peculiar à narrativa jornalística (Medina, 2003), traduz-se aqui no predomínio da categoria singularidade.

¹⁷ Segundo Pastoureau (2014), uma possível explicação para o preto corresponder ao luto e à morte é que estudiosos, a exemplo de Isaac Newton, haviam decomposto a luz e encontrado todas as cores do arco-íris exceto a cor preta.

Ainda que se apresente a categoria repetição na reportagem, como nos trechos sublinhados em “Ministros Rossetto e Cardozo falaram em defesa do governo — reciclando velhas propostas petistas, e sem sombra de autocrítica”; “O Brasil continuava a expressar sua indignação, com painelaços semelhantes ao que recebeu o pronunciamento em rede nacional de Dilma Rousseff há uma semana, no Dia da Mulher”, a reportagem preocupa-se, eminentemente, em oferecer ao leitor novas informações sobre como Dilma e seus ministros reagiram às manifestações.

Nesse sentido, os acontecimentos são relatados sempre como uma irrupção do novo, sendo que sua ocorrência apresenta-se como uma ruptura no percurso do tempo. Desse modo, prevalece a singularidade em detrimento das demais categorias.

Votação do *impeachment*

A reportagem “Página Virada” (meio impresso) destaca a vitória do impeachment de Collor e a relaciona com a vitória da vontade do povo e à celebração na qual se transformou o acontecimento. Trata também das formas de atuação do governo e da oposição para angariar os votos necessários e, ainda, sobre a reação do presidente durante e depois da aprovação do prosseguimento do *impeachment*.

De forma a ditar uma novidade, o texto traz novas informações sobre o ocorrido naquele dia, no entanto, prevalece uma visão analítica sobre o acontecimento. Vale destacar que essa perspectiva é típica do jornalismo de revista¹⁸.

Nessa reportagem, nota-se a mesma tendência observada na reportagem impressa “A voz das ruas”, isto é, uma prevalência das categorias repetição e transcendência. Esta se observa nos trechos “a Câmara escreveu uma página gloriosa em sua história”, “Fernando Collor de Melo é página virada da História Brasileira”. A narrativa busca, ao mencionar

¹⁸ Tavares e Berger (2009) analisam e conceituam a revista como uma publicação impressa de notícias que se diferencia do jornal pelo seu formato, periodicidade, temática e abordagem. Os autores afirmam que esse periódico se caracteriza por uma abordagem mais analítica, que pode ser confirmada pela verbalização de sua palavra – revistar – propondo, assim, exame ou análise dos fatos. Nesse sentido, a revista tem por objetivo opinar, comentar e interpretar.

a história brasileira, conceitos constituídos ao longo de um tempo espaçado e consolidado (transcendência). Também há transcendência no uso do recurso simbólico “cantou-se o Hino da Independência com fervor cívico”, pois envolve um processo que adquiriu o significado de gesto patriótico ao longo do tempo. Outro caso perceptível de transcendência é o trecho “Aos 23 ausentes, a História reservará a pecha de covardes”, que antecipa a construção de julgamento do acontecimento ao longo do tempo: daquele momento até um futuro.

A categoria repetição nota-se, entre outros, no trecho “Do ponto de vista político, a situação de Fernando Collor complicou-se desde que a Alegria, Alegria dos estudantes secundaristas inaugurou uma sucessão de manifestações populares”. O recurso simbólico “Alegria, Alegria” faz referência à música de Caetano Veloso e remete ao tropicalismo, nos anos 1967, e a 1992, em que a música retornou às rádios, pois fez parte da trilha sonora da novela “Anos Rebeldes”¹⁹. As manifestações sociais de 1992, ano do impeachment de Collor, foram iniciadas por jovens secundaristas que entoaram essa canção.

Já a reportagem “Câmara aprova processo de *impeachment* contra Dilma Rousseff” (meio web) relata como foi a votação na Câmara dos Deputados para o prosseguimento do processo de impeachment e também quais foram os argumentos e estratégias pró e contra governo para conseguir os votos necessários. Também no texto destaca-se a continuação do rito do processo que se seguiria após a aprovação e os possíveis motivos que levaram a tantos votos contra a presidente.

Similar à reportagem “Dilma enfrenta o maior protesto popular da história democrática” (v. 3.1), nesta as informações principais referem-se à irrupção do novo no seguimento da narrativa. Os acontecimentos que ganham foco revelam algo não ocorrido no passado. Assim, o relato do acontecimento, aquilo que se destaca como novo ou novidade na narrativa, apresenta uma duplicidade: o rompimento com a lógica do tempo e o reforço da sensação de presentificação. Isso significa, em outras palavras, um prolongamento do presente e a constante sensação de singularidade narrativa.

¹⁹ A novela “Anos Rebeldes”, exibida pela rede Globo, conta a história da relação de jovens com os movimentos políticos e sociais no País no período da ditadura militar.

Considerações finais

Nos conjuntos de reportagens analisados foram observadas as três categorias dos estratos do tempo (Koselleck, 2014). No entanto, as categorias repetição e transcendência se apresentam com mais ênfase nos textos do jornalismo impresso se comparados aos textos jornalísticos na web, em que prevalece a singularidade.

No material impresso, a análise das reportagens sobre o impeachment de Collor, em 1992, revelam que a repetição e a transcendência são usadas como recurso para alicerçar a singularidade. Isso pode indicar uma narrativa voltada à explicação dos acontecimentos. A narrativa apresenta e explica os fatos singulares do presente por meio de referências e comparações com o que ocorreu no passado (repetição), bem como pelo uso de conceitos e representações construídas ao longo do tempo (transcendência).

Nas reportagens produzidas para web nota-se a prevalência da categoria singularidade, com as categorias repetição e transcendência mais diluídas. Nas reportagens sobre o impeachment de Dilma, em 2016, há notícias sobre cada novo acontecimento sobre o caso. Esse fator pode estar relacionado à capacidade da web de disponibilizar o conteúdo em tempo real e sem limites, ao contrário do material impresso, com *deadlines*²⁰ e limitações de páginas. Como coloca Palacios (2010), “[...] na web, dissolvem-se (pelo menos para efeitos práticos) os limites de espaço e/ou tempo que o jornalista tem à sua disposição para a apresentação do material noticioso que produz” (p. 44). Desse modo, com maior fluxo de notícias, sem limitação de tempo e espaço, condensam-se informações dotadas de singularidade.

O maior uso da categoria singularidade indica também uma narrativa focada no presente. Essa particularidade, contudo, não significa que esse modo de narrar desvaloriza o uso da memória e do passado, mas que esses aspectos são organizados em outros formatos. Para ter acesso à memória e ao passado na web, é preciso que o usuário construa um caminho de leitura

²⁰ Para Marcondes Filho (2009), *deadline* é um termo em inglês que significa final da linha, ou último dia para se fazer algo. No jornalismo, o termo se refere ao momento em que o jornal vai para a máquina da prensa. Atualmente, nas redações, *deadline* significa o prazo máximo do fechamento da peça jornalística.

por meio da hipertextualidade²¹. Para Palacios (2010), os textos relacionados (Leia mais, etc), as *tags* e as palavras-chave dos textos estocados nos arquivos e bases de dados dos veículos incorporam elementos de memória na produção do texto.

Assim, pode-se inferir que as narrativas jornalísticas na web reforçam a perspectiva de presentificação temporal estudada pelos historiadores do presente. O texto da web, com suas características de hipertextualidade, multilinearidade e distintos modos de incorporação da memória, incentivam consubstanciar os estratos do tempo em um único espesso presente. Como Hartog (2013) e Ricoeur (1975) observam, o presente se destaca como um tempo inacabado, em que se suprimem – ainda que virtualmente – o passado e o futuro em um processo de frequente transformação, nos quais os arquivos estão em constante constituição.

Referências

- AGOSTINHO, Santo. **Confissões: livro XI**. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- CANAVILHAS, João Manuel. **A Internet como memória**. BOCC: Biblioteca Online de Ciências da Comunicação. Covilhã - Portugal: Universidade da Beira Interior, 2004. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-internet-como-memoria.html>>. Acesso outubro de 2017.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **Diretas-Já: vozes das cidades**. In: FERREIRA, J; REIS, D. (orgs.). *Revolução e democracia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 409-427.
- DOSSE, François. **História do tempo presente e historiografia**. Tempo e Argumento, Florianópolis, v 4, n 1, jan/jun. 2002, p. 5-22.
- FIORIN, José Luís. **A construção da identidade nacional brasileira**. Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso. v. 1, n. 1, p. 115-126, 1º sem, 2009.
- HARTOG, François. **Regimes de Historicidade: presentismo e experiências do tempo**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2013.

²¹ Segundo Moraes e Jorge (2011), o hipertexto é um modo de organização textual que tem como função unir sentidos, pois permite elaborar a relação entre diferentes conteúdos apresentados de forma unificada no espaço digital. Dessa forma, o hipertexto permite que conteúdos produzidos em diferentes momentos estejam unificados em uma única lógica textual, assumindo assim mais de uma temporalidade.

- HERSCOVITZ, Heloiza. **Análise de conteúdo em jornalismo**. In: LAGO, C; BENETTI, M. Metodologia de pesquisa em jornalismo. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2007. p. 123-142.
- KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo**: estudos sobre história. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.
- KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.
- MARCONDES FILHO, Ciro (org). **Dicionário da Comunicação**. São Paulo: Paulus, 2009.
- MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente**: narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus, 2003.
- MORAES, Francilaine; JORGE, Thais. **Gramática Hipertextual**: apontamentos sobre regularidades linguísticas no jornalismo digital brasileiro. Intexto, Porto Alegre: UFRGS, v.1, n.24, p. 103-114, jan-jun, 2011.
- PALACIOS, Marcos. **Jornalismo Online, Informação e Memória**: Apontamentos para debate. Trabalho apresentado no VII Congresso Latino-Americano de Ciências da Comunicação, da Associação Latinoamericana de Pesquisadores em Comunicação (ALAIC), realizado na Facultad de Periodismo y Comunicación da Universidad Nacional de La Plata, Argentina, 2004.
- PASTOUREAU, Michel. **Preto**: a história de uma cor. São Paulo: SENAC, 2014.
- PEREIRA, Mateus Henrique. **A Máquina da Memória**: o tempo presente entre a história o jornalismo. Bauru, SP: EDUSC, 2009.
- RICOEUR, Paul. **Remarques d'un philosophe**. Paris: La Decouvert, 1995. p.35-42.
- RIOUX, Jean-Pierre. **Entre história e jornalismo**. In: CHAUVEAU, A; TÉTART, P (Org.). Questões para a história do presente. São Paulo: EDUSC, 1999.
- SOUZA, Jorge Pedro. **Teorias da notícia e do jornalismo**. Chapecó: Argos, 2002.
- TAVARES, Frederico & BERGER, Chirsta. Revista. In: MARCONDES FILHO, C. (Org.) **Dicionário da Comunicação**. São Paulo: Paulus, 2009. p. 310-311.
- THOMPSON, Edward. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- WOLF, Mauro. **Teorias das Comunicações de Massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.



JORNALISMO, MEDIAÇÕES E REDES: a circulação como objeto emergente¹

LE JOURNALISM, LES MÉDIATIONS ET LES RÉSEAUX: la circulation comme l'objet émergent

Antônio Fausto NETO²

Universidade do Vale do Rio dos Sinos | Brasil

Resumo

O artigo ancora-se em autores clássicos da comunicação e do jornalismo para traçar reflexões sobre a sociedade dos meios e vincular contribuições recentes sobre a sociedade em vias de midiatização a esses contributos clássicos. No centro desta comunicação está a circulação que, na era digital, aflora como uma instância em que o acontecimento produz-se e coproduz-se, afetando sobremaneira as instâncias jornalísticas convencionais, da produção e da recepção. Em sintonia com o tema central do Sinjorp – “Simpósio Nacional sobre o Jornalismo profissional e o ensino universitário na era da convergência”, o artigo propõe um conjunto de questões para pensar a formação universitária, a pesquisa acadêmica e o lugar do jornalista como agente de mediação.

Palavras-chave

Jornalismo; Discurso; Circulação; Acontecimento; Midiatização.

Resumé

L'article s'ancre dans la perspective des auteurs classiques de la communication et du journalisme pour dessiner des réflexions sur la société des médias et relier les contributions récentes sur la société en cours de médiatisation à ces contributions classiques. Au cœur de cette communication se trouve la circulation qui, à l'ère des réseaux, émerge comme un exemple dans lequel l'événement se produit et co-produit, affectant grandement les instances journalistiques conventionnelles de production et de réception. Aligné sur le thème central du Sinjorp – «Symposium national sur le journalisme professionnel et l'enseignement universitaire à l'ère de la convergence», l'article propose une série de questions sur la formation universitaire, la recherche universitaire et la place du journaliste comme agent de médiation.

Mots Clés

Journalisme; Discours; Circulation; Événement; Médiatisation.

RECEBIDO EM 20 DE NOVEMBRO DE 2017
ACEITO EM 05 DEZEMBRO DE 2017

¹ O presente artigo resulta de conferência proferida por ocasião do “Simpósio Nacional O Jornalismo Profissional e o Ensino Universitário na Era da Convergência, Práticas Processos e Produtos”, realizado pelo Programa de Pós-graduação em Jornalismo da UFPB, no período de 20 a 22 de novembro de 2017.

² Doutor em Sciences de La Communication Et de L'information - Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, França (1982). Pós-doutor pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1990). Mestre em Comunicação pela Universidade de Brasília (1977). Pesquisador 1A do CNPq. É autor e organizador de livros como: “O impeachment da televisão” (1995), “O mundo das mídias” (2004) e “Interfaces jornalísticas: ambientes, tecnologias e linguagens” (2011). Contato: afaustoneto@gmail.com

Uma breve Introdução

Tendo em conta o tema que foi proposto, *O Jornalismo como narrativa do presente*, entendo ser necessário retomar as questões que se reportam às condições de exercício da atividade do campo profissional e também da atividade da formação universitária. Nesse contexto, coloca-se como uma das questões de importância o tema da discursividade. Portanto, o jornalismo, enquanto atividade que tem como uma das suas características centrais o problema dos modos de dizer, os seus modos de enunciar para a sociedade.

Começo fazendo uma breve alusão a obras acadêmicas mais ou menos recentes, cujos conteúdos destacam a importância dos meios de comunicação na sociedade. E o faço por uma razão muito simples: para que tenhamos em mente que não estamos inventando a roda. Muitos nos precederam e é importante que tentemos restabelecer para o nosso dia-a-dia, para nossa rotina, para o nosso manual de bordo, as referências de muitas vozes que constituíram, vamos dizer assim, o arcabouço referencial desse trabalho que a universidade faz, que o mercado faz, que os pesquisadores fazem, igualmente.

O sociólogo inglês Antony Giddens chama atenção para o fato de que os meios de comunicação se constituem na sociedade como uma espécie de "porta de acesso" dos cidadãos aos sistemas sociais, operando como elemento redutor de complexidades geradas pelo funcionamento de outras instituições (GIDDENS, 1991). O sociólogo português Adriano Rodrigues, ao escrever sobre a atividade do campo dos *media*, argumenta que uma de suas características centrais se destaca pelo trabalho de superintender as relações entre os demais campos sociais, bem como a sua importância para o que chama de gestão e de regulação da vida social (RODRIGUES, 1996). O historiador e jornalista norte-americano, Robert Darnton, sublinha a autonomia que o campo jornalístico desfruta na construção da noticiabilidade, a qual depende diretamente das atividades que se passam em suas fronteiras, destacando que sua hipótese "jornalismo, toda notícia que couber, a gente publica" (DARNTON, 1990) refere-se ao fato de que lógicas e regras sobre as quais repousa o engendramento da notícia depende mais de referências internas aos meios do que outras que procedam de universos externos.

O semiólogo argentino Eliseo Verón valoriza em suas reflexões a dimensão interacional entre os meios e o tecido social, enfatizando que a mídia jornalística se constitui numa espécie de 'elo' entre ela e as

instituições sociais, e que os jornalistas seriam uma espécie de 'guardião do contato' para assegurar a efetivação de tais vínculos (VERÓN, 2002). Em diálogo com o conceito de agenda, Jean Charron (2004) explica que o protagonismo das mídias jornalísticas não se faz pelos efeitos da *agenda setting*, mas pelo que chama de 'transação de agendas'. Por fim, o sociólogo alemão Niklas Luhmann lembra a dimensão referenciadora que os meios apresentam ao propor que "o que sabemos sobre o mundo, sabemos por causa dos meios de comunicação" (LUHMANN, 2004).

Estes autores vão nos ajudar na reflexão aqui proposta pelo menos por duas razões: em primeiro lugar, como frisado inicialmente, porque as rodas não estão sendo inventadas agora. E em segundo lugar porque estão falando sobre a especificidade da nossa matéria de trabalho, a comunicação social, ao chamar atenção para a competência dos meios em fazer um trabalho que se volta para oferta de mensagens, especialmente aquelas que envolvem o jornalismo. Suas reflexões se situam em um contexto que nomearíamos como o da 'sociedade dos meios'. Ou seja, aquela que se caracterizava pela existência e ação dos meios, enfatizando as estruturas, as funções, as modalidades através das quais os meios teciam e ofertavam 'realidades' para leitura/consumo da organização social. Estamos falando particularmente de estudos que, inspirados em várias 'escolas', apontam a singularidade do campo jornalístico como uma instância mediadora, encarregada da produção sistemática de um intercâmbio entre as instituições e os atores sociais.

Portanto, uma primeira consequência a tirar das afirmações dos atores mencionados é o reconhecimento da especificidade do trabalho tecno-simbólico feito por esta modalidade de comunicação midiática cujos *experts* operam a partir de idealidades próprias, como regras, rotinas, procedimentos, deontologias, etc. Aspectos que, na sociedade dos meios, ainda que fossem também atravessados por contributos de outras instituições, eram manejados nas próprias fronteiras do campo midiático, especialmente a prática jornalística. Ou seja, a complexa transformação do fato em notícia, pressupunha a mediação de técnicas, valores e estratégias que, manejadas por uma atividade mediadora, cuidavam de transformar temporalidades em relatos, em construções que poderíamos chamar de atualidade jornalística.

Os estudos acima indicados estiveram, de alguma forma, preocupados com o problema da autoria, especialmente dos processos observacionais através dos quais 'técnicas de codificação', de várias naturezas, eram ativadas como tentativas de produzir referências sobre a

realidade. Portanto, a transformação do fato em notícia significava a mediação de um processo através do qual o jornalismo apontava modos de falar do real. Tratava-se de uma performance que implicava um procedimento metódico que envolvia, dentre outros aspectos, o problema da narração.

E, neste contexto, vêm à tona várias modalidades de narrativas: a fórmula do *lead*, a do *'new journalism'*, a do jornalismo de autor, a inspirada pelos manuais de redação, e outras tantas, como, por exemplo, as narrativas que resultavam da complexidade da enunciação no ambiente da sociedade em midiatização, conceito a ser tratado logo em seguida. São técnicas que, no sentido largo, estavam associadas a protocolos metodológicos que eram formulados em contextos mais distantes, os das ciências sociais, hermenêuticas e das linguagens. Ou seja, o narrar jornalístico esteve sempre vinculado às questões colocadas também por outras disciplinas, especialmente aquela que interrogava como dizer, como nomear, como ler o real.

Ressonâncias destas disciplinas impregnam o jornalismo atribuindo-lhe as noções de 'quarto poder', 'campo', 'sistema', noções estas que aludem à atividade sistemática feita pelo jornalismo através dos seus especialistas, segundo regras técnicas e princípios éticos-deontológicos-culturais, etc. Para ilustrar, designações são feitas sobre a natureza do jornalista e do trabalho. Dentre estas, a bela imagem sugerida por Mário Mesquita ao nomeá-lo como um trabalhador simbólico (MESQUITA, 2002).

O que desejamos enfatizar é que os processos que organizaram esta longa atividade de nomear o real passam por transformações, algumas delas de caráter interno, mas principalmente aquelas que envolvem a transformação da 'sociedade dos meios' na 'sociedade em vias de midiatização'. Não se trata apenas da transformação do ato observacional que envolve a 'metodologia' jornalística, mas dos efeitos da transformação da 'sociedade dos meios' sobre a 'sociedade em processo de midiatização', efeitos estes que afetam, antes de tudo, a própria organização bem como as discursividades sociais.

O que distinguiria estes dois períodos de sociedade? Em termos didáticos, e de modo rápido: a primeira é caracterizada pela existência dos meios e pela atividade central que estes teriam sobre o tecido social, no sentido de organizar a interação, tematizar assuntos sobre seu funcionamento na gestão e regulação dos tempos e espaços da sociedade. Já a 'sociedade em vias de midiatização' entende-se por aquela na qual se

dá um intenso e extenso processo de transformação de tecnologias em meios, que afetam todas as práticas sociais, ainda que de modo diverso.

Numa e noutra observam-se transformações na própria 'arquitetura comunicacional'. Na primeira, fluxos informacionais centrados em estruturas de um determinado campo – o dos *media* – que operava como um mediador, segundo trabalho dos seus *experts* (os jornalistas), visando à institucionalização de intercambialidades centradas em 'contratos' e competências discursivas. Dizendo de outro modo, as condições que presidiam a codificação jornalística no sentido do trabalho de transformação do fato em acontecimentos passavam, diríamos, de modo exclusivo, pelas ações que seriam tecidas no âmbito deste campo, segundo fatores que impunham a questão do seu reconhecimento, por parte da sociedade.

A noção atribuída à gestão do processo de transformação fato/notícia passava pelo reconhecimento das marcas e emblemas emitidos por este campo, sob determinadas condições. Ou seja, implicava a existência de um determinado ritual que preconizava uma atividade rotineira na sociedade, a partir de âmbitos produtores e da disseminação da informação para outros, cuja espera seria sempre equacionada pelo aparecimento da edição diária do jornal, das emissões de rádio e TV, que guardavam com o leitor, por assim dizer, regularidades de contato e de persistências.

Este longo momento desta sociedade tem a ver com aquele contexto do que se nomeou como o da 'multidão solitária'. Ou seja, as antigas massas e multidões, que na sociedade industrial se constituíam numa espécie de 'coletivo' que não se contactava entre si colateralmente, mas que se vinculava numa relação direta com as tecnologias convertidas nos grandes meios de comunicação de massa. Não é em vão que estas tecnologias foram designadas pelo clássico estudo do sociólogo belga Roger Clause como de 'técnicas de difusão coletiva' porque delas passavam a depender as interações entre as instituições e os indivíduos, especialmente o que ele chamava de 'audiências efetivamente atingidas'.

São tempos em que surgem conceitos correlatos como 'comunicação de massa' e 'comunicação social' para chamar atenção para a existência de um protocolo de comunicação centrado em um processo de irradiação, de emissores institucionais para as multidões, opinião pública, etc, cujos efeitos do seu processo circulatório seriam avaliados por *feedbacks* regulatórios.

Voltando aos autores acima citados: seus escritos se reportam a este momento que nasce bem nos primórdios e avanços da sociedade industrial. Chamam atenção para o surgimento e os efeitos de técnicas que, ao se interporem nas interações entre os indivíduos, inauguram inapelavelmente outras rotinas de contatos, de tempos, sistemas de referenciamento, com a substituição dos velhos pelos novos narradores (BENJAMIM, 1996).

Resulta deste longo processo, o aparecimento dos 'papéis efêmeros': folhetos, almanaques, etc como primeiros meios, que depois dão lugar aos novos meios e seus operadores (jornalistas). Surgem as *gazetas*, os periódicos, o jornal do dia, os meios audiovisuais e, como consequência desta experiência cultural e civilizatória, as redes em irrupção. Tal evolução nos instala na 'sociedade dos meios', aquela configurada pela força da técnica, destaca o jornalismo como um lugar de mediação. Mas é dela que damos um salto qualitativo que parece estar apenas no seu início, que implica a permanência do jornalismo, mas sua imersão em profundas transformações, igualmente, em gestação.

Este longo período nos instala no colo de uma mutação: a intensificação de tecnologias transformadas em práticas de produção, de circulação e de recepção. E, particularmente, a transformação de técnicas em meios. Vivemos este cenário, cuja existência é um pouco superior a 40 anos, tempos que datam o surgimento da internet. Neles desponta a sociedade em vias de midiatização.

Como definição provisória, a sociedade em midiatização é aquela na qual as técnicas de difusão não teriam mais uma centralidade, na forma de meios de comunicação, pelo fato de que cultura, lógicas e operações suscitadas por tecnologias se expandiam para manejo de toda a organização social. As realidades de instituições e atores sociais são permeadas por novos fluxos, transformando a noção de vínculo social bem como dos *feedbacks* regulatórios em outros *feedbacks* complexos e não-lineares.

Transformações afetam a identidade e as fronteiras dos campos sociais cujas interações deixam de construir, de se fazer em velhas deontologias e passam a ser substituídas por injunções tecnomidiáticas. Velhas noções – positivismo e funcionalismo de equilíbrio e de ação social – se veem atravessadas pelas de complexidade bifurcantes, de tal modo que todas as práticas sociais são afetadas por novas formas de contato e de geração de reconhecimentos.

Práticas sociais diversas se acoplam e se interpenetram, segundo entrelaçamentos, fazendo com que campos se desloquem para atividade de circuitos que cuidam de levar adiante sua comunicação tentativa, sem se saber previamente os efeitos. Tais entrelaçamentos de estratégias de pontos de vistas repercutem sobre as condições sobre as quais se funda hoje a noção de referência. Onde estaria a referência, hoje, em contextos nos quais pontos de vista se misturam para constituir a questão da inteligibilidade?

Insistimos um pouco mais a falar sobre a natureza desta etapa da midiatização em processo, para lançar algumas questões sobre seus efeitos sobre o jornalismo, nos dias de hoje. Chamamos atenção para questões que foram lançadas na década dos anos oitenta do século XX, embora suas configurações datem de uma fase mais distante do capitalismo. Lembro o livro que gerou muita discussão – ‘Tudo que é sólido se desmancha no ar’, de Marshall Berman, falecido também em um 11 de setembro, aos 72 anos. Citando Marx, ele destacava a diluição das estruturas consideradas permanente, operada pela reconfiguração produtiva do capitalismo.

Mais ou menos contemporâneo, discutia-se a dissolução dos grandes discursos, do que resultariam em fragmentações e em pequenas narrativas, situando a problemática do pós-modernismo. Momento em que já se aponta para a erosão das estruturas mediadoras, mas também para as transformações das massas em aglomerações, depois coletivos, resultando as pistas de um *neo* individualismo emergente – a do indivíduo apesar dos outros. A este contexto pertence também a obra de Bauman com o enunciado da ‘sociedade líquida’ que funciona como uma excelente metáfora para explicar as lógicas e efeitos do enfraquecimento das estruturas. Conceito que vai muito além das noções daqueles como os de ‘sociedade transparente’, ‘inteligência coletiva’, estas cultivadas nos ambientes das engenharias das redes.

Transformações da sociedade em midiatização sobre o jornalismo

Faremos, de um modo breve, um registro do impacto destas questões sobre o cotidiano da ambiência comunicacional contemporânea, no sentido de ver as articulações, que efeitos da midiatização têm sobre os ‘modos de dizer’ do jornalismo. Antes, porém, insistiremos sobre aspectos que dizem respeito ao cenário da sociedade em midiatização. E, neste caso, chama-se atenção para o fato de que um dos seus principais

impactos tem a ver com a organização estrutural da arquitetura da comunicação.

Se o desenho do processo comunicacional esteve por muitos anos formulado segundo a tríade produção/circulação/ recepção, foi inspirada na teoria funcionalista que foi concebida a problemática da produção de sentidos, em termos de esquemas transferenciais e conscienciais. Tudo repousaria na intenção de um ponto de vista de um autor (a emissão) que se efetivaria nos moldes traçados, na esfera da recepção. Deste modelo, existiriam poucas derivações: o fluxo da comunicação em dois tempos; os usos e gratificações, teorias igualmente funcionalistas que introduziriam um certo tipo de mediador que estaria sempre a serviço do ponto de vista do ator em produção.

Atravessamos muitos anos para constatar que a intercambialidade entre produção e recepção é algo mais complexo do que se dizia, especialmente porque há um desajuste entre P/R³ que não se resolve uma vez tão facilmente segundo apregoava o modelo difusionista, uma vez que ambos lugares trabalham com 'gramáticas' específicas e que, não obstante se contatarem, os sentidos entre elas são distintos, não convergem. Remetem, portanto, a uma abissalidade: a da problemática de um intercambio em desajuste. O modelo funcional e positivista também naturalizou o lugar intermediário, o da circulação, considerando apenas um ponto de passagem entre a E/R⁴ e considerando-a enquanto uma zona de expansão dos signos de E/R. Este modelo orientou por muitos anos práticas de comunicação aplicada, a formação de muitos de nós, o ensino da comunicação e o do jornalismo, sendo também inspirador da noção de *feedbacks* regulatórios...

Em termos mais recentes emergem, inspiradas em epistemologias ternárias, as noções de complexidades, bifurcações, circuitos, etc, via modelos cuja hipótese propõe que processo comunicacional não se faz em torno de uma díade, mas de uma tríade, sendo o terceiro um lugar de articulação entre os dois outros, E/R. Mas não se trata da ideia de fusão entre eles, mas de acoplamentos de complexas articulações entre os dois, que se fazem em torno das diferenças que os reúne, segundo ainda suas lógicas e gramáticas.

Estes modelos ajudam-nos a pensar a complexidade do processo comunicacional, em termos midiáticos, hoje. Ou seja, a relação sistemas institucionais constituídos pelas instituições e os sistemas individuais

³ Aqui o autor utiliza abreviaturas P/R para referir-se aos termos Produção/Recepção.

⁴ Aqui o autor refere-se aos termos Emissão/Recepção.

formados pelos atores, enquanto indivíduos. Trata-se de uma relação de natureza complexa porque reúne dois nichos de produção de sentidos bem diferentes. Diferenças estas que já se manifestam em suas próprias fronteiras-nichos institucionais e os atores sociais de modo geral. Além disso, a circulação deixa de ser apenas uma zona de passagem, na medida em que se desloca para este lugar, agora, a potencialidade da produção dos sentidos dinamizada pelas interpenetrações resultantes da relação entre atores em produção e em recepção.

Não se trata de uma zona limpa, insípida, mas o lugar da produção da diferença entre E/R, uma vez que estas instâncias, carregando suas características distintas, deslocam-se para um novo cenário comunicacional. Este é constituído por outras lógicas, as digitais, originando uma nova dinâmica de circulação, pouco se podendo saber, em termos previsionais, sobre os sentidos e seus efeitos. Trata-se de uma realidade complexa que afasta a linearidade da teoria funcionalista, em um cenário problemático, atravessado por indeterminações.

No contexto da sociedade na qual desponta a internet, a circulação deixa de ser esta região automatizada passando a ser o território que vai acolher uma nova dinâmica interacional, surgindo como uma espécie de campo de batalhas impulsionadas por lógicas diversas, desprovidas de fluxos direcionais. Mas, pelo contrato de multifluxos de muitos para muitos. Neste contexto, a exemplo de outras práticas sociais, aí ingressam também as práticas jornalísticas. Estas ingressam pela força de um novo modo de produção da noticiabilidade e também pela tensão vinda da interação com o mundo dos leitores. Em termos mais amplos, vemos que as condições de acesso ao conhecimento, as práticas sociais e as instituições geradas pela internet têm repercussão nas políticas de geração, controle e disseminação do conhecimento. E também sobre os responsáveis por tais operações.

Os indivíduos têm hoje acesso a dados sobre muitas práticas, tornando-se em espécie de *experts*, à medida que vão gerando auto-informação do seu interesse social (saúde, religião, finanças, segurança, etc). Efeitos também se manifestam sobre o campo jornalístico no que diz respeito ao esmaecimento do trabalho dos seus agentes mediadores. Com o avanço do indivíduo nestes novos circuitos de acesso a dados e de contatos, tem origem uma pseudo-simetria que envolve fontes e leitores. Os processos de produção já não se encontram mais, apenas nas mãos dos jornalistas, uma vez que parte dos dados em apuração são manejados por receptores e pelas fontes. Estas executam o trabalho da

mediação apropriando-se das regras de codificação deste campo conforme aludido acima, na medida em que seus atores vão se apropriando dos métodos e habilidades até então nas mãos dos jornalistas (vide treinamento de *experts* do mundo judiciário).

A circulação é uma zona 'livre', mas tensionada por agenciamentos que não são manejados por *feedback* regulatório, mas por outros de natureza complexa. A direção do acontecimento não se faz mais em meio a uma ação metodológica que previa resultados, produtos e, desta feita, segue circuitos que levam consigo os campos sociais, retirando-os de suas fronteiras e fazendo-os ingressarem em dinâmicas que os entrelaçam em ações interpenetrantes, cujo exemplo didático é a ação metodológica da nomeada Operação Lava Jato. Os acontecimentos outrora circulavam na zona da recepção. Hoje eles são engendrados na circulação, zona que obriga todas as práticas sociais nela ingressarem para enunciar suas políticas de produção de sentidos.

O acontecimento: dos meios à rede

Vamos apontar alguns registros que vivemos recentemente, nos quais se mostra que a produção do acontecimento se dá na contramão do modelo tradicional. Ou por assim dizer no cenário da circulação. De modo breve, recordemos o caso William Waack. Sua fala emitindo opinião racista foi capturada por uma operação que não estava dentro de seu contexto estrito midiático, mas na grande ambiência da midiatização onde estão instalados todos os elos de contatos e endereçamentos para novas paragens, aqui entendidas como os horizontes ilimitados da circulação; prossegue na circulação, cuja dinâmica gera e leva o acontecimento adiante, desdobrando-o em circuitos e bifurcações fora do controle unilateral de quaisquer mapas, enquanto referenciais.

O vídeo entra em vários circuitos e marcas da circulação e o acontecimento se faz em ato, segundo marcas do tempo presente: num fluxo de 7 horas, o jornalista é retirado do circuito; caso atinge quase que uma dimensão planetária. Títulos de algumas matérias destacam o cenário da circulação, em tempo real, como operador do acontecimento: O G1 aponta para a própria temporalidade do momento na qual o fato se encontra: "A Globo está afastando o apresentador de suas funções devido ao que passou hoje a circular na internet" (G1 – 8/11/2017).

Pouco ou quase nada serve para arquivos, pois o caso circula e se desdobra em circuitos diversos, fora de qualquer ação de *gatekeepers*, fora de um controle linear. Por onde passa, ele vai se desdobrando em

bifurcações que vão gerando novo fato e assim sucessivamente. Dinâmica que não aponta nenhum cenário de previsibilidade sobre o seu estancamento. Ganha *status* de acontecimento segundo as lógicas da cultura digital que vão transformando o objeto imediato em objeto dinamizado pelo trabalho da produção de sentidos.

O acontecimento é paciente de muitas leituras: o *site* da Fórum anuncia que 'caso de WW vai parar na capa de Veja' (10/11/2017). Ao chegar por lá o *YouTube* em depoimento presencial, e em termos assertivos, aponta o lugar onde, por um certo momento, o acontecimento desembarcou: 'está bombando na internet vídeo em que o âncora do Jornal da Globo William Waack começa a xingar as pessoas que começam a buzinar na rua' (10/11/2017). Ao fazer o seu desembarque no acontecimento, VEJA avalia as possíveis causas que geram, em última análise, o afastamento de Waack, ao modalizar afirmativamente, em sua matéria de capa: "O poder fulminante das redes sociais" (15/11/2017).⁵

Transformações da mediação

O exemplo reforça a constatação de que "estamos diante de novas modalidades de circulação dos discursos sociais que vão tomando forma nestes últimos anos como resultado do funcionamento da internet" (Verón, 22-20). A circulação deixa de ser uma 'zona de passagem' para ser transformada num ambiente de interpenetrações discursivas entrelaçando lógicas, valores, ideias, gerando realidades mescladas e não específicas.

Quando pensamos os cenários interacionais que envolvem instituições midiáticas e seus consumidores, na esfera da internet, devemos lembrar que o acesso das pessoas aos serviços ofertados passa por clivagens, e uma delas – que nos parece importante – é o fato de as práticas interacionais se fazerem em torno de lógicas diferenciadas, as dos nichos tecnodigitais e as do mundo da vida, por parte dos indivíduos.

⁵ O próprio William Waack, em entrevista dada ao Estúdio Veja, a qual foi veiculada no Youtube, em 15 de janeiro último, refletiu sobre a perda de controle dos meios de comunicação, dos processos de produção e veiculação. Veja o que ele disse a esse respeito em dado trecho da entrevista: "...na era digital, que nem existia quando comecei na TV, há mais de 21 anos, as grandes empresas estão sendo desafiadas por grupos organizados nas redes sociais, que contestam um papel que foi incontestável, de guardiães da verdade objetiva dos fatos. Não importa o que as pessoas digam nas redes sociais, havia uma referência à credibilidade dos meios de comunicação, e exatamente essa credibilidade, esse papel de guardiães está sendo questionado". A íntegra da entrevista pode ser conferida em < <https://www.youtube.com/watch?v=3ZgxcEYGEjU> > consulta em 22 de outubro de 2017.

Entretanto, dissemina-se a crença de que o acesso é irrestrito e gera intercâmbios simétricos, argumento que vai enfraquecendo as mediações. Até porque estas também se transformam pela força de novos protocolos. Marcas do desaparecimento das mediações já podem ser observadas quando descrevemos as rotinas da produção jornalística, na atualidade. E também quando examinamos os processos formativos de jornalistas, nos defrontamos com novos desenhos metodológicos sobre os protocolos de atuação, alguns dos quais preconizam os efeitos destes novos cenários.

A isso se soma o fato de que efeitos da crença segundo a qual estreitamento de contatos entre instituições e as pessoas seria suficiente para o surgimento de intercambialidades simétricas, certeza que leva o abandono da pesquisa e de processos observacionais mais profundos. Isto afeta também a cultura jornalística e dois exemplos parecem pertinentes para o que aqui se aponta: Neste ano, um fato interno ao mundo do *New York Times* atinge divulgação planetária: o jornal anuncia o fim do *ombudsman* sob alegação de que as relações dele com os leitores poderiam ser feitas, de agora por diante, diretamente pelo jornal ou então, pelo que chamou de um 'clube do leitor'. O jornal põe fora de cena o *ombudsman* como um dos sólidos argumentos instituídos pela cultura do jornalismo em termos de organização empresarial, como possibilidade de construção de vínculos mais estáveis com o leitorado.

Um segundo acontecimento diz respeito ao anúncio da enfermidade da falecida esposa do presidente Lula: o primeiro informe, de caráter não oficial e firmado em termos extremamente graves – foi gerado via *whatsapp*, por uma médica, dentro de uma unidade clínica de um hospital, onde D. Marisa Letícia estava sendo atendida. O fato ganhou o mundo das redes sociais, via compartilhamentos pelo *whatsapp*, e foi dinamizado por um outro médico, sem nenhum vínculo com o caso e que deu a ele outras repercussões, desencadeando comentários de várias naturezas. Tudo à deriva das autoridades institucionais-hospitalares que cuidavam do caso.

Um terceiro exemplo mostra outra modalidade do desaparecimento das mediações em favor de ações comunicacionais entrelaçando lógicas judiciais, midiáticas e policiais, como aqui já mencionado o modelo comunicacional da Operação Lava Jato. Apesar da especificidade de o fato ter uma problemática jurídica, seu engendramento se faz a partir de articulações de operações midiáticas. Apesar de o juiz ser o operador principal, algumas de suas ações estão subordinadas às temporalidades de tecnologias de mídia. Por exemplo, o interrogatório somente tem efetividade quando câmeras e microfones são acionados para o deslocar

do acontecimento da esfera da inquirição para diferentes meios de comunicação.

Há um ano participava de um seminário sobre 'Crime, Liberdade de Imprensa e Democracia', do qual tomava parte também um procurador integrante da equipe da Operação Lava Jato. Para exemplificar a maturação destas articulações de saberes e de conhecimentos de campos diferentes, ele afirmava que os procuradores costumavam se submeter às atividades de *media training* para enfrentar as condições de anunciabilidade dos fatos relativos àquela operação. E que, de fato, um dos grandes desafios significava compreender as diferenciações entre lógicas das mídias e as lógicas jurídicas. Também lembrava que pessoalmente ele costumava auxiliar jornalistas nas questões jurídicas que se apresentavam em suas notícias, mas com o devido cuidado de não alterar seus textos.

Como pensar a temática desta conferência diante das questões:

1) da constatação de que o paradigma digital já está no coração do [nosso] ofício de jornalistas?

2) da atividade das *Fake News* que despreza a importância da referência como um componente altamente indispensável para se prover a vida de inteligibilidades que exige?

3) do empoderamento de redes que levam à polarização?

4) do surgimento do ambiente da pós-verdade que tira de cena as estruturas mediadoras como instâncias de produção de interpretações caucionadas pelo reconhecimento de *experts*?

5) de uma irrupção enunciativa pela qual todos podem falar, opinar e dizer sobre todos, e afirmam ao mesmo tempo poder prescindir das mediações porque já podemos tudo e sabemos tudo?

Concluindo

Duas perguntas para nos ajudar a construção de um até breve. Estando todos na ambiência da midiatização, como sua configuração afeta as rotinas do nosso ensino e aprendizado, considerando a importância deste novo cenário comunicacional bem como a especificidade do lugar acadêmico como lugar suscitador de questões? De que lugar devemos desenvolver processos observacionais que nos ajudem a compreender a mudança do paradigma comunicacional? De quais ferramentas devemos lançar mão, apenas às que descrevam os fenômenos, ou outras pelas quais certificamos de modo afirmativo o que vem sendo de alguma forma, apontado como questões naturalizadas?

Sem dúvida, trata-se de uma realidade complexa e cuja dinâmica requer pesquisa, experimentos, escolhas de pontos de observação que nos afastem das certezas, posições de oferta, e igualmente das aporias dos usuários. O desafio parece ser o ingresso no território da circulação e tentar a compreensão do seu funcionamento levando em conta que as lógicas de oferta e de recepção – instituições e de atores – devem ser pesquisa da perspectiva de estratégias que se interpenetram. Estratégias que nos mostrem e descrevam como estas lógicas se misturam... deixando rastros e marcas de interações tentativas.

Talvez este esforço artesanal nos leve ao acesso de cenários que nos proporcionem uma elaboração mais nova, menos repetitiva, portanto mais provocativa do que vem como já certificado. Lembremos que, a exemplo dos objetos, as teorias têm também os seus modos de existência e de insistência. Alguns deles estão colados aos ambientes políticos e epistemológicos, onde são pensados. Outros podem vir à tona pela nossa forma e inventividade. Pela força de perguntas que podem ser geradas no ambiente acadêmico devidamente situado. Do contrário, corremos o risco de cristalizarmos as lembranças deixadas pelos caixeiros-viajantes que deixaram apenas, rastros do engano e da falácia.

Referências

- BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- BRAGA, José Luiz (et al.) (orgs.). **10 perguntas para a produção de conhecimento em comunicação**. São Leopoldo: Unisinos, 2013.
- CARLÓN, Mario. **Después del fin: una perspectiva no antropocêntrica sobre la post-tv, el post-cine y youtube**. Buenos Aires: La Crujía, 2016.
- CHARRON, Jean. Los Medios y las fuentes. *In* **Comunicación y política**. (orgs) Gilles Gauthier; André Gosselin; Jean Mouchon. Barcelona: Gedisa. 1998.
- DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- ECO, Umberto. **De la estupidez a la locura: Crónicas para el futuro que nos espera**. Montevideo: Lumen, 2017.
- FAUSTO NETO, Antônio. **Comunicação e mídia impressa: Estudos sobre a Aids**. São Paulo, Hacker, 1999.
- GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GOMES, Pedro Gilberto. **Dos meios à midiatização**: um conceito em evolução. São Leopoldo: Unisinos, 2017.

LUHMANN, Niklas. **A realidade dos meios de comunicação**. São Paulo: Paulus, 2005.

MESQUITA, Mário. A personagem jornalística, *As Ciências da Comunicação na Viragem do Século*, Comunicação e Linguagens, Lisboa, **Veja**, 2002.

MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (org.). **O Jornal**: da forma ao sentido. Brasília: Paralelo 15, 1997.

RODRIGUES, Adriano. **Dimensões pragmáticas do sentido**. Lisboa: Cosmos, 1996.

SIMONDON, Gilbert. **Comunicación e información**: cursos y conferencias. Buenos Aires: Cacuts, 2015.

VERÓN, Eliseo. **El cuerpo de las imágenes**. Buenos Aires: Norma. 2004.

VERÓN, Eliseo; FAUSTO NETO, Antonio; HEBERLÊ, Antônio Luiz (orgs.).

Pentálogo III: **Internet**: viagens no espaço e no tempo. Pelotas: Editora Cópias Santa Cruz, 2013.



NOTÍCIA E *FAKE NEWS*: uma reflexão sobre dois aspectos do mesmo fenômeno da mutação, aplicada ao jornalismo contemporâneo

NEWS AND *FAKE NEWS*: a reflexion about two aspects of the phenomenon of mutation, applied to contemporary journalism

Thaís de Mendonça JORGE¹
Universidade de Brasília | Brasil

Resumo

Este artigo traz o conceito de mutação das ciências biológicas para o jornalismo e tenta mostrar como os métodos da natureza podem ser vistos dentro do campo das notícias. A notícia seria assim um organismo passível de ser observado no próprio ambiente e no convívio com os correlatos, podendo ser classificado em tipos ou categorias de acordo com as características que apresenta. Nesse caso, as chamadas *fake news* podem ser enquadradas como um fenômeno da mutação incidindo sobre as notícias, embora não sejam notícias em seu sentido estrito, mas se disfarçam como tal para enganar o público. O termo mutação no jornalismo serve, então, não só para compreender as alterações na notícia, como também para analisar o entorno social e midiático. Isso envolve, na moldura do *newsmaking*, a maneira como os produtos são elaborados e a cultura que subjaz à organização dos jornalistas e das empresas jornalísticas tradicionais, dentro de um contexto de pós-modernidade tardia, onde as instituições são questionadas, a hierarquia de apresentação dos dados é discutida e a própria busca de informação pelo usuário parte de critérios de independência e personalização.

Palavras-chave

Mutação; Jornalismo; Notícia; *Fake News*; Convergência.

Abstract

This article brings the concept of mutation from the biological sciences to journalism and tries to show how the methods of nature can be seen within the field of news. The news would thus be an organism that can be observed in the environment itself and in the conviviality with its correlates, being able to be classified in types or categories according to the characteristics it presents. In this case, the so-called fake news can be framed as a phenomenon of mutation focusing on the news, although it is not news in its strict sense, but is disguised as such to deceive the public. The term mutation in journalism serves not only to understand the changes in the news, but also to analyze the social and media environment. This involves, in the context of newsmaking, the way in which the products are elaborated and the culture that underlies the organization of journalists and traditional journalistic companies, within a context of late postmodernity, where institutions are questioned, the hierarchy of presentation of the data is discussed and the user's own search for information is based on independence and personalization criteria.

Keywords

Mutation; Journalism; News; Fake News; Convergence.

RECEBIDO EM 08 DE AGOSTO DE 2017
ACEITO EM 13 DE SETEMBRO DE 2017

¹Doutora em Comunicação pela Universidade de Brasília – UnB (2007). Pós-doutora pela universidade de Navarra, Espanha. Mestra em Ciência Política pela UNB (1994). Professora da Faculdade de Comunicação (FAC) – UnB. Publicou inúmeras obras, como: Manual do foca: “Guia para a sobrevivência dos jornalistas” (2008) e “Notícia em fragmentos: Análise de Conteúdo no Jornalismo” (2014). Contato: thaismendonca@gmail.com

Introdução

A notícia, principal produto do jornalismo, está, mais uma vez, sob contestação e suspeita. Embora não sejam um fenômeno recente, entram em cena – alimentadas pelo ambiente digital – as chamadas *fake news*, ou falsas notícias. Seriam as *fake news* notícias? É verdade que o jornalismo segue uma trajetória de transformações por conta de inovações tecnológicas e esse processo, como sabemos, não começou hoje. Nas últimas décadas, após passar pelas etapas de (a) transposição das notícias a espaços na internet – os websites; e (b) pelo desenvolvimento de novos produtos para a tela eletrônica, os veículos impressos, líderes na veiculação de notícias ao público há mais de dois séculos, iniciaram uma nova etapa de mudanças, com as redes sociais e a participação do leitor. Isso obrigou as empresas de mídia, como integrantes de um aparato industrial, a se adaptar a um novo conceito de convergência de meios, em que se unem vários modos de produção, para distintas plataformas, resultando em diferentes conteúdos.

Muitos autores falam em mutação no ambiente midiático sem conceituar o que é mutação. Alguns usam o vocábulo no sentido de "transformação" ou "conjunto de alterações". Pretendemos trazer o conceito das ciências biológicas para o jornalismo, e tentar mostrar como os métodos da natureza podem ser vistos dentro do campo das notícias. A partir desta apropriação, passamos a ver a notícia como organismo passível de ser observado no próprio ambiente e no convívio com os correlatos (os demais gêneros textuais/ jornalísticos, inclusive as *fake news*), podendo ser classificado em tipos ou categorias de acordo com as características que apresenta.

Propõe-se então o termo mutação no jornalismo, não só para compreender as alterações na notícia, como também para analisar o entorno social e midiático. Isso envolve, na moldura da teoria do *newsmaking*, a maneira como os produtos são elaborados e a cultura que subjaz à organização dos jornalistas e das empresas jornalísticas tradicionais, dentro de um contexto de pós-modernidade tardia, onde as instituições são questionadas, a hierarquia de apresentação dos dados é discutida e a própria busca de informação pelo usuário parte de critérios de independência e personalização.

Este artigo examina as mudanças provocadas pelas novas tecnologias no contexto social como um dos elementos da ampla e brusca

revolução que também incide sobre a notícia e os demais produtos do jornalismo. Em analogia com a mutação biológica, o estudo utiliza termos e conceitos da Genética para sugerir uma forma de entender e explicar por que processos passa a notícia ao se transferir para a tela eletrônica, que efeitos isso provoca no produto em si, na maneira de realizá-lo e na compreensão de sua presença na sociedade como um bem simbólico universal. Entende-se, sobretudo, o jornalismo como uma narrativa do presente, na qual é preciso mergulhar para compreender as implicações de todo o fenômeno que o uso das tecnologias digitais está provocando na prática do jornalismo.

Segundo o dicionário inglês Cambridge (2018), *fake news* são "histórias falsas que parecem ser notícias e são difundidas na internet ou em outros meios, criadas para influenciar opiniões políticas ou como piada". O dicionário também alerta que uma preocupação em relação às notícias falsas é sobre seu poder de mudar resultados eleitorais. Outros autores não têm dúvidas em equiparar as *fake news* a boatos, informação falsa ou propaganda disfarçada de notícia autêntica. As notícias falsas podem aparecer isoladamente, como *posts* difundidos em serviços de mensagem instantânea – como o *WhatsApp*, *Telegram* e *Instagram* –, ou sob a forma de websites, numa tentativa de confundir ou convencer pessoas acerca de informações inverídicas relacionadas a candidatos à campanha eleitoral, artistas e personagens notórios, ou até pessoas comuns. Entretanto, para Lins e Silva (2017), *fake news* não é um bom conceito. "A notícia falsa pode ser uma notícia incorreta, mal apurada, mal escrita. Estamos falando aqui é de notícia fraudulenta, intencionalmente produzida com o objetivo de obter algum determinado fim, político ou não", reflete o pensador.

Mutação no jornalismo

Alguns anos atrás, Fidler (1997, p. XV) viu a ocorrência de mudanças no jornalismo digital como um processo de "midiamorfose", definida como "transformação dos meios de comunicação provocada pela complexa interação de necessidades percebidas, pressões competitivas e políticas, inovações sociais e tecnológicas". No processo central da midiamorfose, cada forma de comunicação, submetida a pressões externas e atingida pelo impacto de inovações tecnológicas, seria afetada por um intrínseco processo de auto-organização. "Assim como as espécies evoluem para melhor sobreviver num ambiente mutante, também as formas de comunicação e empresas de mídia estabelecidas o fazem",

reconheceu Fidler, para quem os novos meios não surgem espontaneamente, porém, emergem da metamorfose dos velhos. Se o ato de vir à luz parece repentino, isso é apenas aparência para quem está de fora: as invenções são, na verdade, gestadas em laboratório durante anos. Sem considerar a midiamorfose uma teoria, mas um “modo de pensar a evolução tecnológica dos meios de comunicação”, o autor (FIDLER, 1997, p. 23-25) propôs que todos os fenômenos envolvidos nesse complexo fossem analisados em conjunto, como partes de um sistema interdependente, a fim de observar as similaridades e relações entre passado, presente e formas emergentes. Esta parece ser uma indicação positiva e é o que seguiremos neste estudo.

Torres e Américo (In: DÍAZ NOCI; SALAVERRÍA ALIAGA, 2003, p. 52-54, 60) falaram em metamorfose comunicativa e estrutural. A primeira se refere aos usos do canal. A estrutura comunicativa da rede é mutante em termos de usuários, canais e mensagens e por isso os traços estruturais, como a interatividade, difíceis de definir, admitem múltiplas leituras: “O jornalista se transforma, na rede, no novo trovador digital”, dizem as autoras, falando de um personagem que disporia de informação sempre no ar, atualizações a toda hora e que teria a possibilidade de participação no processo. O que as autoras chamam de metamorfose estrutural seriam os fluxos de tráfego de informação através da internet. A natureza híbrida da rede teria implicações no consumo e na produção jornalística, sendo responsável por novos formatos e por alterações nos processos de apuração e edição do material.

Sem deixar de levar em conta essas análises, consideramos que o que ocorre em relação à mídia não é uma metamorfose já que, ao contrário da lagarta que se transforma em borboleta porque nasceu para isso, na história das mídias nada indica que elas virarão novos seres. No caso dos produtos midiáticos, eles não portam o germe da transformação nos seus corpos virtuais: só vêm a sofrer mutação porque ela é provocada por fatores externos, que se desenvolvem no próprio contexto em que estão inseridos. Desse modo, também no jornalismo, as velhas formas não morrem – ainda estão em processo de mutação. O que ocorre nesse processo de mudança seria uma mutação real, com fenômenos encadeados: em ambiente de aparente caos, com muita influência externa e fronteiras fluidas, formas estão sofrendo alterações para se adaptar aos novos meios.

Investigando o jornalismo praticado pela indústria cultural, aquele típico do capitalismo avançado, Samária Andrade (2015, p. 112-113) denominou mutações às "grandes transformações em relação ao conceito clássico de jornalismo", notadamente "um jornalismo que tende a ser menos crítico e mais pragmático, menos próximo do conceito de informação relevante e de interesse público, e mais próximo da ideia de entretenimento e prestação de serviços".

Para identificar mutações no jornalismo, Ringoot e Utard (2005, p. 37, 41, 44) dizem que é preciso ter como postulado que ele é homogêneo, o que não acreditam ser verdade. "As mudanças (...) são resultado de uma dinâmica própria à prática jornalística", asseguram, afirmando que os objetos do jornalismo são dispersos a priori e, "paralelamente, a dispersão jornalística apreende a diversidade e a mutação das formas jornalísticas como traços constitutivos modulares, mais que como desvios da norma". Díaz Noci e Salaverría Aliaga (2003, p. 19) consideram que o texto e a bidimensionalidade do suporte papel são "reduções comunicativas" e creem que a comunicação evolui por fases etapas isoladas e independentes. A irrupção de um novo estágio não significaria o rompimento com o anterior; a presença cumulativa de outros fenômenos poderia acrescentar novos modelos culturais.

Ora, todas essas reflexões sobre as transformações no jornalismo nas últimas décadas abordam o tema da transição, com os conceitos aí implicados: o tempo, os câmbios súbitos e as alterações nos sistemas internos de produção de notícias. Abrangem também uma preocupação com a sociedade, cenário e ambiente onde se dão as transformações. Em seu livro "Du papyrus à l'hipertexte. Essai sur les mutations du texte et de la lecture²", Vandendorpe (1999, p. 249-250) arriscou-se a fazer previsões num campo mais amplo. Antes da virada do século XX, previu que a mutação na internet iria permitir ao usuário gerir a massa textual e juntar os textos recolhidos na Web "em ambientes significativos", sob a forma de "cadernos virtuais fáceis de ler e manipular". Em tom premonitório, que antecipava o sucesso dos *e-books* e *tablets* nos dias de hoje, o autor dizia que a difusão do texto na rede mundial deveria acentuar ainda mais a ruptura do texto com o autor e o contexto da escrita, "devolvendo sua autonomia e liberdade". Ele já via um crescimento do indivíduo com o que chamava "escritas do eu", consubstanciando-se no retorno à subjetividade na escrita, perdida desde que as pessoas deixaram de escrever diários

² Do papiro ao hipertexto. Ensaio sobre as mutações do texto e da leitura (tradução nossa).

domésticos, agora recuperada com os aplicativos de mensagens instantâneas, as redes sociais e os blogs. Vandendorpe anteviu uma preponderância da forma sobre o conteúdo, onde a linguagem seria mera coadjuvante para as imagens. O autor refletia sobre uma “coexistência dinâmica de meios” – o que hoje batizamos de convergência midiática – culminando no nascimento de novos objetos de leitura e novas formas de expressão.

Examinamos neste artigo o conceito de mutação na Biologia, apontamos padrões, classes e categorias possíveis de mutação e, no curso desta reflexão, investigamos e exploramos a possibilidade de empregar o termo mutação na definição de gêneros jornalísticos, bem como no esclarecimento dos processos de produção da notícia e nas alterações da cultura organizacional, dentro da indústria informativa, num entorno globalizado. Poderíamos dizer que a "teoria" da mutação no jornalismo é capaz de explicar até o recrudescimento de *fake news* nos dias de hoje, como uma decorrência e uma extensão do conceito aplicado à contemporaneidade.

Notícia, organismo vivo

“Mutações é uma repentina e aleatória mudança no material genético de uma célula, podendo provocar diferenças nela e em outras células derivadas dela, em aparência ou no comportamento em relação ao tipo normal” (CONCISE DICTIONARY..., 1990, p. 161). Um organismo afetado por uma mutação é chamado de mutante. Mutações seria a alteração permanente de um ou vários caracteres hereditários, que surge de maneira espontânea ou provocada por vários agentes, podendo ocasionar perda ou adição de elementos ao corpo original do indivíduo. Pode ser uma “mudança de extensão restrita ou moderada, que representa uma fase típica na evolução gradual de um organismo”. Mutações acontecem espontaneamente na natureza e são resultado de um processo de milênios. Também podem ser induzidas (EHRlich; HOLM; PARNELL, 1974). Numa mutação, ocorreriam mudanças: a) no estado (sólido, líquido, gasoso); b) na composição (substâncias e produtos); c) nas propriedades (características de cor, cheiro e solubilidade); d) na energia (energia é a capacidade de fazer o trabalho). Em nossa hipótese principal, a notícia é um produto cultural vivo, cujo DNA teria começado a se formar ainda na pré-história. Seu DNA é a informação, cujos elementos básicos (os cromossomos) seriam os fatos. A

mutação da notícia do papel para o ambiente virtual teria derivado, nesta hipótese, primeiro do hipertexto (HT) e de toda a revolução tecnológica que permitiu unir em rede textos sequenciados, acompanhados de imagem e de som, para uso múltiplo e comum. O HT foi a peça central nesse processo de mudança que atingiu a notícia e alterou-lhe a aparência, os valores, o modo de produção e transmissão das informações, permitindo a interatividade e a multimídia.

A notícia teria começado no jornalismo oral, com os primeiros relatos do homem das cavernas – antes ou depois dos desenhos na pedra. Propagou-se com os pregadores e jograis, desenvolveu-se no jornal impresso e veio encontrar a tecnologia da informação e das comunicações. Seria o texto na internet mais uma mutação da escrita – como viu Chalus (In: FEBVRE; MARTIN, 1992, p. 9-10³) -, dando sequência às transformações que começaram na Grécia, evoluíram com o suporte papiro/ pergaminho/papel, adequaram-se às formas de impressão, e chegaram à tela do computador? No caso do presente estudo, desdobramos a pergunta: estaria a notícia no meio digital sofrendo mais uma mudança, em seguimento à mutação dos processos de transmissão de informações ao longo do tempo? Naturalmente, não foi apenas a forma física que se modificou, como também o meio social, os atores e os processos culturais atuaram sobre ela, fazendo com que alterações tenham sido absorvidas pelo corpo de origem, e a notícia como forma de transmissão, comunicação, conhecimento seja hoje bem diferente do tempo das cavernas.

A má notícia e a notícia falsa

Nos primeiros séculos depois de sua invenção, os jornais ofereciam textos opinativos, interpretativos: os episódios eram analisados à luz de tendências ou linhas de pensamento defendidas pelos intelectuais, dentre eles os jornalistas. A burguesia emergente precisava de meios para divulgar suas ideias, a ideologia de livre iniciativa e os pressupostos liberais. Enquanto a Revolução Industrial modernizava as máquinas, proporcionando o aumento das tiragens no caso dos periódicos e atraindo a população do campo para as cidades, uma grande pressão elevou a demanda pela alfabetização. Assim, a imprensa evoluiu do sensacionalismo (a então chamada *yellow press*, a *penny press* norte-americana) – para um ideal de imparcialidade, objetividade, veracidade –,

³ Chalus compara a invenção da escrita às “emergências” dos biólogos e indaga: “Essa transformação do manuscrito em livro impresso não será uma outra ‘mutação’?”

princípios herdados do realismo (nas Belas Artes e na Literatura) e do positivismo que, junto com a defesa de uma imprensa livre, se espraíram pelo mundo.

O sensacionalismo pode ser definido como o “jornalismo das sensações” ou o tipo de texto que explora as emoções humanas, chegando mesmo a extremos. Grande parte da chamada imprensa sensacionalista ou popular vive dos títulos chamativos, que apelam mais aos nervos que à racionalidade de possíveis leitores que se deixam impressionar pelo binômio sangue e sexo. O conteúdo desses veículos costuma ser qualificado pelas pessoas comuns como “má notícia”.

São, em geral, notícias que partem de dois dos mais fortes valores-notícia mapeados pela teoria do jornalismo: morte e gênero. O valor-notícia é um conjunto de características que desperta a atenção, provoca o interesse ou confere relevância a determinados fatos (BRIGHTON; FOY, 2007). Pode-se dizer que os valores-notícia atingem o público pelas emoções, mas são eles que ajudam na seleção dos fatos; fazem parte do “ritual estratégico” dos jornalistas (TUCHMAN, 1978, p. 41), para tornar mais ágil e eficaz a seleção, edição e publicação; e, afinal, são eles que regem as pautas e o trabalho de apuração do repórter em campo. Porém, Gans (2004, p. 39) diz que “como outras disciplinas empíricas, a notícia não se limita a fazer julgamentos da realidade; ela também contém valores, afirmativas preferenciais (...) Por baixo das notícias, há uma figura de nação e de sociedade ideal”. O que para os leitores é uma “má notícia”, para a imprensa capitalista e tomando-se a notícia como mercadoria que é vendida todos os dias, não o é. Má notícia vende.

Trajectoria das *Fake News*

Se má notícia vende, vende mais ainda na internet, quando se combina com outros valores-notícia como impacto e proximidade, mais ainda quando envolve algum personagem famoso (valor-notícia notoriedade). E aqui passamos a abordar uma outra categoria de “notícia” que se vale de características da rede mundial de computadores – como a efemeridade, a não-identificação de autores e o grande poder de amplificação das mensagens – para se difundir: são as chamadas *fake news*. Notícias falsas são um tipo de informação veiculada em formato de notícia (ou propaganda) e distribuída em sites e nas mídias sociais. *Fake news* é um neologismo que se espalhou e designa o conteúdo

propositadamente enganoso, e que se vale do formato notícia para influenciar pessoas.

Em 1772, o reverendo Henry Bate fundou na Inglaterra o jornal *The Morning Post*, em sua maior parte, feito de notícias falsas. Em 1784, esse jornal divulgou a notícia inverídica de que um prostituto prestava serviços a Maria Antonieta: "A rainha francesa tem afeição pelos ingleses. De fato, a maioria de seus favoritos procede desse país; mas quem mais prefere é o senhor W. É sabido que esse cavalheiro tinha sua carteira vazia quando chegou a Paris e, no entanto, agora leva uma vida cheia de elegância, bom gosto e moda. Mantém suas carruagens, seus uniformes e sua mesa sem economizar gastos e com todo o esplendor" (DARNTON, 2017).

Depois de uma trajetória em Roma e em Paris, a produção de notícias falsas ou comprometedoras da reputação de outrem dominou Londres, no século XVIII, fazendo com que os jornais aumentassem a circulação: era a explosão dos tabloides. Segundo Darnton (2017), em 1788 a cidade tinha 10 jornais diários, nove semanários e oito que saíam três vezes por semana. As notícias muitas vezes não passavam de um parágrafo. "Os homens do parágrafo se inteiravam das fofocas nos cafés, escreviam algumas frases em um papel e o levavam aos impressores (...) Alguns gazeteiros recebiam dinheiro pelos parágrafos". Outros se divertiam em manipular a opinião pública, como hoje.

No abalo sísmico no México, em setembro de 2017, um surto de *fake news* eclodiu durante as escavações para encontrar sobreviventes na Escola Enrique Rebsamén. Jornais locais divulgaram informações de que haveria uma menina de 12 anos, que se chamaria Frida Sofía (2017), entre os escombros, e que ela teria mexido a mão e pedido água. Alguns dias depois a Marinha mexicana foi obrigada a se desculpar e desmentir a notícia. Assim como Monchito, personagem inventado durante o terremoto do México de 1985, Frida Sofía nunca existiu. Recentemente, a vereadora carioca Marielle Franco⁴, morta em atentado no Rio de Janeiro, sofreu uma série de imputações à sua honra pelas redes sociais, inclusive com fotos falsificadas. Muitas pessoas acreditaram no conteúdo divulgado e o replicaram.

A má notícia e a *Fake news* estão colocadas lado a lado porque, em geral, as notícias falsas se referem a fatos negativos a respeito de alguém ou a acontecimentos que não se passaram em realidade. Entretanto,

⁴ A parlamentar foi assassinada a tiros no bairro do Estácio, em circunstâncias misteriosas, no dia 18 de março de 2018.

ninguém duvida de seu potencial de estrago. Empresas como o Google e *Facebook* vêm sendo acusadas de facilitar a disseminação de notícias falsas. O Google bloqueou conteúdo falso de sua rede e o Facebook tem anunciado um grande esforço para identificar esse material (LEVIN, 2017). Tanto as más notícias quanto as notícias falsas colocam questões deontológicas aos jornalistas da pós-modernidade, fazendo com que voltemos às antigas definições de notícia. O que é notícia, em um tempo em que os usuários chegam a elas por ferramentas de busca, a leem em sites de mídias sociais ou a recebem em seu celular?

Nosso ponto de vista é o de que as mudanças no conceito, na forma de encarar e se relacionar com a notícia podem ser incluídas num mesmo complexo. A mutação no jornalismo seria um fenômeno que se manifesta de forma súbita tendo por trás um desenvolvimento sub-reptício para o qual concorre uma multiplicidade de fatores, dentre eles os fatores tecnológicos e sociais. O jornalismo não é uma atividade que siga uma linearidade na história, mas a notícia, principal produto do jornalismo, seria o corpus onde a mutação pode ser melhor observada. Por sua própria natureza como objeto construído a partir da realidade, ela acompanha o contexto social, histórico, político e econômico e se submete ao *environment*.

A noção de mutação se aproxima dos estudos sobre o comportamento de seres vivos complexos em meio a processos de câmbio. As espécies vivas evoluem para sobreviver aos ambientes. Assim também a notícia e seus subgêneros. Alguns desaparecem – como o ancestral artigo de fundo –, outros transmutam-se, ou seja, formam novas espécies por meio de outras, e mostram interessante capacidade de sobrevivência, como os folhetins, transformados em séries e novelas de TV. Outros gêneros estão surgindo, causados por novas mutações: a extinção completa das edições em papel e a integração das redações.

Como reconhecer a mutação

Como reconhecemos uma mutação? Segundo nossa hipótese, podemos registrar a mutação no mundo mesmo que estamos vivendo: a notícia se adapta ao meio cibernético. Usando o parâmetro da Biologia, uma mutação se reconhece quando somos capazes de observar: 1) como se modificam as propriedades, a composição, a apresentação do produto; 2) como se alteram as expectativas na inter-relação com o público; e 3) como mudam os valores envolvidos. Ou seja, de que modo acontecem as

alterações: a) no estado; b) na composição (novos produtos); c) nas propriedades (características); d) na energia (capacidade de realizar o trabalho).

O texto jornalístico no meio digital, como gênero específico dos cibermeios, continua a ter a notícia como pilar importante. Com a chegada das tecnologias da informação e da comunicação, todo o contexto socioeconômico foi objeto de uma transformação significativa –, que incidiu sobre o discurso periodístico, tendo nos produtos midiáticos a prova mais cabal. Uma mutação verdadeira teria se dado, por exemplo, quando veículos deixaram a fase de *shovelware* (transposição de conteúdos) e passaram a ser formatados especialmente para a rede, e quando a imprensa tradicional começou a criar produtos específicos para o espaço virtual. Os gêneros jornalísticos não alcançaram a internet pura e simplesmente sem modificações. Todos eles – desde a nota comum até a pirâmide invertida – passaram por uma mudança vertical, completa e radical, convertendo-se em dígitos e oferecendo outras maneiras de acesso às informações, por meio do hipertexto.

Ainda obedientes à nossa analogia com as Ciências Naturais, podemos esboçar alguns padrões por meio dos quais a mutação no jornalismo se verificaria. De acordo com o padrão e as características da mudança, a mutação pode ser real ou não. Por exemplo, a mutação é verdadeira quando a transformação é visível: novos gêneros, como novas formas de entrevista e flashes, que saltaram da TV para as telas de notícias. De outro lado, uma falsa mutação acontece quando há mudança de um campo para outro, sem alterar características, no caso do meio impresso que transporta conteúdo à internet, ou usa conteúdo idêntico em outra plataforma. Não houve uma mutação verdadeira, mas mera transposição.

Entre as mutações verdadeiras, imaginamos algumas categorias ou classes de mutação:

- a) mutação social – implica uma nova relação com o público. A notícia passa a ser buscada na tela, o público envia relatos. A notícia nas redes sociais é uma importante mutação social que acontece hoje, mas como é sujeita à sociedade, pode mudar de novo, não se podendo prever quando haverá uma próxima mutação;
- b) mutação pontual – é resultado de uma alteração localizada, por exemplo, na adoção do modelo da pirâmide invertida e na apresentação gráfica da notícia;

c) mutação categórica – é uma mutação radical e pode implicar mudanças culturais; ocorre no ambiente das redações, com o novo *modus faciendi*.

No passado, a notícia era uma espécie de produto de propriedade exclusiva dos trabalhadores em comunicação, os jornalistas. Eles selecionavam o tipo de informação a ser veiculada, empacotavam-na de acordo com um código de apresentação (e de ética), e comercializavam o produto como o melhor para o leitor. Atualmente, experimenta-se mais um tipo de jornalismo: o jornalismo participativo, que transforma a antiga relação hierárquica dos *newsmakers* com a informação. E não só neste ponto o texto da notícia registrou modificações: também na maneira de “ir ao ar”, de mostrar-se conforme a vontade do público. Além disso, mutações internas, não-previstas, atingiriam o gênero textual em si e a forma da notícia nos sites, blogs, no Twitter e no Facebook, e nos telefones celulares.

Podemos acrescentar mais um tipo de mutação, a mutação convergente, que observamos em duas ocasiões: a) nos informativos para dispositivos móveis (*tablets* e *smartphones*), que a rigor não podem se enquadrar no critério de jornal tradicional; e b) nas *fake news*. Enquanto os primeiros utilizam as características do suporte –, geolocalização, taticidade –, para se amoldar ao leitor, as notícias falsas, de um certo modo, empregam idêntico mecanismo: fazem-se passar por notícias para seduzir o usuário. Desse modo, a mutação convergente da Genética tem seu exemplo também no território do jornalismo. Ela acontece quando um ser imita outro. Entretanto, na natureza, isso acontece geralmente para fins de sobrevivência.

Desafios para a mídia e a sociedade

Giner (ERBSEN et al., 2013, p. 108-9) alinhou três desafios para as organizações jornalísticas hoje: 1) evoluir de empresas monomídia para turbinas de informação; 2) promover a integração de redações; e finalmente 3) “repensar e reinventar os modelos editoriais dos produtos impressos para se adaptar à nova paisagem multimídia”. Essas são tarefas, alertou Giner, que envolvem todos os jornalistas de um veículo, pois eles têm que refletir primeiro sobre seu papel na engrenagem. Para ilustrar o que os usuários querem da indústria informativa, o autor usou uma metáfora vigorosa: “Eles estão bebendo informação diretamente da

manguieira, mas o que querem de nós é o `jornal do dia seguinte´ (*day after newspaper*) – numa taça de champanhe”. Assim Giner traduziu o desejo dos leitores por “atraentes pacotes informativos multimídia”.

As pitonisas midiáticas acertaram ao sinalizar uma espécie de mutação no modo de consumir notícias, provocadas por alterações no comportamento dos leitores. Só erraram ao imaginar que esses leitores voltariam ao “passado analógico” de forte ligação com os meios de comunicação tradicionais. Não há fidelidade no mundo digital. Arrese (in ORIHUELA, 2012, p. 47) aplicou a teoria darwiniana da evolução ao percurso do papel ao virtual e identificou fenômenos de “desaparição” e “sobrevivência” entre os novos e velhos meios, entre os modelos de negócio tradicionais e modelos de negócio digitais.

Segundo Arrese, “essa espécie de seleção natural pela qual o novo substitui o antigo – ou ao menos o que não se adapta às novas regras – é o que permite falar de `mediassauros´, de novos ecossistemas informativos ou de `evolução´ nos sistemas midiáticos”. O autor agrega a essa ideia o conceito de síntese de Hegel, que defende como “tão potente quanto o de Darwin de evolução” para entender o atual impasse a que estão submetidos os *medium*. De acordo com Hegel, “nos processos de desenvolvimento e câmbio, cada novo estado surge como solução das contradições inerentes ao movimento anterior”. As mudanças aconteceriam pela resolução de fenômenos que agem no circuito de tese (revolução), antítese (conflito) e síntese (estado).

Conclusões

Salaverría (2006, p. 147-154) afirma que no ciberjornalismo, as notícias têm o papel de protagonistas – “Não há jornalismo sem notícias”. Encontrar-se-iam, porém, condicionadas pelo novo contexto digital. Os gêneros jornalísticos (reportagem, nota, notícia, etc.) continuam a cumprir as funções tradicionais: atuam como modelo para quem escreve e como horizonte de expectativas para quem lê. Avançando, podemos indagar: qual é o modelo ao compor uma notícia para um *blog*, *website*, *smartphone* ou *tablet*? O que pode esperar o usuário? Pelo fato de ainda não termos um modelo consolidado nem um contrato de leitura (ou consumo) virtual, o novo meio se apropria dos padrões antigos, os absorve, os converte ou os recicla e os subverte, como é o caso das notícias falsas.

Este artigo tentou ver as mudanças causadas pela tecnologia na sociedade dentro do contexto da revolução digital que atinge a notícia e o

jornalismo, como profissão produtora de conteúdos simbólicos. Também foram ensaiadas categorias para classificar as alterações, na hipótese de que esses seriam fenômenos possivelmente ligados a uma mutação na notícia. Utilizando os termos da Genética, sugerimos uma forma de entender a notícia, quando ela se transfere à tela digital. Vimos a mutação como uma ocorrência que se manifesta de forma rápida, porém derivando de todo um desenvolvimento anterior. No corpo da notícia poderiam ser observadas reações que advêm das mudanças tecnológicas. Pela própria natureza do produto-notícia, ele acompanha o contexto social, histórico, político e econômico e reflete as mudanças no ambiente.

Por consequência, se tomarmos a mutação como fenômeno que atua também sobre o jornalismo, indícios apontariam para novas alterações nos dias atuais:

- alteração repentina: introdução dos smartphones, invenção do iPad, pressupondo vários processos anteriores;
- envolvimento afetivo: o cenário, o entorno de mudanças chega até o social;
- influência na vida dos usuários: o público se mostra sensível às mudanças no jornalismo, para o bem ou para o mal;
- geração de novos produtos: para atender à clientela, a comunicação se desdobra em múltiplas formas, juntando som e imagem, recursos de geolocalização e de customização;
- câmbio cultural: com a velocidade da interconexão, não apenas o modo de produzir a notícia muda, como ainda a maneira de consumi-la;
- estrutura da notícia: o corpo e a apresentação sofrem alterações estruturais, mas não a essência do jornalismo, que é informar, lutar pelo direito à informação como quesito democrático.

O uso que está sendo feito dos aparelhos celulares e tabletas eletrônicas como instrumento de consumo de notícias nos aponta que estaria em curso uma nova mutação verdadeira, prevendo grande transformação no produto jornalístico apresentado nessas plataformas num futuro que já está presente. Todavia, pode-se ver que a indústria de notícias está se preparando para implantar um relacionamento com os usuários que foge à ideia de gratuidade que vigorou na primeira fase da

internet e deve abandonar em breve a falsa mutação do mero transporte de conteúdo para outras plataformas, partindo para novos produtos pagos.

E isso pode implicar uma *mutação social* no que diz respeito ao público, como também uma *mutação categórica* no modo de fazer jornalismo, com câmbios nas rotinas produtivas que terão muito a ver com modernos conceitos de gestão da empresa informativa, onde as redações deverão funcionar como unidades processadoras de informação para uma plateia cada vez mais exigente e cidadã. No bojo desta revolução, viriam várias alterações permanentes (reportagens audiovisuais como *Snow Fall*⁵, baseadas em novas narrativas transmídias); espontâneas (guiadas pelo desejo do público segmentado); restritas ou moderadas (novos gêneros).

Ao mesmo tempo, algumas das mutações secundárias já podem ser sentidas em nosso dia a dia. O jornalista parece estar se transformando cada vez mais no "trovador digital" mencionado por Torres e Américo. A notícia não precisa mais ser comprada na banca da esquina, o que gera consequências físicas – caminhamos menos – e sociais: não temos que nos relacionar com ninguém, nem dar "bom dia", para captar "as novas", o que altera o "ambiente de serviços" de que falava McLuhan. Também seria uma mutação secundária, embora extremamente importante, a volta à oralidade e à portabilidade do relato noticioso em dispositivos móveis, o que ocasionará novas mutações culturais.

Segundo Darwin (2000), a evolução envolve três etapas: a) o DNA de um organismo muda ou sofre mutação; b) se a alteração trazer benefícios ao organismo, ele se reproduzirá e a mutação será multiplicada; c) à medida que mutações acontecem, novas espécies são formadas. Em nossa hipótese, vimos como a notícia sofre mutações históricas e sociais ao longo do tempo; algumas dessas alterações tendem a provocar mudanças no corpo da notícia, como é o caso da notícia na tela digital. Outras espécies podem desaparecer por um mecanismo de "seleção natural"; novos gêneros jornalísticos já estão surgindo a partir das mutações verificadas desde que a notícia se transportou aos cibermeios. Num terreno minado por produtos que se fazem passar por notícias, identificá-las é um trabalho que se torna urgente no currículo de educação midiática ou educação para a mídia. No jornalismo –, como prática e como

⁵ A famosa reportagem do New York Times de 2012 ficou conhecida como um modelo de multimídia. BRANCH, J. Snow Fall. The Avalanche at Tunnel Creek. The New York Times, 2012. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/projects/2012/snow-fall/index.html#/?part=tunnel-creek>>. Acesso em: 12 out. 2017.

profissão –, as mudanças poderão ser ainda mais intensas nos próximos anos.

Referências

- ANDRADE, Samária Araújo de. **Jornalismo em mutação**. Estudo sobre a produção de conteúdo na fase do capitalismo avançado. Teresina: Edufpi, 2015.
- ARRESE, Ángel. **(R)evolución digital**. Darwin o Hegel. In Orihuela, José Luis. 80 claves sobre el futuro del periodismo. Madri: Anaya, 2012.
- BRANCH, John. Snow Fall. The Avalanche at Tunnel Creek. **The New York Times**, 2012. Disponível em:
<<http://www.nytimes.com/projects/2012/snow-fall/index.html#/?part=tunnel-creek>>. Acesso em: 12 out. 2017.
- BRIGHTON, Paul; FOY, Dennis. **News Values**. London: Sage, 2007.
- CAIRO, Alberto. In Orihuela, José Luis. Las cosas que no cambian. In: **80 claves sobre el futuro del periodismo**. Madri: Anaya Multimedia, 2012.
- CAMBRIDGE English Dictionary. **Fake news**. Cambridge: Cambridge University Press. Disponível em:
<<https://dictionary.cambridge.org/us/dictionary/english/fake-news.>>. Acesso em: 28 set. 2017.
- CHALUS, Paul. Apresentação à edição francesa. In FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henry-Jean. **O aparecimento do livro**. São Paulo: Umesp/ Hucitec, 1992.
- CONCISE Dictionary of Biology. Mutation. **Oxford**: Oxford University Press, p. 161, 1990.
- DARNTON, Robert. **A verdadeira história das notícias falsas**. Disponível em:
<https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/28/cultura/1493389536_863123.html>. Acesso em: 30 ago 2017.
- DARWIN, Charles. **A origem das espécies e a seleção natural**. Curitiba: Hemus, 2000.
- DÍAZ NOCI, Javier; SALAVERRÍA ALIAGA, Ramón. (coords.) **Manual de redacción ciberperiodística**. Barcelona: Ariel, 2003.
- EHRlich, Paul; HOLM, Richard; PARNELL, Dennis. **The Process of Evolution**. New York: McGraw Hill, 1974.
- ERBSEN, Claude; GINER, Juan; SEÑOR, Juan; TORRES, Marta. **Innovations in Newspapers World Report 2013**.
- FEBVRE, Lucien. **O aparecimento do livro**. Apresentação à edição francesa. São Paulo: Umesp; Hucitec, 1992.
- FIDLER, Roger. **Mediamorphosis**. Understanding New Media. Thousand Oaks: Pine Forge Press, 1997.

'FRIDA SOFÍA' faz México reviver drama 'inventado' de menino soterrado no terremoto de 1985. **BBC**, 22/9/2017. Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/internacional-41356181>>. Acesso em: 22 set. 2017.

GANS, Herbert. **Deciding What's News**. Evanston, Illinois (EUA): Northwestern University Press, 2004.

GINER, Juan. The "day after newspaper". In Erbsen, C.; Giner, J.A.; Señor, J.; Torres, M. **Innovations in newspapers world report 2013**.

LEVIN, Sam. *Facebook promised to tackle fake news*. But the evidence shows it's not working. **The Guardian**, 16 mai. 2017. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/technology/2017/may/16/Facebook-fake-news-tools-not-working>>. Acesso em: 30 ago 2017.

MANUÍLA, Alexandre. **Dicionário Médico Medsi**. Rio de Janeiro: ed. Médica e científica, 2003.

ORIHUELA, José Luis. **80 claves sobre el futuro del periodismo**. Madri: Anaya Multimedia, 2012.

RINGOOT, Roselyne; Utard, Jean-Michel (dir.) **Le journalisme en invention**. Nouvelles pratiques, nouveaux acteurs. Rennes (França): Presses Universitaires, 2005.

SALAVERRÍA ALIAGA, Ramón. **Redacción periodística en internet**. Pamplona (Espanha): Universidad de Navarra, 2006.

SANTO CAOS. CJR Brasil. **News Literacy no Brasil**. Relatório de evento, set. 2017.

TORRES, Elvira García; AMÉRIGO, María José Pou. Características de la comunicación digital. In Díaz Noci, Javier; Salaverría Aliaga, Ramón. (coords.) **Manual de redacción ciberperiodística**. Barcelona: Ariel, 2003, p. 49-79.

TUCHMAN, Gay. **Making News**. A Study in the Construction of Reality. New York/ London: The Free Press, 1978.

VANDENDORPE, Christian. **Du papyrus a l'hypertexte**. Essai sur les mutations du texte et de la lecture. Paris: La découverte, 1999.

WEBOPEDIA. *Fake news*. Disponível em: <<https://www.webopedia.com/TERM/F/fake-news.html>>. Acesso em: 28 out. 2017.

PRODUÇÃO DE SENTIDO E EFEITOS DE PROTAGONISMO NA COBERTURA DE UM JORNAL LOCAL: análise de narrativas

MEANING PRODUCTION AND PROTAGONISM EFFECTS IN A LOCAL NEWSPAPER COVERAGE: narrative analysis

Marcos Fábio Belo MATOS¹

Universidade Federal do Maranhão | Brasil

Resumo

Este artigo tem a intenção de analisar a produção noticiosa, no jornal O Progresso, de Imperatriz-MA, sobre a implantação da Fábrica Suzano de Papel e Celulose na cidade. Trata-se de uma pesquisa com aporte metodológico assentado no levantamento bibliográfico e no cotejamento do corpus do jornal, feito de um recorte de 46 matérias, entre notícias e reportagens (das 213 que o jornal publicou nessa fase), relativas a 37 manchetes sobre a implantação da empresa, entre os anos de 2011 e 2014, cobrindo todo o período de construção da planta industrial, até a sua apoteótica inauguração. A intenção era analisar a narrativa que o jornal construiu para este acontecimento, destacando nela os engendramentos que as empresas de assessoria de comunicação (tanto da Suzano quanto do poder municipal e ainda do estadual) acionaram, com o fim de narrar positivamente essa instalação, redundando em uma produção de sentido bastante favorável à identidade empresarial da Suzano, na cidade, região e estado.

Palavras-chave

Assessoria de comunicação; Jornal O Progresso; Produção de sentido; Suzano.

Abstract

This article intends to analyze the news production in the newspaper O Progresso, from Imperatriz-MA, about Suzano Pulp and Paper Factory's settlement in the city. The research used a methodological contribution based on literature review and the collating of a corpus composed by a selection of 46 articles from the newspaper, including news and reports (from the 213 published by the newspaper in that moment), which included 37 headlines about the company's settlement, between 2011 and 2014, covering the whole period since the industrial plant construction until its grand opening. The intention was to analyze the narrative built by the newspaper for that event, highlighting the formulations actuated by communication office companies (both from Suzano and the municipal government, and even from the state government) to positively narrate this settlement, resulting in a very favorable meaning production to Suzano's business identity, in the city, region and state.

Keywords:

Communication Office; O Progresso Newspaper; Narrative Meaning; Suzano.

RECEBIDO EM 14 DE SETEMBRO DE 2017
ACEITO EM 12 DE OUTUBRO DE 2017

¹ JORNALISTA, pós-doutor em comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Mestre em comunicação e cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Graduado em Licenciatura em Língua Portuguesa. Especialista em Língua Portuguesa pela Faculdade Athenas Maranhense (FAMA), Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo pela UFMA e Licenciado em Língua Portuguesa pelo CEFET-MA. Contato: marcosfmatos@gmail.com.

Introdução

Este artigo faz parte de uma pesquisa maior, intitulada “O Papel do Progresso”, em que fazemos um esforço para compreender como foi representada, midiaticamente, a implantação da Fábrica Suzano de Papel e Celulose, na cidade de Imperatriz, a segunda maior do estado do Maranhão. Todo o processo de implantação dessa fábrica durou, exatamente, três anos: de março de 2011 a março de 2014 e, nesse período, ela ocupou, com bastante profissionalismo e positividade identitária, a cartografia comunicacional local e da região.

A pesquisa gerou já quatro outros trabalhos², que versaram sobre diversos aspectos, relacionados à produção de sentido, mediação e estratégias de comunicação corporativa do processo de implantação. Neste artigo, nosso interesse é analisar o caráter narrativo da produção noticiosa sobre a implantação da Suzano em Imperatriz, buscando entender de que forma a empresa foi representada nessa ação narrativa, que sentidos essa “narrativização” gerou e que estratégias foram efetivadas para a construção da imagem midiática dela.

Para tanto, nosso percurso metodológico vai se centrar em um levantamento bibliográfico que dê conta de buscar fundamentação sobre a narrativa como instrumento do processo jornalístico, a história da Suzano na cidade e os engendramentos comunicacionais que auxiliaram a implantação da fábrica. Também será feita uma análise do corpus, levantado no início da pesquisa (em 2015), quando realizamos a coleta de todas as matérias que foram publicadas em **O Progresso** (edições impressa e digital) sobre a implantação da Suzano, o que redundou em um conjunto com 213 matérias, dos mais variados gêneros jornalísticos: notícias, reportagens, notas opinativas em colunas temáticas, publicidade institucional, artigos de opinião (SOUSA; MATOS, 2016), distribuídas pelos anos de 2011, 2012, 2013 e 2014 (até março). A ideia desta análise é

² Os trabalhos gerados foram: “O Papel do Progresso: uma Análise da Presença da Fábrica Suzano de Papel e Celulose em O Progresso” (2016); “O leitor invisível: análise da presença do leitor no material publicado sobre a implantação da fábrica Suzano papel e celulose, no jornal ‘O Progresso’ e em blogs informativos de Imperatriz-MA” (2016); “O papel do progresso: operações de mediação sobre a implantação da Fábrica Suzano Papel e Celulose, na mídia de Imperatriz-MA” (2017) e “Quem fala, quem cala: a produção de sentido sobre a implantação da fábrica Suzano papel e celulose em Imperatriz, no jornal ‘O Progresso’” (2017).

coletar textos que levem a desvelar os fragmentos do percurso narrativo empreendido pela empresa, na construção da sua identidade corporativa – a que foi oferecida aos leitores de **O Progresso** nos três anos que durou a construção da gigantesca fábrica. Por fim, a materialidade informativa será analisada à luz dos teóricos escolhidos para essa ação analítico-metodológica.

A Suzano Papel e Celulose em Imperatriz: mídia e visibilidade

A Suzano Papel e Celulose chegou a Imperatriz num cenário de muita expectativa. Não por acaso, ela foi alardeada efusivamente na imprensa local, regional e até nacional, pois se tratava da “segunda maior [empresa] do mundo”, como afirmou, em reportagem, o jornal **O Progresso**, na edição de 29 de março de 2011 – esta a primeira matéria que abre o “percurso” de implantação da fábrica e que informava sobre o início das atividades no canteiro de obras.

Os números que a empresa ostentou pela imprensa eram grandiosos: produção de 1,5 milhão de toneladas de celulose por ano; mil empregos diretos somente na fase de construção da planta industrial; cerca de 7 mil empregos indiretos na fase da construção; duzentos hectares de área construída e quatro mil metros quadrados de área total ocupada pela fábrica. Outros números que a empresa já possuía também forjaram a sua identidade como gigante industrial³. É com esse capital identitário e simbólico que a Suzano chega para se instalar em Imperatriz e o utiliza como matéria-prima para construir a sua narrativa na mídia local.

Talvez seja interessante nos perguntarmos: qual a cartografia comunicacional de Imperatriz, quando da chegada da Suzano? As

³ A Revista Época Negócios publicou, em 06 de novembro de 2015, uma reportagem sobre a empresa, em que constavam alguns dados numéricos e, juntando-os com dados do site da própria Suzano, pode-se compor o seguinte quadro: a Suzano é o maior grupo do segmento de papel e celulose na América Latina. Mantém três distribuidoras: no Brasil, na Argentina e na Inglaterra. Possui laboratórios em Israel, na China e no Brasil. A sua capacidade anual de produção de celulose de eucalipto foi de 2,98 milhões de toneladas e a de papel, de 1,3 milhão de toneladas, em 2014. Suas plantações de eucalipto, que é o fornecedor da celulose, estão espalhadas, no Brasil, por sete estados (São Paulo, Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, Maranhão, Piauí e Tocantins), o que equivalia, no final de 2015, a cerca de 1 milhão de hectares de áreas plantadas.

empresas de assessoria de comunicação que trabalhavam para a Suzano (pela pesquisa, foram identificadas três: uma própria; uma terceirizada da própria cidade de Imperatriz; e uma terceira, de Teresina-PI) tiveram que construir um percurso de negociação para publicização com dispositivos midiáticos diversos: dois jornais impressos (**O Progresso**, que atuava com edições diárias, sendo o mais tradicional da região tocantina, com mais de 40 anos de existência e já consolidado no cenário local e até da região sul-sudoeste do Maranhão e o jornal **Correio Popular**, fundado em 2011 e que, em 2013, encerrou as atividades e a divulgação no formato impresso (ALMEDA, et al, 2014), retornando recentemente, em versão apenas digital, sendo distribuído via *Whatsapp* para cerca de 35 mil leitores); 7 emissoras de televisão, representantes das principais redes nacionais (TV Mirante, canal 10 - Rede Globo; TV Difusora Sul, canal 7 - SBT; TV Capital, canal 5 - Rede TV; TV CRC BAND, canal 4 - Rede Bandeirante; TV Nativa, canal 13 - Rede Record; TV Anajás, canal 16 - Rede Vida e TV Tocantins, canal 21 - Rede CNT); 10 emissoras de rádio, frequências FM e AM; duas revistas de noticiário tipo "Celebidades"; dezenas de *blogs* com cobertura local, sobretudo com enfoque em questões políticas; e dois *sites* com noticiário regular (Imperatriz Notícias e Dominuto). Convém informar que toda essa "mídiósfera" divulgava informação local diariamente e que, por razões óbvias, a Suzano era pautada com muita assiduidade⁴.

No que tange ao trabalho de construção de fluxo jornalístico das assessorias para o jornal **O Progresso**, verificamos que estas tiveram um espaço bastante significativo, pois, das 46 matérias publicadas no período que estudamos, nada menos de 32 delas (69,56%) eram, explicitamente, assinadas como textos de assessoria, sendo assim distribuídas: 09 matérias assinadas pela ascom da prefeitura de Imperatriz; 08 pela ascom da secretaria de comunicação do governo do estado do Maranhão (Secom); 7 com a assinatura das assessorias da Suzano; 5 de outras ascoms; 3 apenas assinadas como "Assessoria", sem designar a qual ascom se referiam. Há ainda que se mencionar a existência de 11 textos que não têm qualquer tipo de assinatura (mas que, pelo tipo de texto, de angulação, de fontes utilizadas e pela narrativa que apresentam, podemos inferir que também sejam textos de ascom). Apenas 2 textos foram,

⁴ Em estudo anterior (MATOS, 2016), mostramos que, tanto o jornal O Progresso quanto os 10 blogs de informação mais acessados de Imperatriz pautaram, com muita frequência, os assuntos referentes à Suzano, quase sempre com coincidência de pautas e, muitas vezes, até mesmo de matérias completas, numa flagrante ação de aproveitamento de releases (nominados como tais, ou "transformados" em matérias).

explicitamente, oriundos do jornal – pois trazem as assinaturas de seus colaboradores. Há também um texto com a assinatura do site “celuloseonline”, especializado na área em que a Suzano atua.

Claro que essa relação entre assessorias de comunicação e veículos jornalísticos não é nem nova nem local. É um fenômeno histórico e global, cada vez mais profissionalizado e com espaço, em todos os tipos de mídia. Como exemplos, citamos alguns dados encontrados em Martinez (2017): o jornalista do jornal The Guardian, Nick Davies, publicou uma pesquisa, realizada em 2006, em parceria com o departamento de jornalismo da Universidade de Cardiff, sobre as fontes das notícias publicadas em cinco *quality papers* e um *popular paper* do Reino Unido e constatou que 20% das notícias publicadas traziam informações ou eram textos copiados de releases; citando os pesquisadores Cameron, Sallot e Curtin, em artigo de 1991, ela registra que estudos descobriram que os *press releases* ocupam mais de 50% das notícias publicadas nos EUA; na Austrália, os jornais localizados nas grandes cidades publicaram 47% das suas notícias a partir de textos de agências de comunicação ou de gabinetes de imprensa; e em Portugal, citando o pesquisador Vasco Ribeiro, em trabalho de 2009, Martinez afirma que 60% do que foi noticiado pela imprensa diária, entre 1990 e 2005, foi fruto do trabalho dos assessores de imprensa, relações públicas, porta-vozes e outras fontes profissionais de informação. No caso do Brasil, a autora informa, a partir de dados estatísticos, que

Uma pesquisa promovida pela empresa Deloitte Touche Tohmatsu (2012), com 711 jornalistas brasileiros, mostrava que os *press releases* foram citados por 54% dos entrevistados como um dos meios mais utilizados por repórteres, produtores, pauteiros e chefes de produção, como forma de obter informações. Já com os editores, esse índice subia para 59%. Os sujeitos de pesquisa (62%) salientaram a necessidade de encontrar releases recentes e com informações atualizadas nas salas de imprensa e 47% cobravam material complementar dos assessores de imprensa que fornecesse estatísticas e pesquisas. Em relação ao relacionamento diário com os assessores, 28% dos jornalistas cobravam mais agilidade nas respostas; 26% qualidade nos textos dos releases e 24% gostariam que os assessores conhecessem melhor o funcionamento da imprensa. Na pesquisa da Deloitte, tanto editores quanto pauteiros e repórteres registravam que o envio de releases por parte das assessorias de

imprensa é necessário, porém, é mal praticado, visto que muito material inútil é enviado (MARTINEZ, 2017, p. 202).

E, especificamente, em relação ao jornal **O Progresso**, Gehlen (2015), em um estudo de caso, constatou que nada menos que 83% do material enviado para os jornais **O Progresso** e **Correio Popular** pela assessoria de imprensa responsável pela divulgação da Expoimp (Exposição Agropecuária de Imperatriz) foi publicado na íntegra, em forma de notícias, notas e editorial. É a constatação do que, já nos anos 1980, Lima (1985, p. 18) definiu como “releasmania”: “E o retrato atual é o de uma imprensa que se tornou extremamente dependente das fontes; ao invés de questioná-las, prefere engolir o que elas empurram”.

Todo esse aproveitamento de material (*releases*, press-kits, notícias prontas, etc) oriundo de assessorias de comunicação, de imprensa e outras similares vai impactar, diretamente, na construção de narrativas muito direcionadas, a partir de estratégias de seleção de fontes e suas respectivas falas, de nomeações de pessoas, empresas ou entidades e de exposição ou apagamento de sujeitos (pessoais ou institucionais) como elementos de construção de um fato. É como Martinez (2017, p. 200) afirma: “Como narradores contemporâneos que são, assessores e jornalistas desempenham um importante papel, visto que selecionam os elementos designantes a serem ressaltados e negligenciados na composição de um personagem”. E é como este estudo vai mostrar, em relação à narrativa construída sobre a implantação da Suzano em Imperatriz.

A natureza da narrativa jornalística

A nossa tese é a de que a Suzano construiu, para si, uma narrativa do seu processo de implantação, em Imperatriz, e a disseminou pela “cartografia comunicacional” local, aproveitando os instrumentos reconhecidos de publicização de que os setores de assessoria de comunicação se valem, em prol de uma positiva divulgação dos seus clientes. No próximo item, mostraremos, em detalhes, como isso se deu em relação a **O Progresso**.

Convém, agora, estabelecermos a noção de narrativa que utilizamos para justificar tal assertiva.

Consideramos, como constatou Barthes (1976, p. 19), que a narrativa é inerente às realizações comunicacionais humanas:

(...) inumeráveis são as narrativas do mundo. (...) a narrativa pode ser sustentada pela linguagem, articulada,

oral ou escrita, pela imagem, fixa ou móvel, pelo gesto ou pela mistura ordenada de todas essas substâncias; está presente no mito, na lenda, na fábula, no conto, na novela, na epopeia, na história, na tragédia, no drama, na comédia, na pantomima, na pintura (...), no vitral, no cinema, nas histórias em quadrinhos, no *fait divers*, na conversação.

Partindo-se desse pressuposto barthesiano, obviamente que se considera que o jornalismo integra o rol dos mecanismos de narração do cotidiano, como também concebe Mota (2014, p. 07), quando diz:

Os enunciados jornalísticos não possuem ficcionalidade, uma atitude de fingimento consensual que se estabelece entre autor e leitor no jogo da ficção (suspensão voluntária da descrença). Mas, narram sucessões de estados de transformação, ainda que de forma fragmentada e dispersa.

A natureza da concepção do jornalista como narrador, como afirma Traquina (apud ARAÚJO, 2011), deu-se a partir dos anos 1970, com a introdução, na rotina jornalística, das teorias do *Newsmaking*, que passaram a entender o jornalismo como uma construção social da realidade – e, conseqüentemente, a sua produção noticiosa como narrativas, abandonando-se a noção cartesiana de notícia como “espelho da realidade”.

É dessa forma que se deve encarar a produção noticiosa, em qualquer dispositivo midiático: como uma narrativa, habilmente construída, baseada em mecanismos linguísticos, em rotinas jornalísticas e num trabalho de “batalha” cotidiana pela busca de espaços de informação (e, notadamente, de visibilidade) na esfera pública comunicacional, que envolve constantes negociações com empresas de comunicação, produtores independentes de conteúdo, assessorias de comunicação, de imprensa, mídias sociais e o leitor, que deixou de ser um mero “receptor” e agora também gera e distribui conteúdo – como bem o definiu Soster (2009), ao tratar das características do jornalismo midiaticizado. Um cenário como qualificou Martinez (2017, p. 219):

Nesse cenário simbiótico, está cada vez mais difícil definir a tênue linha que delimita a produção de conteúdo de assessores de imprensa, jornalistas, leitores e produtores das mais diversas mídias móveis. Tem-se em vista que no

contexto da velocidade, interatividade e conectividade - características da contemporaneidade - parece haver cada vez menos fronteiras nos processos de comunicação.

Há ainda que se ressaltar que, ao mesmo tempo em que se preocupa com a construção do acontecimento, com a narrativa orientada do mundo para o leitor, com o estabelecimento da construção de uma “história do presente imediato, uma história fugidia, inacabada, aberta, mas, uma história” (MOTA, 2014, p. 23), o jornalismo também efetiva uma produção de sentido, que entrega ao público – afinal, a narrativa é um extrato de linguagem e a linguagem está impregnada de discurso. É como afirma Rodrigues (2002, p. 217), ao definir o trabalho da mídia: “O discurso não é uma das funções entre outras da instituição midiática; é o seu principal produto e o resultado final do seu funcionamento”.

É esta narrativa, com suas estratégias de efetivação e a produção do seu sentido, que passamos a analisar.

A narrativa sobre a Suzano: análise do corpus do jornal O Progresso

A escolha pelo jornal **O Progresso**, para a análise do percurso narrativo de implantação da Suzano na mídia de Imperatriz, deu-se por entendermos, em primeiro lugar, que a sua tradição, como o mais antigo jornal impresso da cidade e região, tem um peso simbólico e discursivo bastante considerável. Sabemos que, hoje, os jornais impressos têm perdido, cada vez mais, leitores e espaço de visibilidade na esfera pública comunicacional; isso é fato. Mas é também inegável que, ainda que tenham perdido terreno para dispositivos mais novos, sobretudo os digitais, eles continuam com um “peso simbólico” considerável, o que faz deles instrumentos respeitáveis de informação pública, de aceitação pública como “repositórios da verdade”, condição construída histórica e culturalmente. É o que aponta Navarro-Barbosa (2004, p. 72), ao tratar de como o jornalismo constrói seu discurso:

O discurso que se proclama imparcial e comprometido com a apuração rigorosa dos fatos manifesta o desejo de ser aceito pela comunidade de leitores como discurso de verdade. Como esse desejo é uma imposição da ordem discursiva midiática, e tendo em vista que o real não se deixa apreender diretamente, o verossímil no jornalismo encontra-se em relação direta com o efeito de real construído discursivamente. É essa verossimilhança que irá garantir credibilidade ao jornal e, conseqüentemente,

criar a imagem do enunciador midiático como aquele que sustenta um discurso verdadeiro.

Não por acaso, nossa pesquisa constatou que, no período de construção da fábrica, das 942 edições publicadas pelo jornal, a Suzano esteve presente em 213, o que representa um percentual de 22, 61% das edições – e, dessas, em 37 delas a empresa ocupou a primeira página ou capa, uma porcentagem de 17,37% das edições (SOUSA, MATOS, 2016). É como se, a cada cinco dias, a empresa aparecesse uma vez no jornal, com os mais variados tipos de informação: da abertura do canteiro de obras ao lançamento de um programa para capacitar milhares de pessoas, de Imperatriz e municípios vizinhos (o Programa Capacitar); de reuniões com autoridades à chegada de peças gigantescas para a fábrica, o que movimentava a BR-010; da realização de audiências públicas ao início da produção industrial; dentre outros aspectos. Essa presença podia se dar, na capa, de forma discreta, como um pequeno título, no canto esquerdo inferior, sem lide que o acompanhasse; ou como uma manchete pequena, mas como foto preto e branco, legenda e lide; ou ainda com o máximo de visibilidade, como nas manchetes do dia seguinte ao da inauguração da empresa, quando o jornal deu capa, de página inteira, colorida, com título, fotos, legenda e lide.

A outra justificativa que norteou a escolha foi o fato de que o jornal possuía toda a sua coleção de edições acessível à pesquisa, tanto as impressas (que estão depositadas na Academia Imperatrizense de Letras) quanto as digitais (que ficam no repositório do jornal, no seu site). Dessa forma, foi possível, com bastante fidedignidade, construir o panorama da publicização que a Suzano teve nesse periódico – e, para os objetivos deste artigo, analisar de que forma foi construída a narrativa sobre a implantação dela.

Das 213 edições em que a Suzano esteve presente em **O Progresso**, nossa análise se concentrou nas matérias em que a empresa apareceu na primeira página, por considerarmos que, como bem sabemos, as matérias de capa carregam, em si, uma noticiabilidade maior que as demais.

Tais matérias estão distribuídas, seguindo a tipificação de Melo e Assis (2016), em notícias e reportagens. Deixamos de fora do estudo, por não termos, nesse momento, condições de fazê-la, a análise dos textos de caráter tipicamente opinativo, como notas de colunas e artigos assinados,

e também os de caráter publicitário, que estiveram, igualmente, presentes em algumas das edições em que a empresa apareceu na primeira página. Dessa forma, nosso foco vai se concentrar no universo do jornalismo de “hard news” e seus dois gêneros mais tradicionais.

Numericamente, as 37 capas geraram, ao todo, 46 matérias internas, assim distribuídas: 04 reportagens⁵: uma sobre os investimentos em Imperatriz (“Prefeito e secretário destacam investimentos em Imperatriz”, de 10.04.11); outra sobre a abertura de um programa de capacitação (“Programa Capacitar é lançado”, de 15.04.11); uma terceira sobre o início de um grande programa de formação de mão de obra do governo estadual (“Empresas apostam no Programa Maranhão Profissional”, de 15.05.11); e a quarta sobre a inauguração da empresa (“Fábrica da Suzano Inaugurada”, de 21.03.14) e 42 notícias, entre elas alguns boxes, que traziam textos como notas de esclarecimento da empresa sobre acidentes com mortes e ainda um resumo do que foi o pronunciamento da presidenta da República, Dilma Roussef, que veio inaugurar a fábrica.

O primeiro aspecto a ser verificado na composição da construção da narrativa sobre a Suzano no jornal **O Progresso** é o protagonismo da identidade da empresa em todo o material analisado. O nome “Suzano” surge, como primeira palavra, em 40,54% de todos os títulos das manchetes do jornal. Como exemplos, citamos: “Suzano inicia obras da fábrica em Imperatriz”, publicada em 29.03.11, matéria que abre a “trajetória narrativa” da empresa no periódico; “Suzano já é realidade no Nordeste”, matéria de 09.06.11; “Suzano é a segunda colocada no ranking de empresas preocupadas com a sustentabilidade”, de 11.09.12; “Suzano recebe equipamentos”, de 12.03.13; e esta última: “Suzano incrementa a economia de Imperatriz, afirma Madeira”, de 21.03.14, registro da fala do prefeito de Imperatriz, no dia da inauguração. O efeito de sentido que esta estratégia cria é muito poderoso para a disseminação pública do nome da empresa e suas atividades, que as matérias relacionadas aos títulos registram. A nomenclatura cria um efetivo de protagonismo na trajetória narrativa que o jornal empreende sobre a empresa.

⁵ Temos consciência de que, neste artigo, fazemos uma adaptação do conceito teórico de reportagem, que estudiosos como Nilson Lage (2004) definem. Aqui, estamos considerando reportagem um texto maior, de página inteira, que em geral traz mais de uma matéria compondo a sua estrutura. Aspectos como maior dimensão de planejamento, maior conjunto de fontes, maior riqueza “na trama de relações entre os universos de dados” (LAGE, 2004, p. 114) não se verificam exatamente dessa forma como componentes das reportagens que encontramos. Isso se dá, muitas vezes, pela natureza ainda precária do jornalismo profissionalizado na cidade.

Quem efetiva a narrativa jornalística, em maior grau, são as fontes, que trazem para o conjunto de fatos noticiados as suas impressões, o relato das ações feitas ou por fazer, a sua “voz de especialista”, o poder da sua presença como uma “voz de testemunha”, etc. Tal é a sua importância que a teoria do jornalismo tem sobre elas toda uma gama de conceituações (LAGE, 2004): institucionais, experts, testemunhas, primárias e secundárias, oficiais, oficiosas, independentes. São as fontes que, com suas intervenções, quer em discurso direto quer indireto, vão dar uma maior “organicidade” à narrativa do jornal, vão costurar os dados de apuração com os trechos das falas de autoridades, especialistas, testemunhas, populares. As fontes são fundamentais para a estruturação de qualquer narrativa jornalística.

No material analisado, há uma presença maciça de fontes ligadas à Suzano (presidente, diretores, engenheiros responsáveis por diversos setores da obra); ao governo estadual (governadora Roseana Sarney e seus diversos secretários de estado); ao governo municipal (prefeito Sebastião Madeira, membros do Conselho Municipal do Meio Ambiente – Commam, secretário de desenvolvimento); do governo federal (presidenta Dilma Rouseff); representantes do legislativo estadual (deputados Carlinhos Amorim e Doutor Pádua) e do legislativo municipal (vereadores Chagão do PT e Joel Costa); representantes de entidades patronais (Associação Comercial e Industrial de Imperatriz – ACII e Sindicato Rural de Imperatriz – Sinrural). Não há, em todas as 46 matérias analisadas, o registro de fontes consideradas especialistas que não estejam ligadas, diretamente, à empresa ou a órgãos públicos – as fontes consideradas independentes. Também não existem registros de coleta de relatos de fontes ligadas diretamente à comunidade – moradores, líderes comunitários, estudantes.

A presença de fontes consideradas institucionais não é uma novidade, quando se trata de notícias intermediadas por assessorias de comunicação, como era o caso das publicadas por **O Progresso**. Para dar um exemplo, Duarte (2002 apud MARTINEZ, 2017, p. 205) informava, em um artigo, que Nilson Lage, a partir de estatísticas americanas, registrava que “60% de tudo o que é publicado em veículos de comunicação tem origem em fontes institucionais”. É ainda Duarte quem define a forma como as assessorias lidam com a informação e a sua relação com os veículos de comunicação para onde elas serão encaminhadas: “O assessor de imprensa apresenta a informação de maneira embalada, prêt-à-porter,

pronta para o uso ou, pelo menos, para facilitar o trabalho na redação” (DUARTE, 2002 apud MARTINEZ, 2017, p. 205). Claro fica que, nesse trabalho de oferecer matérias prontas para publicação *ipsis litteris* ou apenas para sugestão de pauta, os serviços de assessoria de comunicação privilegiam as fontes às quais seus clientes estão diretamente ligados ou, ainda, aquelas que, de certa maneira, vão construir uma positividade discursiva e narrativa para seus relatos.

Talvez por isso, não pôde ser verificada a presença de fontes independentes, ligadas a universidades ou a organizações não governamentais ou a sindicatos de trabalhadores ou ainda à população em geral, mesmo quando as ações envolviam, diretamente, interesses ligados a esses sujeitos. Por exemplo: quando da visita do Conselho Municipal do Meio Ambiente ao canteiro de obras da empresa, noticiada pelo jornal em 12.11.11, a matéria relativa à capa não trouxe nenhuma fala de especialistas ligados ao meio ambiente, para construir uma amplitude temática, ou até mesmo pelo dever jornalístico de “ouvir o outro lado” envolvido em uma questão, nesse caso, o lado da preocupação da sociedade com a questão ambiental, na qual está envolvida a instalação de uma empresa de papel e celulose (“a segunda maior do mundo”, como alardeou **O Progresso** e boa parte da mídia local) na cidade. Na matéria, há apenas quatro falas: duas da presidente do Comam, Ivanice Cândido, e mais duas do engenheiro membro do conselho, Benedito Mesquita. As falas dão conta de procedimentos técnicos e políticos do Comam. E a matéria resume, logo no início, o resultado da visita: “Conforme o que foi apurado pela bióloga e pelo engenheiro civil, Benedito Mesquita, a empresa vem obedecendo todas as normas ambientais seguindo orientação da Secretaria de Meio Ambiente (SEMA) e da Marinha”. A matéria é assinada como “Assessoria/Comam”.

Outro exemplo dessa estratégia de apenas privilegiar fontes institucionais ligadas aos seus clientes está na matéria de 30.08.12, cuja manchete registra: “Prefeitura e Suzano discutem mudança dos moradores do povoado Bacaba”. A matéria correspondente à manchete, com título que repete o enunciado da capa, não traz nenhuma citação, nem das fontes que estavam presentes à reunião (curiosamente, não havia representantes da comunidade alvo da mudança de local) nem da comunidade (nem mesmo, houve a preocupação em destacar um relato de algum morador ou moradora, que desse conta da expectativa positiva da mudança). A matéria se prendeu a registrar o que foi discutido na reunião e a descrever como seria este novo povoado, construído pela

empresa para abrigar as 19 famílias que seriam remanejadas. Esta matéria foi assinada como “Comunicação”, muito provavelmente oriunda da assessoria de comunicação do município.

De acordo com Mota (sd, p. 10-11), as citações são também um componente da narrativa jornalística e, mais que isso, da construção de enunciações que o narrador (seja ele o jornalista ou a empresa onde trabalha) quer publicizar:

As citações freqüentes, por exemplo, conferem veracidade. São utilizadas para dar a impressão de que são as pessoas reais que falam, que o jornalista não está intervindo. Observe, porém, que ao citar, o jornalista pinça da fala da fonte aspectos que pretende ressaltar dando outra dimensão ao discurso, dirigindo a leitura. As citações encobrem muito bem a subjetividade porque o leitor supõe que elas reproduzem literalmente o que a fonte disse e quis destacar. Produzem a sensação de uma proximidade entre a fonte e o leitor. Dissimulam a mediação.

É esta “direção de leitura” que fica perceptível na análise do material publicado (e publicizado) sobre a Suzano em **O Progresso** – matérias de visibilidade privilegiada porque, afinal, estão relacionadas diretamente com o registro nas capas das respectivas edições. E tal direção se forja muito pela escolha das fontes entrevistadas, pelo recorte das suas falas, pela “institucionalização”, quer empresarial, quer da gestão municipal e estadual, quer de representações políticas e patronais, das afirmações sobre os distintos processos de efetivação da implantação da fábrica.

Outro dado, em relação ao trabalho com as fontes, é a ausência delas em algumas das matérias estudadas. Pela análise feita no material, percebemos que há uma quantidade bastante considerável de matérias sem utilização de fontes vivas. Das 46 matérias, 11 (23,91%) não trazem, ostensivamente, relatos de fontes, isso representa quase uma a cada 4 matérias publicadas. São notícias como: “Suzano: sítio arqueológico é descoberto em Imperatriz”, manchete de 31.03.11, cuja matéria interna, “Posicionamento da Suzano sobre a descoberta de sítio arqueológico em Imperatriz”, limita-se a divulgar a nota da empresa sobre esse fato; ou “Suzano já é realidade no Nordeste”, de 09.06.11, cuja matéria respectiva tem o mesmo título e o texto se limita a destacar os números ostentados

pela empresa: investimentos em projetos sociais, pessoas alcançadas por estes projetos, estados e municípios beneficiados, programa de qualificação de mão de obra (Capacitar e seus números), etc, terminando com uma avaliação positiva: “A cidade de Imperatriz, onde a construção da fábrica já foi iniciada, já sente os reflexos positivos da chegada da Suzano na região”; ou ainda “Acidente no canteiro de obras da Suzano mata dois operários”, manchete cuja matéria respectiva, com título “Acidente no canteiro de obras da Suzano mata dois operários e deixa três feridos” se limita a narrar, sumariamente, o acidente e a trazer, ao lado, as notas de esclarecimento tanto da Suzano quanto da sua terceirizada, Irmãos Passáúra, onde os operários estavam contratados.

A ausência de fontes “falando” nas matérias pode representar a construção de matérias a partir de documentos, relatórios da própria empresa ou ainda, no caso das notícias sobre acidentes com vítimas (houve dois registros no jornal **O Progresso**, que viraram manchetes de capa, nos três anos de construção da fábrica), a tentativa de sumarizar ao máximo o episódio – nos dois casos desses relatos, fica clara a prevalência das “notas de esclarecimento” da Suzano, como “palavra final” sobre os acontecimentos.

Em uma visão geral, pela análise do mapa das fontes, podemos intuir o intenso trabalho das assessorias de comunicação da Suzano e dos governos municipal e estadual para fazer publicizar as matérias que explanassem a sua construção dos fatos, a sua narrativa dos acontecimentos.

Como se tratava de um “megaempreendimento”, como a qualificou **O Progresso**, em uma matéria do dia 22.03.14 (dois dias depois da inauguração), seria normal haver um interesse a tudo o que se referisse à empresa. Esse aspecto foi bem utilizado pelas empresas de assessoria de comunicação, tanto da própria Suzano quanto da prefeitura de Imperatriz e do governo do estado. A narrativa sobre a empresa, então, foi forjada tanto a partir de aspectos socialmente mais importantes quanto de relatos mais pitorescos. Assuntos como a abertura do Programa Capacitar, que tinha como meta formar mão de obra para atuar na empresa e suas terceirizadas, na ordem de 5.700 trabalhadores (“Programa Capacitar é lançado”, reportagem de 15.04.11) e melhoria da Estrada do Arroz, a via que leva à empresa (“Estrada do Arroz: prefeitura e Suzano discutem melhorias”, de 01.12.11) dividem espaço com registros da viagem de uma carreta enorme pela BR-010 (“Suzano recebe equipamentos”, de 12.03.13), trazendo equipamentos para a fábrica ou da chegada da

segunda turbina (“Fábrica da Suzano recebe a segunda turbina” de 02.07.13). Sistemáticamente, a empresa se fez publicizar na mídia impressa, utilizando para isso grandes e pequenos eventos, como estratégia de consolidação de imagem e identidade. O jornal transformava em notícia, por conta do trabalho ágil e sistemático das assessorias, quaisquer acontecimentos que se referissem à empresa, alongando o sentido dos critérios de noticiabilidade – mais negociados do que naturais.

Na construção narrativa sobre a implantação da Suzano, chama a atenção a grande quantidade de matérias que trazem, em evidência, os números envolvidos no processo da instalação. Os números, por si sós, já representam uma singularidade informativa: pelos dados divulgados, ampla e reiteradamente, o investimento total na construção da fábrica seria da ordem de R\$ 7 bilhões; foram contratados para a fase de levantamento e montagem da fábrica 7 mil trabalhadores, sendo a estimativa total de empregos gerados, diretos e indiretos, em torno de 18,5 mil; o programa Capacitar formaria perto de 6 mil trabalhadores em 17 cursos, com cerca de 1 milhão de horas de capacitação; o investimento em capacitação foi de R\$ 10 milhões; no total, havia 20 empresas trabalhando na montagem da fábrica, de diversas áreas; a área total da empresa ocupava 200 hectares e a área construída, 4.000 m². Das 46 matérias analisadas, em pelos menos 10 delas há referências aos números do empreendimento, como que a destacar, com sistemática recorrência, o gigantismo da iniciativa. Esses trechos informativos estão construídos com uma forte carga descritiva, o que, sabemos, efetiva a elaboração de imagens mentais (SENA, 2008), de uma figuração, nesse caso, da grandiosa empresa que estava em processo de implantação.

Aliado à ausência de fontes ligadas diretamente à comunidade, a análise pôde também constatar muito poucas referências à população, nas matérias divulgadas nas 37 capas que a Suzano ocupou em **O Progresso**. No total, em seis matérias apenas há algum tipo de referência “aos imperatrizenses” ou a outros termos correlatos, que remetam, de forma coletiva, à população. Por exemplo, na matéria “Roseana se reúne com executivos da Suzano”, de 14.04.11, na fala da governadora, ela ressalta: “É importante que essas vagas ofertadas [pela Suzano] sejam preenchidas por trabalhadores maranhenses”; e na matéria “Fábrica Suzano é inaugurada”, de 21.03.14, no registro que faz da fala da presidenta Dilma Rousseff, o texto destaca: “Esta é uma realização com esforço dos empresários, do governo e dos maranhenses”. Mais não há, em citação

direta. O que há, para além disso, são referências indiretas, sobretudo quando as matérias destacam a geração de empregos e os benefícios sociais que a empresa efetivaria, no seu processo de implantação. Ao contrário do que acontece com o protagonismo da empresa, levando-se em conta a superexposição do seu nome nas manchetes e títulos internos, de notícias e reportagens, a comunidade ocupa um lugar bastante anônimo em todo o processo de implantação: nenhuma vez ouvida, pouco referenciada⁶.

Por fim, como último tópico a ressaltar, na análise da narrativa construída pelos textos publicados em **O Progresso** acerca da implantação da Suzano, destacamos a quase total ausência da pauta das questões ambientais. Em três anos de cobertura, em 46 matérias publicadas, com 37 primeiras páginas, apenas duas vezes este tema foi nominado. Uma diretamente, quando da visita do Commam ao canteiro de obras; outra indiretamente, quando do registro da fala do deputado Carlinhos Amorim (PDT), comentando, da tribuna da assembleia legislativa, a inauguração. Na primeira citação, o registro é positivo, tendo o Commam atestado que a empresa cumpria, rigorosamente, os trâmites ambientais; na segunda, o registro é negativo, quando o jornal, ao citar a fala do deputado, destaca sua assertiva: “O Maranhão ganha com o megaempreendimento, que gerou as suas preocupações ambientais, porque foi edificado às margens do Rio Tocantins”. No entanto, a palavra “preocupação” não fez eco, pois nesta referida matéria a palavra “megaempreendimento”, cunhada em um contexto positivo, está repetida cinco vezes... A questão ambiental não foi alvo de cobertura de **O Progresso**, mesmo se sabendo que a implantação de uma indústria de produção de celulose e papel gera, de maneira inexorável, impactos ambientais.

Considerações finais

A primeira capa publicada no jornal **O Progresso** sobre a implantação da Suzano em Imperatriz é emblemática: mostra, na foto em preto e branco, o prefeito Sebastião Madeira e o seu secretariado, juntamente com representantes da Suzano, olhando para uma planta baixa, em cima de um capô de um veículo, em um terreno sem nenhuma

⁶ Isso se verificou, inclusive, em relação à postura, tanto do jornal O Progresso quanto dos blogs informativos estudados em outra parte da nossa pesquisa (MATOS, SOUSA, 2016), no que se refere ao diálogo com os leitores em relação ao tema da implantação: nenhuma interação no jornal; o mínimo de interação nos blogs.

edificação; o título diz: “Suzano inicia obras da construção da fábrica em Imperatriz” e o seu subtítulo assevera: “‘Nasce mais uma semente de desenvolvimento de Imperatriz’, diz o prefeito Madeira”. Três anos depois, a capa do dia 21.03.14, seguinte à inauguração apoteótica da fábrica, traz duas fotos, coloridas: na primeira, a presidenta da república, Dilma Roussef, a governadora do Maranhão, Roseana Sarney, um secretário de estado e o representante da Suzano dão as mãos, tendo à frente a placa de inauguração da empresa, dourada; na de baixo, o prefeito de Imperatriz, Sebastião Madeira, discursa; acima de ambas, a manchete: “Fábrica da Suzano inaugurada”.

A simbologia está em que esses dois momentos, separados por 36 meses, representam a síntese da narrativa que o jornal **O Progresso** forjou para todo o processo de implantação da empresa em Imperatriz. Nela estão, como uma metonímia, representados os mais distintos aspectos das estratégias que os setores de assessoria de comunicação, tanto da Suzano quanto da prefeitura de Imperatriz quanto ainda do governo do estado (os três que mais atuaram na negociação de espaços de informação e visibilidade sobre a empresa no periódico) engendraram.

Em primeiro lugar, a trajetória de positividade e concretude que a empresa efetivou: saindo, literalmente, de uma planta e um terreno baldio para uma placa dourada de inauguração. Em segundo lugar, registra as conexões entre a política e o setor empresarial-industrial, sem as quais o projeto não teria sido efetivado (em várias matérias, ficaram registrados movimentos políticos, em nível municipal, estadual e federal, que beneficiaram a implantação da empresa, reuniões entre os dirigentes da Suzano e o prefeito de Imperatriz ou a governadora do estado, registros de eventos de cunho político-empresarial, etc). Em terceiro lugar, mostra os personagens que foram privilegiados em todo o processo de construção de uma narrativa sobre a fábrica: quem pôde, como disse Foucault (1996), entrar na “ordem do discurso”, quem foi, nominalmente, chamado a atuar como fonte, a opinar sobre a implantação, a destacar os efeitos positivos (apenas esses) desse “megaempreendimento” para a cidade, a região e o estado.

Não por acaso, na primeira capa, o prefeito de Imperatriz, Sebastião Madeira, afirma: “Nasce mais uma semente de desenvolvimento de Imperatriz” em um terreno baldio e, na segunda capa, na tribuna montada para os discursos das autoridades, afirma: “Suzano incrementa a economia de Imperatriz”. Só para registrar: o prefeito Sebastião Madeira

foi a fonte política mais citada e que mais visibilidade teve em todo o processo da implantação; o perfeito personagem coadjuvante da personagem principal: a própria Suzano, cuja história de sucesso está contada, nas páginas de **O Progresso**.

O que ficou comprovado, pela análise do corpus de todo o material publicado por **O Progresso** sobre este fato, foi um efetivo trabalho de várias assessorias de comunicação que, de alguma forma, orientaram a construção dessa narrativa “rumo à apoteose”, com todas as estratégias que tais setores, com profissionalismo, efetivam em prol dos seus assessorados.

Da instalação do canteiro de obras à inauguração, a narrativa se completa. Final feliz.

Referências

- ALMEIDA, Domingos Alves de. Fim das páginas impressas do **Jornal Correio Popular de Imperatriz**, São Luís: 3º Encontro Regional Nordeste de História da Mídia – Alcar Nordeste, 2014.
- BARTHES, Roland. **Análise estrutural da narrativa: pesquisas semiológicas**, v.4, Petrópolis: Editora Vozes, 1976.
- De volta ao jogo. **Revista Época Negócios**. Editora Globo, 2015.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 3 ed., São Paulo: Loyola, 1996.
- GEHLEN, Marco Antônio. **Release nos jornais O Progresso e Correio Popular, de Imperatriz (MA)**. In: HOLFELDT, Antonio, CONCEIÇÃO, Francisco Gonçalves. **Teorias da comunicação: leituras e aplicações**, Porto Alegre: EDIPURS, 2015.
- LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. ed.4, Rio de Janeiro: Record, 2014.
- LIMA, Gerson Moreira. **Releasemania: uma contribuição para o estudo do press-release no Brasil**. ed.4, São Paulo: Summus, 1985.
- MARTINEZ, Monica. **Assessoria de imprensa, narrativa midiática e saúde: simbiose de fontes, jornalistas, leitores, personagens e afetos**. Revista Intexto. n.38 p.197-224, Porto Alegre: UFRGS, 2017.
- MATOS, Marcos Fábio Belo, SOUSA, Leticia Holanda de. **O leitor invisível: análise da presença do leitor no material publicado sobre a implantação da fábrica Suzano papel e celulose, no jornal 'O Progresso' e em blogs informativos de Imperatriz-MA**. III Jornada Gaúcha de Pesquisadores da Recepção. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2016.
- MELO, José Marques de, ASSIS, Francisco de. **Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório**. v.39, n.1, p.39-56. São Paulo: Intercom, 2016.

MOTA, Luiz Gonzaga. **Jornalismo e configuração narrativa da história do presente**. Ed. 1, 2014. E-compós. Capturado de: <<http://www.compos.org.br/e-compos>>. Acesso em 10 de agosto de 2017.

NAVARRO-BARBOSA, Pedro Luís Navarro. **Navegar foi preciso? O discurso do jornalismo impresso sobre os 500 anos do Brasil**. Tese (Doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa), Araraquara: UNESP, 2004.

RODRIGUES, Adriano. **O jornal: da forma ao sentido**. Brasília: Editora Unv, 2002.

SENA, Odenildo. **A engenharia do texto: um caminho rumo à prática da boa redação**. ed. 3. Manaus: Valer, 2008.

SOSTER, Demétrio de Azeredo. **O jornalismo em novos territórios conceituais: internet, midiaticização e a reconfiguração de novos sentidos midiáticos**. Tese. Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2009.

SOUSA, Leticia Holanda de, MATOS, Marcos Fábio Belo. **O papel do progresso: uma análise da presença da fábrica Suzano de Papel e Celulose em O Progresso**. XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste. Caruaru: Anais, 2016.

SUZANO. Disponível em: <<http://www.suzano.com.br/portal/grupo-suzano.html>> Acesso em 25.06.2017>.



DOI: 10.22478/ancora.v4n2p93-114

AVALIAÇÃO DE COMUNICABILIDADE EM PUBLICAÇÕES DIGITAIS MULTIPLATAFORMAS: caso "Cascaes no MARquE" ¹

EVALUATING THE COMMUNICABILITY IN MULTI-PLATFORM DIGITAL PUBLICATIONS: case study "Cascaes no MARquE"

Rita de Cássia Romeiro PAULINO²

Marina Lisboa EMPINOTTI³

Universidade Federal de Santa Catarina | Brasil

Resumo

Este artigo analisa a comunicabilidade em publicações digitais multiplataformas através do estudo do caso "Cascaes no MarquE", que conecta histórias de Franklin Cascaes com trabalhos do folclorista no Museu de Arqueologia e Etnologia da UFSC. Para se verificar a efetividade do processo interativo foi aplicado o método de avaliação de comunicabilidade em 26 alunos do ensino fundamental. Os resultados identificaram 13 pontos de ruptura, isto é, dificuldades na compreensão ou execução das tarefas. A taxa de êxito, no entanto, foi de 75,62% do total, sugerindo facilidade de interação do público selecionado com o formato proposto, o que os fortalece enquanto possibilidades aplicadas à Educação.

Palavras-chave

Jornalismo móvel; Interatividade; Publicação digital; Convergência; Design.

Abstract

This article analyzes the communicability in multiplatform digital publications through the study of the "Cascaes no MarquE" case, produced by the authors to tell stories of the folklorist Franklin Cascaes and connect them with works of the researcher currently in the Museum of Archeology and Ethnology (MarquE), Federal University of Santa Catarina. In order to verify the effectiveness of the interactive processes, an evaluability assessment of communicability was conducted, applied to 26 students of an elementary school in Florianópolis to evaluate the user experience while browsing the digital publication. The results identified 13 disruptions, that is, difficulties in understanding or performing the six tasks proposed for the analysis. The success rate, however, was 75.62% of the total, suggesting ease of interaction between the selected audience and Interactive Digital Publications, which can strengthen it as a format applied to Education.

Keywords

Mobile journalism; Interactivity; Digital publishing; Convergence; Design.

RECEBIDO EM 02 DE OUTUBRO DE 2017
ACEITO EM 25 DE OUTUBRO DE 2017

¹ Agradecimentos: Esta pesquisa foi realizada no âmbito do projeto de pesquisa PIBIC (CNPq) Novos formatos interativos e imersivos multitelas para conteúdos jornalístico e educacional, 2016-2017, com os bolsistas Janine Silva e Daniel Bonfim.

² Doutora em Engenharia e Gestão do Conhecimento pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC (2011) e Mestre em Engenharia de Produção pela UFSC (1999). Organizou livros como: "Jornalismo para Tablets, pesquisa e prática" (2013) e "Ensaio sobre Televisão e Telejornalismo" (2013). Contato: rcpauli@gmail.com

³ Doutoranda em Estudos da Comunicação pela Universidade da Beira Interior (UBI), em Portugal. Mestre em Tecnologia e Inovação em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC (2015). Graduada em Jornalismo pela UFSC com intercâmbio na Universidad de Sevilla (US). Contato: marinaempinotti@gmail.com

Introdução

Nos primeiros anos da Internet, ainda na década de 1990, as revistas digitais eram distribuídas em CD-ROM, e, em geral, eram reproduções exatas das versões em papel. HOELTZ (online) se refere à revista NEO Interativa como “a primeira revista interativa brasileira”, lançada no outono de 1994. “À venda apenas em lojas especializadas em artigos para informática, certamente era dirigida a um público bastante específico. A necessidade de computador multimídia para acessar o conteúdo da revista restringia ainda mais, naquela época, o grupo de possíveis leitores” (HOELTZ, online, p. 1).

Um segundo formato que sucedeu os CDs foi o PDF, geralmente como uma conversão do material impresso para o arquivo digital com algum nível de interação, como a inserção de links para websites. No início dos anos 2000, surgiu a tecnologia *flip page*, criada com a linguagem Flash e inserida nas revistas em PDF para simular o folhear das páginas, aproximando assim o leitor da experiência real, proporcionada pelo papel (NATANSOHN; SILVA; BARROS, 2009). À medida que as conexões à web se tornaram mais ágeis, foi possível incluir nas revistas digitais vídeos, áudios, animações e outros tipos de linguagens não comuns ao jornalismo impresso, possibilidade que Salaverría define como:

(...) um desafio colossal – e uma oportunidade – para os comunicadores: a exigência de idealizar novos modos de expressão sincrética recorrendo a todos os tipos imagináveis de linguagem. Os novos criadores de conteúdos viram-se, efetivamente, perante o desafio de combinar distintos modos de expressão. Atualmente, quem desejar explorar ao máximo o potencial comunicativo da internet necessita contar com excelentes dotes de escritor e com grandes aptidões para a narrativa gráfica e audiovisual. (SALAVERRÍA, 2014, p.33)

A popularização do *tablet*, principalmente a partir de 2010 com o lançamento do *iPad* pela *Apple* (EMPINOTTI, 2015), permitiu a ativação de um outro sentido além de visão e audição para o consumo de publicações digitais: o tato. A partir de recursos *touchscreen*, o leitor é capaz de acessar

interatividades em publicações digitais multiplataformas através do toque do dedo sobre a tela, sem os anteriores mediadores de interação como mouse, teclado ou *touch pen*. Paulino (2013) define algumas das características de uma publicação digital: leitura multimídia, interatividade, hipertexto e composição que permita a leitura não linear.

Este tipo de leitura exige do jornalista a habilidade de organizar elementos de forma complementar, compatível e não redundante (SALAVERRÍA, 2014). Por outro lado, exige do leitor um percurso por diversas camadas de acesso para que a leitura possa ser realizada (GRUSZYNSKI, 2015): a primeira é o uso de um *hardware* (*e-reader, tablet, smartphone...*); a segunda são os sistemas operacionais (*Windows, Android, iOS...*), que atuam como intermediários entre o componente físico e o programa que permite acessar a publicação; este programa é a terceira camada, e decodifica o tipo de arquivo escolhido para a leitura, como o PDF ou o EPUB; por fim, a quarta camada é o conteúdo digital que se lê.

As publicações digitais multiplataformas são acessadas, em geral, através das bancas virtuais ou outros agregadores de publicações. Em agosto de 2015, a Adobe lançou, junto ao programa InDesign CC, a ferramenta *Publish Online*. O InDesign é um software inicialmente criado para a diagramação de publicações impressas e que acabou incorporando atualizações para a criação de arquivos PDF e EPUB. Com o novo complemento, o usuário consegue gerar links de acesso a sua publicação, que podem ser abertos em navegadores de diversas plataformas (*tablets, smartphones, notebooks* ou computadores de mesa), sem a necessidade de aplicativos. Dessa forma, a empresa passa a oferecer um novo produto, já que nas versões anteriores oferecia apenas uma ferramenta de criação específica para *tablets*, e o usuário tem uma nova possibilidade de compartilhamento de sua publicação.

Diante da atual facilidade de acesso e atualização do material, este formato pode ter interessante aplicação na área da Educação. É notória a necessidade de melhorias nas condições educacionais brasileiras, e nesse contexto o campo do Jornalismo e as novas tecnologias podem auxiliar na distribuição, compartilhamento e geração de conhecimento (PAULINO &

EMPINOTTI, 2017). O levantamento nacional TIC Educação 2016⁴ aponta que o *tablet* está presente em 32% das salas de aula do ensino público e 36% nas privadas. No caso do telefone celular, mais acessível por ser de uso pessoal dos estudantes, 49% dos professores já fazem uso do aparelho durante as lições.

Este artigo analisa o processo interativo entre alunos do ensino fundamental e uma publicação digital multiplataforma produzida para fins educativos. O estudo de caso avaliado é da publicação "Cascaes no MarquE", produzida pelos autores para contar histórias do folclorista Franklin Cascaes e conectá-las com trabalhos do pesquisador expostos no Museu de Arqueologia e Etnologia (MarquE), da UFSC. Este produto interativo é resultado de uma pesquisa prática experimental desenvolvido no âmbito da bolsa PIBIC "Novos formatos interativos e imersivos multitelas para conteúdos jornalístico e educacional" (2016-2017). Após o desenvolvimento deste conteúdo interativo optou-se por verificar a experiência do usuário, neste caso com alunos do ensino fundamental, para verificar a efetividade dos elementos interativos propostos neste conteúdo jornalístico.

O método selecionado para a consecução dos objetivos é o de avaliação de comunicabilidade, através de tarefas previamente estabelecidas dirigidas aos estudantes, seguidas por uma avaliação sobre a facilidade/dificuldade de execução da tarefa.

No tópico a seguir apresenta-se Franklin Cascaes e se destaca a importância do trabalho do personagem para a cultura de Florianópolis, onde está inserida a UFSC. Em seguida, resgata-se o processo produtivo da publicação digital interativa, bem como a definição do conceito. Desta forma é possível seguir para a definição dos procedimentos metodológicos e descrever a pesquisa empírica.

"Cascaes no MarquE - uma mostra de amor à ilha"

A publicação digital multiplataforma "Cascaes no MarquE - uma mostra de amor à ilha" é voltada ao trabalho do folclorista florianopolitano Franklin Joaquim Cascaes (1908-1983). Desde criança mostrava inclinação para as artes, mas, por conta da desaprovação do pai, só conseguiu se

⁴<http://cetic.br/pesquisa/educacao/indicadores> Acesso em 06/12/2017.

dedicar aos estudos a partir dos 21 anos, quando um professor da Escola de Aprendizes de Artífices, o atual Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) viu um de seus trabalhos e o incentivou a buscar formação.

A partir de 1946, passou a fazer um registro (na forma de desenhos, esculturas e escritos) das tradições da Ilha, cuja cultura era vinda do Arquipélago dos Açores, em Portugal, mas foi modificada e ganhou traços próprios. O interesse em dedicar-se à tarefa veio da metamorfose pela qual passou Florianópolis durante o século XX, devido a um plano de urbanização da cidade que, até então, tinha sua economia baseada na pesca e na agricultura e ares de cidade pequena, não condizente com seu papel de capital do estado.

A paisagem de Florianópolis foi consideravelmente modificada quando inaugurou-se a avenida em 1922, pois para construí-la foram demolidos vários conjuntos de pequenas casas de "porta e janela" existentes junto ao centro: os "cortiços, como eram chamados, uma herança arquitetônica dos tempos coloniais ainda predominante no casario miúdo da cidade. Canalizando o mal-afamado riacho da "Fonte da Bulha" que margeava toda a área urbana, e estabelecendo com o seu traçado uma fronteira entre o centro, as encostas dos morros e os caminhos que levavam para o interior da ilha, a avenida foi considerada a "pedra angular do saneamento da nossa terra", conforme os jornais daquele período (ARAÚJO, 1978 apud BATISTELA, 2007, p. 106).

A partir dos anos 1950, Florianópolis passou por mais uma onda de transformações, que incluiu o aterro da Beira-Mar Norte, a inauguração da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), uma explosão populacional e o incentivo ao turismo como principal atividade econômica da cidade. Percebendo sua Ilha se afogar em tantas novidades, Cascaes decidiu contribuir com sua arte para um registro histórico: escreveu textos sobre a pesca da tainha, as plantas da cidade e suas propriedades medicinais, desenhou e narrou causos de bruxas, boitatás e lobisomens, e esculpiu tradições religiosas, brincadeiras e ofícios dos moradores.

Morreu aos 74 anos, em 1983, devido a uma parada cardíaca. "Partiu melancólico pela perda da mulher, Elizabeth Pavan Cascaes, que morreria 13 anos antes e por perceber que sua Florianópolis não seria mais a mesma" (BATISTELA, 2007). Sua coleção, nomeada Elizabeth Pavan Cascaes, foi doada ainda em vida para o Museu da UFSC, hoje Museu de Arqueologia e Etnografia Professor Oswaldo Rodrigues Cabral (MARquE). A instituição inaugurou, em maio de 2016, a mostra "Cascaes no MARquE" que encerrou um período de seis anos sem a exposição das obras do artista ao público; a última vez havia sido na exposição Franklin Cascaes: desenhos e esculturas, no Palácio Cruz e Souza, em Florianópolis. No museu da UFSC, as obras não eram exibidas desde 1999.

Publicações digitais multiplataformas - conceito e processo produtivo

A migração de veículos impressos para o formato digital é controversa, mas conta com exemplos de sucesso a se destacar. Em agosto de 2016, a Folha de São Paulo tornou-se o primeiro jornal brasileiro a ter circulação digital maior que a impressa, de acordo com notícia publicada no site do veículo⁵. No Brasil, entre agosto de 2015 e agosto de 2016, o jornal gaúcho Zero Hora teve um aumento de 3% em sua circulação geral, sendo que o número de assinaturas da versão impressa caiu 14%, enquanto as da versão digital cresceram 56%. Um dado interessante é que 35% dos assinantes do ZH Tablet não eram assinantes do jornal em papel. Entre os cinco maiores jornais do país, auditados pelo Instituto Verificador de Comunicação (IVC), Zero Hora foi o único que apresentou um aumento na média mensal de circulação de exemplares, devido ao investimento da empresa em conteúdo digital entre 2015-2016⁶.

Em janeiro de 2016, o jornal canadense *La Presse* decidiu encerrar a circulação de impressos durante a semana, disponibilizando apenas a versão digital. Para García (online), este é "sem dúvida o maior caso de sucesso da

⁵<<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2016/09/1816633-folha-e-o-1-jornal-do-pais-a-ter-circulacao-digital-maior-do-que-a-impressa.shtml>>. Acesso em 06/10/2017.

⁶<http://www.gruporbs.com.br/noticias/2017/02/21/zero-hora-registra-crescimento-no-numero-de-leitores-em-2016/> Acesso em 06/10/2017.

transposição de um jornal para o iPad⁷. Nenhuma das versões (online e para tablets) é cobrada ou tem conteúdo restrito a assinantes, todo o lucro vem dos anúncios.

Na contramão da tendência dos vespertinos, o jornal francófono canadense La Presse planejou durante cinco anos seu produto digital para *tablets* e acabou optando por uma versão que, gradativamente, substituiria as edições diárias em papel, sendo, portanto, uma publicação matutina. O La Presse+ foi lançado em 2013, e é disponibilizado todas as manhãs, às 5h30. O sucesso foi tamanho que, 30 meses após o lançamento da aplicação, o jornal impresso La Presse - o segundo diário de maior circulação da província do Québec - deixou de ser publicado durante a semana (resta a edição do sábado), rompendo uma tradição de 131 anos (EMPINOTTI & PAULINO, 2016, p. 275).

Apesar de inicialmente baseadas em referenciais do design editorial impresso (GRUSZYNSKI, 2015), as publicações digitais multiplataformas hoje seguem lógicas condizentes com o ambiente online, com estruturas não-sequenciais/lineares, arquiteturas hipertextuais e multidimensionais. Os espaços são, assim, projetados para que o usuário se mova por meio de interações (p. 578). As camadas anteriormente referidas como presentes nas publicações demandam novas estratégias de organização informacional.

No caso de Cascaes no MARquE: uma mostra de amor à Ilha, o processo produtivo começou pela inserção do componente textual de cada uma das quatro matérias feitas para a publicação, todas com algum conteúdo em texto, totalizando 29.416 caracteres. Para minha Floripa, com amor, que traz uma breve biografia do autor e a relação entre a cidade e seu trabalho, tem 9.416 caracteres (sem espaços), mais 1.822 do box De vila à Ilha da Magia; 7.765 caracteres em Quando a memória vira arte, que traz as características de cada uma das formas que Cascaes usava para expressar sua arte (escultura, texto e desenho); Das mãos do artista aos olhos do

⁷http://garciamedia.com/blog/la_presse_a_tablet_edition_success_story_in_montreal Acesso em 06/12/2017.

público apresenta 5.867 mais 3.774 das legendas da galeria de fotos, que traz informações sobre o processo de preservação da obra e de como acontece a concepção de uma exposição; por fim, a abertura da entrevista com Peninha contém 772 caracteres. A **Figura 1** mostra a tela inicial de acesso ao produto, em diferentes dispositivos de acesso.

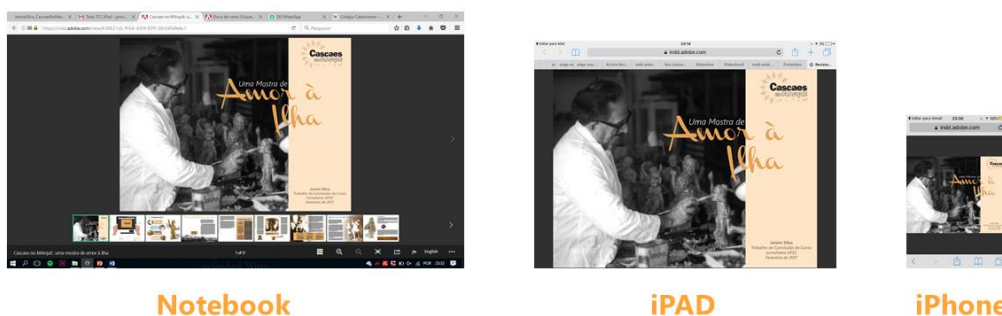


Figura 1 - Cascaes no MARquE
Fonte: Adobe View

À medida que os textos foram diagramados, a escolha dos tipos de interatividade e elementos multimídia (áudio e vídeo) se faziam mais visíveis. Ao mesmo tempo em que o espaço em publicações online é ilimitado, existe o limite físico das multitelas. Essa limitação, contudo, pode ser minimizada por recursos de HTML como os scrolls (barras de rolagem horizontais ou verticais para textos) incorporados em algumas plataformas de desenvolvimento mobile e muito usados para alocar mais texto do que o espaço de uma única tela permitiria.

Segundo Paulino et al. (2016), os conteúdos jornalísticos dotados de uma condição interativa modificam a maneira como são comunicados, recebidos e percebidos pelos consumidores, que difere do modelo analógico de se divulgar, acessar, escolher e compreender determinada informação. Rost (2014) sublinha que essas virtudes acabam sendo tratadas por meios de comunicação como qualidades positivas, um valor adicional concedido a determinado produto.

Os leitores esperam algum tipo de interação quando se deparam com um produto digital e, por isso, tornar Cascaes no MARquE: uma mostra de amor à Ilha interativo de uma forma consciente (sem utilizar recursos de

interação exageradamente, apenas porque estão disponíveis) mostrou-se um desafio. Primo (2007, p. 33) faz uma ampla discussão sobre a interação mediada por computador que nos fez escolher a seguinte abordagem como conceito a discutir neste artigo: a interatividade é a oferta de um grande número de dados pré-contidos em suporte digital, cujo fluxo de apresentação é disparado pelo usuário ao clicar em um botão ou link.

Entendemos que o grande desafio está antes da ação do usuário, está em como os profissionais da comunicação pensam e compreendem a tal interatividade. Neste projeto procuramos aprofundar a discussão e apresentar os recursos aplicados no Cascaes no MARquE: uma mostra de amor à Ilha, que demonstram que uma representação estática pode se tornar mais atrativa e complementar com a adição de simples elementos gráficos interativos. Primo (2011) enumera dois modos de interação. A mútua é caracterizada por conversações, nas quais os participantes acabam se afetando mutuamente. Na interação reativa, o internauta interage com informações disponíveis em um banco de dados. "Uma pessoa, ao interagir com tal máquina, terá de adaptar-se à formatação exigida, manifestando-se dentro das condições e dos limites previstos" (p. 135). É o caso de botões e menus de um software.

A partir da ideia do nível de intensidade da presença e da participação dos usuários diante do conteúdo digital, Rost (2014) aponta uma diferenciação entre dois modelos de interatividade. A seletiva, relacionada ao acesso, ocorre quando o receptor pode escolher o ritmo e a sequência do consumo das mensagens. "Quantas mais opções de acesso aos conteúdos ofereça o meio, e quantas mais se ajustem às necessidades do utilizador, maior será o grau de interatividade seletiva" (pp. 56-57). A comunicativa representa as oportunidades de conversação com a audiência. Esse modelo é evidenciado em opções como o espaço para comentários em notícias, blogs, fóruns, perfis em redes sociais abertas à participação de internautas, pesquisas, publicação de endereços de e-mails de jornalistas etc. "Por meio destas opções interativas, o leitor procura dialogar, discutir, confrontar, apoiar e, de uma forma ou de outra, entabular uma relação com outros (comunicação)" (p. 58).

As interações seletivas mais utilizadas no Cascaes no MARquE foram: galeria de imagens, botões, barra de rolagem e áudios e vídeos. E as interações comunicativas podem ser percebidas quando o leitor compartilha toda a publicação pelo envio de links por e-mail ou através das redes sociais. A plataforma utilizada não permite o compartilhamento individual de cada matéria.

- **Animação** – Permite que seja aplicada uma animação ao objeto selecionado: aparecer, desaparecer, mover para esquerda ou direita, girar, balançar... A Plataforma InDesign oferece mais de 30 opções. Na revista, foi utilizada na página 6, para fazer aparecer a imagem de Franklin Cascaes e sua esposa, Elizabeth.
- **Áudio** – Utilizado em todas as matérias para complementar as informações e como protagonista na entrevista. Foi inserido através do painel mídias do InDesign, sempre acompanhado de uma foto, para que o leitor identifique aquele que fala. O *player* permite que o usuário inicie, pare, pule pelo áudio e controle o volume.
- **Barra de rolagem** - Na criação de revistas para *tablet* através do sistema de fólhos, a barra de rolagem está disponível no painel *Overlays*. Para o *Publish Online*, no entanto, nenhuma das funções está disponível. O *plugin Universal Scrolling Frames*, criado pela *Ajar Production*, teve que ser instalado no InDesign para que fosse possível a utilização desse produto, que permite economia de espaço.
- **Botões** – Possibilitam uma série de ações. Foram usados já no sumário para permitir que o leitor possa acessar a página que desejar, sem a necessidade de seguir a ordem em que o conteúdo foi disposto; nas galerias, permite a mudança das imagens; na página 6, libera a animação que faz aparecer a foto do artista e de sua esposa.
- **Conteúdos da web** - Permite a inserção de conteúdos através de códigos HTML, e não do carregamento do arquivo no documento. Foi o que ocorreu na página 16:

devido ao arquivo de vídeo pesado, um erro impedia a publicação do documento. Como solução, foi feito *upload* do vídeo para o *YouTube* e incorporado o código HTML através da opção Objeto -> inserir HTML. Dessa forma, a mídia foi carregada sem pesar no documento. Foi o mesmo recurso para inserir o gráfico do crescimento populacional de Florianópolis na página 4.

- **Galeria de Imagens** - Com a impossibilidade de usar a ferramenta Exibição de *Slides*, do painel *Overlays*, para montar as galerias de imagens utilizadas presentes na revista, trabalhou-se com Objetos de Multiestado e botões para ativar as mudanças de estado.
- **Hiperlinks** - Levam a outros conteúdos, dentro ou fora da revista. Como no hiperlink *próxima página*, na página 14 e no encaminhamento para vídeos do *YouTube*, no box *Saiba Mais* da página 7.

Segundo BONSIEPE (2011, p.87 apud PORTUGAL 2013), a interação em sistemas operacionais refere-se ao modo de apresentar informação de maneira não linear, como hipertexto, em estrutura de nós semânticos ligados entre si (em rede), oferecendo alternativas para a navegação. Para isso, usam-se os diferentes canais de percepção (visual, auditivo, tátil) e novos procedimentos para apresentar a informação. Lidar com esses múltiplos recursos – música, imagens, animação, cinema – requer outras competências, além daquelas meramente discursivas. Isso requer trabalho de uma equipe com especialista em psicologia cognitiva, design, redação e programação. Para melhor ilustrar os casos acima relacionados, a Figura 2 traz um compilado de imagens das telas de conteúdo da Publicação Digital proposta.



Figura 2 - Diferentes interatividades em Cascaes no MARquE: **(a)** botões, **(b)** áudio, **(c)** galeria de imagens, **(d)** conteúdo web e barra de rolagem

Procedimentos metodológicos

Emprega-se o método de avaliação de comunicabilidade, que tem como objetivo observar a recepção de metamensagem da interface para os usuários, tentando compreender a efetividade da comunicação e interatividade. Segundo Portugal (2013), a experiência do usuário está associada ao antes, durante e depois da interação e pode ser entendida como uma qualidade subjetiva dos usuários em relação a um produto ou serviço. Representantes do público-alvo dos usuários-leitores foram

convidados a realizar tarefas baseadas no sistema interativo proposto pela Publicação Digital *Cascaes no MARquE*.

A pesquisa foi realizada com 26 estudantes do nono ano do ensino fundamental do Colégio de Aplicação da UFSC, em Florianópolis, divididos em duplas e convidados a acessar a revista através de um laptop. Cada dupla deveria realizar uma série de sete tarefas previamente estabelecidas (**Quadro 1**), sendo a primeira somente um teste, sem resultados válidos para a análise. Depois de realizar cada tarefa, as duplas deveriam responder qual das opções de etiquetagem disponíveis melhor definiam sua experiência:

- "Não encontrei."
- "Consegui, foi fácil!",
- "Vixi, deu problema...",
- "Tive dificuldade, mas consegui.",
- "Desculpe, não entendi a tarefa."

Além disso, para cada tarefa, foi disponibilizado um espaço em branco para que o usuário pudesse acrescentar comentários e sugestões que, segundo ele, poderiam melhorar a sua experiência. O principal objetivo deste método é buscar possíveis rupturas de comunicação ou dificuldades do processo interativo no diálogo interface-usuário.

Quadro 1 - Tarefas estabelecidas para avaliação da Publicação Digital

Tarefa Teste	Descubra onde está o menu.
Tarefa 1	Na página "Para Floripa, com amor", encontre o mapa de Florianópolis e maximize as regiões de Abraão, Bom Abrigo e Itaguaçu.
Tarefa 2	Na seção sobre exposições, ouça o áudio em que a restauradora do Marque, Vanilde Rohdig, fala sobre o processo de reparação das esculturas de argila.
Tarefa 3	Encontre a entrevista com Peninha, o discípulo de Cascaes, e faça download do áudio que responde a pergunta: "Na sua obra, o que é a

	herança de Cascaes?”
Tarefa 4	Na seção sobre exposições, descubra o nome e o cargo das três pessoas que aparecem na décima foto da galeria de imagens, que mostra as etapas do processo de montagem da exposição.
Tarefa 5	Encontre a escultura do menino puxando o carro de boi feito de laranja e bananas e gire 360 graus para ver todos os lados.
Tarefa 6	Dentro da seção "Biografia", procure e assista a alguns minutos do filme "O balanço Bruxólico".

Resultados por ruptura

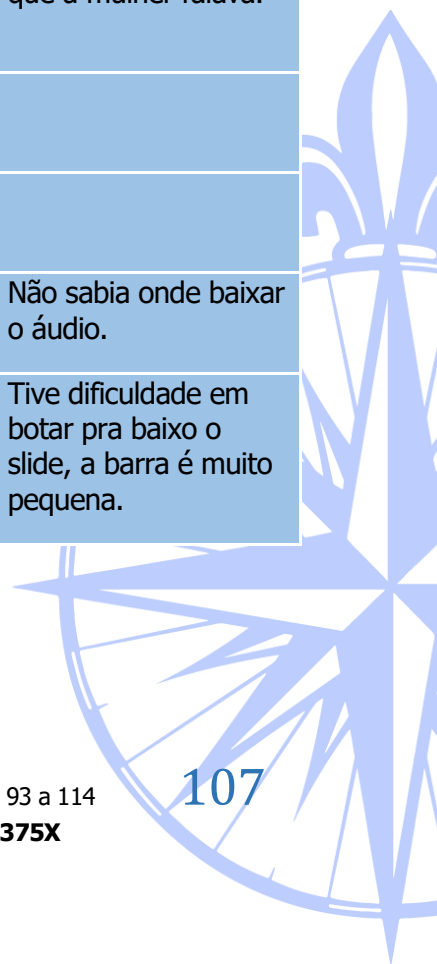
Após a revisão e organização dos registros, a tabulação dos dados e a análise dos resultados do método avaliativo foi possível verificar a ocorrência de um total de 14 rupturas de comunicação, descritas no **Quadro 2**.

Quadro 2 - Rupturas de comunicação relatadas pelos usuários

Usuário	Etiqueta	Ocorrência	Comentário (opcional)
02	Não encontrei.	O usuário não encontrou o mapa especificado na tarefa.	
02	Não encontrei.	O usuário não encontrou a escultura especificada na tarefa.	
04	Não encontrei.	O usuário não encontrou a escultura especificada na tarefa.	
04	Não encontrei.	O usuário não encontrou o filme especificado na tarefa.	
05	Não encontrei.	O usuário não encontrou a escultura especificada na tarefa.	
07	Não encontrei.	O usuário não encontrou o mapa especificado na tarefa.	

**AVALIAÇÃO DE COMUNICABILIDADE EM PUBLICAÇÕES DIGITAIS MULTIPLATAFORMAS:
caso "Cascaes no MARquE"**

07	Vixi, deu problema.	O usuário encontrou um vídeo diferente do solicitado na tarefa.	Tem apenas um vídeo na página.
08	Vixi, deu problema.	O usuário não encontrou o mapa especificado na tarefa.	Áudio Baixo.
09	Vixi, deu problema.	O usuário teve problemas com o áudio.	Não consegui baixar o áudio.
09	Não encontrei.	O usuário não conseguiu encontrar o vídeo solicitado.	Não consegui fazer.
10	Não encontrei.	O usuário não encontrou a escultura especificada na tarefa.	
11	Não encontrei.	O usuário não encontrou a escultura especificada na tarefa.	
11	Desculpe, não entendi a tarefa.	O usuário não conseguiu ouvir o áudio adequadamente.	Não deu pra ouvir o que a mulher falava.
12	Não encontrei.	O usuário não conseguiu encontrar o vídeo solicitado.	
13	Não encontrei.	O usuário não encontrou o mapa especificado na tarefa.	
13	Vixi, deu problema.	O usuário teve problemas com o áudio.	Não sabia onde baixar o áudio.
13	Vixi, deu problema.	O Usuário teve problemas para encontrar a escultura solicitada.	Tive dificuldade em botar pra baixo o slide, a barra é muito pequena.



Resultados por tarefa

Para se melhor compreender os resultados, é necessário analisar os comentários de cada tarefa, já que muitas vezes o usuário conseguiu completá-la, mas mesmo assim encontrou problemas.

- Tarefa 1: Das 13 duplas que participaram da pesquisa, três não conseguiram encontrar o mapa. Uma quarta dupla relatou tê-lo encontrado, mas com bastante dificuldade. Os usuários não deixaram mais sugestões.

Tarefa 1

Qual dessas melhor define sua experiência na execução dessa tarefa?

13 respostas

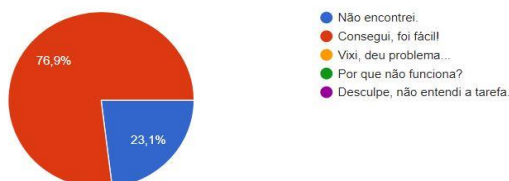


Figura 3 - Relatório de experiências da Tarefa 1

- Tarefa 2: Quase todos as duplas conseguiram realizar a tarefa solicitada. Sete especificaram nos comentários que o áudio estava muito baixo ou com muito ruído e que não conseguiam entender o que estava sendo dito, mesmo com uso de fones de ouvido.

Tarefa 2

Qual dessas melhor define sua experiência na execução dessa tarefa?

13 respostas

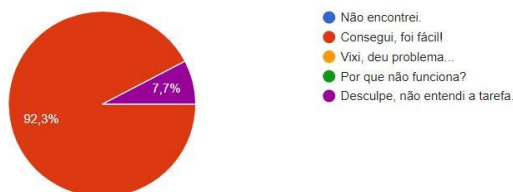


Figura 4 - Relatório de experiências da Tarefa 2

- Tarefa 3: Todos os usuários conseguiram encontrar o áudio, mesmo assim novamente relataram problemas com o volume e três não conseguiram fazer o download solicitado.

Tarefa 3

Qual dessas melhor define sua experiência na execução dessa tarefa?

13 respostas

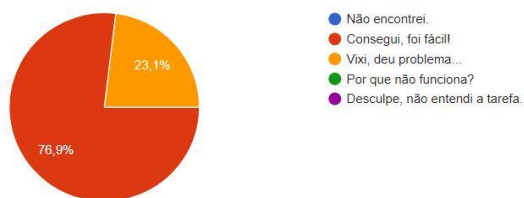


Figura 5 - Relatório de experiências da Tarefa 3

- Tarefa 4: Foi solicitado que os participantes escrevessem o nome de três pessoas que estavam em uma foto que deveriam encontrar. Nove duplas conseguiram realizar a tarefa, duas duplas encontraram a foto, mas não escreveram os nomes no espaço especificado e uma dupla escreveu nomes de pessoas que não estavam na foto solicitada.

Tarefa 4

Qual dessas melhor define sua experiência na execução dessa tarefa?

13 respostas

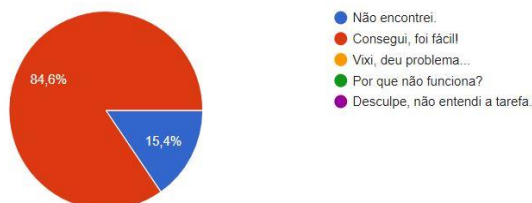


Figura 6 - Relatório de experiências da Tarefa 4

- Tarefa 5: Quatro duplas relataram não ter encontrado a imagem da escultura, uma dupla relatou dificuldade de encontrar porque a barra de

rolagem era muito pequena e não percebeu que havia mais conteúdo na página.

Tarefa 5

Qual dessas melhor define sua experiência na execução dessa tarefa?

13 respostas

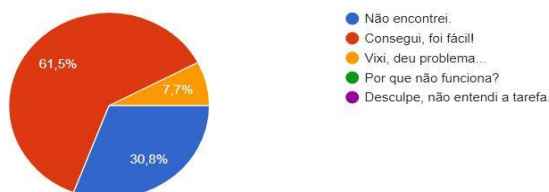


Figura 7- Relatório de experiências da Tarefa 5

- Tarefa 6: Quatro duplas indicaram que não conseguiram encontrar o vídeo solicitado pela tarefa, e uma delas disse ter encontrado um vídeo diferente do solicitado, na mesma página.

Tarefa 6

Qual dessas melhor define sua experiência na execução dessa tarefa?

13 respostas

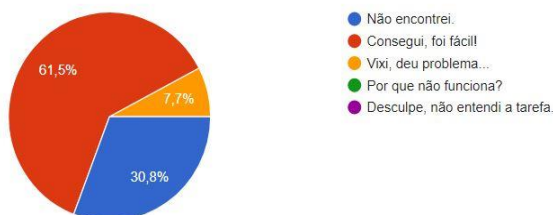


Figura 8 - Relatório de experiências da Tarefa 6

Considerações Finais

A pesquisa analisa de forma introdutória questões relativas à produção e à implementação de publicações digitais de formato jornalístico voltadas à Educação. Este artigo objetiva entender como se dá a

interatividade nos modos de produção: quem pensa a interatividade? Como ela acontece e é inserida em um conteúdo? É efetiva? São questionamentos que não pretendemos esgotar, mas contribuir para fomentar a discussão de aspectos multidisciplinares e práticos que limitam o pensamento sobre interatividade em conteúdos jornalísticos e/ou educacionais. Esta é uma funcionalidade complexa tanto para quem pensa como para quem interage, por isso entendemos que estudos de recepção, por relatarem a experiência do usuário, são ideais para se reconhecer sua efetividade, contribuindo para o material elaborado e sua compreensão.

O método de avaliação de comunicabilidade aplicado reconheceu 13 ocorrências de rupturas, ou seja, relatos de dificuldade no entendimento de algum dos itens interativos propostos. Ao se calcular a média geral de todas as tarefas, ou seja, o cálculo total de cada uma das respostas possíveis, tem-se:

- 16,68% dos usuários não encontraram o item pedido em alguma das tarefas;
- 6,42% dos usuários descreveram algum problema durante a execução de alguma das tarefas;
- 3,85% dos usuários não entenderam alguma das tarefas propostas;

Ainda assim, a maior parte dos participantes não apresentou dificuldades ou problemas, e atribuiu a etiqueta "Consegui, foi fácil" para a tarefa avaliada (75,62% do total de respostas). Mesmo sendo uma grande reportagem jornalística, com textos longos os alunos de ensino fundamental não reclamaram da extensão do conteúdo e encontrou as informações solicitadas.

A obra de Cascaes é um importante marco da história e do folclore da Ilha de Santa Catarina, e uma publicação do tipo Digital Interativa, desenvolvida para multitelas, pode ser um agente facilitador para divulgar e gerar conhecimento sobre o assunto não somente para o ambiente escolar, mas outros notoriamente promotores de cultura, como os museus, pois como afirma Portugal (2013), a relação com o saber modificou-se e possibilitou uma ação diferenciada do usuário por meio das tecnologias de informação e comunicação.

Referências

- ANAISSEI, Vinicius Possebon. **Vivenciando uma cidade em transformação:** cotidiano de classes populares no centro de Florianópolis (1899-1920). Revista do corpo discente do Programa da Pós-Graduação em História da UFRGS. Porto Alegre. vol.2. num. 4. p. 209- 2017. Novembro de 2009.
- ARAÚJO, Adalice Maria de. **Mito e magia na arte catarinense:** Franklin Cascaes & Eli Heil. [Separata da tese *Mito e magia na arte catarinense*]. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1978.
- BATISTELA, Kellyn. **Franklin Cascaes:** alegorias da modernidade na Florianópolis de 1960 e 1970. 2007. 224p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2007.
- CANAVILHAS, João. Hipertextualidade: novas arquiteturas noticiosas. In: CANAVILHAS, João (Org). **Webjornalismo:** sete características que marcam a diferença. Covilhã, Portugal: Livros LabCOM, 2014. p. 3-24.
- CARDOZO, Flávio José; MIGUEL, Salim. **13 Cascaes.** Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 2008. 112p.
- CARUSO, Raimundo C. **Franklin Cascaes:** vida e arte, e a colonização açoriana. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1981. 169p. (Para conhecer Santa Catarina; 1).
- CASCAES, Franklin, **O Fantástico na Ilha de Santa Catarina.** Florianópolis, 2012: Ed. Da UFSC. 272p.
- CASCAES, Franklin Joaquim. **Crônicas de Cascaes.** Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 2008. 80 p., v.1.
- CITELLI, A. **Educomunicação – Imagens do professor na mídia,** São Paulo: Paulinas, 2012.
- EMPINOTTI, M. L. **Hipertextualidade e multimídia aplicadas às notícias em tablets.** Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Florianópolis, 2015.
- EMPINOTTI, M. L. ; PAULINO, R. C. R. . **Sucesso Novo em Formato 'Antigo':** Periódicos Matutinos para Tablets e o Caso do La Presse +. In: 3º Congresso de Jornalismo para Dispositivos Móveis, 2016, Covilhã - Portugal.
- GARCIA, M. La Presse+: **A Tablet Edition Success Story in Montreal.** Disponível em:
<https://www.garciamedia.com/blog/la_presse_a_tablet_edition_success_story_in_montreal/> Acesso em: 08 de abril de 2017.
- GHIZONI, Vanilde Rohling. **Conservação de acervos museológicos:** estudo sobre as esculturas em argila policromada de Franklin Joaquim

Cascaes. Florianópolis, 2011 210 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Florianópolis, 2011.

GRUSZYNSKI, Ana Cláudia. **Design editorial e publicação multiplataforma**. Intexto. Porto Alegre. N. 34 (set./dez. 2015), p. 571-588, 2015.

HILDEBRAND, Hermes Renato; CANDELLO, Heloisa Caroline de Souza Pereira. **Metodologia Semiótica para Análise de Revistas Digitais Online**. Actas de Diseño, v. Ano 3, 2008.

HOELTZ, Mirela. **Armazéns de papel x armazéns digitais: a rede da NEO Interativa**. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/hoeltz-mirela-rede-NEO.pdf/>> Acesso em: 08 de abril de 2017.

IOSCHPE, G. **O que o Brasil quer ser quando crescer?** São Paulo: Paralela, 2012.

KRÜGER, Aline Carmes. **Fragmentos de uma coleção: as obras de arte em papel de Franklin Joaquim Cascaes**. Florianópolis, 2011. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Artes.

NASCIMENTO, Mirian Alves do. **Ajustes e desajustes em Florianópolis (1890 – 1930)**. Revista Santa Catarina em História, Florianópolis, v.1, n.1, 2008.

NATANSOHN, Graciela; SILVA, Tarcízio; BARROS, Samuel. **Revistas Online: cartografia de um território em transformação permanente**. In: XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação-Intercom. 2009.

PAULINO, R. **Conteúdo digital interativo para tablets-ipad: Uma forma híbrida de conteúdo digital**. In: PAULINO, R.; RODRIGUES, V. (Orgs.).

Jornalismo para Tablets: Pesquisa e Prática. Florianópolis: Insular, 2013, p. 15-27.

PAULINO R., GLADIS E., DAMACENO G., OLIVEIRA L., SOUZA N., PRISCILA A., **Revista Já para tablets, uma experiência coletiva para pensar um conteúdo interativo**. Anais da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) - Palhoça, SC. 2016.

PORTUGAL, C. **Design, educação e tecnologia** Rio de Janeiro: Rio Books 1a Edição 2013.

ROST, Alejandro. Interatividade: definições, estudos e tendências. In: CANAVILHAS, João (Org). **Webjornalismo: sete características que marcam a diferença**. Covilhã, Portugal: Livros LabCOM, 2014. p. 3-24.

SALAVERRÍA, Ramón. Multimedialidade: informar para cinco sentidos. In: CANAVILHAS, João (Org). **Webjornalismo: sete características que marcam a diferença**. Covilhã, Portugal: Livros LabCOM, 2014. p. 25-52.

SILVEIRA, Cláudia Regina; SACHET, Celestino. **Um bruxo na ilha.** Franklin Cascaes (narrativas inéditas) /. Florianópolis, 1996. 2v. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão.

SOUZA, Evandro André de. **Franklin Cascaes:** uma cultura em transe. Florianópolis: Insular, 2002. 120p.



DOI: 10.22478/ancora.v4n2p115-130

A EPISTEMOLOGIA DO DIÁLOGO SOCIAL NA COBERTURA SOBRE ABORTO NO PROGRAMA PROFISSÃO REPÓRTER: teoria e prática

THE EPISTEMOLOGY OF SOCIAL DIALOGUE IN COVERAGE OF ABORTION IN THE TV SHOW PROFISSÃO REPÓRTER: theory and practice

Marcelle Cristine de SOUZA¹
Universidade de São Paulo | Brasil

Resumo

Este artigo se trata de um relato de reportagem sobre aborto legal no programa Profissão Repórter, da TV Globo, e da aplicação de uma epistemologia que vê o jornalista como mediador social, conforme defende Cremilda Medina. O objetivo deste artigo é indicar uma possível saída para a crise de paradigmas que vive o jornalismo na atualidade. Tanto a prática quanto a teoria mostram que é necessário superar a suposta "objetividade" do jornalismo em prol da entrevista-diálogo, da reportagem em busca da complexidade e da narrativa de protagonismo. No caso concreto aqui desenvolvido, essas ferramentas foram utilizadas numa cobertura que mostra como o aborto legal ainda é um desafio para mulheres no Brasil.

Palavras-chave

Jornalismo; Aborto legal; Estupro.

Abstract

This paper is about a report on legal abortion in Profissão Repórter, a TV show of Globo broadcasting company, and the application of an epistemology that sees the journalist as a social mediator, an idea that has been developed by Cremilda Medina. The aim of this article is to indicate a possible way out of the paradigmatic crisis which a journalist lives nowadays. Practice and theory show that it is necessary to overcome the so-called "objectivity" of journalism in favor of interview-dialogue, report with complexity and narrative of protagonism. In the specific case developed here, these tools were used in a coverage of how legal abortion is still a challenge for women in Brazil.

Keywords

Journalism; Legal abortion; Rape.

RECEBIDO EM 18 DE SETEMBRO DE 2017
ACEITO EM 05 DE NOVEMBRO DE 2017

¹ Doutoranda e Mestra pelo Programa de Pós-graduação Interunidades em Integração da América Latina/USP. Graduada em jornalismo pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Membro do Grupo de Pesquisa "Epistemologia do Diálogo Social". Bolsista Capes. Contato: marcelle.souza@usp.br

Introdução

Era madrugada de uma segunda-feira quando chegamos a Rio Branco, no Acre, para apurar uma reportagem para o programa Profissão Repórter, da TV Globo, em julho de 2017. A equipe era formada por mim, que atuava como jornalista *freelancer*, a videorrepórter Mayara Teixeira e o técnico Luis Scarpa, ambos da equipe permanente do programa. A nossa missão: investigar o porquê, apesar dos altos índices de estupro², o Acre tinha registrado apenas dois abortos em 2016.

O pontapé inicial para a pauta havia começado aproximadamente dois meses antes, quando decidi unir as experiências enquanto pesquisadora e jornalista: de um lado, a imersão na investigação de mestrado realizada no PROLAM-USP (Programa de Pós-graduação Interunidades em Integração da América Latina da Universidade de São Paulo) sobre aborto em caso de abuso sexual infantil no Brasil e no Chile; de outro, quase uma década da experiência como repórter.

Desse encontro do “eu-pesquisadora” com o “eu-repórter” surgiu a ideia de cruzar os dados de estupro por UF (unidade federativa) –que já existiam e são levantados todos os anos pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2015) – e os de aborto legal realizados no SUS (Sistema Único de Saúde) –que tiveram que ser solicitados via e-SIC³ (Sistema Eletrônico do Serviço de Informação ao Cidadão) ao Ministério da Saúde.

No Brasil, o aborto é considerado crime, com pena prevista para a mulher e a pessoa que realizar o procedimento. Há, no entanto, três casos em que ele é permitido⁴: estupro, risco de morte para a mulher e, após uma decisão do STF (Supremo Tribunal Federal) de 2012, se o feto for anencéfalo. Apesar de existirem previsões legais desde 1940, quando o Código Penal foi promulgado, o serviço de aborto legal no país só foi

² Em 2015, foram registrados 65,2 estupros para cada 100 mil habitantes no Acre, bem acima da média nacional, de 22,2 a cada 100 mil habitantes no mesmo período (FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2015).

³ Plataforma digital criada pelo Governo Federal por conta da Lei de Acesso à Informação (BRASIL, 2011), que regulamenta o direito constitucional de acesso às informações públicas no país.

⁴ Segundo o Art. 128 do Código Penal (BRASIL, 1940): “Não se pune o aborto praticado por médico: Aborto necessário: I - se não há outro meio de salvar a vida da gestante; Aborto no caso de gravidez resultante de estupro; II - se a gravidez resulta de estupro e o aborto é precedido de consentimento da gestante ou, quando incapaz, de seu representante legal.

regulamentado em 1999, com a publicação da primeira norma técnica pelo Ministério da Saúde. Restava saber então se as previsões legais estavam sendo cumpridas no país.

A pauta se baseava ainda no levantamento feito por Madeiro e Diniz (2015), que concluiu que o perfil mais comum nos serviços legais de abortamento do SUS é de vítimas de estupro, que representam 94% dos procedimentos realizados.

Partindo desta premissa, era de se esperar que as UFs que ocupavam o topo do ranking nacional de violência sexual contra a mulher registrassem, proporcionalmente, mais aborto legais. A pré-apuração, no entanto, mostrava exatamente o contrário: Estados com maiores índices de estupro, como Acre, Roraima, Amapá e Rondônia, tinham realizado, juntos, apenas quatro abortos legais em 2016.

Os números oficiais sugeriam então que barreiras eram impostas diariamente a mulheres que tinham direito à interrupção legal de uma gestação, especialmente nos Estados com mais estupros do país. Barreiras essas que, além de ilegais, significam uma violência para as mulheres obrigadas a levar uma gestação indesejada adiante. Nesse sentido, destaca-se o voto do ministro Carlos Ayres Britto durante o julgamento da Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) 54 no Supremo Tribunal Federal:

[...] o estupro é para a sociedade em geral e para o Direito em especial uma ação humana da maior violência contra a autonomia de vontade do ser feminino que o sofre. Uma aberração! Uma hediondez! O instante da mais aterradora experiência sexual para a mulher, projetando-se no tempo como uma carga traumática talvez nunca superável, principalmente se resultar em gravidez da vítima. Pois o fato é que seu eventual resultado em gravidez tende mesmo a acarretar para a gestante um permanente retorno mental à ignomínia do ato em que foi brutalizada. Uma condenação do tipo *ad perpetuam rei memoriam* (para a perpétua memória da coisa), no sentido de que a imposição do estado de gravidez em si e depois a própria convivência com um ser originário do mais indesejado conúbio podem significar para a vítima do estupro uma tão perturbadora quanto situação de tortura. Daí que vedar à gestante a

opção pelo aborto caracterize um modo cruel de ignorar sentimentos que, somatizados, têm a força de derruir qualquer feminino estado de saúde física, psíquica e moral (aqui embutida a perda ou a sensível diminuição da autoestima). (AYRES BRITTO, 2012)

Os dados e a investigação prévia que havia realizado indicavam então um caminho para a pauta, que foi escrita e oferecida à chefia da Revista Galileu⁵, da Editora Globo, que prontamente aceitou publicá-la. Seria preciso, a seguir, ir a campo, ouvir as mulheres e especialistas para dar corpo a uma narrativa de profundidade.

A ideia era discutir o tema não sob a lente do estigma ou da dicotomia *pró versus* contra o aborto, mas realizar uma cobertura complexa, a partir de um olhar humano e sensível para os envolvidos nesse tipo de ocorrência. Isso porque entendemos que os números jamais seriam capazes de aproximar-nos das dores, dos medos e das perdas dessas mulheres.

Tal abordagem se fazia necessária como uma resposta à crise de paradigmas (SANTOS, 1989) que vive o projeto de modernidade em que está inserido o jornalismo. Trata-se de um projeto baseado em uma ideia de ciência objetiva, universal, marcada por rígidas fronteiras entre as disciplinas, que separa razão e emoção, sobrepõe conhecimento científico aos outros modos de produção de conhecimento, e que defende o jornalismo como um exercício “objetivo e imparcial”.

A reportagem acabou se tornando uma parceria inédita entre a Revista Galileu e o Programa Profissão Repórter⁶, ambas produções do Grupo Globo, e fui convidada a integrar a equipe que viajaria em busca da reportagem em profundidade. Além do material que eu já havia apurado para a Revista Galileu, seria preciso ir a campo para construir, também na TV, uma narrativa mais densa, criativa e sensível, o que Leandro e Medina (1973) chamam de a possibilidade de “aprofundamento do conteúdo informativo no tempo e no espaço”:

⁵ A reportagem foi publicada sob o título “Onde as vítimas não têm vez”, na edição de setembro de 2017 da Revista Galileu (SOUZA, 2017).

⁶ O programa completo está disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/6099676/>>. Acesso em 18 de fev. 2018.

Na passagem de um jornalismo puramente informativo para jornalismo interpretativo, as linhas de tempo e espaço se enriquecem: enquanto a notícia registra o aqui, o já, o acontecer, a reportagem interpretativa determina um sentido desse aqui num círculo mais amplo, reconstitui o já no antes e no depois, deixa os limites do acontecer para um estar acontecendo atemporal ou menos presente. Através da complementação de fatos que situem ou interpretem o fato nuclear, através da pesquisa histórica de antecedentes, ou através da busca do humano permanente no acontecimento imediato, a grande reportagem é interpretação do fato jornalístico. (LEANDRO, MEDINA, 1973, p. 25, grifo do autor)

Em busca da reportagem em profundidade

Antes da viagem, realizamos um levantamento de ações recentes sobre aborto no Tribunal de Justiça do Acre. No montante pesquisado, encontramos dois casos em que mulheres entraram com um processo, apesar das informações apontarem para situações em que já havia previsão legal, para a realização de um aborto.

O primeiro caso se tratava de uma jovem de 16 anos, que tinha deficiência auditiva e morava em uma reserva extrativista no município de Brasiléia (AC), e havia engravidado após ter sido estuprada pelo pai. A polícia havia apurado que os abusos aconteciam desde que ela tinha 11 anos. O segundo processo era de uma jovem moradora da zona rural de Xapuri que, grávida de um feto com diagnóstico de anencefalia, teve o aborto negado pelos médicos da região. As duas procuraram o sistema de saúde público e foram informadas de que o aborto só seria realizado com decisão judicial.

Em Brasiléia, encontramos uma adolescente tímida, grávida de seis meses e que se sentia culpada pela prisão do pai. Tivemos que chegar sem a câmera e com muito respeito, ter uma longa conversa com ela e a irmã mais velha até que a entrevista fosse autorizada. Cada enquadramento da câmera foi previamente combinado e autorizado pela entrevistada. O desafio era capturar as mãos que falavam (por conta da deficiência auditiva da menina grávida) e preservar uma vítima de violência. Havia muitos silêncios, não só por conta da linguagem de sinais improvisada (ela não era alfabetizada em

LIBRAS), mas também pelo medo, a vergonha e a dor que permeavam aquela história.

Logo que o estupro e a gravidez foram descobertos, a irmã disse que a família não queria a criança. Procuraram os hospitais da cidade, mas os médicos pediram uma autorização judicial. Segundo o Ministério da Saúde, no entanto, a exigência é ilegal:

A realização do abortamento não se condiciona à decisão judicial que sentencie e decida se ocorreu estupro ou violência sexual. A lei penal brasileira também não exige alvará ou autorização judicial para a realização do abortamento em casos de gravidez decorrente de violência sexual. O mesmo cabe para o Boletim de Ocorrência Policial e para o laudo do Exame de Corpo de Delito e Conjunção Carnal, do Instituto Médico Legal. Embora esses documentos possam ser desejáveis em algumas circunstâncias, a realização do abortamento não está condicionada a apresentação dos mesmos. Não há sustentação legal para que os serviços de saúde neguem o procedimento caso a mulher não possa apresentá-los. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2012, p. 71)

Quando a autorização enfim saiu, as duas irmãs chegaram a ir até a capital, Rio Branco, mas a gravidez já passava dos cinco meses, prazo legal para realizar o aborto. Voltaram para Brasília e adolescente foi encaminhada para o pré-natal.

Em Xapuri, a segunda jovem nos contou com dor como foram os meses carregando o feto anencéfalo no ventre. Era o primeiro e tão esperado filho do casal que trabalhava em uma fazenda da região. No encontro emocionado, ela mostrou às repórteres as roupas do enxoval, o ultrassom com o triste diagnóstico e a certidão de óbito que seguiu o nascimento do bebê. “Se tivesse abortado antes, teria sido mais fácil”, disse à reportagem. A decisão judicial exigida pelos médicos só chegou quando ela estava com oito meses de gravidez e já não era possível fazer o procedimento.

Em situações como essa, segundo o ministro Marco Aurélio Mello (2012), relator da ADPF 54, “não cabe impor às mulheres o sentimento de meras ‘incubadoras’ de gestações ‘fadadas ao fracasso’”:

O ato de obrigar a mulher a manter a gestação, colocando-a em uma espécie de cárcere privado em seu próprio corpo, desprovida do mínimo essencial de autodeterminação e liberdade, assemelha-se à tortura ou a um sacrifício que não pode ser pedido a qualquer pessoa ou dela exigido.

Os dois casos mostram que uma entrevista burocrática e insensível jamais conseguiria capturar a dor e a complexidade dessas experiências, que passavam pelo desejo da maternidade e a vontade de interromper aquela gestação. Por isso, antes de qualquer pergunta, era necessário construir uma aproximação genuína entre os sujeitos: entrevistadoras e entrevistadas.

Selamos esses encontros como um exercício constante de empatia e de busca por tentar compreender o outro com todos os nossos sentidos. Ou melhor, tratava-se de um esforço para romper com o que Restrepo (1994) chama de “analfabetismo afetivo”, que nos impossibilita, enquanto jornalistas, de compreender as sutilezas e as complexidades das relações humanas.

El camino expedito al conocimiento de la singularidad parece ser el que sigue la huella gnoseológica del contexto y la sensibilidad. Es en el plano de lo sensible donde habitan nuestras más radicales diferencias. Es en la manera de percibir los olores, las caricias o el tacto, en nuestros ascos y alergias, en los pequeños goces y las exaltaciones emocionales, donde deja con más claridad su marca nuestra irreductible singularidad. Pensar de acuerdo a una lógica de lo sensible, abierta a la captación de diferencias, es prestar atención a esos vaivenes afectivos que dan cuenta de nuestros roces y encuentros. (RESTREPO, 1994, p. 46)

Ao se abrir para as experiências e os sentimentos envolvidos numa reportagem sobre aborto, pretendíamos ir em busca das contradições, do diferente, das forças que compõem e atuam sobre as protagonistas dessa reportagem. Objetivo de cada entrevista, portanto, era que se estabelecesse como um diálogo, conforme definido por Morin (1973, p. 129):

Em certos casos felizes, a entrevista torna-se diálogo. Este diálogo é mais que uma conversação mundana. É uma

busca em comum. O entrevistado e o entrevistador colaboram no sentido de trazer à tona uma verdade que pode dizer respeito à pessoa do entrevistado ou a um problema.

Tal metodologia foi complementada pela observação-experiência, que busca extrapolar o olhar “neutro” e “objetivo”. Isso porque a reflexão se enriquece, como afirma Medina (2008, p.106), “toda vez que o autor cruza o argumento com a experiência viva”, traçando um caminho sólido e possível para o jornalismo frente à crise de paradigmas.

Cabe àqueles que têm contato direto com o mundo e aos protagonistas sociais uma sensibilidade sutil que vai além dos parâmetros conceituais ou das convicções ideológicas, para não falar dos achismos de livre-atiradores. São os repórteres e cientistas que vão a campo testar suas hipóteses, que descobrem tendências e comportamentos não fixados nas gramáticas. Esses autores podem trazer para as narrativas a contemporaneidade em curso. No conflito de forças que caracteriza qualquer processo, há a inércia mental de só mapear as regularidades e não perceber a imprevisibilidade, as indeterminações. Estas se revelam muitas vezes nos códigos não verbais. (MEDINA, 2008, p. 107)

Desse modo, o repórter que se utiliza dos cinco sentidos consegue romper com a censura interna causada pelos anos de favorecimento da racionalidade técnica. Essa censura interna, segundo Medina (2006, p. 114), é a “que fecha os poros, impede que se estenda o gesto solidário, afetuoso, aos parceiros da contemporaneidade”.

Desse modo, o objetivo era que, enquanto repórteres, ocupássemos o papel de mediadoras culturais, “articulador[as] de discursos multiculturais” (MEDINA, 2006, p. 82). Para Medina, essa mediação de vozes, comportamentos e valores “não é uma técnica asséptica, mas uma técnica responsável e esteticamente inovadora” (Idem).

Nesse contexto, o fazer jornalístico deve ser entendido como um “jogo dialético” (MEDINA, 1978), formado por uma massa que participa enviando uma demanda “difusa, mas penetrante”, a empresa jornalística e seus interesses econômicos e políticos, e o jornalista, que atua como mediador e

produtor de sentidos. Há, portanto, uma disputa simbólica constante entre empresas de comunicação, sociedade, Estado e os poderes econômicos e políticos. É o que Jean Lohisse define como “criação anônima”, submetida a três forças agentes:

[...] os *arquétipos*, fatores biogenéticos, elementos sociogenéticos ou mitos que por serem universais entram no coletivo é o antropos universal; os *osmotipos* que procedem da corrente da relação cultural, contatos, convergências de valores, ritos, símbolos, formas, estilos e conteúdos das sociedades, grupos e culturas particulares; e os *lidertipos*, desencadeados dos centros industrialmente mais equipados, com maiores recursos financeiros e políticos, ou então, segregações próprias de um determinado contexto em relação à novas situações. Não há, pois, possibilidade de um sistema fechado, de um conformismo, entre “servilismo”, padronizado numa cultura com essas componentes dinâmicas que se interagem. (MEDINA, 1978, p. 37, grifo do autor)

Além disso, não entendemos o processo comunicacional como linear e unidimensional, no modelo emissor-mensagem-receptor, inserido no velho paradigma da ciência moderna, mas sim como um processo circular e dialógico, que “se desvela em um cenário de múltiplos conflitos que chegam até mesmo aos cerceamentos e atrofias regidas pelo poder interno do profissional, passando pelo contexto social e pelas raízes culturais” (MEDINA, 2006, p. 96).

A audiência das reportagens, por sua vez, não deve ser percebida pela lente apocalíptica de homogeneização das ideias nem pela idealização romântica. “Nem indivíduos soberanos, nem massas uniformes”, diz García Canclini (2008, p. 17). Isso porque não há só uma experiência do leitor com o conteúdo publicado em um jornal. “Condicionamentos parecidos não geram gostos nem comportamentos semelhantes em pessoas que se socializaram na leitura durante a época da televisão ou da internet” (Idem).

O repórter, portanto, é o centro dessa negociação simbólica e é ele o ponto possível de ruptura e de mediação entre as forças agentes (arquétipos, lidertipos e osmotipos). De acordo com Medina (1991, p. 196), o jornalista participa do processo na captação de “conceitos, comportamentos da

sociedade –a realidade cultural imediata a que está exposto– e os representa na notícia, na reportagem ou em qualquer peça jornalística”.

Descartamos, como exposto até agora, a ideia da “objetividade” na produção da notícia, que seria um retrato “fiel” da “realidade”. Isso significa que, ao invés desse jornalista mero “transmissor” da informação, entendemos que a atividade desse profissional é a de um mediador simbólico e cultural, sem esquecer que ele está inserido em um contexto de disputas pelo poder. Entendemos, portanto, que o jornalista imprime seu caráter autoral no exercício da reportagem e atua na produção de sentidos, de maneira mais complexa ou reducionista, respondendo ou não à demanda da sociedade em que está inserido.

A narrativa de protagonismo frente à crise de paradigmas

A partir dos dados levantados, partimos para a rua a fim de construir uma narrativa mais tensa e densa (MEDINA, 2003), com protagonismo anônimo, prognósticos e diagnósticos, raízes histórico-culturais e contexto social.

Nesse sentido, entendemos “protagonismo anônimo” como a capacidade do jornalista de dar visibilidade a histórias de gente comum, de dar o protagonismo a quem não está normalmente nas manchetes dos jornais, narrar histórias e tirá-las do anonimato. Concretamente, era sair em busca das meninas e mulheres que tiveram um aborto legal negado pelo sistema de saúde.

Esse elemento era importante porque as narrativas de protagonismo são capazes de aproximar o tema em debate do cotidiano do leitor, de contribuir para um olhar com mais empatia sobre o que acontece na vida do sujeito retratado, é a história com nome e sobrenome estampados no jornal (mesmo que eles tenham sido trocados para garantir a segurança do personagem) que ganham eco e têm a força de alcançar os leitores.

Essas narrativas de protagonismo podem ser inspiradas na Literatura, que a partir da ficção consegue muitas vezes aproximar com maestria o leitor de outras épocas, culturas e histórias. Tomamos como exemplo um trecho da entrevista do escritor uruguaio Eduardo Galeano ao programa *Sangue Latino*, exibido pelo Canal Brasil em 2009. No trecho reproduzido a seguir, o autor responde sobre qual seria a função da Literatura, que aqui propomos

como um exercício possível também para o jornalista enquanto mediador social:

Hace poco, en una entrevista que me hicieron en Madrid, un periodista me dijo: “Yo leyendo tus libros siento que tú tienes un ojo en el microscopio y otro en el telescopio”. Me pareció una buena definición, por lo menos desde mis intenciones, lo que me gustaría hacer escribiendo, ser capaz de mirar lo que no se mira, pero que merece ser mirado, las pequeñas, las minúsculas cosas de la gente anónima, de la gente que los intelectuales suelen despreciar, ese micro-mundo donde yo creo que debieras se alienta la grandeza del universo y al mismo tiempo ser capaz de contemplar el universo, desde el ojo de la cerradura, o sea, desde las cosas chiquitas asomarme a las cosas más grandes, a los grandes misterios de la vida, al misterio del dolor humano, pero también al misterio de la humana persistencia en esta manía a veces inexplicable de pelear por un mundo que sea la casa de todos y no la casa de poquitos y el infierno de la mayoría, y otras cosas más. (GALEANO, 2009)

Ao deslocar o protagonismo da notícia de fontes já conhecidas –como políticos, especialistas, governos, instituições e seus representantes– para pessoas que estão nas sombras do exercício diário do jornalismo, o repórter mostra que aquela situação poderia ter ocorrido com algum familiar ou amigo do leitor, é “usar o microscópio” para ver histórias cotidianas, de “gente comum”, e relacioná-las a coisas maiores, sentimentos e emoções universais, que só poderiam ser vistas pelo telescópio, como dito por Galeano.

Hay una poeta norteamericana, una mujer que murió hace unos años que se llamaba Muriel Rukeyser, dijo una frase que a mí siempre me pareció espléndida. ‘Sí, sí, como no, es así que el mundo está hecho de átomos. El mundo no está hecho de átomos, está hecho de historias’, dijo eso. Yo creo que sí, el mundo debe estar hecho de historias, porque son las historias que uno cuenta, que uno escucha, que uno recrea, que uno multiplica, son las historias que permiten convertir el pasado en presente y las también que permiten

convertir lo distante en próximo, lo que está lejano en algo próximo, posible y visible. (GALEANO, 2009)

Para contar essa história de protagonismo, é preciso lançar mão de outros dois elementos que Medina (2003) defende na leitura cultural: as raízes histórico-culturais e o contexto social. De modo geral, os fatos viram notícia porque são vividos ou terão impacto, em algum nível, na vida das pessoas. Cada pessoa tem uma história, está inserida em uma cultura e em um contexto social. Um mesmo fato pode ser percebido e vivido de modo diferente em distintas culturas e períodos históricos. O que acreditamos, portanto, é que o jornalista deve fazer essa leitura mais complexa da notícia, apresentando o contexto em que o fato está inserido e mostrando as relações entre o evento narrado e outras esferas da realidade.

Esse tratamento complexo do tema deve levar em conta, segundo Medina (2003), a necessidade de fazer um diagnóstico do problema. Para tanto, importamos o significado comum da palavra usada na medicina, ou seja, identificar um problema (ou doença) a partir dos elementos (ou sintomas) que a situação apresenta. Esse diagnóstico pode ser feito a partir de entrevistas com “especialistas”, no caso da reportagem em questão, médicos, juízes, advogados e demais profissionais envolvidos com os casos tratados.

Essas entrevistas puderam também subsidiar outro elemento defendido por Medina (2003) para a leitura cultural: o prognóstico, que é o exercício de projetar consequências futuras do fato noticiado. Para Medina (2006), os diagnósticos e os prognósticos dos especialistas podem dar “caminhos coletivos para as histórias de vida abordadas”, isto é, podem extrapolar a situação específica e indicar a sua relação com outros problemas e outras esferas da sociedade.

Juntas, essas ferramentas –protagonismo anônimo, raízes histórico-culturais, contexto social, e prognósticos e diagnósticos– indicam, segundo Medina (2007), que o jornalista se comportou como um leitor cultural durante a cobertura sobre um determinado tema, alguém capaz de interpretar a contemporaneidade e produzir sentidos e significados diante de um acontecimento social:

O leitor cultural observa, colhe informações dos acervos e de fontes vivas, cria elos de contexto e elege o protagonismo daqueles que vivem a situação de sua narrativa. E aí se consuma a humanização como eixo central da leitura cultural. Se o jornalista distribui nas mídias apenas os sentidos oficiais, ele não passa de um mero administrador da renda simbólica estratificada. Mas além de exercer a função de um simples administrador, pode ousar a renovação e até a reestruturação plena dos significados em voga –o que revela a grandeza de um leitor cultural. (MEDINA, 2007, p.32)

O jornalista, portanto, é um agente inserido na teia de produção simbólica que é a cultura. Como sujeito cultural, seu papel, segundo Medina (2006), deve ser o de produzir, renovar ou administrar, de forma responsável e consciente, os sentidos que permeiam a realidade, sejam eles vocalizados ou não pelas fontes de informação ouvidas na reportagem.

O desafio do repórter é então o de captar os conflitos de determinada situação, sair em busca da complexidade do fato em diversos níveis, deixando de se fixar apenas nos opostos pró ou contra determinado assunto. Desse modo, essa mediação social não deve assumir a forma de difusão de juízos de valor, tampouco deve ser realizada sob a ótica da “objetividade” e da “imparcialidade” –já que entendemos que esse paradigma já foi superado por diferentes pesquisadores da comunicação social (MEDINA, 1978). Essa mediação do jornalista deve, sim, ser usada para a construção de um texto que reúna as múltiplas causas e que busque a dialogia social e a compreensão mais profunda e complexa do acontecimento noticiado.

Inquietações finais

Ao longo deste texto, buscou-se mostrar como a suposta “objetividade do jornalismo” não dá conta de construir narrativas complexas sobre situações em que o aborto, ainda que nos casos legais, é negado a mulheres. Isso porque os dados oficiais são insuficientes para alcançar os sentimentos, as dores e a complexidade dessa experiência.

No caso do aborto, as pesquisas sobre o Brasil mensuram seu impacto na saúde pública, mas só jornalistas mediadores culturais conseguem mostrar como fatores emocionais, sociais, psicológicos e culturais permeiam

esse tipo de decisão, que não pode ser reduzida à polarização entre pró e contra a interrupção voluntária da gestação.

Objetivo da reportagem era evitar uma leitura maniqueísta, “mocinhos” e “bandidos”, partir em direção da complexidade (MORIN, 2005) do tema proposto, com mulheres protagonistas, contando suas experiências por elas mesmas.

A partir das narrativas de protagonismo, o programa conseguiu mostrar como o sistema de saúde e o judiciário dificultam que o aborto seguro e legal, mesmo nos poucos casos permitidos, seja realizado no Brasil.

Longe da redação, dos e-mails pessoais e do telefone que impera nas entrevistas realizadas no cotidiano dos jornalistas, conseguimos mostrar como médicos e hospitais deixam de acolher esses casos por medo de represálias, como delegadas e assistentes sociais desconhecem a normas que permitem o aborto no Brasil, e como as mulheres são condenadas a gestações indesejadas. Elas ficam à mercê da ineficácia do sistema público e da falta de informação correta sobre as exigências e os procedimentos legais em caso de aborto no Brasil.

O percurso desta reportagem, portanto, priorizou o trabalho de ir a campo com os sentidos e afeições voltadas para as mulheres e meninas que viveram a experiência de um aborto negado pelo Estado brasileiro. Nesse processo, não há como sair isento, como indica Restrepo (1994, p. 20):

[...] por implicar una descentración, un estar abierto al otro, un dejarse asaltar por las intensidades ambientales que llegan a nuestro cuerpo, la ternura sólo puede enunciarse desde la fractura, vivenciada desde un ser atravesado por el mundo y no desde aquel que se cierra sobre la experiencia imponiendo a cualquier precio sus intenciones y proyectos. Constatase, desde la dimensión de la ternura, una inversión de la ideología del conquistador. Mientras éste aspira a perpetuarse en el tiempo, homogeneizando al son de sus caprichos los espacios que caen bajo su dominio, quien se anida en la ternura está de entrada asaltado y derrotado, fracturado por la pluralidad y tensionado por la diferencia. La unidad del yo se rompe como un espejo que se conviene en prisma y la carcaza de la identidad cede agrietada bajo la presión de fuerzas que desde el interior del individuo intentan dar cuenta de lo extraño, de lo diferente, de lo otro.

Referências

- AYRES BRITTO, Carlos. **Voto no julgamento pelo STF da ADPF 54** (Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental). Brasília, STF, 12 abr. 2012. Disponível em <<http://www.stf.jus.br/noticias/imprensa/VotoBrittoADPF54.pdf>> Acesso em 28 de out. 2017.
- BRASIL. **DECRETO-LEI No 2.848, DE 7 DE DEZEMBRO DE 1940.** Código Penal. Rio de Janeiro, RJ. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del2848.htm> Acesso em 28 de out. 2017.
- DINIZ, Debora, MEDEIROS, Marcelo. **Aborto no Brasil:** uma pesquisa domiciliar com técnica de urna. In: *Ciência & Saúde Coletiva*, n.15, p. 959-966, 2010.
- FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública.** 2015. Ano 9. São Paulo, 2015. Disponível em <<http://www.forumseguranca.org.br/atividades/anuario/>>. Acesso em 28 de out. 2017.
- GALEANO, Eduardo. **Entrevista a Eric Nepomuceno.** Programa Sangue Latino, Canal Brasil, 2009. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=47aFAIDierM>>. Acesso em 26 de set. 2017.
- GARCÍA CACLINI, Néstor. **Leitores, espectadores e internautas.** São Paulo: Iluminuras, 2008.
- LEANDRO, Paulo Roberto e MEDINA, Cremilda de Araújo. **A Arte de Tecer o Presente (jornalismo interpretativo).** São Paulo: Escola de Comunicações e Artes, 1973.
- MADEIRO, Alberto Pereira e DINIZ, Debora. **Serviços de aborto legal no Brasil – um estudo nacional.** In: *Ciência e Saúde Coletiva*, 2015. No prelo.
- MEDINA, Cremilda. **Notícia:** um produto à venda - jornalismo na sociedade urbana e industrial. São Paulo: Alfa-Omega, 1978.
- MEDINA, Cremilda. **Jornalismo e Epistemologia da Complexidade.** In: MEDINA, Cremilda (coord. e org.). **A Crise dos Paradigmas** – Anais do 1º Seminário Transdisciplinar. ECA/USP, 1991.
- MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente:** narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus Editorial, 2003.
- MEDINA, Cremilda. **Leitura crítica.** In: LINDOSO, Felipe (org). *Rumos [do] Jornalismo Cultural.* São Paulo: Summus: Itaú Cultural, 2007.

MEDINA, Cremilda. **O Signo da Relação:** Comunicação e pedagogia dos Afetos. São Paulo: Editora Paulus, 2006.

MEDINA, Cremilda. **Ciência e Jornalismo:** da herança positivista ao diálogo dos afetos. São Paulo: Summus, 2008.

MELLO, Marco Aurelio (relator). **Voto no julgamento pelo STF da ADPF 54 (Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental).**

Brasília, STF, 12 abr. 2012. Disponível em

<<http://www.stf.jus.br/arquivo/cms/noticianoticiastf/anexo/adpf54.pdf>>.

Acesso em 28 de set. 2017.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Prevenção e tratamento dos agravos resultantes da violência sexual contra mulheres e adolescentes – norma técnica.**

Brasília: Editora MS, 2012. Disponível em

<http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/prevencao_agravo_violencia_sexual_mulheres_3ed.pdf> Acesso em 28 de set. 2017.

MORIN, Edgar. **A entrevista nas Ciências Sociais, no Rádio e**

Televisão. In: MOLES, Abraham A. et al. *Linguagem da Cultura de Massas: Televisão e Canção.* Petrópolis: Editora Vozes, 1973.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo.** Porto Alegre: Editora Sulina, 2005.

RESTREPO, Luis Carlos. **El derecho a la ternura.** Bogotá: Arango Editores, 1994.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Introdução a uma ciência pós-moderna.** Rio de Janeiro, Graal, 1989.

SOUZA, MARCELLE. **Onde as vítimas não têm vez.** *Revista Galileu.* São Paulo, Editora Globo, set. 2017.



EXPRESSIVIDADE NA FORMAÇÃO DE JORNALISTAS: contribuições da fonoaudiologia no contexto educacional

EXPRESSIVENESS IN THE EDUCATION OF JOURNALISTS: contributions of speech-language pathology and audiology in the educational context

Regina Zanella PENTEADO¹

Marcia Reami PECHULA²

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho | Brasil

Resumo

O artigo destaca a temática da expressividade e a contribuição da Fonoaudiologia na formação do jornalista, contextualizada na disciplina curricular Laboratório de Voz e Expressividade de um curso de graduação em Jornalismo. Produções escritas, sonoras, imagéticas e textos acadêmicos configuram o ponto de partida para a análise, que prioriza as práticas educacionais da disciplina; e evidencia as transformações nela ocorridas, no sucessivo processo de reformulações curriculares, bem como os limites/dificuldades e perspectivas/possibilidades do trabalho com a expressividade e a saúde do jornalista. O estudo mostra a importância do trabalho com a expressividade na Educação Superior e subsidia processos de criação de espaços sociais educacionais formais para ampliação do espectro comunicativo/expressivo dos futuros profissionais, bem como para a formação de uma cultura voltada para o cuidado, a saúde e a qualidade de vida no trabalho em Comunicação.

Palavras-chave

Educação; Comunicação; Expressividade; Fonoaudiologia; Jornalismo.

Abstract

This paper focuses on the expressiveness and the contributions of Speech-Language Pathology and Audiology in the education of journalists, during the course named Voice and Expressiveness Laboratory, in an undergraduate Journalism course. Written, text and imagery productions as well as academic papers are the starting point for analysis that focuses on the course's educational practices and shows the transformations that occur, during the ongoing process of curricular changes as well as the limitations/difficulties and perspectives/possibilities of working with the expressiveness and health of journalists. The study shows the importance of working with expressiveness in higher education and subsidizes processes of creating formal social educational spaces to broaden the communicative/expressive spectrum of future professionals in beginning a culture that focuses on care, health and quality of life in jobs that involves Communication.

Keywords

Education; Communication; Expressiveness; Language and Hearing Sciences; Journalism.

RECEBIDO EM 27 DE OUTUBRO DE 2017
ACEITO EM 12 DE NOVEMBRO DE 2017

¹ Pós-Doutora em Educação (Linguagem, Experiência, Memória e Formação) pelo Departamento de Educação do Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho UNESP/Rio Claro (2017). Doutora em Saúde Coletiva (Área de Práticas de Saúde Pública; eixo: Educação em Saúde) pela Faculdade de Saúde Pública FSP/USP (2003). Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho UNESP/Rio Claro. Contato: rzpenteado@uol.com.br

² Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP (2001). Mestra em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (1995). Docente do Departamento de Educação do Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho UNESP/Rio Claro. Contato: mreami@rc.unesp.br

Introdução

Na configuração dos processos de trabalho jornalístico na sociedade midiática, diversos fatores confluem para a diversificação das habilidades expressivas dos jornalistas: as novas tecnologias, os equipamentos móveis, as conexões em rede, as multiplataformas, a multimídia, a convergência profissional que demanda a polivalência ou desempenho de diferentes funções/atividades, as novas linguagens, os modos de endereçamentos, formatos e dinâmicas de apresentação dos programas (Sánchez Gonzáles, Muros, 2014; Oliveira, Fonseca, Fígaro, 2016).

As condições de trabalho e formatos dos programas jornalísticos (telejornalismo, radiojornalismo, webjornalismo) proporcionam maior dinâmica comunicativa e expressiva do jornalista/apresentador/repórter: envolvem processos interativos, mediados e/ou virtuais que possibilitam formas de acomodação, posturas, posições, movimentos e deslocamento paralelo com o emprego dos recursos verbais, vocais e não verbais - o corpo todo do jornalista é posto sob demanda expressiva (Silva, Penteado, 2014). O corpo, *mediatizado*, assume *status* de linguagem e de estratégia discursiva a favor das demandas comunicativas e de aproximação do telespectador (Gomes, 2011). Os aspectos, temas e conteúdos referentes à linguagem e à expressividade (verbal, vocal e não verbal) dizem respeito às novas demandas do trabalho e necessidades de qualificação profissional dos jornalistas, a ser contempladas nos processos educacionais e formativos.

No entanto, raramente são encontradas disciplinas especificamente voltadas para o desenvolvimento das habilidades comunicacionais e expressivas dos alunos: um estudo sobre a educação jornalística no Brasil, que analisou matrizes curriculares dos cursos, identificou única disciplina com alguma aproximação: *Técnicas de oratória* (Bernardo, Leão, 2012).

No Brasil, a Fonoaudiologia tem se preocupado com a expressividade e a saúde vocal de profissionais da voz de diversas categorias, sendo que as principais referências bibliográficas da atuação junto ao Jornalismo surgem a partir de 2000. As obras são originárias de experiências de assessorias junto a Rede Globo e suas afiliadas, dentre as quais podem ser destacadas: a série Fonoaudiologia e Telejornalismo

(Kyrillos, 2003; Feijó, Kyrillos, 2004; Gama, Kyrillos, Feijó, 2005) e a obra *Voz e corpo na TV: a Fonoaudiologia a serviço da Comunicação* (Kyrillos, Cotes, Feijó, 2003).

Todavia, um estudo de revisão evidenciou a escassez e a incipiência de publicações científicas referentes às experiências de atuação fonoaudiológica em práticas educacionais e processos de formação de jornalistas brasileiros e apontou a expressividade como elemento chave na potencialização de um enfoque educacional da Fonoaudiologia na formação de profissionais de Comunicação e de Educação (Penteado, Guirardi, 2017).

O presente artigo tem por objetivo destacar a temática da expressividade e ressaltar a contribuição da Fonoaudiologia na formação do jornalista, a partir de um estudo retrospectivo, descritivo e analítico das práticas educacionais da disciplina *Laboratório de Voz e Expressividade*, de um curso de graduação em Jornalismo.

Na perspectiva da Fonoaudiologia, a expressividade engloba aspectos e recursos verbais, vocais, não verbais e pausas. Os recursos *verbais* são as palavras, a seleção dos vocábulos, a construção frasal, o texto. Os recursos *vocais* são qualidade vocal, tipos de vozes, parâmetros e recursos vocais, tais como: *pitch*: agudo, médio, grave; *loudness*: fraca, média, forte; velocidade: lenta, média, rápida; articulação: imprecisa, sub-articulada, precisa, sobrearticulada, exagerada; ressonância: difusa/equilibrada, ou com foco predominante: nasal, oral, laringo-faríngeo; modulação: monótona, repetitiva, rica, exagerada; coordenação pneumofonoarticulatória: coordenada ou incoordenada. Os recursos *não verbais* englobam o corpo: dizem respeito a posturas, posições, movimentos, deslocamentos, danças, gestos, olhares, expressões faciais e articulatórias; meneios de cabeça, aparência física e indumentária. As pausas contribuem para a delimitação de turnos de fala e produção de sentidos (Cotes, Kyrillos, 2011). Neste estudo, a expressividade é compreendida como integrante da linguagem nos processos interacionais, comunicacionais e dialógicos que sustentam o trabalho jornalístico no cenário midiático.

Além disto, o estudo investe em possibilidades de aproximação da temática da expressividade aos documentos oficiais educacionais brasileiros: as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Jornalismo (Cne/Ces 1/2013); de modo a favorecer uma compreensão e uma contextualização mais ampla da questão no cenário educacional, formativo e profissional do Jornalismo. O artigo pode orientar os cursos de Jornalismo

em processos de reformulações curriculares, em pensar ementa, conteúdos e práticas educacionais na criação de espaços sociais formais que concorram para a ampliação do espectro comunicativo/expressivo dos futuros jornalistas para a sua qualificação profissional. A produção pode, ainda, contribuir para fomentar uma cultura do cuidado, da promoção da saúde e da qualidade de vida do jornalista – especialmente quando se leva em conta o aumento, nos últimos anos, dos riscos, sofrimentos, ferimentos, adoecimentos e mortes de jornalistas (Abraji 2015; Fenaj, 2015), bem como quando pesquisas atuais constatarem a necessidade de discussão das condições de trabalho nas relações com a saúde e a qualidade de vida dos jornalistas desde a formação profissional (Penteado, Gastaldello, 2016).

A experiência relatada apresenta as contribuições da Fonoaudiologia para o enriquecimento dos modos de narrar no jornalismo contemporâneo, quando as tecnologias impactam e transformam a linguagem jornalística. Modificam também a dinâmica do trabalho no contexto das plataformas multimídias, que permitem conexão imediata e fluidez de informação, e que possibilitam acesso remoto de conteúdos que podem ser compartilhados em rede. Além do domínio dos dispositivos multiplataforma, o jornalista precisa desenvolver habilidades comunicativas e expressivas, com flexibilidade e dinamismo, para atuar nesse momento de transição dos suportes tipográficos/eletrônicos para os digitais. Perante os desafios, urge a necessidade de uma reinvenção (ou seria a invenção?) da profissão. Este artigo mostra como o alargamento das zonas multifronteiras do conhecimento, com abertura para o diálogo interdisciplinar pode, a partir do recorte da linguagem e da expressividade, potencializar a profissionalidade na formação inicial do jornalista.

A disciplina Laboratório de Voz e Expressividade: estudo retrospectivo descritivo e analítico

A disciplina Laboratório de Voz e Expressividade tem sido ministrada por docente com formação em Fonoaudiologia e especialização em voz e integra o currículo do Curso de Jornalismo (Bacharelado) da Faculdade de Comunicação e Informática da Universidade Metodista de Piracicaba, São Paulo, Brasil.

O estudo retrospectivo, descritivo e analítico das práticas educacionais da disciplina conta com dados oriundos de documentos de várias ordens e diferentes suportes:

- a) Textos escritos: registros e anotações da docente, artigos e resumos de trabalhos publicados em eventos, trabalhos e produções dos alunos, incluindo documentos institucionais do curso e da faculdade (ementários, currículos, programas de ensino e planos de ensino).
- b) Produções sonoras: Arquivos de gravações de áudios realizadas pelos técnicos do Laboratório de Comunicação em estúdio de rádio.
- c) Produções imagéticas: Dvds, Cds e arquivos de imagens e audiovisuais, como fotografias, imagens postadas pelos alunos nas redes sociais, gravações das práticas de simulações de apresentação de telejornais em estúdio de televisão realizadas pelos técnicos do Laboratório de Comunicação em estúdio de televisão e outras.

Inicialmente é apresentada uma contextualização histórica da disciplina e dos processos para a sua criação e efetivação. Em seguida, no quadro 1, entra a caracterização dos ementários (identificação curricular, nome da disciplina, ementa, semestralidade, quantidade de créditos, carga horária e natureza de oferecimento (teórica e/ou prática). Depois, no quadro 2, estão os objetivos, conteúdos, processo de ensino-aprendizagem, desenvolvimento e dinâmica das aulas, recursos didático-pedagógicos, aportes teórico-conceituais, estratégias de avaliação e bibliografia básica. Na sequência, vem a análise das práticas educacionais e as transformações nas condições de oferecimento, nos processos educacionais de ensino-aprendizagem e no diálogo interdisciplinar que envolve outros espaços e cenários de aprendizagem do curso. Na análise, entram os limites/dificuldades e as perspectivas/possibilidades do trabalho com a expressividade verbal, vocal e não-verbal e com a saúde/qualidade de vida do trabalho jornalístico no contexto formativo.

A disciplina *Laboratório de Voz e Expressividade* no currículo de jornalismo – uma contextualização histórica

O processo de criação e implantação da disciplina, a partir de 2006, está inserido no movimento histórico da Fonoaudiologia de valorização do tema da expressividade, a partir de 2008, tal como destacam Cotes e Kyrillos (2011). No cenário político e educacional brasileiro, isso coincide

com a quebra da obrigatoriedade do diploma de graduação em Jornalismo, pelo Supremo Tribunal Federal, em 2009. No cenário midiático, ocorrem mudanças das produções jornalísticas televisivas, com as novas tecnologias modificando: cenários, figurinos, enquadramentos, linguagens, dinâmicas de apresentação e as demandas expressivas dos apresentadores (Penteado, Gastaldello, Silva, 2014-a e 2014-b; Silva; Penteado, 2014).

A experiência de contar com espaço social educacional voltado para o desenvolvimento da expressividade durante a formação inicial, foi reconhecida e valorizada pelo corpo discente como um diferencial formativo em relação a outros cursos do país, em um, cenário que indicava que a ampliação e a diversificação das habilidades comunicacionais e expressivas configuravam demandas relacionadas às mudanças nas condições e organização do processo de trabalho em comunicação e do mundo do trabalho jornalístico (Cotes, Kyrillos, 2011; Figaro, 2013; Silva, Penteado, 2014).

Por solicitação dos alunos, a reformulação curricular de 2011 ampliou a carga horária da disciplina e alterou a sua natureza para prática, possibilitando divisão de turmas de alunos em grupos reduzidos, o que viabilizou a realização de dinâmicas e atividades de gravações em estúdios de rádio e de televisão. Ocorreu ainda o desmembramento do oferecimento em dois momentos, com realocação modular na semestralidade, de modo a favorecer o diálogo interdisciplinar com *Radiojornalismo*, no 2º semestre, e *Telejornalismo*, no 4º semestre (quadro 1).

No ano de 2014, outra reformulação curricular foi realizada (quadro 1), tendo em vista atender orientações institucionais da Universidade, de balizamento da carga horária do curso, a ser ajustada pelo número de créditos mínimos preconizados pelas novas Diretrizes Curriculares Nacionais de Jornalismo (Cne/Ces 1/2013). Esse processo envolveu a redução de disciplinas e de carga horária, de modo que *Laboratório de Voz e Expressividade* retornou às condições anteriores de ementário e carga horária, permanecendo apenas as mudanças de nome e caráter prático.

Dois anos depois, em 2016, uma nova reformulação curricular buscou adequações mais amplas para qualificação da formação, orientadas pelas Diretrizes Curriculares Nacionais de Jornalismo (Cne/Ces

1/2013). Nessa reformulação, algumas atualizações foram feitas no ementário e programa de ensino da disciplina (**quadro 1**).

Quadro 1 - Ano, currículo, ementário e demais dados do oferecimento da disciplina, com mudanças a cada reformulação curricular

Ano	DADOS DO EMENTÁRIO
2006 Currículo 059 (inicial)	LABORATÓRIO DE VOZ 1 ^o semestre - 02 créditos teóricos – CH: 34 hs Usos e cuidados com a voz profissional. Promoção da saúde vocal e qualidade de vida e trabalho. Noções de psicodinâmica vocal. Relação entre emoção e voz. Desenvolvimento dos recursos vocais e corporais na construção da relação entre mensagem, corpo e voz na perspectiva da Fonoaudiologia.
2011 Currículo 067	LABORATÓRIO DE VOZ 2 ^o semestre – 02 créditos práticos - CH: 34 hs A voz como linguagem e expressividade. Promoção da saúde vocal e as relações entre trabalho, saúde e qualidade de vida do jornalista. Aquecimento e desaquecimento vocal fisiológico. Psicodinâmica vocal. Relação entre emoção e voz. Recursos e parâmetros vocais na produção e apresentação de programas jornalísticos. LABORATÓRIO DE VOZ E EXPRESSIVIDADE 4 ^o semestre – 02 créditos práticos - CH: 34 hs Expressividade vocal e corporal aplicada ao jornalismo. Desenvolvimento dos parâmetros vocais e dos recursos expressivos vocais e corporais – facial, gestos, postura e movimentos – na construção da mensagem e na produção e apresentação de programas jornalísticos. Confiabilidade e credibilidade: características vocais.
2014 Currículo 075	LABORATÓRIO DE VOZ E EXPRESSIVIDADE 2 ^o semestre - 02 créditos práticos - CH: 34 hs Usos e cuidados com a voz profissional. Promoção da saúde vocal e qualidade de vida e trabalho. Noções de psicodinâmica vocal. Relação entre emoção e voz. Desenvolvimento dos recursos vocais e corporais na construção da relação entre mensagem, corpo e voz na perspectiva da Fonoaudiologia.
2016 Currículo 083 (atual)	LABORATÓRIO DE VOZ E EXPRESSIVIDADE 2 ^o semestre - 02 créditos práticos - CH: 34 hs Voz e expressividade no jornalismo. Promoção da saúde e bem-estar vocal. Relações entre voz, saúde, trabalho e qualidade de vida. Psicodinâmica vocal. Relação entre emoção e voz. Desenvolvimento da expressividade e co-expressividade dos recursos verbais, vocais e não verbais, na perspectiva da Fonoaudiologia.

O **quadro 2** apresenta uma síntese do plano de ensino da disciplina.

Quadro 2 – Síntese do Plano de Ensino da disciplina

PLANO DE ENSINO			
Objetivos	Conteúdos	Metodologia de ensino-aprendizagem	Bibliografia básica
<p>1-Propiciar condições para a percepção e análise das demandas e necessidades de uso da voz e expressividade do futuro jornalista.</p> <p>2-Promover a cultura do cuidado e da promoção da saúde no trabalho do jornalista.</p> <p>3-Propiciar condições para desenvolvimento da expressividade do futuro jornalista.</p>	<p>1- Recursos vocais da expressividade: qualidade vocal e tipos de voz; os parâmetros vocais (<i>pitch, loudness, ressonância, articulação, modulação, velocidade de fala, respiração, coordenação pneumofônica</i>), as pausas e as ênfases.</p> <p>2-Recursos não verbais da expressividade: a postura corporal, os gestos, as expressões faciais, os moneios de cabeça, a aparência física e a indumentária.</p> <p>3-Psicodinâmica vocal.</p> <p>4-Relação voz e emoção.</p> <p>5-Confiabilidade e credibilidade - aspectos vocais.</p> <p>6-Aquecimento e desaquecimento vocal, cuidados com a voz, promoção da saúde e qualidade de vida do futuro jornalista nas relações com as condições e organização do trabalho jornalístico.</p> <p>7-Desenvolvimento da expressividade tendo em vista a atuação do jornalista em entrevistas, reportagens e apresentação de programas jornalísticos nas mídias rádio, web-rádio, televisão e <i>internet</i>.</p>	<p>Aulas dialógicas.</p> <p>Análise e discussão da expressividade vocal e não-verbal em produtos e programas jornalísticos com apoio de recursos multimídia.</p> <p>Desenvolvimento e apresentações de trabalhos individuais e grupais.</p> <p>Atividades práticas em Laboratório de Comunicação (produções e gravações em estúdios de rádio e de televisão) envolvendo o emprego e o desenvolvimento de recursos vocais e não-verbais da expressividade na apresentação da notícia e prática jornalística.</p> <p>Observação das condições de trabalho do jornalista com ênfase em expressividade e o cuidado/promoção da saúde.</p> <p>Relações entre linguagem, expressividade, cuidado, saúde e qualidade de vida.</p>	<p>BEHLAU, M; PONTES, P. Higiene Vocal: cuidando da voz. Rio de Janeiro: Revinter, 1999.</p> <p>KYRILLOS L; COTES C. FEIJÓ, D. Voz e corpo na TV: a Fonoaudiologia a serviço da Comunicação. São Paulo: Globo, 2003.</p> <p>PINHO SMR. Manual de higiene vocal para profissionais da voz. Carapicuíba, Pró-Fono, 1997.</p>

Práticas curriculares educacionais em Jornalismo – foco em expressividade: transformações ocorridas e as tensões entre limites/dificuldades e perspectivas/possibilidades

Currículo 059 (2006 a 2010)

No início do oferecimento da disciplina - entre 2007 e 2010 - havia falta de materiais didáticos e bibliográficos adequados ao perfil do estudante de Comunicação. As produções existentes (Kyrillos, 2003; Feijó, Kyrillos, 2004; Gama, Kyrillos, Feijó, 2005) configuram literatura especializada da área fonoaudiológica, com relatos de pesquisas e experiências de assessorias com detalhamentos técnicos, metodológicos e científicos pouco adequados aos comunicadores. As obras direcionadas aos comunicadores tomavam por base modelos tradicionais de cenário e de apresentação de telejornais, que pressupunham o(s) apresentador(es) com cenário fixo e único, acomodação em bancada e recursos como a lauda impressa e caneta (Kyrillos, Cotes, Feijó, 2003). Esses modelos não contemplavam as demandas comunicativas e expressivas dos profissionais diante dos formatos de programas e das condições do trabalho jornalístico da atualidade (Silva, Penteado, 2014).

Os temas relacionados à saúde vocal, aos recursos vocais e não-verbais, qualidade e os parâmetros vocais e a psicodinâmica vocal eram inicialmente abordados com leituras prévias de textos e discutidos com exemplos trazidos pela docente, sem muitas oportunidades de relação com as condições concretas do trabalho jornalístico. Ainda assim, a disciplina oferecia condições de compreensão da saúde vocal e de análises e discussões que contribuíam para esclarecimentos, desmitificação, reorientação, reinterpretação e ressignificação de crenças, hábitos e práticas (por vezes equivocados) que os alunos realizavam e/ou tinham conhecimento a partir dos saberes popular e/ou profissional. Tornaram-se importantes os espaços educacionais para o diálogo entre saberes científico e popular relacionados à saúde geral, à voz e aos seus usos e cuidados no contexto cotidiano e profissional (Penteado, Chun, Silva, 2005).

A falta de literatura atualizada e direcionada para o processo educacional do jornalista dificultava o processo ensino-aprendizagem. Isso levou a docente a desenvolver estudos, envolvendo alunos em programas

de Iniciação Científica para desenvolvimento de pesquisas que resultaram em publicações que ajudavam a suprir as lacunas existentes nas possibilidades de relações entre os temas e conteúdos da disciplina e as realidades do universo do trabalho jornalístico. Os alunos envolvidos nas pesquisas eram convidados a participar de algumas aulas apresentando os resultados prévios dos estudos e as publicações eram socializadas com os futuros colegas de profissão.

Outras características das condições de oferecimento da disciplina configuravam limites e dificuldades para a construção da prática educacional: inicialmente as salas de aula não dispunham de recursos multimídia ou equipamentos para gravações de imagem e som, havia elevado número de alunos em sala e os exercícios e práticas de uso vocal profissional eram realizados em sala de aula, em condições ambientais e acústicas desfavoráveis, competindo com o constante ruído externo decorrente da circulação de alunos nos corredores da Universidade, o que não favorecia a atenção necessária para uma análise perceptivo-auditiva da qualidade de voz e dos parâmetros vocais, nem mesmo a discussão das produções realizadas pelos alunos no desenvolvimento da expressividade.

Tais condições foram, aos poucos, contornadas com apoio da coordenação e parceria com docentes do Curso: solicitações à administração geral quanto ao equipamento das salas de aula, trocas de salas com outros docentes em datas específicas para aulas com uso de data-show; abertura de agenda de horário para gravações em estúdios de rádio e de televisão, com uso de equipamentos e participação dos técnicos, dentre outras ações, tornavam a disciplina mais dinâmica e próxima da realidade profissional do jornalista.

Atividades integradas a outras disciplinas eram motivadoras para discussões em sala de aula. Na disciplina *Introdução ao Jornalismo I* os alunos costumavam realizar uma visita a um jornal local acompanhados do docente responsável e diversos aspectos decorrentes dessa experiência eram resgatados nas aulas de *Laboratório de Voz*, na relação com os conteúdos de saúde vocal e uso vocal profissional. Na disciplina de *Radiojornalismo* os alunos eram solicitados a empregar as estratégias e os cuidados com a voz (aquecimento vocal, por exemplo).

Os textos a serem gravados em estúdios de rádio e televisão eram selecionados pela docente e disponibilizados previamente para os alunos e

para os técnicos de laboratório de comunicação, para a formatação necessária à projeção em *teleprompter*. As atividades em estúdio possibilitavam, para muitos, a primeira experiência de gravação e de ouvir a própria voz gravada, com o enfrentamento das ansiedades, das tensões, do nervosismo e dos estranhamentos comuns a essa situação.

As primeiras gravações em estúdio de televisão seguiam o padrão empregado na disciplina de Telejornalismo – o modelo tradicional de repórter em pé com microfone de mão de frente para a câmera e apresentadores acomodados sentados à bancada. Primava-se pela ocorrência de harmonia, co-temporalidade, coerência, concordância e complementaridade entre os recursos verbais, vocais e não verbais da expressividade (Kyrillos, 2005; Cotes, Kyrillos, 2011).

Currículo 067 (2011 a 2013)

Após a reformulação de 2011 (quadro 1 – currículo 067) - o que se manteve até as turmas oferecidas em 2013 - as aulas passaram a ocorrer em salas com equipamentos de multimídia e agenda em estúdios de rádio e de televisão do Laboratório de Comunicação. Estas condições transformaram qualitativamente a dinâmica das práticas educacionais da disciplina, com ampliação da carga horária para desenvolvimento das temáticas, maior possibilidade de participação discente, de aproximação com a realidade do trabalho do jornalista e de aproveitamento dos estudos e práticas em diálogos com outras disciplinas da semestralidade.

Recursos vocais e não-verbais, a qualidade e os parâmetros vocais e a psicodinâmica vocal foram abordados a partir de produções veiculadas no rádio, na televisão e na *internet*. Os alunos realizavam trabalhos de pesquisa e captação das produções que despertavam sua atenção e interesse e traziam, depois, para socialização em classe, com mediação docente. Produções de diferentes mídias e temporalidades possibilitavam observar linguagens, modelos, padrões e mudanças expressivas ocorridas em função do meio e do tempo; a diversidade de programas e de empresas de comunicação permitia discutir relações entre enfoques, horários de veiculação, segmentação de público, linguagens e expressividade; a variedade de situações, contextos e gêneros jornalísticos possibilitavam observar os efeitos na expressividade que podia, assim, ser analisada de maneira crítica e contextualizada no âmbito do trabalho jornalístico e na busca da construção de um elo teoria e prática em

processo formativo atento à preocupação de o ensino de jornalismo que não se restrinja a atender a indústria do jornalismo mas a sociedade democrática como um todo (Meditsch, 2004).

A dinâmica das aulas que tratavam dos temas saúde vocal, saúde geral e qualidade de vida do jornalista também sofreu transformações significativas. Os alunos eram motivados a realizar contatos com jornalistas e agendar visita em ambiente e contexto de trabalho. Os dados, que podiam incluir registros fotográficos, gravações e filmagens, compunham trabalho em grupo para ser compartilhado com a classe, momento para trocas, aprendizagem, discussões, aprofundamentos e esclarecimentos, na relação com o aporte teórico, temas e conteúdos da disciplina. A experiência de visita, entrevista e observação do profissional foi enriquecedora, proporcionando a discussão sobre a expressividade, a saúde e a qualidade de vida no trabalho do jornalista. As apresentações dos trabalhos representavam socialização das experiências, avaliadas pelos alunos como positiva por possibilitar, entre outros aspectos, o contato com o profissional, a equipe de trabalho, o ambiente, as condições, a estrutura, os recursos/ equipamentos, a equipe técnica, a rotina de atividades, os imprevistos e os modos de regulação. Os alunos, geralmente, eram bem recebidos pelos profissionais e, não raro, ocorria da visita virar *notícia* em experiências para eles inusitadas: os profissionais acabavam por entrevistar os alunos, ao vivo, para falarem sobre o curso que realizavam e outros assuntos relacionados com produções veiculadas na mídia. Os alunos se sentiam valorizados/realizados na escolha profissional. Alguns trabalhos puderam ser aprimorados e apresentados em mostras do curso e eventos científicos afirmando a tríade ensino-pesquisa-extensão.

O oferecimento no mesmo semestre de *Introdução ao Radiojornalismo* (no segundo semestre), *Introdução ao Jornalismo Audiovisual* e *Radiojornalismo II* (no quarto semestre) possibilitou a relação interdisciplinar e o desenvolvimento de produções comuns. O cronograma das aulas foi adaptado e planejado em conjunto, de maneira a favorecer a aplicação dos conteúdos trabalhados nas demais disciplinas. Os textos elaborados puderam ser discutidos previamente com a docente e, a partir disso, adaptados, tendo em vista o emprego e o melhor aproveitamento dos potenciais de expressividade e dos recursos verbais, vocais e não-verbais. Além disso, as atividades de gravação em estúdio

realizadas nas disciplinas de radiojornalismo forneciam subsídios para outras discussões.

Outro elemento favorável foi a ampliação da carga horária da disciplina, possibilitando expansão da agenda de uso de laboratórios de comunicação e melhor aproveitamento das práticas em estúdios de rádio e de televisão. As experiências em estúdio passaram a contar com variação das demandas expressivas, ainda que mantidos os modelos tradicionais. Buscou-se ampliar as possibilidades expressivas, tendo em vista as tendências e as linguagens e dinâmicas dos programas da atualidade. Foram acrescentadas outras possibilidades de cenários, mobiliário, indumentária, posturas, movimentos, deslocamentos, recursos e equipamentos (dispositivos móveis: celular e *tablets*). Bibliografias complementares se faziam necessárias para subsidiar essas práticas, uma vez que estudos recentes mostram que as mudanças dos programas interferem na expressividade dos apresentadores e que as condições de apresentação dos programas envolvem uma complexidade expressiva muito distinta dos modelos tradicionais de apresentação de telejornais e daqueles ilustrados na literatura. Na atualidade, o emprego de tecnologias e equipamentos como *tablets*, controle remoto de *teleprompter* e telas interativas na apresentação de telejornais e de outros programas de televisão mostram que a expressividade não pode ser trabalhada de maneira alienada às necessidades de se saber utilizar as tecnologias de informação e comunicação (Silva, Penteado, 2014; Penteado, Gastaldello, Silva, 2014-a/b).

Os alunos se preparavam com interesse para as aulas em estúdio de televisão, colocando em prática os conteúdos trabalhados com recursos não-verbais da expressividade referentes à aparência física e à indumentária: eles se produziam com relação à vestimenta, ao calçado, ao cabelo/penteado, à maquiagem, aos acessórios e a outros elementos que era possível notar que assumiam, para aquele momento educativo, a *hexis* corporal do jornalista apresentador de televisão - o que não exclui, evidentemente, observar as representações de *glamour*, força, de poder e o fascínio que o jornalismo/a imagem do jornalista tem na sociedade, especialmente do telejornalismo (Bourdieu, 1997 e 2010). A indumentária do jornalista - especialmente no trabalho em televisão - atua como elemento comunicativo. No telejornalismo a imagem dos jornalistas, no que diz respeito ao figurino, tanto pode contribuir para a construção da

credibilidade quanto interferir na assimilação e compreensão das notícias pelos telespectadores (Aquino, 2011).

A colaboração dos técnicos foi importante para o bom andamento das aulas em estúdios. Havia necessidade de contato prévio e planejamento para atender as demandas da disciplina, dentro das disponibilidades de pessoal, equipamentos e materiais. Os técnicos apresentavam interesse, envolvimento e disposição para buscar soluções criativas (como adaptar monitor de televisão para projeção de mapa utilizado no noticiário de previsão do tempo). A experiência dos técnicos em acompanhar as produções dos alunos possibilitava *feedbacks* positivos para o desenvolvimento e desempenho dos alunos, pois percebiam a diferença qualitativa das turmas que cursaram a disciplina em relação àquelas que antecederam ao currículo 059, do ano de 2006.

Vivenciar a situação de gravação em estúdios envolve percepções relacionadas ao próprio corpo/à corporeidade: o controle dos movimentos ao se locomover nos estúdios em meio aos equipamentos e recursos dispostos pelo chão, parede, teto; o cuidado no manuseio de microfones de mão e lapela; a observação da distância entre a boca e o microfone, as mãos em gesticulação e o microfone, a mesa, o tripé; a atenção para os sons e ruídos corporais que podem interferir na qualidade da gravação (estalidos de boca e língua, risos, movimentos de mãos, palmas, virada das folhas de lauda, modos de se sentar, de se levantar e de dispor os objetos e materiais no ambiente); a observação dos efeitos de iluminação sobre a face, luz e sombra; os efeitos de enquadramentos de câmera; as atitudes de colaboração, respeito e tolerância com o colega em situação de gravação; e a experiência do silêncio e das pausas com as possibilidades de significações que propiciam. Tudo se configurando em aprendizado além do programa e plano de ensino.

Currículos 075 e 083 (2014 a 2017)

Com a redução modular ocorrida a partir de 2014 (quadro 1, currículos 075 e 083) buscou-se manter agendas de práticas no estúdio de rádio e de televisão, mantendo as dinâmicas participativas empreendidas anteriormente. Diálogos interdisciplinares continuaram a ocorrer mais diretamente com *Introdução ao Radiojornalismo* (currículo 075) e *Radiojornalismo I* (currículo 083), favorecidos pela mesma semestralidade.

Os textos a ser trabalhados nas práticas de laboratório de comunicação, que antes eram previamente selecionados pela docente, passaram a derivar de um trabalho inicial dos alunos na disciplina, de pesquisa e busca-ativa de produções jornalísticas que, após serem apresentados e discutidos em classe, eram selecionados pela turma de alunos para transcrição e adequações necessárias – estas últimas, sim, realizadas pela docente. Somente, então, é que o texto era devolvido para os alunos e discutido em classe, tendo em vista os trabalhos de preparação para as aulas de gravações em estúdios.

Nos estúdios, a participação dos alunos era registrada mediante uso de dispositivos celulares com *WebCam*. As imagens captadas pelos alunos, com frequência, passavam a ser postadas, *curtidas* e compartilhadas nas redes sociais e, alguns anos depois, chegavam a integrar seleções de fotos projetadas em eventos sociais de formatura.

A partir de 2014, a expressividade e a co-expressividade passam a configurar a tônica da disciplina. Entretanto passa-se a uma ideia ampliada de expressividade, para além daquela de que os recursos verbais, vocais e não verbais devem, necessariamente, apresentar-se de maneira harmônica, coerente, concordante e complementar na valorização do texto verbal (Cotes, Kyrillos, 2011). A expressividade é valorizada na potencialização das possibilidades de singularização e subjetivação de repórteres, apresentadores, entrevistadores no processo de produção da notícia, o que avança na valorização da 'profissionalidade' do jornalista.

Dialogando com as Diretrizes Curriculares Nacionais de Jornalismo

No sentido de favorecer uma compreensão e uma contextualização mais ampla da questão no cenário educacional, formativo e profissional do Jornalismo, cabe observar que a disciplina dialoga com vários eixos e pontos integrantes das Diretrizes Curriculares Nacionais de Jornalismo (Cne/Ces 2013, p.5):

- *Eixo de fundamentação humanística - I:* entendemos que a voz/a expressividade, uma vez abordadas como linguagem, integram dimensões de representação social, histórica, cultural, educacional, religiosa, profissional, ambiental, econômica, de geografia humana. Já os temas referentes ao cuidado e à saúde do trabalhador jornalista (em geral) à saúde vocal

(especificamente), ao serem abordados de modo a levar em conta as crenças, os costumes, as tradições, os saberes populares e as práticas do cotidiano e do ofício, nos tensionamentos com as políticas públicas de saúde de interesse do profissional da voz (Ferreira, Servilha, Masson, Reinaldi, 2009; Dornelas, Giannini, Ferreira, 2014).

- *Eixo de formação profissional – IV* : no que diz respeito à linguagem oral (voz e fala) e expressividade em geral, entendemos que quando os alunos realizam, em atividades em sala ou extraclasse, exercícios de análise crítica e práticas de oralidade que envolvem diferentes funções do trabalho do jornalista (simulação de apresentação de programas, comentários, reportagens, entrevistas e outras) as práticas da disciplina se articulam aos objetivos das Diretrizes Curriculares, no tocante a fundamentar o conhecimento teórico e prático na familiaridade dos alunos com os processos de produção e de capacitação para o exercício da crítica e a prática com diferentes gêneros e formatos jornalísticos, bem como com as inovações tecnológicas, retóricas e argumentativas.
- *Eixo de aplicação processual – V*: uma vez que as reflexões e práticas da disciplina oferecem subsídios para a atuação em contextos que englobam o emprego da linguagem oral e da expressividade nos processos comunicativos e interativos em diferentes demandas e situações do trabalho em diferentes suportes - jornalismo impresso, radiojornalismo, telejornalismo, webjornalismo, assessorias de imprensa e outras.
- *Eixo de prática laboratorial – VI*: as aulas práticas, realizadas em laboratório de comunicação (gravações em estúdios de rádio e de televisão) ofereciam subsídios para o desempenho dos alunos nas demais disciplinas práticas laboratoriais que envolviam a oralidade, de modo atento e vinculado às demandas de uso das tecnologias de informação e comunicação.
- Além disto, o trabalho com a expressividade de forma dinâmica e em práticas de Laboratórios de Comunicação propicia, ao aluno, já nos primeiros semestres, experiências de aprendizagem individual e coletiva que engloba posturas,

relacionamentos, comportamentos e atitudes vinculadas a aspectos como os ambientes, os recursos, os equipamentos e relacionamentos com equipe técnica, as quais contribuem para inserir precocemente o aluno em atividades didáticas relevantes para a sua futura vida profissional (Cne/Ces, 2013; Art. 2º IV).

- Os trabalhos realizados pelos alunos, de análise de diferentes programas jornalísticos para verificação e discussão crítica das maneiras como a expressividade é trabalhada pelos apresentadores, comentaristas, repórteres e entrevistados contribui para as possibilidades de *avaliar criticamente produtos e práticas jornalísticas* (Cne/Ces, 2013 - Art.5º – III).
- Finalizando, ainda que os modelos tradicionais de apresentação continuem ocorrendo em muitos telejornais, é preciso apontar a necessidade de novos estudos acerca das condições de apresentação e de expressividade dos profissionais de comunicação frente às novas mídias, a fim de fundamentar a discussão sobre os modelos existentes e subsidiar os ajustes necessários para uma formação que acompanhe as demandas da comunicação. Em conformidade com as Diretrizes Curriculares de Jornalismo (Cne/Ces, 2013 - Art.2º - V) entendemos que a disciplina contribui para preparar profissionais para atuar num contexto de mutação tecnológica constante para exercer o domínio das técnicas e ferramentas contemporâneas.

Considerações finais

O estudo retrospectivo, descritivo e analítico das práticas educacionais da disciplina Laboratório de Voz e Expressividade, no currículo de um curso de Jornalismo, possibilitou dar destaque para a expressividade como qualificador do profissional jornalista da atualidade, bem como um elemento que contribui para a profissionalidade. As contribuições da Fonoaudiologia no contexto da formação inicial de jornalistas foram evidenciadas e apontados alguns caminhos possíveis para as práticas educacionais com a expressividade, a saúde e a qualidade de vida dos jornalistas. Outros estudos sobre experiências similares são importantes para incentivar a inserção de disciplinas que abram espaços, nos currículos de formação de jornalistas, para a discussão da

expressividade e a ampliação do espectro comunicativo/expressivo dos futuros profissionais, bem como para a formação de uma cultura voltada para o cuidado no trabalho em Comunicação.

Referências

Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (ABRAJI). **CPJ coloca Brasil, Paraguai e México em lista de países mais letais para jornalistas em 2014**. Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo, 2015 [acesso em 10/03/2017]. Disponível em: <http://www.abraji.org.br/?id=90&id_noticia=2952>. Acesso em: 22 out. 2017.

AQUINO, Agda Patrícia. Moda e telejornalismo: o papel do figurino na construção da imagem de credibilidade do jornalista de televisão.

Temática v.7, n.3, pp 1-82, março, 2011.

AZEVEDO, Luciana Lemos; MORTIMER, Eduardo. **Voz e gestos: expressividade do professor universitário**. In: PARENTE, Claudia Mota; VALLE, Luiza Elena; MATTOS, Maria José Viana (orgs). **Formação de professores e seus desafios frente às mudanças sociais, políticas e tecnológicas**. Porto Alegre: Penso; 2015. p.174-189.

BARBOSA, Naymme; CAVALCANTI, Elione Soraia; NEVES, Eliene Alves; CHAVES, Tania; COUTINHO, Francisco; MORTIMER, Eduardo. A expressividade do professor universitário como fator cognitivo no ensino-aprendizagem. **Ciências & Cognição**, Rio de Janeiro, v 14, n. 1, pp 75-102, 2009.

CHAVES, Tania Afonso. **A expressividade do professor universitário em situação experimental e de interação em sala de aula**. Belo Horizonte Faculdade de Educação da UFMG, 2009. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/FAE-C-84ZP42/tese_para_impress_o__vers_o_final.pdf?sequence=1>. Acesso em 17 set. 2017.

BERNARDO, Cristiane Hengler; LEÃO, Inara Barbosa. Análise das matrizes curriculares dos cursos de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo no Brasil: um retrato da realidade nacional. **Rev. Bras. Ciências da Comunicação**. São Paulo, v.35, n.1, p. 253-274, jan./jun. 2012.

BOURDIEU, Piérre. **Sobre a Televisão**. Tradução: Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BOURDIEU, Piérre. **O poder simbólico**. Tradução: Fernando Tomaz. 14. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

CEE. **Deliberação n. 111/2012 - Diretrizes Curriculares**

Complementares para a Formação de Docentes para a Educação Básica nos Cursos de Graduação de Pedagogia, Normal Superior e Licenciaturas. Conselho Estadual de Educação. DOE de 15/03/2012 pg 44 e 46.

CEE. **Deliberação n. 126/2014: Altera dispositivos da Deliberação 111/2012.** Conselho Estadual de Educação. DOE de 05/06/2014 – seção I pg 28.

CNE/CES. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Jornalismo.** Diário Oficial da União, Brasília, 1/10/2013, seção 1, p.26, 2013.

COTES, Claudia; KYRILLOS, Leny. Expressividade no telejornalismo: novas perspectivas. In: OLIVEIRA, Iara; ALMEIDA, Anna Alice; RAIZE, Thais; BEHLAU, Mara. (orgs). **Atuação fonoaudiológica em voz profissional.** São Paulo: GEN/Roca, pp. 75-97, 2011.

DORNELAS, Rodrigo; GIANNINI, Susana Pimentel; FERREIRA, Leslie. Campanha da Voz: uma iniciativa para cuidados em saúde. **Distúrbios da Comunicação**, São Paulo, v.26, n.3, pp 606-611, setembro, 2014.

FANTINI, Leila; FERREIRA, Leslie; TRENCH Maria Cecilia. O bem-estar vocal na formação de professores. **Distúrbios da Comunicação**, São Paulo, v23, n.2, pp 217-226, 2011.

FEIJÓ, Débora; KYRILLOS, Leny. (org) **Fonoaudiologia e Telejornalismo – baseado no III Encontro Nacional de Fonoaudiologia da Central Globo de Jornalismo.** Rio de Janeiro: Revinter, 2004.

FENAJ. **Relatório da Fenaj aponta 129 casos de agressões. Federação Nacional dos Jornalistas.** Órgão Oficial do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo; 2015.

FERREIRA, Leslie. Expressividade: a trajetória da Fonoaudiologia brasileira. In: KYRILLOS, Leny. (org). **Expressividade: da teoria à prática.** Rio de Janeiro: Revinter. 2005; p. 1-14.

FERREIRA, Leslie; SERVILHA, Emilse Aparecida; MASSON, Maria Lúcia; REINALDI, Michelini. Políticas públicas e voz do professor: caracterização das leis brasileiras. **Rev. Soc. Bras. Fonoaudiologia**; v14, n.1, pp1-7, 2009.

FERREIRA, Leslie; DRAGONE, Maria Lúcia; GIANNINI, Susana; ZAMBON, Fabiana. Atuação fonoaudiológica com professores – da voz ocupacional à voz como recurso do trabalho docente. In: MARCHESAN, Irene; SILVA, Hilton; TOMÉ, Marileda. **Tratado das Especialidades em Fonoaudiologia.** São Paulo: Gen/Roca, 2014. p.250-57.

FIGARO, Roseli. Atividade de comunicação e trabalho dos jornalistas. **Rev. Assoc. Nac. Programas de Pós-Graduação em Comunicação | E-compós**, Brasília, v. 16, n. 1, pp.1-20, 2013.

FISCHER, Frida Marina. Relevância dos fatores psicossociais do trabalho na saúde do trabalhador. **Rev. Saúde Pública**; v.46, n.3, pp:401-3, 2012.

GAMA, Ana Cristina; KYRILLOS, Leny; FEIJÓ, Débora (org) **Fonoaudiologia e Telejornalismo – Relatos do IV Encontro Nacional de Fonoaudiologia da Central Globo de Jornalismo**. Rio de Janeiro: Revinter, 2005.

GOMES, Itania Maria Mota (org). **Gênero televisivo e modos de endereçamento no telejornalismo**. Salvador: EDUFBA, 2011.

KYRILLOS, Leny (org). **Fonoaudiologia e telejornalismo: relatos de experiências na Rede Globo de Televisão**. Rio de Janeiro: Revinter, 2003.

KYRILLOS, Leny (org). **Expressividade: da teoria à prática**. Rio de Janeiro: Revinter, 2005.

KYRILLOS, Leny; COTES, Cláudia; FEIJÓ, Débora. **Voz e corpo na TV: a Fonoaudiologia a serviço da Comunicação**. São Paulo: Globo, 2003.

MOTA, Maria Renata. Políticas públicas de assistência à infância e as reconfigurações do cuidado/educação no contexto contemporâneo. **Cadernos de Educação**, v.55 (Dossiê), pp 77-93, 2016.

MEDITSCH, Eduardo. A formação para a praxis profissional do jornalista: uma experiência brasileira inspirada em Paulo Freire. *Comunicação e Sociedade*, v.5, p25-38, 2004.

PENTEADO, Regina Zanella; CHUN, Regina Yu Shon; SILVA, Reginalice Cera. Do Higienismo às ações promotoras de saúde: a trajetória em saúde vocal. **Distúrbios da Comunicação**, São Paulo, 17(1): 9-17, abril, 2005.

PENTEADO, Regina Zanella; GASTALDELLO, Laiane Maria. Saúde e qualidade de vida de jornalistas: estudo de revisão. **Rev. Bras. Promoção da Saúde**, Fortaleza, v 29, n.2, pp 295-304, 2016.

PENTEADO, Regina Zanella; GASTALDELLO, Laiane Maria; SILVA Eliane Caires. Mudanças no telejornalismo esportivo e os efeitos na expressividade: estudo dos recursos vocais e não verbais dos apresentadores no programa Globo Esporte. **Distúrbios da Comunicação**, São Paulo, v. 26, n. 3, p 482-492, 2014-a.

PENTEADO, Regina Zanella; GASTALDELLO, Laiane Maria; SILVA Eliane Caires. Telejornalismo esportivo: cenas de apresentação e mudanças no programa Globo Esporte. **Impulso**, Piracicaba, v.24, n.61, p 47-62, 2014-b.

PENTEADO, Regina Zanella; GHIRARDI, Ana Carolina. Fonoaudiologia nas práticas educacionais de formação de jornalistas – estudo de revisão. **Distúrbios da Comunicação**, São Paulo, v.29, n. 3, p. 487-497, 2017.

SANCHEZ GONZALES, Hada; MENDEZ MUROS, Sandra. Figuras profissionais 2.0 em Jornalismo e mudança tecnológica-emocional no currículo universitário espanhol. **Rev. Bras. Ciências da Comunicação**, São Paulo, v.37, n.1, p. 133-154, Junho, 2014.

SILVA Eliane Caires; PENTEADO, Regina Zanella. Characteristics of innovations in television journalism and the expressiveness of the anchor. **Audiology Communication Research**. v.19, n. 1, pp:61-8, 2014.

VIEIRA, Jarbas Santos; GONCALVES, Vanessa Bugs; MARTINS, Maria de Fátima Duarte. Trabalho docente e saúde das professoras de educação infantil de Pelotas, Rio Grande do Sul. **Trabalho Educação Saúde**, Rio de Janeiro, v.14, n.2, pp. 559-574, agosto, 2016.

VIOLA, Isabel Cristina. **Expressividade, estilo e gesto vocal**. Lorena: Instituto Santa Teresa, 2008.



DIREITOS HUMANOS: o que midiativismo e jornalismo podem aprender juntos?

HUMAN RIGHTS: what can media activism and journalism learn together?

Antonio Augusto BRAIGHI¹

Marco Túlio Pena CÂMARA²

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais | Brasil

Resumo

O objetivo do presente trabalho, com perspectiva ensaística, é, à luz da possibilidade de constituição de um conceito de midiativismo – e das investidas contemporâneas que se declaram filiadas a esta frente de intervenção social – entender o que ela pode ensinar ao (tele)jornalismo em relação aos Direitos Humanos. No entanto, considerar o binômio da militância superior a uma prática historicamente legitimada seria não apenas estabelecer hierarquias fundamentadas em vetores ideológicos, bem como acreditar na candura desse, quando, em verdade, ele também tem limitações na seara que se apresenta aqui como problema. Nesse sentido, o que o jornalismo – e mais especificamente a prática televisiva – poderia ensinar ao midiativismo em relação aos Direitos Humanos? É o que se busca neste artigo, empreendendo mais provocações do que soluções, no sentido do fomento à reflexão acerca de uma questão latente.

Palavras-chave

Midiativismo; (tele)jornalismo; Direitos Humanos.

Abstract

The objective of the present work, with an essay perspective, is, in the sense of the possibility of constitution of a concept of media activism – and the contemporary investees who declare themselves affiliated to this front of social intervention – understand what can teach to (tele)journalism in relation to Human Rights. However, consider the binomial of militancy superior to a historically legitimized practice would be not only establish hierarchies based on ideological vectors, but also to believe in its candor when, in fact, mediactivism also has limitations in the field that presents here as a problem. In this sense, what could journalism – and more specifically television practice – teach media activism in relation to human rights? This is what is sought in this article, undertaking more provocations than solutions, in the sense of fostering reflection on a latent issue.

Keywords

Media Activism; (tele)journalism; Human Rights.

RECEBIDO EM 25 DE OUTUBRO DE 2017
ACEITO EM 16 DE NOVEMBRO DE 2017

¹ Professor vinculado ao Departamento de Linguagem e Tecnologia do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG). Doutor em Linguística do Texto e do Discurso (Estudos Linguísticos) pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Gerais - FALÉ/UFMG (2016), Mestre em Estudos de Linguagens pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais - CEFET-MG (2012). Contato: antonioaugustobraighi@gmail.com

² Doutorando em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Mestre em Estudos de Linguagens pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais - CEFET-MG (2018). Graduado em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Federal de Viçosa (2013). Contato: marcotulioacamara@gmail.com

Em 2013

Naquele ano o Brasil viveu um de seus momentos políticos (na acepção mais ampla da palavra) mais conturbados e, a certa altura dos acontecimentos, – perdão pelo particular juízo de valor – mais belos de sua história recente. Vimos centenas de pessoas indo às ruas, demonstrar insatisfação com o aparelho Estatal e com as consequências da gestão conflituosa do sistema parlamentar no país – o que é, em verdade, um reducionismo de tudo que motivou, moveu e até modificou o curso das manifestações naquele ano.

Outrossim, ficou uma importante herança do período: o midiativismo, como o conhecemos hoje. Desgostosos com a forma como os *media* empreendiam a (re)construção da realidade através de seus relatos em torno dos protestos (mas não só por isso), manifestantes de toda ordem impediam que jornalistas (sobretudo os de TV) realizassem o trabalho deles. Aliás, sequer podiam seguir o fluxo das marchas e tantas vezes foram até agredidos fisicamente – não sendo necessário frisar que as ofensas verbais eram corriqueiras – quando tentavam laborar.

Quem então ia registrar aquele grande acontecimento? Mesmo que os meios de comunicação de massa ainda o fizessem, sobrando-lhes as sacadas dos prédios à margem das avenidas em que ocorriam as ações, faltava o corpo a corpo, a imagem de chão, o depoimento de quem fazia parte do processo, a captura evenemencial aproximada. Isso tudo, dentro de uma nova linguagem, foi descoberto, podia ser feito por qualquer sujeito que ali estava – a portar, ligar, conectar e evidenciar os fatos dos quais era testemunha com um celular, podendo, mais do que isso, influenciar no curso dos eventos.

Não é nossa intenção, deixemos bem claro, questionar se essa prática que acabamos de citar é jornalismo ou não. Todavia, salientamos algo que sempre nos chamou a atenção: uma certa deslegitimação (por parte do jornalismo tradicional) sobre tal prática de mediadores, ditos informais, de informação on-line. O paradoxo advém, no entanto, de uma visível valorização do chamado “jornalismo colaborativo”³, entre outras estratégias de sentido, muito comum hoje em dia nos *media*, buscando cada vez mais a participação do telespectador-produtor de conteúdo. Se ambas expressões se dão, basicamente, da mesma forma, por que há

³ Com os vídeos de telespectadores em noticiários televisivos (o quadro “VC no MGTV”, por exemplo) e até o incentivo em campanhas, como a atual “O país que você quer” da TV Globo.

tanto distanciamento e diferenciação no tratamento? A resposta é muito simples para a audiência crítica: não é de interesse da empresa de mídia, já que é (ou haveria) uma espécie de promoção da rivalidade. Mas não está aí, então, o cerne de uma discussão? Infere-se de saída que essa colaboração só parece de fato benéfica quando é de interesse do jornal, que se apropria do conteúdo feito pelo telespectador para alimentar seus produtos jornalísticos. O que se faz então? Esvazia-se o sentido e o potencial da contra-argumentação.

Só queríamos lembrar a contradição. Resta a questão para outros colegas talvez mais preparados para o embate, que não cessa. Nosso intento aqui é, mais precisamente, saber se e como o exercício cidadão de mediação da informação pode ser alternativo e chegar a se configurar como midiativismo. Além disso, se sim, saber como se dá qualquer justaposição das atividades que valha para que estas sejam conformadas no escopo do que venham a ser os Direitos Humanos. Por fim, no curso de outra confirmação, ainda almejamos saber como estas podem ser salutares ao exercício do ofício jornalístico.

Nossa hipótese, aliás, é a de que, de alguma forma, a adesão ao midiativismo nos idos de 2013 era motivada. Além disso, tal envolvimento demonstra que junto a esta frente jazia mais claramente (ainda que possa se tratar apenas de efeito de sentido) um desejo de acesso mais pleno a alguns direitos universais dos sujeitos, em detrimento de um desrespeito a estes que porventura ocorreria nos media, conforme vamos demonstrar.

Quais seriam estes direitos? Entre o conjunto de definições possíveis, nos localizaremos aqui fundamentalmente na Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) (ONU, 1948), não nos demorando, como se poderia imaginar, apenas no artigo 19º que trata da liberdade de expressão. Nosso intuito é refletir em como o midiativismo e o jornalismo mobilizam particularidades de vários dos outros direitos destacados no supramencionado documento.

Em relação aos Direitos Humanos, a perspectiva abordada pela professora Cicilia Peruzzo (2013)⁴ parece encaixar-se bem com os pontos que a seguir visamos defender. Ela entende a Comunicação como parte de um direito humano, mais do que o acesso à informação, mas

⁴ Apesar de focar em movimentos sociais, a autora apresenta algumas reflexões e considerações que se relacionam com o objeto deste artigo, principalmente por que trata de manifestações político-sociais, envolvendo todas as camadas da sociedade.

principalmente no que tange à representação e alternativas de mídias, discursos e vozes que, historicamente, foram silenciadas pela grande mídia. É nesse sentido que o conceito trabalhado por ela coaduna com o que acreditamos, em um incentivo à criação de meios alternativos que representem os Direitos Humanos em espectro mais amplo e completo – sem deixar, é claro, de reconhecer a importância da mídia tradicional também nesse papel (principalmente pelo grande alcance e poder que exerce sobre a sociedade, cada vez mais midiaticizada).

A autora acredita que “a concepção de direito humano à comunicação se renova, principalmente, por enfatizar a dimensão do acesso ao poder de comunicar, pois, implica do empoderamento das tecnologias e demais condições necessárias a sua concretização” (PERUZZO, 2013, p. 169). Eis o primeiro direito humano na senda em que caminhamos. Essa democratização da comunicação, impulsionada pelas tecnologias atuais, influencia, portanto, na criação e maior interesse nessas mídias que podem abrir espaço para movimentos sociais e sujeitos que promovam outras perspectivas de reflexão acerca do fluxo político e da sociedade como um todo, a partir do direito de “poder comunicar”, se fazer ouvir, informar e auxiliar num processo de construção crítica do conhecimento (VIDIGAL, 2014). É cíclico.

No entanto, não se quer colocar o alternativismo midiático num totem. Sabe-se que ele, e principalmente o midiativismo, tem limitações e que, se é que conseguiremos demonstrar, alocam em questão – em contrariedade – algumas vertentes dos Direitos Humanos que, ao contrário, o jornalismo tradicional sempre se mostrou – seja em teoria ou prática – alinhado. Faremos nossas considerações, no entanto, num movimento bem ensaístico – acautelamos.

Todavia, nossas reflexões advêm de um fluxo de pesquisas que compreenderam nos últimos anos estudos sobre as duas esferas, destacando-se uma dissertação de mestrado no campo do telejornalismo (BRAIGHI, 2013) – frente que mais nos motivará, a seguir, ao falarmos do complexo jornalístico –, uma tese de doutorado sobre as transmissões simultâneas do Mídia Ninja⁵ (BRAIGHI, 2016) – e uma recente dissertação de mestrado (CÂMARA, 2018) em que as particularidades do fazer jornalístico se evidenciam a partir de um cruzamento da dinâmica de um

⁵ Seção particularizante do midiativismo que nos fundamentam muitas das considerações que fazemos. Vale dizer que, como esta última pesquisa teve como localização temporal 2014, estenderemos nossas reflexões para o período compreendido a partir de 2013, pensando precisamente acerca das coberturas sobre manifestações e aquilo que as tangibilizou.

consolidado veículo de comunicação hegemônico com o fazer alternativo laboratorial⁶.

Acerca do Midiativismo

Em trabalhos anteriores dissemos, com outras palavras, que o midiativismo não existe. Há, em verdade, um comportamento que se torna midiativista no curso de uma ação ativista e, em decorrência dessa, se vê necessária, por qualquer motivo que valha, a mediação – fazendo emergir, no fluxo efêmero da atividade, o midiativismo. Esta é sempre empreendida por um sujeito que está imbuído de valor altruísta e cômico de uma alteridade compartilhada (para o bem comum e não pensando apenas em si) e assim articula uma ação direta transgressiva-intencional (JORDAN, 2002). Tal atitude, que se configura como intervenção social localizada, pode ser potencializada se, simultaneamente ao seu compromisso ativista, o sujeito realizar um registro midiático. No entanto, este deve visar “amplificar conhecimento, espriar informação, marcar presença, empreender resistência e estabelecer estruturas de defesa” no movimento de uma manifestação (BRAIGHI, 2016, p.103-104).

O primeiro item na esteira do enveredar de forças ao ativismo é o conhecimento que pode ser gerado com a mediação. A perspectiva é condicional, pois depende muito da audiência. O caminho do contraditório deve ser procurado, de modo tal que o embate de ideias fiat lux, que traga o sujeito pensante, componente do público leitor, a abrir a visão para um conjunto de novas possibilidades. Nesse contexto, o midiativismo é – deve ser – naturalmente de contrainformação. É bom para a sociedade então que ele exista, e aqui não está sendo dito que a informação que ele presta é melhor ou pior do que a dos media, mas simplesmente diferente, oportunizando o choque que só os interessados em ver poderão perceber.

Respeitar – e até fomentar – então o que dizem os midiativistas é não apenas acatar o artigo 19º da DUDH – acerca da liberdade de expressão, mas reconhecer a sua importância para o trabalho crítico (FREIRE, 1987; VIDIGAL, 2014) da sociedade em que estamos inseridos. Nesse sentido, por isso falamos em espriar, estender, irradiar a perder de vista a informação, de modo a atingir o maior número de pessoas; não

⁶ Estudo que nos lega uma pergunta, inclusive na seara dos direitos humanos, muito interessante: o que fazemos com o conhecimento que temos? Nessa mesma linha, por que o fazer mercadológico se diferencia tanto do que se aprende na academia?

basta garantir que o midiativismo tenha voz, mas que ele seja ouvido – não apenas pelos seus seguidores de sempre, mas principalmente por aqueles que precisam sair da zona de conforto e refletir melhor acerca da realidade social estabelecida.

As três principais palavras seguintes são presença, resistência e defesa. Frente a quem? As manifestações, em geral, se irrompem contra o Estado. Este, um ente de complexa definição e um tanto intangível, se corporifica nos protestos através da força policial – tão criticada, ainda, a desrespeitar os Direitos Humanos, em razão de suas atitudes questionáveis nas ruas e nos morros, matando dezenas de inocentes todos os anos. Ela está nas marchas para contê-las, para impedir o exercício da mediação da insatisfação, também materializada através dos indivíduos, nada dóceis, a gritar e a fazer emergir os campos problemáticos antes um tanto adormecidos.

Marcar presença, então, é fazer saber que o protesto, enquanto extensão da causa, existe – realização que se conforma, quando se fala em transmissão simultânea, no mesmo período do ativista ausente, que agora também se presentifica num alinhamento midiático. *Live* do chão, *in*, participativa, quase sempre espontânea, narrada por sujeito ordinário – a qualquer tempo e hora na palma da mão, ao contrário do ao vivo telejornalístico, que traz o efeito de sentido, mas que já não ludibria o espectador acostumado a ver e sabe da preparação, do tempo cronometrado e até da função localizada no noticiário – que se acende tão somente com o dispositivo que resta na sala. Da plateia que teve o olhar conformado ao longo do tempo, da pintura à tela da TV, mas que agora o recondiciona com as variações do digital – no monitor do PC aos poucos centímetros do que no *smartphone* vê.

Do ultrapassado *zapping*, desde muito, agora mais líquido, multimídia, multitela, de (des)atenção múltipla. O que o jornalismo tem que fazer? Como acompanhar a velocidade, diria a provisoriidade, que marca o tempo contemporâneo do consumo midiático-informativo, na competição com uma massa de mídias que, quer queira ou não chamar de jornalismo, também informa e, por orgulho ou vaidade não se assuma, talvez tenha até mais legitimidade para certa faixa de público.

Incorporar-se à liquidez que baliza a web talvez seja arriscado, dado o conjunto de compromissos que assumem os meios de comunicação de massa – mesmo os financeiros, posto que eles são empresas, não nos esqueçamos. Mas, talvez a principal característica e frente que se deve almejar seja a participação, a verdadeira interação –

que os media há tanto buscam, a comunicação muitos para muitos, horizontal, que compreende a participação de todos, deliberada e motivada apenas pelo espaço ofertado numa instância que os midiativistas parecem dominar melhor que os grandes portais – ainda que estes lá estejam há tempos. Não estaria aí também uma visão de direitos humanos? De democracia? De liberdade de expressão? De construção coletiva de realidade – sobretudo por quem a vivencia? (CASTELLS, 2013).

Mas, voltemos à sequência e ao midiativismo; empreender resistência e defesa também é o que ele reivindica. Aqui se alojam, de um lado, as operações de embate dentro da lógica da disputa narrativa e, de outro, a emergência de um braço; a utilização da câmera, no caso das transmissões simultâneas de protestos, como espada-escudo, defesa que permite a manutenção do aferro militante; desde que feito de modo consciente, para dar manutenção à plena expressão do pensamento e à opinião, por mais dura e doída que ela seja, de conseguir registrar a ação policial (*no copwatch*) para questioná-la e inibi-la ao longo de uma marcha. Além disso, é um registro como prova, álibi, prevenção e outras investidas que visam mostrar, inclusive, a realidade a partir do ponto espectral ativista, em toda a extensão da ação, a fim de contrapor possíveis narrativas deturpadas dos media, da justiça – em casos omissos, e até de detratores (e/ou) amotinadores (BRAIGHI, 2016).

O que o Midiativismo pode ensinar em termos de Direitos Humanos?

Como visto e se imagina, o seu registro, quando em tempo real, é flagrante. Evidencia as mazelas da força policial no impedimento, por exemplo, ao direito humano às liberdades de ir e vir – no caso de uma marcha reprimida, e, por consequência o próprio direito de expressão. Os media não fazem isso? Em estudos anteriores vimos que igualmente não, em razão dos lugares que ocupam, seja por seu afastamento do front, por sua política editorial, por sua consideração à palavra da PM – a legitimá-la, quer seja por diversos outros fatores que, em geral, talvez estejam mais próximos à convenção de uma prática do que a uma prévia intencionalidade (BRAIGHI et. al., 2017).

Quando então os ativistas empreendem resistência e tentam passar pelos bloqueios, muitas vezes são oprimidos por força militar que, de modo bruto, com todo um arsenal belicoso que lhe serve, não apenas impede, mas presta-se a debelar o movimento. Em tantas ocasiões, no

entanto, o aferro militante é tenaz – e contra-ataca. No fim, como se sabe, a ação quase sempre acaba contida. Uns e outros são presos. Mas, como relatar esse cenário? Sim, esse mesmo, sem tantos detalhes? Como fazer a cabeça da matéria para o jornal das 20h?

Inocente ou de má fé será/estará o colega que disser que os fatos serão sempre apurados com rigor e o texto do/a âncora estará de acordo com o que ocorreu. Uma sugestão de pesquisa: analisemos as chamadas de reportagens, quem sabe até as escaladas dos noticiários, acerca de fatos análogos e nos surpreenderemos com a seguinte menção para, em suma, destacar o episódio: “confronto entre policiais e manifestantes hoje...”. Confronto? Aquém da origem etimológica, que se refere ao face a face, a palavra alude à disputa de forças, ao cotejamento que, para existir, deve ser equilibrado em essência – senão nem precisaria ocorrer. Um ativista não quer medir seiva com a polícia, pois sabe que perderá. Ele quer mostrar, talvez até para os media, que aquela causa é tão importante para ele que é capaz de enfrentar a arbitrariedade do Estado. Mas, como muitas vezes a voz não ecoa como deveria, emerge o midiativismo, o registro feito pelo próprio manifestante de modo a, finalmente, mostrar a realidade a partir do ponto de vista dele.

Aos media, em geral, é mais salutar e interessante cobrir o factual, a manifestação como causa e não como consequência. Mas, não poderia e deveria ser o oposto? De outra maneira, ao invés de darem conta do que gera a manifestação, problematizando acerca da causa que leva pessoas a irem às ruas protestarem, os meios de comunicação de massa preferem, em geral, mostrar os impactos no trânsito, a sequência da narrativa do protesto – sob o seu ponto de vista pouco testemunhal – ou aquilo por meio do qual seja mais simples estabelecer a construção começo-meio-fim em um produto, de poucos minutos no caso do telejornal – ou de caracteres estabelecidos no caso do impresso (CÂMARA, 2018; BRAIGHI, et. al., 2017) –, para ser publicado/veiculado na edição que já vai fechar. Justificar-se-ia: analisar e especular acerca das origens de um fato leva tempo, esforço, envolvimento, dedicação àquele assunto, tudo o que um jornalista de rede não pode ter, pois tem que dar conta de inúmeras demandas dentro da sua programação na redação. Não cabe tanto a ele questionar como profissional, mas a ele como cidadão, tal realidade. Alojado no sistema capitalista, em empresa de comunicação que lhe imputam uma métrica, é o que lhe compete (CÂMARA, 2018). Mas, não ao midiativista, que o faz em condição inversa, aplicando a potencialidade de

suportes cada vez mais acessíveis na cobertura e argumentação que outrora nos falta nos veículos que há tempos nos acostumamos a assistir.

Mas, à luz dos Direitos Humanos, isso poderia mudar? Observando os 30 artigos que regem a carta magna do século XX, os media, ainda que tenham lá os seus interesses econômico-financeiros, não poderiam se alvitrar a alterar a ordem de produção, repensar a linguagem e aprofundar mais e melhor nas histórias que tentam dar conta?

Exemplo: o sujeito que lança uma pedra contra uma vidraça de um prédio qualquer no curso de uma manifestação. Quem é esse homem ou mulher? Por que ele ou ela fez isso? Qual é força simbólica que aquele calhau carrega? Onde o seixo foi lançado? Que frontispício é esse? Ao contrário da mídia tradicional, que enquadrou ao longo dos últimos anos diversas dessas pessoas, deliberadamente, como vândalos (como adjetivo, próximo ao bárbaro ou ao selvagem, na remissão direta àqueles que danificam sem pudor bens públicos ou privados), o Mídia Ninja – baluarte do midiativismo no Brasil – segundo pesquisa que empreendemos os adjetiva de duas formas: manifestante (como sujeito que assume a perspectiva do que se protesta em um ato) e adepto (como apoiador ou seguidor de uma determinada lógica, no caso, de atuação específica em uma manifestação a partir de um *modus operandi Black Bloc*); quem está correto? (BRAIGHI, 2016).

Mas as perguntas não cessam aí; há mais a saber. Todavia, essa verticalização, em uma impressão muito particular, fere o segundo artigo da DUDH. Não deixa de ser uma discriminação, tão comum nos adjetivos, substantivos e na coesão referencial utilizada pelos *media* ao aludirem a personagens distintas que empreendem as mesmas ações. Seja o sujeito rico ou pobre, negro ou branco, marchando em grupos liberais ou esquerdistas, com mochila ou sem, portando camisas amarelas ou frascos de vinagre, o tratamento e os signos linguísticos que os caracterizam deveriam ser os mesmos, não? Talvez Saussure explique.

Da linguagem à prática, na pele, direitos que se observam na declaração a que fazemos referência e são desrespeitados, não só no relato que os midiativistas nos trazem, mas tendo eles inclusive como vítimas: a possibilidade de ir e vir (artigo 13º), de se juntar com iguais pacífica e publicamente (artigo 20º), de não ter tratamentos cruéis (artigo 5º), de não sofrer detenção injusta (artigo 9º), de ser inocente até que se

prove o contrário (artigo 11º), entre outros, que nós pudemos ver e o leitor ainda pode⁷, foram sumariamente violados.

Falamos primeiro sobre o que passou uma jovem chamada Karinny Magalhães em Belo Horizonte – MG, na abertura da Copa do Mundo de 2014. Ainda que boa parte das imagens captadas por ela, como midiativista que é, estivessem disponíveis on-line, isso aparentemente não lhe serviu de alibi, uma vez que a integrante do Mídia Ninja ficou presa por mais de trinta horas, sofrendo, segundo a mesma, outras agressões físicas e verbais vindas de policiais na cadeia – além das pelas quais passou em tempo real, visível para todos aqueles que se ligavam menos no jogo do Brasil do que nas ações nas ruas da capital mineira. A suspeita da PM, segundo nota da TV Globo (e de outros veículos), era a de que ela estaria envolvida na depredação de agências bancárias, e por isso a manteve encarcerada.

No fim, afinal, a palavra da PM é a que vale para os meios de comunicação de massa; parece até qualquer herança dos anos de chumbo no Brasil. De outra forma, que legitimidade é essa? Vamos até o dia 13 de Julho, encerramento do supracitado torneio. Os militares não apenas cercaram arbitrariamente uma marcha pacífica na Praça Sáenz Peña no Rio de Janeiro, como tentaram reprimi-la da maneira mais torpe possível. Bombas de gás não eram lançadas a ermo, mas sim com o propósito claro de atingir manifestantes, acompanhadas de risos sádicos de desumanos policiais que faziam o cerco. Esta sim teve atenção dos media – me ousando a dizer que muito em razão de colegas jornalistas que sofreram literalmente na pele com as atrocidades daqueles que deviam prezar pela paz.

No entanto, nesse entre-dois, no um mês de Copa do Mundo no Brasil, a beleza estava nas arenas futebolísticas para os media, enquanto os midiativistas – ativistas que também devem ser – tinham direitos dos mais diversos cerceados e evidenciavam para o espectador que lhes acompanhava qual era a realidade nas periferias do evento; só no fim do torneio é que os meios de comunicação de massa, mais ocupados com os jogos, foram perceber.

Filipe Peçanha, do Mídia Ninja, foi, nesse mesmo 13 de Julho, espancado ao vivo; antes tinha sido preso injustamente (artigo 9º da DUDH infringido em tempo real), por questionar um policial acerca do tratamento diferenciado que os jovens manifestantes estavam tendo na

⁷ Disponível na internet: goo.gl/bscuZ5 - acesso em 27 Jul. 2017.

concentração de um protesto – com mochilas sendo constantemente revistadas, em detrimento dos passantes do outro lado da rua (iguais perante a lei, conforme sugere o artigo 7º?); fora impedido de trabalhar (se é que o midiativismo configura um ofício profissional), tratado de forma diferente frente à mídia de massa que tinha livre acesso (de entrada e saída) quando a polícia estava por perto em diversas ocasiões – “você não tem crachá”, diziam.

No curso das manifestações contra a Copa – aliás, que serviram de mote e grito de guerra em 2013 e 2014 – questões ligadas a diversas causas também foram trabalhadas. Vale citar, por exemplo, em alusão ao artigo 25º da DUDH, o direito à moradia. Em detrimento de chamar o movimento do MTST (em São Paulo) ou do MST (em todo o país) de invasores (como é comum nos media), o midiativismo, com didatismo, nos mostrou o que é ocupação, especulação imobiliária, gentrificação, utilizando-se da palavra de gente comum, que vive essa realidade da falta de um teto ou de uma área pra plantar, diariamente. Indo fundo no problema, arranjou essa pauta em meio aos protestos que ocorreram ao longo de um ano e, quem acompanhou, pôde, certamente, começar a estabelecer uma visão um tanto diferenciada acerca de um problema público e social grave e crescente.

No ingresso em uma ocupação em São Paulo, vimos em 2014 uma midiativista do Mídia Ninja acompanhar todo o processo, efetivamente, trazendo o espectador para aquela cena, colocando-o lado a lado, em tempo real, junto àqueles que precisavam empreender aquela ação. Se assim o foi, senti por tabela também as expiações de quem contestou a polícia, de quem resistiu em marcha pois sabe que o evento em curso é só uma plataforma de visibilidade em torno de um problema maior que precisa ser sanado. Presenciou manifestações legítimas e até pacíficas, como os media gostam, sendo reprimidas. Viu como é ser preso sem motivo, ser agredido sem razão. Entendeu o que são os direitos humanos no seu desrespeito e na conseqüente problematização, que não fecha sentidos, deixando reticências e interrogações, convocando o cidadão do outro lado do cabo a participar e mudar a realidade em que vivemos.

Limitações frente ao (Tele)jornalismo

Não seria esse também um caminho para os media? Mais combativo, mais questionador, com mais minutos e extensão? Não temos, entretanto, a solução, pois não indagamos que o profissional da bancada

da Globo trocaria seu salário para viver uma realidade menos capitalista em um coletivo midiativista. Sabemos – ou novamente inferimos, no entanto, que a expertise de muitos profissionais poderia muito agregar a iniciativas do gênero, de modo a alterarmos, com palavras, no mínimo as consciências que temos sobre os problemas que enfrentamos.

Muitos midiativistas talvez não concordem com essa conjectura que acabamos de lançar, dizendo que falte a esses jornalistas o componente apostolar das causas, da visão horizontal, de baixo, que lhe motive a atuar como militante delas e não como aquele que, de modo vertical, assumindo o complexo de *superman*, presume que possa resolver o problema de outrem, talvez por não o conhecer em essência e não vivencia-lo em presença. Mas, até que ponto essa distância não pode ser encurtada? Faremos outras proposições nas considerações finais.

Na outra ponta, a técnica, vale dizer que, *mutatis mutandis*, percebemos em estudo anterior (BRAIGHI, 2016) que o midiativismo (nomeadamente o Mídia Ninja) repete uma série de estratégias em suas transmissões simultâneas que são comuns de serem vistas no telejornalismo. A reflexão que nos vem é a de que, guardadas as posições que porventura possam ser partidárias, e levando a cabo apenas o compromisso verdadeiramente político, a gestão do conhecimento sobre mídia poderia, sem fins adversos como dissemos, trazer grandes benefícios à sociedade. Quanto maior e melhor a apropriação do dispositivo técnico, além de todo investimento preciso – não só financeiro –, mais feita a audiência poderá estar à produção da mídia alternativa.

É preciso então, diferente do que porventura possa haver o leitor entendido, que ainda que o direito à informação midiativista seja garantido, bem como estimulada a sua propagação, não se caia na armadilha da realiação com ares de libertação. O midiativismo tem, talvez díspar aos media, um componente ideológico muito forte. Se, para Charaudeau (2012), a maquinaria midiática tradicional funciona no equilíbrio entre o fazer-saber (informativo) com o fazer-sentir (da captação, com fins econômico-financeiros) – e que essa equação influencia no modo de fazer da notícia – para nós a estrutura do binômio equaliza o mesmo efeito patêmico (para manutenção da audiência) com o registro/mediação dos acontecimentos. Todavia, este último é fortemente influenciado por uma carga advinda do sistema de ideias que lhe é próprio – e que devem responder à altura em cada cobertura, posto que este peso primário faz parte de um contrato de comunicação extremamente

complexo (arriscaríamos dizer, menos denso do que o dos meios de comunicação de massa) (BRAIGHI, 2016).

Nesse sentido, a postura crítica deve estar na audiência – e não dizemos que ela está no midiativismo, posto que podem haver direcionamentos (não afirmando que sejam deliberadamente intencionais) do discurso/retrato em torno de um acontecimento. Isso porque, apesar de reconhecido o importante papel social dos coletivos, ele é mais do que parcial (como afirmam seus seguidores); é, por vezes, adepto passional de um dos lados da moeda. Nesse sentido, se questiona se a busca (utópica) pela imparcialidade nos *media* não seria melhor para o trabalho crítico (e estamos observando agora apenas este aspecto) do que a localização verticalizada dos midiativistas.

Sugere-se assim que a narrativa do lado dos midiativistas seja, por vezes, um tanto menos caricata e alegórica. Falemos, por exemplo, da semiótica narrativa de Greimas (1975). Em tantos episódios, vimos no modo de organização do discurso do Mídia Ninja o apelo para estereótipos ligados ao lugar da polícia como o vilão (não que ela não seja, mas é preciso um cuidado para que não se caia num lugar comum, vazio e burlesco) e dos ativistas (do midiativista por extensão) como heróis em saga.

Quer-se então que ela seja como a dos *media*? Não, pois nem teria como ser, mas que se encare o desafio de certa desobrigação de retirar sentidos onde porventura não exista, tratando de forma mais direta aquilo que exige, por sua natureza, a razoabilidade – aprofundando mais, e com melhor fundamentação naquilo que dá condições materiais para explorar. Nesse aspecto, a mídia tradicional se mostra mais competente quando, em instâncias preparadas para isso – como programas de entrevistas e documentários televisivos, por exemplo, explora o conteúdo com mais habilidade (ainda que o fator tempo, o nivelamento de público e toda a ritualística midiática impeçam num penetrar de ideias mais amplas)⁸.

Avançando, como dissemos antes, não queremos colocar o midiativismo num pedestal e rebaixar o jornalismo. Nesse contexto, é importante dizer que, em detrimento da factualidade de asfalto, por assim dizer, da qual se ocupam os midiativistas nos protestos, os *media* se mostram muito comprometidos com o artigo 25º da DUDH. Ainda que a discussão acerca da moradia lhes falte, são (sobretudo os telejornais

⁸ Vale dizer que, se o foco é a comparação entre noticiários de TV e transmissões simultâneas teremos, invariavelmente, um problema em razão do gênero. No entanto, por que é mesmo que os telejornais têm que ser assim?

locais) guardiões de pautas que versam sobre a proteção social. Problemas da educação (mais diretamente ligados ao artigo 26 da carta magna) e saúde em nosso país, grandes mazelas que não cessam, são, por exemplo, temáticas recorrentes nos noticiários, contribuindo para a busca de soluções, na pressão ao Estado que se exerce através da força simbólica e representativa (o chamado 4º poder) dos meios de comunicação de massa.

Outras reflexões que ficam ainda como interrogações, e não vamos nos ater com mais detalhes – dada a extensão que o presente artigo deve ter: em torno da liberdade de expressão, artigo 19º da DUDH, até que ponto um midiativista pode falar? Quer dizer, se indaga que a pressão ideológica, que conforma não apenas o contrato comunicativo que ele estabelece, mas até os parâmetros do coletivo ao qual está vinculado, possa cercear sua plena evidenciação de pensamento. No entanto, o mesmo ocorre, guardadas as proporções, com os jornalistas, não? Reféns de perfis editoriais e de direcionamentos que atendem a demandas financeiras, devem seguir, muitas vezes, não apenas um padrão técnico, mas até temático e discursivo, orientado, muitas vezes, pelas linhas e intervenções editoriais, que acabam por culminar em diferenças de tratamento sobre o mesmo fato, observável a partir da noção de enquadramento tanto imagético quanto linguístico-discursivo (CÂMARA, 2018).

Mas, como também apregoa o artigo 20º da DUDH, ninguém é obrigado a fazer parte de uma associação. Cativos à ideologia ou ao dinheiro, cidadãos (não os qualifiquemos em razão de suas ocupações) muitas vezes deixam de crescer como sujeitos que são em razão de limitações que eles mesmos escolhem (sejam midiativistas ou jornalistas).

Considerações finais

O que, enfim, o midiativismo ensina sobre direitos humanos? Talvez, em posto elementar, que os mesmos são desrespeitados e, tantas vezes, por quem deveria garanti-los. É precisamente o Estado que não cumpre a constituição, não exercendo o seu dever diante aos direitos sociais dos cidadãos. Vamos às ruas então mostrar nossa indignação e o Estado nos coíbe, nos mostrando a sua força, materializada no comportamento policial. Enfrentamos, no sentido de que a nossa voz não se cale e se propague – talvez por essa mesma abnegação em afrontar. Todavia, ela se esvai, não reverbera, não encontra o espaço nas plataformas que poderiam ecoá-la. Espaço de fala. É isso que o

mediativismo – e, bem verdade, todo um conjunto de iniciativas de mídia alternativa, cada uma com as suas idiossincrasias – vem trazer ao negro, ao pobre, ao morador da favela, ao travesti agredido nas ruas, à mãe que teve o filho morto no morro pela PM, ao sujeito que não consegue pagar pelo espaço gentrificado em que residia, a quem fora expulso da terra em que servia quase em colonato. Não é a instância que quer buscar qualquer explicação no discurso de um sociólogo, de um antropólogo, de um político. É o lócus do direito de expressão de quem é cerceado pelos segundos que lhes cabem, a dedo escolhido, no produto midiático tradicional.

O mediativismo ensina que o povo sabe falar e bem. E demonstra ainda que há quem queira escutar, com atenção, e não apenas receber o fruto da pasteurização midiática, mas perceber as arestas, as interrogações a que devem buscar explicações, por si sós. Isso é garantir direito de pensamento.

Avançando, quantos direitos são desrespeitados à luz da DUDH quando pensamos apenas no que o Estado não cumpre? Diversos. E tanto o mediativismo, quando os media, evidenciam isso. Mas o fazer-sentir dos dois é diverso. O primeiro traz o espectador, com primazia, para a cena, sem cortes, no tempo real dos eventos, no qual é partícipe, efetivamente representando o cidadão, posto que ali assume um verdadeiro comportamento político, uma vez que não é só mídia, é também ativista.

Todavia, o jornalismo, prática sobre a qual muitos de nós dedicamos atenção e reflexão, tendo contribuído efetivamente em períodos conturbados da história do mundo, pode trazer, se um diálogo honesto e horizontal for estabelecido, diversas contribuições ao ativismo para que os Direitos Humanos sejam respeitados; tais como uma atenção maior ao que cala ao bem estar social (em várias frentes em que têm sido sempre presentes no questionamento à manutenção das garantias sociais) e como fazer isso; ao pleno exercício da democracia (num cumprimento efetivo aos ideários da isonomia e isenção) que não é apenas político-partidária (mas a esta também, numa atenção ao posicionamento que não deve nunca ter, mas evidenciando, proporcionalmente, qualidades e, na maioria das vezes, limitações que atores que visam representar o poder emanado do povo devem resolver); e, por fim, a capacidade de gestão de linguagens que auxiliem os espectadores, cidadãos que são/devem ser, a não apenas serem informados, mas a pensarem acerca das questões que nos cercam e se posicionem sobre estas.

A declaração universal dos direitos humanos faz algumas menções que não devemos nos esquecer, mas que por vezes nos passam despercebidas diante das cobranças. A carta nos diz da família humana que somos, e da corresponsabilidade que temos, no mundo em que estamos inseridos, com nossos pares. Que todos os nossos direitos sejam, de fato, inalienáveis, mas que nos esforcemos, conforme o documento assevera em seu preâmbulo, “pelo ensino e pela educação, por desenvolver o respeito desses direitos e liberdades”. Midiativistas e jornalistas, se é que queiramos mesmo dividi-los assim, têm esse compromisso, uma vez que são – sobretudo estes últimos, não sejamos modestos, tão responsáveis pela formação dos sujeitos quanto a escola e a família – e diversos estudos aí estão para nos demonstrar isso, não de hoje.

Todos nós, enfim, de acordo com o artigo 29º da DUDH – um dos que fecham o documento, sejamos midiativistas ou jornalistas, temos deveres para com a nossa comunidade, lugar sem o qual não constituímos nossa identidade e não conseguimos fazer com que os direitos passem a valer e se exerçam plenamente. Esse ponto é crucial, pois, na medida em que qualquer um de meus iguais – e somos todos iguais não apenas perante a lei, não é? – tem os seus direitos cerceados, estes deixam de valer para todos nós. Na mesma medida, mais uma vez, caberia a todos nós fazer com que o desrespeito cesse a este, independente de quem o seja. É nesse ponto, no entendimento desse argumento que é mesmo intricado, que pensamos que a distância entre midiativistas e jornalistas possa ser encurtada; quando estes se virem mais como cidadãos com direitos e responsabilidades que são em detrimento dos substantivos que os enquadram.

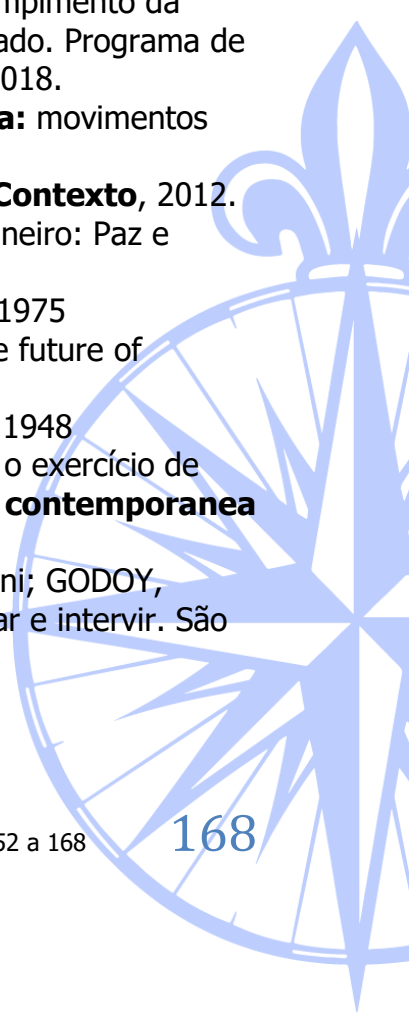
Assim, uma sugestão talvez, para o leitor (e para nós), é a proposta e o desafio de reinvenção do jornalismo frente a esses novos meios de comunicar e ao que propõe e realizam os grupos midiativistas com a informação direta, por meios tecnológicos e que promovem o debate e outro(s) olhar(es) sobre a realidade que nos cerca, já que ela é plural e de multissignificados e significações. Que jornalismo poderíamos ter, se melhor engendrados no quadro de linguagem que já temos? Como procuramos ter adiantado, é claro que também não temos as respostas e nem nos atreveremos a propor soluções tão práticas e imediatas, mas é preciso considerar um diálogo maior entre essas duas frentes de informação, para que elas sejam complementares e não excludentes. Para

que possam colaborar uma com a outra, em aprendizado mútuo, findando certa concorrência (ao menos de sentido) que parece se instaurar.

Por fim, as colocações aqui arranjadas, muitas delas ensaísticas, mas motivadas por leituras diversas, demonstram que um conjunto de estudos porvindouros podem ser empreendidos de modo tal que as impressões sejam efetivamente comprovadas – compromisso que, se não já tenhamos feito, nos empenhamos a seguir na senda reflexiva e estimulamos colegas e alunos a seguirem conosco; é a nossa responsabilidade.

Referências

- BRAIGHI, Antônio Augusto. **Análise de telejornais**. Rio de Janeiro: E-papers, 2013.
- BRAIGHI, Antônio Augusto. **Análise do Discurso Midiativista: Uma abordagem às transmissões simultâneas do Mídia Ninja**. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2016.
- BRAIGHI, Antônio Augusto; ANGRISANO, Rafael; BARBOSA-SILVA, Robson; DAVID-SILVA, Giani. Imaginários discursivos midiáticos sobre policiais e manifestantes. In: **Revista E-COM** (Belo Horizonte) – UniBH, v. 9, p. 83-110, 2017.
- CÂMARA, Marco Túlio Pena. **Para nunca esquecer: uma análise discursiva de coberturas midiáticas impressas sobre o rompimento da barragem de Fundão, em Mariana**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens. CEFET-MG. 2018.
- CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: **Contexto**, 2012.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GREIMAS, Algirdas. **Sobre o sentido**. Petrópolis: **Vozes**, 1975
- JORDAN, Tim. **Activism! Direct action, hacktivism and the future of society**. London: **Reaktion Books**, 2002.
- ONU. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. 1948
- PERUZZO, Cícília. Comunicação nos movimentos sociais: o exercício de uma nova perspectiva de direitos humanos. In: **Revista contemporânea** - v.11, n.01, jan-abril 2013.
- VIDIGAL, Ana Rosa. Trabalho Crítico. In: **FAZENDA**, Ivani; GODOY, Hermínia. (Orgs.). **Interdisciplinaridade: pensar, pesquisar e intervir**. São Paulo: Cortez Editora, 2014. p. 246-250.



A OPINIÃO COMO NOTÍCIA NA COBERTURA POLÍTICA DO JORNAL DA MANHÃ DE PONTA GROSSA/PR

THE OPINION AS NEWS IN THE POLITICAL COVERAGE OF THE JORNAL DA MANHÃ DE PONTA GROSSA/PR

Sérgio Luiz GADINI¹

Edilene dos SANTOS OGURA²

Universidade Estadual de Ponta Grossa | Brasil

Resumo

O presente trabalho é resultado de uma análise do conteúdo das páginas de Política do Jornal da Manhã (JM), de Ponta Grossa (PR), cujo objetivo é identificar as marcas editoriais do jornalismo político do referido impresso como instrumento para a formação da opinião pública. Uma das hipóteses lançadas quando da proposição do artigo era de que o jornalismo político do JM é reflexo de fontes oficiais, ou seja, sua cobertura se baseia em fatos e informações prestadas por este tipo de fonte. Ao verificar uma semana composta do jornal, no mês de setembro de 2017, constata-se a hipótese inicial, uma vez que os resultados indicam que 74,2% das 31 matérias analisadas possuem apenas uma fonte. E deste total de matérias com apenas uma fonte, em 95,8% a origem do informante é considerada oficial. Na avaliação dos enquadramentos, o estudo demonstra que 67,7% das matérias são episódicas, ou seja, se restringem a registrar um acontecimento, sem abertura para interpretações.

Palavras-chave

Jornalismo político; Jornal da Manhã, Enquadramento editorial; Opinião pública.

Abstract

The present work is the result of an analysis of the content of the pages of Policy of the Journal of the Morning (JM), of Ponta Grossa (PR), whose objective is to identify the editorial marks of the political journalism of said printed as an instrument for the formation of public opinion. One of the hypotheses made when proposing the article was that JM's political journalism is a reflection of official sources, that is, its coverage is based on facts and information provided by this type of source. When checking a week composed of the newspaper, in September 2017, the initial hypothesis is confirmed, since the results indicate that 74.2% of the 31 analyzed materials have only one source. And of this total of materials with only one source, in 95.8% the origin of the informant is considered official. In the evaluation of the frameworks, the study shows that 67.7% of the subjects are episodic, that is, they restrict themselves to registering an event, without opening for interpretations.

Keywords

Political journalism; Jornal da Manhã, editorial framework; Public opinion.

RECEBIDO EM 05 DE OUTUBRO DE 2017
ACEITO EM 26 DE OUTUBRO DE 2017

¹ JORNALISTA. Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Pós-doutor pela Universidad Complutense de Madrid, na Espanha. Realizou doutorado sanduíche junto à Universidade Nova de Lisboa, em Portugal. Mestre em Comunicação e Cultura Contemporânea pela Universidade Federal da Bahia. Atualmente é professor associado (concursado) da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Contato: slgadini@uepg.br

² JORNALISTA, Mestranda em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Especialista em Comunicação e Política e Imagem pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Contato: edi_leninha@yahoo.com

Introdução

O estudo desenvolvido para a produção deste *paper* foca as páginas da editoria de Política da versão impressa do **Jornal da Manhã**, de Ponta Grossa (PR), para verificar suas marcas editoriais. Um dos principais objetivos da pesquisa foi averiguar a hipótese de que o jornalismo político praticado pelo *JM* é baseado em fontes oficiais e abre pouco espaço para outros tipos de atores sociais. Além disso, outra meta foi verificar o enquadramento dos textos publicados pelo jornal, a fim de entender se o periódico se baseia em enquadramentos noticiosos ou interpretativos. (PORTO, 2004).

A fundamentação teórica considera os conceitos de opinião pública e sua relação com a mídia e também a questão do enquadramento (*framing*). Os conceitos de hegemonia de Gramsci e de democracia também formam os pilares conceituais do presente estudo.

A base metodológica para a pesquisa proposta foi a análise de conteúdo, aplicada em uma semana composta, ou seja, de dias alternados, durante o mês de setembro de 2017. Foram analisadas todas as páginas cujas editorias são intituladas Política da versão impressa do *JM*. No período da amostra, foram publicadas 31 matérias nestas páginas.

Entre os resultados obtidos pela análise estão a constatação de que a cobertura política do *JM* é refém de fontes oficiais. Ou, mais que isso, a maior parte dos textos se baseia em apenas uma fonte de informação. Além disso, o estudo demonstra o prestígio do espaço do jornal para quem detém mandato eletivo e se posiciona à direita no cenário da perspectiva de ideologia política.

Breve revisão teórico-conceitual

Perceber as nuances da cobertura política do **Jornal da Manhã**, de Ponta Grossa (PR), tem como estratégias conceitos teóricos como enquadramento, mídia e democracia, hegemonia e opinião pública. Ogando (2015) explica que o espaço público é o terreno onde nasce e se forma a opinião pública; os meios de comunicação, por sua vez, funcionam (ou deveriam funcionar) como mediadores necessários entre as esferas de poder e os cidadãos. O autor sugere que dos conceitos de espaço midiático, espaço público e opinião pública decorrem três tipos de

comunicação: entre diversos poderes, entre cidadãos e entre cidadãos e atores com poder.

No que diz respeito ao espaço midiático, Ogando (2015) observa que ele é formado por empresas midiáticas que agem sob uma série de interesses políticos, econômicos e sociais e, por isso, elas não realizam comunicação, mas sim geram informação. O espaço público é o cenário de convergências e experiências dos cidadãos, um lugar de pertencimento, que não é ocupado, mas praticado. Ogando (2015) defende que este lugar seja um espaço de manifestação pública e é daí que se deve originar a opinião pública. A opinião pública, por sua vez, está embasada em dois conceitos: social e ação. “[...] devemos abordar a opinião pública desde uma perspectiva centrada no social, na ação social e comunicativa”³. (OGANDO 2015, p. 29, tradução nossa). Ainda conforme o autor, a opinião pública nasce nos espaços públicos e é complementada pelo fluxo informativo do espaço midiático. Um lugar de conflito, mas também de consenso.

Fonseca (2004, p. 18) considera o termo opinião pública, como aplicado no mundo contemporâneo por muitos meios de comunicação⁴, um “falso conceito”, pois, “a) há inúmeras interpretações conceituais [...] tal a divergência quanto às suas premissas; b) ‘opinião pública’ para os grandes jornais brasileiros significa a ‘opinião’ de seus leitores”. Cruz (2011, p. 43) destaca que a “democracia apregoada pela mídia em relação à formação de uma opinião pública caracteriza-se pela utilização de meios de comunicação, de forma unidirecional, de determinados sujeitos pessoais e coletivos para uma relação de poder social em relação ao Estado e em relação à construção e reprodução de valores sociais”.

Enquanto empresas capitalistas e que visam ao lucro, o poder da mídia vive sobre um instável equilíbrio que envolve, segundo Fonseca (2004, p. 14):

- a) formar opinião, b) receber a influência de seus consumidores (leitores, ouvintes, telespectadores, internautas, entre outros) e sobretudo de toda a gama de fornecedores e anunciantes, além do próprio Estado (em virtude de questões tributárias e regulatórias), c) auferir lucro e d) atuar como aparelho privado de hegemonia.

³ “[...] debemos abordar la opinión pública desde una perspectiva centrada en lo social, en la acción social y comunicativa”. (OGANDO, 2015, p. 29).

⁴O slogan do *JM* se refere à opinião, mas exclui o termo pública. Em sua peça publicitária de som e vídeo, reforça a frase “orienta sua opinião”.

Ao trazer os conceitos gramscianos para a contemporaneidade, Moraes (2010) lembra que os meios de comunicação de massa são os responsáveis pela distribuição de conteúdo e que neles têm algo implícito, uma espécie de ideologia. O autor também destaca a questão do agendamento de temas pela mídia, com o objetivo de formar uma opinião, sendo também esta uma operação ideológica.

O controle ideológico dificulta a participação de outras vozes no debate sobre os problemas coletivos, pois se procuram neutralizar óticas alternativas, principalmente as que se opõem à supremacia do mercado como âmbito de regulação de demandas sociais. (MORAES, 2010, p. 68).

Fonseca (2004, p. 13, grifo no original) afirma que:

a mídia promove a intermediação entre as esferas pública e privada, o que implica a atuação de atores privados mediando seja outros interesses privados, seja (principalmente) interesses públicos, coletivos, o que significa uma grave ambiguidade, tendo em vista a própria mídia pertencer à esfera dos interesses privados, a começar por seu caráter empresarial.

Lima (2007, p. 87), por sua vez, destaca que, no mundo contemporâneo, a comunicação “tem o poder” para definir o que é público, sendo que, “a política nos regimes democráticos é (ou deveria ser) uma atividade eminentemente pública e visível”. O mesmo autor observa que, por conta dos meios de comunicação de massa, o “público” agora é midiaticizado” e que isso transformou a tradicional disputa política, pois os atores políticos precisam disputar espaço na mídia para ter visibilidade e, mais ainda, buscar uma “visibilidade favorável de seu ponto de vista” (LIMA, 2007, p. 87).

A visibilidade, seja favorável ou não, pode ser percebida na mídia pelos chamados enquadramentos. Enquadramento (ou *framing*) – aplicado nesta pesquisa tanto como corrente teórica quanto metodológica – é um sistema de seleção natural e cognitivo que tem a capacidade de reduzir o grau de complexidade das coisas. Entman, Matthes e Pellicano (2009) explicam que o enquadramento é uma moldura que repetidamente invoca os mesmos objetos e traços, palavras e símbolos em uma série de comunicações que se concentram num determinado período. O objetivo desses quadros é promover, segundo eles, a interpretação de uma

situação e/ou ator e, assim, forçar uma resposta. No jornalismo, isso é bastante visível quando um mesmo tema é pautado quase que diariamente e, por conta disso, as pessoas já fazem seu pré-julgamento.

As funções do enquadramento são selecionar e destacar certos elementos e o uso desses destaques são utilizados na construção de argumentos seja para causas e problemas ou avaliação e/ou solução (ENTMAN, 1993). “Assim, enquadramentos são esquemas interpretativos socialmente construídos que nos permitem reconhecer e situarmo-nos frente a eventos e situações” (ANTUNES, 1999, p. 92).

Por outro lado, há aqueles assuntos que permanecem desconhecidos porque a mídia não trata deles. Neste sentido, Entman (1993) ressalta que a exclusão de interpretações por quadros é tão significativa para os resultados quanto a inclusão. Ainda segundo o mesmo autor, as respostas dos receptores são claramente afetadas se percebem e processam informações sobre uma interpretação e possuem poucos ou incomensuráveis dados sobre alternativas. Além de salientar e selecionar elementos, o *framing* também pode jogar uma luz negativa ou positiva sobre determinado acontecimento e, assim, gerar reações e impactos distintos no público.

Segundo Porto (1998, p. 24), “a análise de enquadramento possibilita investigar o processo pelo qual interpretamos a realidade política utilizando atalhos (pontos de vista ou ‘filtros’)”. É o que Lippmann (2009) denomina de “imagens em nossas cabeças”, que são formadas a partir dos meios de comunicação. Neste sentido, Lippmann cita a criação de “pseudo-ambientes”, que não são ficções nem mentiras, mas representações do ambiente feitas pelo ser humano. Ou seja, o pseudo-ambiente é resultado da seleção, do rearranjo, do traçado de padrões e da estilização – uma cultura. E é com base nesses pseudo-ambientes e nas imagens formadas em suas cabeças que o ser humano age e forma sua opinião.

Aqueles aspectos do mundo exterior que têm a ver com o comportamento de outros seres humanos, na medida em que o comportamento cruza com o nosso, que é dependente do nosso, ou que nos é interessante, podemos chamar rudemente de opinião. As imagens na cabeça destes seres humanos, a imagem de si próprios, dos outros, de suas necessidades, propósitos e relacionamento, são suas opiniões públicas. Aquelas imagens que são feitas por grupos de pessoas, ou por

indivíduos agindo em nome dos grupos, é a Opinião Pública com letras maiúsculas (LIPPMANN, 2009, p. 40).

Porto (2004) diferencia enquadramentos noticiosos de enquadramentos interpretativos. Os primeiros são “padrões de apresentação, seleção e ênfase utilizados por jornalistas para organizar seus relatos” enquanto o outro conjunto de enquadramentos são “padrões de interpretação que promovem uma avaliação particular de temas e/ou eventos políticos, incluindo definições de problemas, avaliações sobre causas e responsabilidades, recomendações de tratamento, etc” (PORTO, 2004, p. 15, grifo no original). Para esta pesquisa, optou-se pela averiguação dos enquadramentos noticiosos.

Referências metodológicas

As técnicas metodológicas aplicadas para a realização desta pesquisa foram a análise quantitativa, por meio da análise de conteúdo e do sistema SSPS, e uma abordagem qualitativa, fundamentada em conceitos teóricos na tentativa de contextualizar e, de alguma maneira, buscar uma explicação para os resultados obtidos.

Os métodos quantitativos são apropriados para estudar características do objeto de pesquisa que, sabe-se, existem, ao passo que os métodos qualitativos devem ser usados quando a pesquisa busca entender características do objeto que não se sabe se existem, porém, não há pesquisa social produtiva que utilize com exclusividade técnicas quantitativas ou qualitativas. (CERVI, 2009, p. 127).

Neste sentido, Bauer, Gaskel e Allum (2002) explicam que a pesquisa quantitativa se baseia em números e estatísticas, enquanto a pesquisa qualitativa lida com interpretações. Porém, assim como aquela não chega às conclusões automaticamente pelos números, esta também não possui o monopólio da interpretação.

Segundo Bauer (2000), a análise de conteúdo é um sistema que visa à codificação de variáveis e a categorização destas variáveis de forma sistemática para quantificar a frequência e/ou ausência de unidades de análise. Para realizar o presente estudo, foi levantada uma amostra de jornais, verificando as páginas da editoria Política de uma semana composta, ou seja, com edições alternadas em cada semana do mês de setembro de 2017, começando com o dia 1º, uma sexta-feira. Em

seguida, o jornal analisado foi o do dia 9 (sábado). Como o periódico não publica edições aos domingos e às segundas-feiras, a próxima edição verificada foi a do dia 12 (terça-feira), em seguida as dos dias 20 (quarta-feira) e 28 (quinta-feira), totalizando cinco edições com 31 matérias nas páginas de Política. O *JM* costuma publicar duas páginas de Política por dia – as de número 3 e 4 do primeiro caderno – e, eventualmente, três.

Para aplicar a análise de conteúdo na amostra, foi criado um livro de códigos⁵ cujas variáveis foram: identificação da matéria, dia da semana, data, matéria, título, autor, página, posição, tamanho (número de parágrafos), box (presença ou ausência), foto (presença ou ausência), tema, tema específico, enquadramento, abrangência, resumo, tipo de fonte, origem da fonte, número de fontes, observações e visibilidade de partidos e atores políticos com mandato eletivo e que representam Ponta Grossa.

Entre estes critérios, vale destacar a variável enquadramento noticioso (PORTO, 2004), que contou com três opções de categorias: 1.) episódico: cujo foco da matéria está no acontecimento em si; por exemplo, sessões da Câmara Municipal, votações de projetos. 2) foco no político: quando a intenção principal do texto é mostrar atributos e ações de determinado ator social; por exemplo, textos com ampla abertura para o entrevistado interpretar os fatos e/ou opinar sobre eles. 3.) temático: cujo enfoque da matéria aborda um tema específico, tentando contextualizá-lo; por exemplo, discussões sobre meio ambiente.

Uma característica importante dos enquadramentos noticiosos é o fato de que eles são resultado de escolhas feitas por jornalistas quanto ao formato das matérias, escolhas estas que têm como consequência a ênfase seletiva em determinados aspectos de uma realidade percebida (PORTO, 2004, p. 15).

Os temas mais presentes nas notícias publicadas foram político-institucional (ações do Governo, Legislativo e Judiciário), com 67,7%, e infraestrutura e meio ambiente, com 12,9%. Também apareceram reportagens com temas sobre violência e segurança, campanha eleitoral e política social. Entre os temas específicos, os principais assuntos tratados foram votações/discussões de projetos de lei na Câmara Municipal de

⁵Livro de códigos adaptado do Grupo de Pesquisa em Jornalismo, Representações Políticas e Atores Sociais da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

Ponta Grossa, com 19,4%, seguido por questões ecológicas/ambientais, com 12,9%. Este tema foi destaque na pesquisa porque foi abordado em duas das cinco edições analisadas: uma delas sobre a suspensão da licitação para um novo aterro sanitário em Ponta Grossa e outra sobre a área de proteção ambiental Escarpa Devoniana, sendo esta última ocupando a página inteira e contendo três textos.

A variável observações também teve papel importante neste levantamento, pois nela inserem-se quais os atores sociais citados nas matérias. Como será visto na sequência, a maioria das matérias publicadas pelo *JM* no período analisado cita apenas uma fonte de informação, que está nomeada nas observações. A variável visibilidade serve para coletar quais os partidos e quais os mandantes de cargos eletivos mais referenciados pelo jornal.

Resultados da análise

Um dos primeiros resultados a ser destacado com o estudo é a constatação da hipótese inicial da pesquisa, ou seja, de que o jornalismo político do *JM* é reflexo das fontes oficiais. Conforme a análise realizada, 74,2% das 31 matérias verificadas possuem apenas uma fonte de informação nomeada. Em 12,9% dos textos não foram citadas fontes de informação. Três foi o número máximo de fontes citadas num mesmo texto. (TAB 1).

Ao citar Gans (1980), Schmitz (2011, p. 9) diz que as fontes são “pessoas que os jornalistas observam ou entrevistam e quem fornece informações ou sugestões de pauta, enquanto membros ou representantes de um ou mais grupos (organizados ou não) de utilidade pública ou de outros setores da sociedade”.

Ao analisar a totalidade dos textos, em 77,4% deles a fonte (única ou a mais citada) era do tipo lobista, ou seja, atores com determinado tipo de interesse no assunto tratado. Estes atores podem ser políticos, assessores, representantes de governos ou de entidades. Além das fontes lobistas, também foram inseridas na análise outros quatro tipos de fontes: especialista/intelectual (atores com conhecimento científico ou profissional sobre o tema); defensor de interesse público (atores que defendem interesses públicos); porta-voz de temas marginais (atores que expressam opiniões sobre temas marginalizados); outro (quando a fonte citada não se encaixa em nenhum dos outros critérios).

Tabela 1 – Número de fontes

Quantidade de notícias	Volume de fontes
4	0
21	1
2	2
2	3

Fonte: Autores, 2017

A análise também apurou a origem das fontes mais citadas pelo jornal e o resultado demonstra que 74,2% das matérias foram produzidas tendo como principal fonte de notícia um representante oficial, isto é, que representa instituições públicas ou privadas, sendo que mais de 50% são políticos com cargo eletivo (vereadores, deputados, prefeito) (FIG 1). As outras variáveis de origem da fonte foram disruptiva social (atores com opiniões sobre crises ou eventos sociais que geram confrontos ou instabilidade social); cidadão individualizado (membro da sociedade não ligado a órgãos públicos diretos e indiretos); próprio jornalista (quando o jornalista não cita fontes e descreve um acontecimento a partir da própria observação).

Nas páginas de Política do *JM*, existe uma dificuldade em relacionar as reportagens ao autor dos textos, visto que apenas a matéria principal, que abre a página, é assinada. Em 25,8% delas o crédito é do jornalista responsável pela editoria e as outras 6,5% foram assinadas como 'Da Redação'. Por isso, a maior parte dos textos analisados (67,7%) não contém crédito, mas não é possível afirmar se todos eles são oriundos de assessorias de comunicação, o que demandaria uma busca diretamente com estes órgãos ou pelo menos uma comparação com outros meios de comunicação para a averiguação da coincidência de textos. Mesmo assim, é possível assegurar que muitos deles não foram produzidos pelo repórter, visto que o teor positivo das ações dos atores políticos citados é quase que unanimidade – embora esta não tenha sido uma variável da análise de conteúdo, mas uma inferência a partir da leitura de todas as matérias.



Figura 1 - Exemplos de matérias com apenas uma fonte.
 Edição do dia 08/09/2017 – página 4

como habitualmente se faz – mas pela postura dos parlamentares durante a votação de 10 temas e projetos em pauta na Câmara dos Deputados. A reportagem de André Shalders (2017), veiculada no site da *BBC Brasil*, explica a posição dos partidos analisados. “A partir das votações na Câmara, é possível construir um gráfico aproximado da tendência ideológica demonstrada por cada um dos partidos no período das votações, entre 2015 e 2017”, diz. Pelo estudo realizado, “a maioria das siglas se comportou de forma liberal quanto à economia, e votou de maneira mais conservadora em temas relacionados a costumes (política penal, questões ambientais etc)”, completa.

Com as variáveis de visibilidade de partidos, foi possível perceber uma presença maior – levando-se em consideração o período analisado – de partidos de direita em relação aos de esquerda. A contagem de partidos levou em consideração as vezes em que foram citados nas matérias, sendo que em alguns casos foram referenciados mais de uma vez no mesmo texto e todas foram contabilizadas, pois o objetivo da contagem era verificar a visibilidade. No total, foram citados nas

Na avaliação dos enquadramentos, o estudo demonstra que 67,7% das matérias são episódicas, ou seja, se restringem a registrar um acontecimento, sem abertura para interpretações. Com foco no político, foram registrados 22,6% de textos e 9,7% foram de cunho temático.

O presente ensaio considera como referência para indicar o viés ideológico dos partidos políticos brasileiros uma análise realizada pela *BBC Brasil* em setembro de 2017, que classifica as legendas não a partir do conteúdo formal dos respectivos programas –

reportagens 17 partidos, sendo 11 de direita, cinco de esquerda e um de centro-esquerda (TAB 2).

Tabela 2 – Partidos citados pelo *JM* no período analisado

Partido	Número de citações	Ideologia ⁶
PDT	9	Centro-esquerda
PPS	9	Direita Progressista
PSDB	8	Direita Conservadora
PSD	6	Direita Conservadora
PP	5	Direita Conservadora
DEM	4	Direita Conservadora
PT	4	Esquerda Progressista
PMB	4	Direita Progressista
SD	4	Direita Conservadora
PSB	2	Esquerda Progressista
REDE	2	Esquerda Progressista
PMDB	2	Direita Conservadora
PHS	1	Direita Conservadora
PV	1	Direita Progressista
PMN	1	Esquerda Conservadora
PROS	1	Esquerda Progressista
PSC	1	Direita Conservadora

Fonte: Autores, 2017

Os partidos mais mencionados nas páginas de Política foram PPS e PDT, citados nove vezes, e PSDB, que apareceu oito vezes. Atualmente, no Brasil, existem 35 partidos registrados, segundo o Tribunal Superior Eleitoral⁷. Já na Câmara Municipal de Ponta Grossa, que possui 23 vereadores, estão representados 15 partidos (TAB 3).

A visibilidade dos atores políticos foi analisada considerando-se somente aqueles com cargo eletivo e que representam Ponta Grossa, ou seja, não foram incluídos nesta variável políticos que exercem mandatos em localidades específicas – por exemplo, prefeito de outra cidade – e nem com funções generalistas – presidente da República e senador, por exemplo. Por meio desse recorte, foram contabilizados 13 políticos com cargo eletivo nas 31 matérias analisadas – alguns deles apareceram em mais de uma reportagem e outros em apenas uma. Todavia, a soma da

⁶ Com base em <<http://www.bbc.com/portuguese/brasil-41058120>>. Acesso em 08 nov.2017.

⁷ Disponível em <<http://www.tse.jus.br/partidos/partidos-politicos/registrados-no-tse>>. Acesso em 08 nov.2017.

visibilidade foi realizada somando-se todas as vezes em que eles foram citados no título, no texto e identificados em fotos nas páginas de Política do *JM*.

Tabela 3 - Distribuição de partidos na Câmara Municipal de Ponta Grossa

Partidos (número de vereadores)	Ideologia
PODEMOS (2)	Centro
PDT (2)	Centro-esquerda
PRTB (1)	Direita Conservadora
DEM (2)	Direita Conservadora
PSDB (2)	Direita Conservadora
SD (1)	Direita Conservadora
PV (1)	Direita Progressista
PSC (1)	Direita Progressista
PRB (1)	Direita Progressista
PPS (2)	Direita Progressista
PMB (1)	Direita Progressista
PMN (1)	Esquerda Conservadora
REDE (2)	Esquerda Progressista
PROS (2)	Esquerda Progressista
PSB (2)	Esquerda Progressista

Fonte: Autores, com base em informações repassadas pela Câmara Municipal de Ponta Grossa, 2017

O político mais citado foi o prefeito de Ponta Grossa, Marcelo Rangel (PSS). Porém, aqui vale ressaltar que um dos textos analisados foi um pingue-pongue⁸, publicado na edição do dia 09 de setembro, ocupando a página inteira, em que o nome do chefe do Executivo Municipal foi citado 19 vezes (TAB 4). Além desta edição, o prefeito apareceu no *JM* em outras três publicações. O deputado estadual Márcio

⁸ Pingue-pongue é uma modalidade de entrevista em formato de pergunta e resposta diretas.

Pauliki (PDT) também foi citado em quatro reportagens. Já entre os 23 vereadores da cidade, um terço apareceu no jornal nos dias da pesquisa.

Tabela 4 – Atores políticos com cargo eletivo para representar Ponta Grossa citados pelo *JM*

Político	Cargo	Número de citações
Marcelo Rangel (PPS)	Prefeito	22
Márcio Pauliki (PDT)	Deputado estadual	18
Ricardo Zampieri (SD)	Vereador	7
George de Oliveira (PMN)	Vereador	7
Sandro Alex (PSD)	Deputado federal	6
Aliel Machado (Rede)	Deputado federal	6
Rudolf Polaco (PPS)	Vereador	6
Dr. Magno (PDT)	Vereador	5
Eduardo Kalinoski (PSDB)	Vereador	4
Vinícius Camargo (PMB)	Vereador	4
Plauto Miró (DEM)	Deputado estadual	3
Péricles de Mello (PT)	Deputado estadual	3
Valtão (PROS)	Vereador	1

Fonte: Autores, 2017

Considerações finais

O resultado da análise da amostra de jornais confirma a hipótese de que fontes oficiais pautam o jornalismo político do *JM*. Além disso, chama a atenção o fato de que a maioria absoluta das matérias conta com apenas uma fonte de notícia, geralmente um ator político com cargo eletivo e com capital simbólico constituído (Bourdieu, 1996).

Alsina (2009, p. 292) alerta para a necessidade de o público observar criticamente os meios de comunicação, sendo um dos elementos para isto “prestar atenção nas fontes que são citadas para interpretar os acontecimentos”. No estudo feito com as edições do *JM*, é notável o privilégio dado a uma corrente ideológica do campo político, embora talvez a direita apareça mais por conta de ter maior número de representantes no cenário político atual – a cidade possui mais vereadores dessa ala.

O que se percebe nesta pesquisa é o afastamento do jornalista de uma análise dos fatos por ele noticiados e a acomodação em publicar textos com apenas um ponto de vista. Segundo Zacariotti, Reis e Silva

(2007, p. 7), o problema não está nos *releases* que chegam ao jornalista – o que demonstra que as assessorias estão cada vez mais profissionalizadas, já que enviam textos prontos em formato jornalístico para os jornais –, mas na “comodidade decorrente desse processo, geralmente agravado pela falta de estrutura das redações, cada vez mais reduzidas, que pode levar ao rompimento com os princípios jornalísticos e éticos”.

Estrategicamente, a fonte apresenta seus conteúdos seguindo os processos jornalísticos: release estruturado com título curto, atraente, verbo de ação; lide com a essência da notícia; “ganchos” que estimulam a leitura; texto carregado de objetividade, inclusive no estilo que recomendam os manuais de redação. (SCHMITZ, 2011, p. 12).

Ao invés de ser o “elo do conhecimento dos políticos, sociólogos, filósofos e dos cientistas com o cidadão” (ALSINA, 2009, p. 268-269), a cobertura política do *JM* se reduz à transmissão dos fatos – muitas vezes, aparentemente, em forma de textos prontos vindos das assessorias. “A diversidade de fontes que expresse a pluralidade social é indispensável para formar a compreensão do presente e permitir a intervenção mais consciente no futuro”. (KARAM, 1997, p. 15).

As fontes agem proativamente nas suas interferências no espaço público, a mídia. Elevam a comunicação com seus públicos ao patamar estratégico. Seus propósitos estão vinculados à valorização de sua imagem e à consolidação de uma reputação ilibada. Para buscar credibilidade e admirabilidade de seus públicos – a propaganda não basta, por ser unilateral –, as fontes encontram no jornalismo, por ser polifônico, um espaço para legitimar os seus discursos. (KARAM e SCHMITZ, 2010, p. 179).

Ao não abrir espaço para outras manifestações, o periódico cria obstáculos para a formação da opinião pública e da cidadania e mantém a hegemonia daqueles que já detêm o poder político. Segundo Habermas (1984), ao não confrontar as ideias de forma racional, como acontecia na antiga esfera pública burguesa, os meios de comunicação acabam por dificultar a formação da opinião pública. De acordo com Porto (1998, p. 23), “o regime democrático necessita de um papel mais ativo dos profissionais dos mídia”.

Talvez a crise no jornalismo impresso também encontre nesta análise um de seus elementos. A reprodução de declarações de apenas

um ator político ou a simples divulgação de textos de assessorias – que já estão disponíveis em outros canais de comunicação, seja do próprio ator ou outros meios – impede que o jornalismo exerça seu papel democrático, que é o de ampliar o debate sobre as questões políticas e sociais, munindo os cidadãos de informação. E quanto mais vozes repercutidas, melhor para a formação de uma opinião pública consistente e não manipulada.

Referências

- ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- ANTUNES, Elton. **Enquadramento**: considerações em torno de perspectivas temporais para a notícia. Galáxia, São Paulo, n. 18, dez. 2009, p.85-99.
- BAUER, Martin W. Análise de Conteúdo Clássica. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 189-217.
- BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Tradução Mariza Corrêa. Campinas: Papyrus, 1996.
- CERVI, Emerson. Métodos quantitativos nas ciências sociais: uma abordagem alternativa ao fetichismo dos números e ao debate com qualitativistas. In: BOURGIGNON, J. **Pesquisa social**: reflexões teóricas e metodológicas. Ponta Grossa: Toda Palavra, 2009, p. 125-143.
- CRUZ, Marcio. A mídia e os formadores de opinião no processo democrático. **Revista Ponto e Vírgula**. São Paulo: PUCSP, 2011, p. 35-51. Acesso em 11 out.2017.
- ENTMAN, Robert. (1993). Framing: toward clarification of fractured paradigm. **Journal of Communication**, v 43, n 4, Set/Dez, 1993, p. 51-58.
- MATTHES, Jörg; PELLICANO, Lynn. Nature, sources and effects of news framing. In: WAHL-JORGENSEN, Karin; HANITZSCH, Thomas. **The handbook of journalism studies**. New York: Routledge, 2009. p. 175-190.
- FONSECA, FRANCISCO C. P. Mídia e democracia: falsas confluências. In: **Revista de Sociologia e Política**. Curitiba: UFPR, 2004, p. 13-24.
- HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.
- KARAM, Francisco José. **Jornalismo, ética e liberdade**. São Paulo: Summus, 1997.
- SCHMITZ, Aldo Antonio. A ética de lado a lado. In: **Intertexto**. Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 23, julho/dezembro 2010, p. 171-182. Acesso em 11 dez.2017.

LIMA, Venício. Comunicação e política. In: DUARTE, J. (org.).

Comunicação pública: Estado, mercado, sociedade e interesse público. São Paulo: Atlas, 2007, p. 84-94.

LIPPMANN, Walter. **Opinião pública.** Petrópolis: Vozes, 2009.

MORAES, Dênis de. Comunicação, hegemonia e contra-hegemonia: a contribuição teórica de Gramsci. **Revista Debates.** Porto Alegre: UFRGS, v. 4, p. 54-77, jan-jun 2010. Disponível em:

<<http://www.seer.ufrgs.br/debates/article/viewFile/12420/8298>.> Acesso em 02 set.2017.

OGANDO, Luis Antonio. Espaço público, médios y relaciones comunicativas entre ciudadanos y poderes públicos. In: RENÓ, Dênis, MARTÍNEZ, Marcelo, CAMPALANS, Carolina (org.). **Medios y opinión pública.** Bogotá: Universidad do Rosario, 2015, p. 21-38.

PORTO, Mauro. Enquadramentos da mídia e política. In: RUBIM, Antonio Albino Canelas (org.). **Comunicação e política:** conceitos e abordagens. Salvador: EDUFBA/Unesp, 2004. p. 74-104.

Muito além da informação: mídia, cidadania e o dilema democrático.

Revista São Paulo em Perspectiva. São Paulo: Saede, 1998, p. 17-25. Acesso em 07 out.2017.

SCHMITZ, Aldo Antonio. **Fontes de notícias:** ações e estratégias das fontes no jornalismo. Florianópolis: Combook, 2011. Disponível em:

<http://www.cairu.br/biblioteca/arquivos/Comunicacao/Fontes_noticias.pdf>. Acesso em 11 nov.2017.

SHALDERS, André. "Direita ou esquerda? Análise de votações indica posição de partidos brasileiros no espectro ideológico". In: **BBC Brasil**, 11/09/2017. Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/brasil-41058120>>. Acesso em 30 set./2017.

ZACARIOTTI, Marluce E. C., REIS, Suely Ribeiro dos, SILVA, Valquíria Guimarães da. **Jornalismo de fonte:** a fonte enquanto produtora de notícia. Anais Intercom, XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Santos, 2007. 11 nov.2017.



DESAFIOS EPISTEMOLÓGICOS DAS MATRIZES INTERACIONAIS

DÉFIS ÉPISTÉMOLOGIQUES DES MATRICES INTERACTIONNELLES

Thiago SOARES¹

Universidade Federal de Pernambuco | Brasil

Resumo

Esta Resenha de *Matrizes Interacionais: A comunicação constrói a sociedade* (Edupeb, 2017) analisa como o livro organizado por José Luiz Braga e Regina Calazans aponta caminhos para que o exercício solitário da pesquisa científica possa transformar-se em um compartilhamento de resultados e processos. Os movimentos que dão corpo à obra foram observados empiricamente enquanto processos tentativos da teoria de José Luiz Braga. As experimentações presentes nos processos comunicacionais fazem parte das análises do grupo de nove pesquisadores que integram a obra e observam processos comunicacionais, que são um elemento importante na construção social das estratégias interacionais.

Palavras-chave

Jornalismo; Resenha; Processos Comunicacionais; Estratégias Interacionais.

Résumé

Cet article sur *Matrices interactionnelles: La communication construit la société* (Edupeb, 2017) analyse comment le livre organisé par José Luiz Braga et Regina Calazans indique comment l'exercice solitaire de la recherche scientifique peut se transformer en partage de résultats et de processus. Les mouvements qui donnent corps à l'œuvre ont été observés empiriquement dans le cadre des processus expérimentaux de la théorie de José Luiz Braga. Les essais présents dans les processus de communication font partie de l'analyse du groupe de neuf chercheurs qui intègrent le travail et d'observer les processus communicationnels, élément important dans la construction sociale des stratégies interactionnelles.

Mots-clés:

Journalisme; Article; Processus Communicationnels; Stratégies Interactionnelles.

RECEBIDO EM 24 DE OUTUBRO DE 2017
ACEITO EM 17 DE DEZEMBRO DE 2017

¹ JORNALISTA. Doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia (2009), com estágio pós-doutoral em Comunicação (UFF-RJ) – 2016-2017. Mestre em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (2003). Professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), integrante do Laboratório de Análise de Música e Audiovisual (LAMA). Autor dos livros "Ninguém é Perfeito e a Vida é Assim: A Música Brega em Pernambuco" (2017); "A Estética do Videoclipe" (2014) e "Reflexões Sobre a Comunicação Contemporânea" (2013). Atuou como editor de suplementos no Jornal Folha de Pernambuco (2008-2013). Contato: thikos@gmail.com

A solidão da atividade de realizar pesquisa só parece superada pelos momentos de compartilhamento dos resultados e processos, pela forma coletiva com que pesquisas acadêmicas agem sobre sujeitos, recolocando-os diante do “grau zero” das relações consigo mesmo e com o mundo. Se pensarmos que a solidão da pesquisa é um dever pelo compartilhamento, estamos diante de uma célula do fazer comunicacional: epistemologias, ações, redes, materialidades. Ou, como propõem os doze autores do livro “**Matrizes Interacionais: A comunicação constrói a sociedade**” (Edupeb, 2017), processos comunicacionais que são um elemento importante na construção social das estratégias interacionais. José Luiz Braga (2017) reconhece que

a Comunicação parece ser o processo voltado para reduzir o isolamento e para a ação conjunta entre humanos – quaisquer que sejam os objetivos e os modos de fazer – admitindo, exatamente porque tentativos, que o ajuste e a sintonia são apenas aproximadamente previsíveis, geralmente de reduzida qualidade. (BRAGA, 2017, 21)

Dois destacamentos a serem feitos: processos e interações – zonas conceituais que serão adensadas primeiramente nas postulações teóricas desenvolvidas pelo próprio Braga e, mais adiante, pelas modulações dos autores com objetos de diferentes naturezas comunicacionais. Ou na busca pela dinâmica das análises comunicacionais. Mas voltemos à solidão e ao compartilhamento. Pois este livro de 449 páginas resulta da potência do trabalho em rede não obliterando a atividade solitária, detida e séria com que pesquisadores se debruçam sobre formas de operacionalização de conceitos e suas inclinações para olhar fenômenos que testam a validade das postulações teóricas. Este procedimento parece ser a própria metáfora da pesquisa da Comunicação e sobre a Comunicação: tomar processos como objetos e formas de olhar fenômenos.

A obra é uma produção conjunta do Grupo de Pesquisa Dispositivos & Circuitos em Comunicação, com a composição indicada na capa (na ordem dos capítulos). Os trabalhos foram iniciados num Seminário, em outubro de 2012, a partir de procedimentos, então em fase preliminar de elaboração, propostos por José Luiz Braga, coordenador do grupo. Um conjunto de quinze pesquisadores participou dos debates, trazendo suas

propostas de temas para observação empírica, em que o estudo poderia ser usado como tática de abordagem, reflexão e busca de compreensão. Os objetos empíricos, em alguns casos relacionados a pesquisas então em andamento para dissertação de mestrado ou tese de doutorado, foram apresentados em formulação preliminar, com duas ou três páginas. Importante destacar, portanto, como os Encontros (com “E” maiúsculo) são fundamentais nos fazeres de pesquisa. É a partir do desenvolvimento de procedimentos debatidos no seminário que se constroem as bases de investigações em curso e publicadas posteriormente em livro. Pensemos nos laboratórios em que matrizes conceituais serão testadas, experimentadas, debatidas. É a Ciência se construindo não apenas na solidão das ações individuais, mas, sobretudo, nas práticas coletivas e compartilhadas, que dizem sobre aquilo que parece tomado por um senso comum que não visualiza suas contradições: o Social.

Ao se construir coletivamente, diante de procedimentos que, por si só traduzem os devires do Social, “Matrizes Interacionais: A comunicação constrói a sociedade” destaca como as estratégias interacionais são um elemento importante na construção social, comunicacionalmente elaboradas para fazer coisas em comum (ou em disputa organizada) – que acabam gerando regras de comportamento, componentes da cultura e do senso comum. Como atesta Braga (2017),

na grande variedade de episódios interacionais de que participamos ou que observamos cotidianamente, nos episódios que investigamos em nossas pesquisas, e ainda naqueles que são relatados em estudos empíricos, vemos a comunicação como um trabalho de compartilhamento entre diferenças. Os motivos, os objetivos e os procedimentos podem variar indefinidamente, mas o processo de compartilhamento aparece sempre como um modo de enfrentar, resolver ou fazer agir criativamente as diferenças – para algum fim prático qualquer, para objetivos simbólicos ou distantes, ou ainda pelo simples jogo da interação. (BRAGA, 2017, p. 20)

As premissas das investigações em torno dos jogos das interações é, portanto, reconhecer a potência da diferença (se pensarmos nos aforismos de Derrida), das disputas (numa perspectiva a partir de Bourdieu) ou controvérsias (nas leituras de Latour). A diferença se torna

um interessante motor para que emergjam fenômenos analisáveis. Ouçamos o próprio Derrida:

Tudo no traçado da diferença é estratégico e aventureiro. Estratégico porque nenhuma verdade transcendente e presente fora do campo da escrita pode comandar teologicamente a totalidade do campo. Aventureiro porque essa estratégia não é uma simples estratégia no sentido em que se diz que a estratégia orienta a tática a partir de um desígnio final, um telos ou um tema de uma dominação, de um controle ou de uma reapropriação última do movimento ou do campo. Se há uma certa errância no traçado da diferença, ela não segue mais a linha do discurso filosófico-lógico. (DERRIDA, 1991, p. 38)

O estratégico a que se refere Derrida pode ser relacionado aos modos de agir enquanto pareçam adequados e eficazes para as necessidades sociais. São modificados, reajustados ou substituídos sempre que, reformuladas as condições de contexto, se percebam menos eficazes. "A esses conjuntos de padrões incorporados – comunicacionalmente produzidos – chamamos de matrizes interacionais", anuncia José Luiz Braga. Noções de dispositivos interacionais e de circuitos sociais compõem um quadro de ampliação de possibilidades analíticas a partir do anunciado.

Interessante, na leitura da obra, é a incorporação da terminologia "heurística" dentro do campo da Comunicação. Trata-se do movimento de elaboração não de uma teoria geral da comunicação, mas sim como a busca de uma teoria intermediária, ou de médio alcance – voltada para um determinado subconjunto de aspectos do fenômeno geral "comunicação" – esperando gerar sentido e aprofundar a investigação sobre as situações em que as características aí articuladas sejam significativas, conforme define Braga. Essa perspectiva, segundo o autor, se justifica pela premissa de que a presença de um pequeno número de teorias intermediárias que se possam tensionar mutuamente parece ser a melhor tática para enfrentar a dispersão, sem restringir a diversidade. Ao pensar em campos que se propõem menores, com observações detidas, metonímicas, reivindica-se a potência do menor como edificante da coletividade e, mais uma vez, "**Matrizes Interacionais:** A comunicação constrói a sociedade" está falando de dois paradoxos: solidão e conjunção.

Os episódios observados debatem os movimentos entre todo e parte, pormenor e postulação, gerando de forma analítica e poética um próprio debate em torno da diversidade da Comunicação como área e de seus limites e potências a partir exatamente desta diversidade. Tem-se então uma discussão sobre a natureza da Comunicação, uma vez que na observação de episódios interacionais a serem analisados, os autores precisam definir o que estão chamando de “comunicação”: não só o processo bem-sucedido ou da obtenção de consenso, mas toda troca, articulação ou tensionamento entre grupos, indivíduos e setores sociais, sobretudo os processos desencontrados, conflituosos, com múltiplos interesses, marcados por casualidades que negociam com intenções. Se pensarmos numa vida em rede, em que a cultura do compartilhamento e das redes sociais centraliza experiências coletivas, os atos comunicacionais são produzidos inclusive no conflito, na opressão ou na manipulação, evocando a ideia de que a Comunicação parece ser o processo voltado para “reduzir o isolamento e para a ação conjunta entre humanos – quaisquer que sejam os objetivos e os modos de fazer – admitindo, exatamente porque tentativos, que o ajuste e a sintonia são apenas aproximadamente previsíveis, geralmente de reduzida qualidade”, como define Braga.

As matrizes que aqui se colocam possuem alto espectro de atuação na observação de fenômenos, sobretudo na cultura digital. Se estamos vivemos um mundo profundamente autoconsciente e reflexivo (GIDDENS, 2002), obcecado por simulações e teatralizações em todos os âmbitos sociais, é preciso pensar sobre performances e enfrentar os problemas da visibilidade numa época em que, diante dos constantes acionamentos do corpo, via fotografias, *selfies*, aparições em *sites* de redes sociais, a metáfora da teatralidade se faz presente. Pensar a partir da ideia de performance significa romper com o binarismo das observações dos enunciados que não são simplesmente “falsos ou verdadeiros” mas sim em função de seu relacionamento com as circunstâncias variáveis da situação concreta. Assim, atesta Braga, para o estudo da Comunicação, sem desconhecer a presença e o acionamento de elementos codificados em toda interação, devem ser enfatizados os processos mais sutis e menos controláveis, não codificados, que necessariamente se põem em marcha para integrar e completar toda e qualquer comunicação, por mais codificada que esta seja. Este argumento que já estava presente em **“A Sociedade Enfrenta sua Mídia”** (2006) se refina ainda mais neste livro,

ao recusar divisões clássicas – “apocalípticos” e “integrados”, “mídia” e “sociedade” e, mais especificamente, “produção” e “recepção” – que não são suficientes para que se compreenda as relações midiáticas em sua totalidade.

Os destacamentos em torno da noção de dispositivo – revisitando Foucault – chamam atenção para forças que agem nos indivíduos em suas dinâmicas institucionais e presentificadas nas interações. Para Braga, no entanto, a noção de dispositivo precisa ser debatida em contraposição a “estrutura” em sentido estruturalista: modos de fazer socialmente produzidos e tornados disponíveis. O autor então nos provoca: “dispositivos de interação” seriam, na sua perspectiva, processos e modos de ação, não apenas caracterizados por regras institucionais ou pelas tecnologias acionadas; mas também pelas estratégias, pelo ensaio-e-erro, pelos agenciamentos táticos locais – em suma – pelas atividades específicas da experiência vivida e das práticas sociais.

Os protocolos de análise do livro “**Matrizes Interacionais: A comunicação constrói a sociedade**” segue a organicidade já presente em “**A Sociedade Enfrenta sua Mídia**”, em que Braga, na ocasião, definiu o sistema de respostas sociais, ou o “sistema de interação social sobre a mídia”. Através desse sistema bastante original, as análises comunicacionais deveriam ir além da produção e da recepção, sendo possível unificar essas estruturas, colocando-as em um patamar de importância e facilitando o estudo das articulações entre elas. Dessas interações, o pensamento crítico na sociedade emerge como resultado de um processo sempre difuso e complexo, no entanto, modulado pela circulação. O fluxo comunicacional gera novos episódios interacionais, diferenciados, aqueles que produzem leituras, objeções, debates, apropriações e desenvolvimentos em deriva. Um sistema de resposta social se desenvolve, repondo na sociedade (frequentemente através de processos midiáticos, mas também por ação direta) vozes que se posicionam e procuram agir comunicacionalmente – podendo, entre outras ações, exercer uma crítica da mídia. Eventualmente, estas ações retornam aos emissores originais, na continuidade de seu trabalho.

Nos artigos em que se empírico se projeta em busca de articulações com o teórico previamente apresentado, a variedade de objetos determina o amplo espectro da dimensão teórica. Os nove estudos empíricos tratam de vigilância e segredos de espionagem; um perfil no *Facebook*; minisséries históricas; um filme documentário de denúncia social; grupos

comunitários & TV; jornalistas que são notícia; os circuitos digitais que atravessam o jornalismo profissional; as manifestações de junho, 2013; práticas “psi” na mídia.

Na perspectiva da heurística, observa-se o caso empírico como oferta de processos concretos para o desenvolvimento dos aspectos comunicacionais que mostram aí seus indícios. Na perspectiva dos episódios estudados, a heurística tem a finalidade principal de funcionar como ângulo de observação para aprofundar uma percepção compreensiva (e não de reduzi-los por uma chave explicativa fechada). Isso significa que o episódio concreto sempre extrapola categorizações restritivas, devendo ser compreendido per se. (BRAGA et al; 2017, p. 11-12)

A interessante estrutura das relações entre teoria e empiria aparece num formato original desenvolvido na obra. O próprio Braga exercita um “sistema de resposta social” nos artigos analíticos apresentados, provocando novas inclinações em torno das postulações que foram previamente apresentadas. Numa das interessantes observações sobre um perfil da rede social *Facebook*, as matrizes interacionais analisadas reforçam que a circulação é um importante lugar para a deriva e para a visualização dos quadros mais amplos sobre sujeitos e ações. Ao comentar sobre a análise (num modelo que se assemelha às relatorias presentes em congressos e seminários), vemos como a capilarização comunicacional se instaura oferecendo possibilidades de leituras sobre esfera pública, espaços de vida prática, estimulação crítica e senso comum esclarecido, relevantes para a cidadania.

Os empirismos sempre se voltam para o teórico num movimento circular vivo entre pressupostos e observações, legando formulações potentes sobre sujeitos-em-ação comunicacional. As ideias contidas em “**Matrizes Interacionais: A comunicação constrói a sociedade**”, de alguma forma, lembram sistemas filosóficos que se constituem como uma “caixa de ferramentas” que mobiliza a atividade criativa por meio do conceito. Este procedimento era bastante utilizado por Gilles Deleuze de forma individual e mesmo aquilo que escreveu em parceria com o psicanalista Félix Guattari, na medida em que considerar o conceito como própria natureza do acontecimento e da experimentação implica observá-lo como algo mutável e atrelado à natureza das circunstâncias da própria criação conceitual. O conceito implica a própria natureza do devir, não é algo dado, pronto ou acabado, mas a solução a um problema posto ao

pensamento. Sobre isso, escreve Deleuze: “a única condição é que eles tenham uma necessidade, como também uma estranheza, e eles as têm na medida em que respondem a verdadeiros problemas”. (DELEUZE, 2000, p. 170).

Referências

BRAGA, José Luiz et al. **Matrizes Interacionais:** a comunicação constrói a sociedade. Campina Grande. Eduepb, 2017.

BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta sua mídia:** dispositivos sociais da crítica midiática. São Paulo. Paulus, 2006.

DELEUZE, Gilles. **Conversações.** (1972-1990). Tradução Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: editora 34, 2000.

DERRIDA, Jacques. **Margens da Filosofia.** Campinas: Papirus, 1991.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.



JORNALISMO E COMPROMISSO SOCIAL: a arte do diálogo e das vozes plurais em Cremilda Medina

JOURNALISME ET SOCIAL ENGAGEMENT : l'art du dialogue et de voix pluriels dans Cremilda Medina

ENTREVISTA | INTERVIEW | ENTREVISTA

Cremilda MEDINA | Universidade de São Paulo | Brasil

Resumo

Em entrevista concedida à pesquisadora Ana Lúcia Medeiros, editora convidada da revista Âncora, Cremilda Medina faz um resgate à própria trajetória e mostra como os dispositivos midiáticos podem se somar às formas de apuração clássicas, possibilitando um diálogo fluente que produza sentidos, fazendo aflorar o que temos de mais vivo na memória, possibilitando a abertura de novas perspectivas. Otimista, a jornalista, professora e pesquisadora Cremilda Medina deixa entrever que nem tudo está perdido para o jornalismo, tampouco para as pessoas na rotina cotidiana, apesar do caos que vivemos na realidade contemporânea. Uma entrevista que nos leva a crer que podemos viver de modo mais integrado, mais compartilhado. Com ou sem as máquinas.

Resumé

Dans un entretien avec la chercheur Ana Lúcia Medeiros, éditrice invitée de la revue Âncora dans ce numéro, Cremilda Medina parle de sa trajectoire et montre comment les dispositifs médiatiques peuvent ajouter aux formules de calcul classique, ce qui permet une dialogue fluide qui produit le sens, faire toucher sur ce que nous sommes plus vivantes dans la mémoire, en ouvrant de nouvelles perspectives. Optimiste, la journaliste, professeure et chercheur Cremilda Medina laisse entrevoir que tout n'est pas perdu pour le journalisme, soit pour les gens dans la routine quotidienne, malgré le chaos dans lequel nous nous réunissons dans la réalité contemporaine. Une entretien qui nous porte à croire que nous pouvons vivre dans une façon plus intégrée et plus partagée. Avec ou sans les machines.

Palavras-chave:

Jornalismo; Compromisso social; Dispositivos Midiáticos; Entrevista Cremilda Medina.

Mots Clés:

Journalisme; Compromiss Sociel; Dispositifs Médiatiques; Entretien Cremilda Medina.

ENTREVISTA REALIZADA EM 10 DE OUTUBRO DE 2017
APROVADA EM 20 DE OUTUBRO DE 2017

ENTREVISTA

Jornalista, Livre-docente pela Universidade de São Paulo, doutora e mestre em Ciências da Comunicação (USP), pesquisadora e professora titular sênior da Universidade de São Paulo (USP). Atua na formação de mestres, doutores e pós-doutores no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCOM) e no Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina (Prolam), ambos da USP. Seu trabalho como educadora traz para a Comunicação Social e para o Jornalismo os desafios paradigmáticos do Saber Plural; a perspectiva do ato presencial, da abertura à complexidade, do signo da relação e da pedagogia dos afetos; e o eixo central do Diálogo Social, principalmente, na teoria e prática da reportagem (narrativas da contemporaneidade). É líder do grupo de pesquisa "Epistemologia do Diálogo Social" (epistemologiadialogosocial.wordpress.com).



Foto: Divulgação

É possível ter uma ponta de otimismo quando tudo parece desandar à nossa volta? Para Cremilda Medina a resposta é "sim!". E é certamente essa alegria diante da vida que faz a escritora, jornalista e pesquisadora não parar de se reinventar. Aposentada, dá aulas, dedica tempo a encontros com ex-alunos que faz questão de ter por perto, mesmo aqueles que estão do outro lado do mundo. Escreve, escreve, escreve. Faz disso uma arte diária. Sozinha, em parceria.

Nesta edição, Âncora presenteia o leitor com as palavras de motivação de Medina, que acaba de lançar mais um livro: *A arte de tecer afetos: Signo da relação 2 – cotidianos*, que se soma a tantas outras obras que fazem parte de uma trajetória construída já a partir dos anos 1960, quando ia dar aula em colégio do interior do Rio Grande do Sul, onde despertou o entusiasmo de algumas de suas alunas pela profissão jornalística. Uma delas, inclusive, enfrentou a ditadura e, exilada, foi correspondente de jornal brasileiro na França, sempre com o apoio da professora do colégio de freiras.

Na Universidade de São Paulo, inspirada no exemplo de João do Rio (lá do início do século XX), ou em Nelson Rodrigues, crítico ferrenho dos "idiotas

da objetividade” (os *copy desks* – integrando as Redações dos anos 1950 à objetividade jornalística), Cremilda Medina despertou nos alunos de jornalismo a curiosidade por personagens anônimos, por histórias que atravessam muros, desafiam padrões preestabelecidos. Com caneta e papel na mão, movidos pelo desejo de conhecer o novo, os estudantes descobriam cenas inusitadas e, sem perder de vista a pauta que os levava àqueles endereços, exploravam exaustivamente o que a rua oferecia para além da Oscar Freire ou da Avenida Paulista, apresentando aos leitores um perfil de cidade desenhado a partir de narrativas humanizadas.

Em Brasília, Cremilda Medina foi ver com mestrandos em Comunicação quais as possíveis narrativas que o céu aberto do Planalto Central poderia oferecer. Com olhar curioso, os jornalistas de tantas cidades, morando na capital do país, queriam descobrir a saga das culturas, o encantamento das histórias humanas, os afetos, desafetos, dúvidas e exclamações que movem a cidade. De um lugar complexo, desafiador, surgiram narrativas geradas na compreensão do cotidiano a partir de uma escuta solidária capaz de captar falares anônimos da nova cidadania. Da professora ouviram a sugestão de contextualizar tão bem os fatos que a captura de imagens fosse mesmo desnecessária, possibilitado ao leitor o compartilhamento da construção das imagens pautadas na vivacidade da rotina da capital.

Essas e outras experiências em cidades brasileiras fizeram Cremilda Medina ir desbravando culturas pela observação atenta e sensível dos fatos, produzindo sentidos ao, literalmente, usar os cinco sentidos na produção de narrativas jornalísticas, privilegiando o compromisso social.

Jornalista inquieta que é, aproveitou uma viagem aos países de língua portuguesa, nos anos 1980, para conversar com jornalistas e escritores. Dos encontros com nomes como Pepetela, Mia Couto, Albino Magaia, Marcelino dos Santos resgatou histórias que deram vida ao antológico “Sonha Mamana África”. Em mais de 500 páginas, essa obra que representa mais um encontro entre jornalismo e literatura traz relatos fortes e poéticos de realidades vividas em Angola, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Cabo verde, Guiné-Bissau. Uma obra de coleta das literaturas em língua portuguesa (antes da África, andou por Portugal e Brasil) que tem para Cremilda Medina um significado especial, pois representa um retorno à casa (sim, Cremilda nasceu em Portugal – veio para o Brasil aos onze anos, assumindo de vez o país como seu novo lar). Com essa viagem, a portuguesa/brasileira reaviva a memória, seguindo a ideia de sua amiga, Ecléa Bosi (morta em 2017), que havia registrado no clássico

Memória e Sociedade: lembranças de Velhos (1979), que “a linguagem é o elemento socializador da memória”.

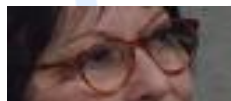
No além-mar, no Brasil, na Viagem sem limites, na relação com seus eternos alunos, na rua, onde quer que esteja, Cremilda Medina vai em busca do diálogo possível. Vai sempre articular vozes, valores ou comportamentos diversos. E não importa se no processo existem máquinas.

A conversa com Âncora, embora mantida a distância (por email) é compartilhada pelo desejo mútuo do exercício de uma entrevista plural, pela pretensão de dar um tom de leveza e esperança aos leitores, num momento em que o jornalismo precisa passar por processos de reinvenção, quando todos estamos inseridos em um contexto onde tudo parece desandar.

Na tentativa de adoção de um comportamento dialógico, esperamos provocar com a fala de Cremilda Medina algo de motivador no leitor. Vejamos o que ela tem a nos contar:

ÂNCORA

A narrativa jornalística contemporânea que você defende tem como uma das principais características o encantamento do repórter pelas histórias humanas, pela escuta solidária, que expressam a relação sensível com o entrevistado, com os fatos. Na atualidade, você encontraria trabalhos jornalísticos sintonizados com essa perspectiva?



Cremilda MEDINA
Universidade de São Paulo | Brasil

Dedico-me, no projeto pedagógico acadêmico, a laboratórios que motivem a construção de Autoria nas mediações sociais das Narrativas da Contemporaneidade. Ainda que esses laboratórios tenham um acento epistemológico e não simplesmente técnico ou tecnológico como em geral acontece com autores, na comunicação social, que aparecem com alguma frequência tanto nas mídias nacionais quanto nas internacionais. Cultivo com admiração e afeto sobretudo de ex-alunos da minha longa trajetória (a partir dos anos 1960) de convívio com gerações, ex-alunos esses que se fazem representar por meio de assinaturas diferenciadas. Coleciono, em meus arquivos, narrativas de autoria ética, técnica e estética. (Seria precário nomear, pois certamente incorreria em lapsos).



Na sua obra clássica, *A arte de tecer o presente*, você traz contribuições fundamentais para reflexões sobre o jornalismo. A partir dessas contribuições, como conceituar a narrativa do cotidiano?

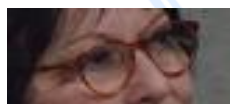


Cremilda MEDINA
Universidade de São Paulo | Brasil

O eixo principal de *A arte de tecer o presente* (1973) se estende até hoje: expressa o compromisso social do jornalista ou do comunicador, a abertura sensível de estar afeto a. Ora, essa opção ética desafia o deslocamento de acontecimentos oficiais e de fontes igualmente oficiais ou de grupos organizados para os sujeitos sociais anônimos e suas experiências no cotidiano. Esta ação solidária saiu do plano teórico para ser posta em prática na coleção que organizei com alunos de graduação e de Terceira Idade na USP e em outras universidades (UnB e Federal da Bahia), além de instâncias de cultura municipal no Estado de São Paulo. É o caso da coleção São Paulo de Perfil que testemunha, em 27 livros, essa inflexão para a saga cotidiana dos anônimos. Uma experiência que consta de três teses acadêmicas e capítulos de livros ou artigos por mim produzidos.



No contexto atual, você considera que a mídia tradicional pode responder ao desafio de construir uma narrativa de valorização do protagonismo social (que dá voz a quem está nas ruas) em contraposição às vozes especializadas (as vozes oficiais)?



Cremilda MEDINA
Universidade de São Paulo | Brasil

“Nos deparamos com um déficit recorrente na história do jornalismo”.

Cremilda MEDINA
Universidade de São Paulo | Brasil

O desafio de articular nexos simbólicos do protagonismo social é hoje tão acentuado com as redes sociais, quanto era para o repórter do início do século XX quando João do Rio encontrou a voz das ruas, abdicando de sua opinião circunscrita ao ambiente fechado das redações. Autores capazes de “armarem”

significados coletivos em meio a todas as contradições e ao pluralismo das sociedades contemporâneas não surgem de facilitismos tecnológicos e sim da visão de mundo compreensiva, da complexa apuração informativa e do comportamento dialógico. Portanto, nos deparamos com um déficit recorrente na história do jornalismo.



Como pensar, então, o sujeito jornalista em um cenário comunicacional pautado pelas tecnologias? É possível pensar na relação humanizada sujeito (entrevistado)/sujeito (entrevistador) mediada pelas tecnologias?



Cremilda MEDINA
Universidade de São Paulo | Brasil

Volto ao laboratório epistemológico: razão complexa, sensibilidade solidária e estética transformadora. Não há adjetivos que dispensem a carga substantiva das narrativas da contemporaneidade – a Dialogia. Um laboratório doloroso, diria, que exige mudanças na racionalidade reducionista, na opacidade sensível com que se circula no mundo ou se estratificam ideias atrás de uma máquina, bem como na comodidade da gramática ortodoxa (manuais) da expressão.



Em diálogo com a questão anterior, observamos que a experiência da entrevista jornalística na atualidade muitas vezes ocorre no contexto de uma produção em que a distância física torna-se um fator a ser considerado no processo de apuração. Diante dessa realidade, que desafios se apresentam para o jornalista da contemporaneidade na construção de uma narrativa plural? Você vê possibilidade de um “diálogo possível” numa entrevista a distância?



Cremilda MEDINA
Universidade de São Paulo | Brasil

A entrevista carrega em si vícios de origem que tendem a negar o diálogo possível e torná-la uma técnica autoritária, tanto no Jornalismo como nas Ciências Sociais ou no consultório médico. Mesmo que se desconstrua esse dirigismo da Pergunta e Resposta, ainda sim a entrevista – seja presencial, seja digital – permanece limitada ao código linguístico relatorial ou científico. Não cria, no código linguístico, a expressão poética, presente

na literatura. Dos anos 1970 em diante ensaio acrescentar, com os grupos de pesquisa que me são afins, a experiência da observação e a presença dos cinco sentidos em ação no ato de reportar o acontecimento real. Então se rompem os limites relatoriais da entrevista e se avança na prática de uma narrativa de autor. É o que temos nomeado observação-experiência, que se realiza em Ato Presencial, impregnado de todos os sentidos.



A vivência como editora de cadernos especiais de jornais impressos e também como coordenadora de equipes de jornalistas de TV possibilitou o exercício de um jornalismo plural em toda a sua trajetória como jornalista. Que barreiras poderíamos dizer que essa prática de um jornalismo plural encontraria na contemporaneidade?



Cremilda MEDINA
Universidade de São Paulo | Brasil

O jornalismo de polifonia e polissemia está na relação direta de um mediador-autor que cria significados para o acontecimento contemporâneo em meio à inércia da simples e reduzida administração dos sentidos vigentes, oficiais ou ideológicos. Esse é um desafio que se vivia na fase da censura, da autocensura, do sistema autoritário ou ditadura. Mas na democracia não desaparece essa mesma inércia e a produção simbólica só atinge a renovação e reestruturação dos significados, se a autoria não se acomoda ou se conforma no lugar puramente técnico ou tecnológico. Assim, na produção industrial, pós-industrial ou digital, o laboratório epistemológico permanece primordial para um jornalismo de complexidade plural, capaz de articular vozes, valores ou comportamentos na diversidade em que se apresentam nas sociedades”.

Cremilda MEDINA
Universidade de São Paulo | Brasil

acomoda ou se conforma no lugar puramente técnico ou tecnológico. Assim, na produção industrial, pós-industrial ou digital, o laboratório epistemológico permanece primordial para um jornalismo de complexidade plural, capaz de articular vozes, valores ou comportamentos na diversidade em que se apresentam nas sociedades.

ÂNCORA

De que modo a compreensão que um jornalista tenha de uma entrevista em profundidade, própria da pesquisa científica, contribui para que a rotina profissional possibilite o aprofundamento, a adoção do cuidado com a preparação de perguntas que possibilitem um diálogo sensível e inteligente entre jornalista e fonte?

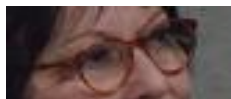


Cremilda MEDINA
Universidade de São Paulo | Brasil

A entrevista em profundidade pode dar conta do universo de ideias, mas não é capaz de atravessar esse mundo conceitual para encontrar a história de vida e os cotidianos da cidadania, muito menos a experiência dos anônimos e dos excluídos. Para chegar aos protagonistas e seu contexto social, precisamos de outro aparato de aproximação, que chamo observação-experiência. O encontro dialógico também traz à escrita (não importa em que suporte) a fala viva da língua, essa que está presente na poética e não no código racional/conceitual. A narrativa autoral busca então a criação de narrador ou narradores para compor a cena coletiva de ação, pinceladas de intuições sintéticas e ideias abertas. De qualquer forma, esse trabalho de campo – o exercício da reportagem – exige preparo anterior, disponibilidade e encantamento para o signo da relação e sensibilidade criativa para a edição.

ÂNCORA

Tobias Peucer, já em 1690, aponta dilemas clássicos do Jornalismo. Verificou, por exemplo, a falta de confiança dos historiadores nos jornais como fonte de informação. Na atualidade, seria possível perceber no agendamento midiático a credibilidade necessária como fonte de pesquisa?



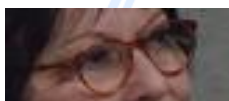
Cremilda MEDINA
Universidade de São Paulo | Brasil

Narrativas autorais do jornalismo sempre serão inspiradoras para os vários campos da ciência, além da história. Recentemente um trabalho de conclusão de curso de uma orientanda ensaiou compreender o universo dos doadores de órgãos. O TCC foi defendido perante a presença de um médico especialista na banca. Além de uma interlocução gratificante, a proposta da jovem jornalista foi apontada pelo examinador como um

material que em muito ajudaria sua equipe médica na compreensão dos dilemas familiares e das questões jurídicas. Teria vários exemplos, inclusive de reportagens por mim assinadas, em que se manifesta uma repercussão solidária entre o esforço de reportar os grandes e pequenos temas da vivência contemporânea e os cientistas, historiadores entre eles, que pesquisam a médio e longo prazo as mesmas pautas. Mais uma vez insisto: não se trata das rotinas jornalísticas, mas de jornalistas que atravessam teoria e prática e expressam a assinatura da voz coletiva. Criadores como qualquer outro profissional em busca do conhecimento e transformação do Real.

ÂNCORA

Em época de proliferação de notícias falsas, sobretudo via redes sociais, há espaço para a produção de uma narrativa jornalística que privilegie a apuração atenta e cuidadosa, possibilitando a pluralidade de informações, gerando efeito de sentido que permita a difusão bem contextualizada do acontecimento? Ou será que a mídia tradicional também alimenta, com sua cobertura apressada, o fenômeno das notícias falsas?



Cremilda MEDINA

Universidade de São Paulo | Brasil

As notícias falsas e sua especial proliferação na internet representam não um fenômeno novo, mas quantitativamente expressivo devido à aceleração de tempo e estreitamento de espaço das tecnologias. Mais um dos desafios que exigem a mediação social de autor que, rigorosamente, possa perseguir versões mais ou menos próximas dos significados coletivos. Nessa guerra simbólica, vale, mais do que nunca, a afirmação contínua do profissional da comunicação social e seu aperfeiçoamento na História.

“As notícias falsas e sua especial proliferação na internet representam não um fenômeno novo, mas quantitativamente expressivo devido à aceleração de tempo e estreitamento de espaço das tecnologias”.

Cremilda MEDINA

Universidade de São Paulo | Brasil



Em diversos de seus projetos, o jornalista e a rua andam juntos na produção do acontecimento, numa escuta ativa e criativa. São dezenas de livros que retratam isso. Na atualidade, está faltando rua na prática dos jornalistas?

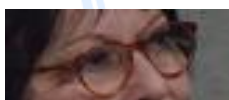


Cremilda MEDINA
Universidade de São Paulo | Brasil

Sim, falta rua na vida dos comunicadores. Afinal, a rua não entra nos ambientes fechados e eletrônicos com seus cheiros, paladares, gestos, palavras poéticas e escutas desarmadas ou olhares coletivos e contraditórios. Os cinco sentidos, repito, que dão o sinal inteligente para a captação do real, ainda não passam pelas máquinas.



Na contemporaneidade, o jornalista vive o dilema da precarização do seu trabalho. Ele limita-se às instituições jornalísticas e aferra-se a elas como um espaço privilegiado de trabalho. Com a diversidade de dispositivos midiáticos que aí estão, você acha que seria este o momento de os profissionais buscarem modos alternativos de criar a própria história, fugindo das gramáticas ditadas pela mídia tradicional, construindo um jornalismo que protagonize narrativas plurais?



Cremilda MEDINA
Universidade de São Paulo | Brasil

A partir dos anos 1990, na USP, observei alunos de graduação que já apontavam para uma mutação significativa: em lugar de pretenderem ir trabalhar nas grandes empresas, se voltavam para criar frentes autônomas. E isso se confirmou no novo século. Também no conjunto de edições inter e transdisciplinares do Projeto Plural (que surgiu em 1990 com o título “A fragmentação da ciência e a crise de paradigmas”), o volume 4º da série Novo Pacto da Ciência, de 1995, anunciava, de maneira geral, a crise do emprego e essas novas constelações, daí o título – Sobre Vivências, no mundo do trabalho. Não quero com isso dizer que o mercado tradicional do jornalista desaparecerá, mas ele se torna mais complexo e diversificado para as opções dos novos profissionais.



Você considera que a formação universitária tem contribuído para a constituição de uma visão de mundo humanizada e cidadã do sujeito jornalista com competências para ouvir, permitindo as falas dos seus interlocutores no processo de produção da notícia?

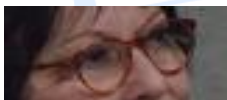


Cremilda MEDINA
Universidade de São Paulo | Brasil

Serei sucinta: se não concebesse a importância da pesquisa e aperfeiçoamento a vida inteira, não estaria na luta, mesmo após a aposentadoria.



A trajetória de Cremilda Medina envolve múltiplas atividades como pesquisadora, intelectual, docente (com vasta produção reflexiva sobre o jornalismo), além de relevante atuação como jornalista em grandes veículos de comunicação do país. Você diria que os dilemas da profissão discutidos hoje também estavam presentes naquela época? Considera que conseguiu realizar, na prática, a escuta atenta, o diálogo possível, premissas de suas reflexões?



Cremilda MEDINA
Universidade de São Paulo | Brasil

Os dilemas que percebo e sinto a vida inteira fazem parte da resistência cultural. Me formei em Jornalismo na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e meu diploma é portador de uma data: 31 de março de 1964. Assim, não conheço outra vida.



Estamos caminhando para novos desenvolvimentos na área da comunicação e da informação, que impactarão sobremaneira o campo jornalístico. Robôs já podem fazer cobertura, narrativa textual, ao lado dos drones, que capturam imagens de alta

qualidade. Qual será o lugar do jornalista clássico, do narrador do presente nesse cenário?

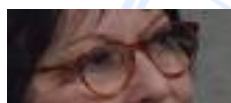


Cremilda MEDINA
Universidade de São Paulo | Brasil

No início da informatização, li em um texto de Melvin Konner, um antropólogo norte-americano, um diagnóstico decisivo: o dia em que o computador sentir dores de parto, a inteligência artificial superará a natural. Que eu saiba, ainda não chegamos lá.

ÂNCORA

Em 2017, você foi a homenageada do SBPJOR e ali fez uma espécie de recuperação da sua trajetória como jornalista, ativista, docente. E os projetos de Cremilda Medina a curto e médio prazo? Fale um pouco da sua produção para além do jornalismo e da formação universitária.



Cremilda MEDINA
Universidade de São Paulo | Brasil

Nesta etapa etária em que se vive o lucro de estar viva, o cotidiano dos que me são afetos, como familiares e amigos, me dá âncoras de significado. Viagens, que sempre foi minha sina, já me cansam um pouco por conta dos aeroportos e aviões superlotados. E o que permanece sempre à tona: a fruição da arte – cinema, literatura, música, artes plásticas etc. Estou presa ao Gesto da Arte, até mesmo porque vivo há 57 anos com um escritor ao lado, o que me deu o sobrenome, Sinval Medina.

ÂNCORA

Mesmo após a aposentadoria, você continua exercendo as atividades de jornalista, pesquisadora e escritora. Acabou de lançar mais um livro. Como está sendo esta nova fase, em que você resgata o signo da relação sob uma nova perspectiva?



Cremilda MEDINA

Universidade de São Paulo | Brasil

Me sinto em um processo recorrente: futuro interrogante, memória aliciante e presente incompleto. Acordo e vou à luta. Uma constante, enquanto a vida permitir: ainda não me percebo desafeta ao mundo. Afeta e afetada por heróis e anti-heróis, a aventura humana – trágica ou lúdica – me dá sustento diário. Sofro, obsessivamente, de um certo otimismo quando tudo parece estar desandando à minha volta...

Obras Citadas na ENTREVISTA

- BOSI, Ecléa. **MEMÓRIA E SOCIEDADE**: lembranças de Velhos. São Paulo: Edusp, 1979.
- KONNER, Melvin. **WHY THE RECKLESS SURVIVE...**and other secrets of human nature. Paperback – July 1, 1991.
- MEDINA, Cremilda. **A ARTE DE TECER AFETOS: Signo da relação 2 – cotidianos**. São Paulo: Casa da Setta, 2018.
- MEDINA, Cremilda. **SONHA MAMANA ÁFRICA**. São Paulo: Ed. Epopéia/Sec. de Est. da Cultura, SP, 1981.
- MEDINA, Cremilda; LEANDRO, Paulo Roberto. **A ARTE DE TECER O PRESENTE**. São Paulo: Média, 1973.
- MEDINA, Cremilda. **NOVO PACTO DA CIÊNCIA 4** - Sobrevivências no mundo do Trabalho. São Paulo: ECA/USP, 1995.
- PEUCER, Tobias. Os relatos jornalísticos. In: **REVISTA COMUNICAÇÃO & SOCIEDADE**. São Paulo/SBCampo: Umesp. 2000. n. 33, p. 14 -15
- RODRIGUES, Nelson. Os idiotas da objetividade in **O HOMEM FATAL**. Disponível em: <<http://www.citador.pt/textos/os-idiotas-da-objetividade-nelson-rodrigues> >. Acesso em 19 outubro 2017.

OUTRAS OBRAS DA AUTORA

- MEDINA, Cremilda. **A ARTE DE TECER AFETOS**: signo da relação 2 – cotidianos. São Paulo: Casa da Setta, 2018.
- MEDINA, Cremilda. **ATRAVESSAGEM**: reflexos e reflexões na memória de repórter. São Paulo: Summus, 2014.
- MEDINA, Cremilda. **ENTREVISTA** – O diálogo possível. 5 ed. São Paulo: Ática, 2008.
- MEDINA, Cremilda. **CIÊNCIA E JORNALISMO**: da herança positivista ao diálogo dos afetos. São Paulo: Summus Editorial, 2008.
- MEDINA, Cremilda. **O SIGNO DA RELAÇÃO** – Comunicação e pedagogia dos afetos. São Paulo: Paulus, 2006.
- MEDINA, Cremilda (org.). **NARRATIVAS A CÉU ABERTO** – modos de ver e viver Brasília. Brasília: Editora UnB, 1998.
- MEDINA, Cremilda. **NOTÍCIA - UM PRODUTO À VENDA**: jornalismo na sociedade urbana e industrial. São Paulo: Summus, 1988.

